

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UM ROMANCE INTENSO,
SENSUAL E VICIANTE!»

N.º 1
TOP DE
VENDAS

A NOIVA ERRADA

CATHARINA MAURA

MILHÕES DE LEITORES EM TODO O MUNDO

alma
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UM ROMANCE INTENSO,
SENSUAL E VICIANTE!»

N.º1
TOP DE
VENDAS

A NOIVA ERRADA

CATHARINA MAURA

MILHÕES DE LEITORES EM TODO O MUNDO

alma
livros

catharina maura

A noiva errada

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
THE WRONG BRIDE Copyright © 2022 by Catharina Maura

Título: *A Noiva Errada*

Título original: *The Wrong Bride*

Autora: Catharina Maura

Tradução: Maria Gabriela Ferreira

Revisão: Beatriz Cadete

Paginação: Maria João Silveira

Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Cafilésa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 531835/24

1.ª edição: Junho de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

catharina maura

A noiva errada

Tradução de
Maria Gabriela Ferreira



*Este livro é para quem já foi levado a sentir que não estava à altura.
Não precisas de corresponder aos rótulos que os outros criaram para ti.*

Um RAVEN

Não acredito. Aquele sacana! – exclama a Sierra, entrando de rompante no meu escritório. Deixo cair o lápis na secretária e, relutantemente, desvio os olhos do vestido de noite que estou a desenhar.

Após umas semanas difíceis, quando acordei esta manhã, o meu bloqueio criativo tinha-se dissipado. Sei exatamente o que quero desenhar para a minha próxima coleção, mas, com a minha melhor amiga aqui, será impossível passar este vestido da minha mente para o papel.

– Bom dia, amiga – digo à Sierra, escondendo um sorriso. Só há uma pessoa que a irrita a este ponto e sei que a história que me vai contar será uma *loucura*.

– O Xavier Kingston roubou o meu conceito e apresentou-o como sendo seu. Ganhou o projeto que passei *meses* a preparar... com as *minhas* ideias!

Recosto-me na cadeira e deixo que o meu olhar percorra os desgrehados, longos e ondulados cabelos castanhos da Sierra. A minha melhor amiga está sempre impecável, exceto hoje. Parece que, desta vez, o Xavier a deixou de rastos.

– Não foste tu que o sabotaste da última vez? Furaste-lhe os pneus para que chegasse atrasado à reunião, sabendo que a falta de pontualidade era algo que o cliente não tolerava.

A Sierra sorri maliciosamente, os olhos verdes a brilharem com esta memória.

– Se não o tivesse feito, a empresa dele podia ter ganhado o negócio. Era um cliente que valia milhões de dólares. Sinceramente, até me desilude que tenha sido tão fácil. Pensei que fosse mais esperto.

Abano a cabeça e inclino-me, dando-lhe toda a minha atenção. Não se irá embora enquanto não desabafar tudo sobre o Xavier Kingston, o seu maior rival. A King Enterprises e a Windsor Real Estate são rivais desde que me lembro, mas a Sierra e o Xavier elevaram o nível da disputa.

– Não devias estar à espera de retaliação?

A Sierra olha para mim como se a minha pergunta fosse desleal, mas sabe que tenho razão. Na verdade, apesar de se continuarem a sabotar um ao outro, acabam por dividir as oportunidades de negócio entre si e a dominar o mercado imobiliário em conjunto.

– Quero vingar-me – atira – , aquele *grande sacana*. Não posso acreditar. *Tens* de me ajudar, Raven.

Pego no lápis e abano a cabeça.

– Nem penses, não me vou meter. – Não sou louca o suficiente para ofender

um bilionário psicótico como o Xavier Kingston. A Sierra é a única mulher que o faz constantemente e sobrevive, e duvido que ela perceba que a única razão pela qual isso acontece é porque ele o *permite*.

O meu telemóvel toca e pego nele sem pensar, ficando sem reação quando vejo o nome no ecrã. *Ares*. Sinto que deixo de respirar enquanto olho para o telemóvel e o oíço tocar.

– Raven? – chama a Sierra, a voz dela suave, preocupada.

Olho para cima, saindo do estado de transe, e forço-me a sorrir. Quanto tempo estive assim?

– É o teu irmão – digo-lhe, antes de atender. – Olá, *Ares* – o tom calmo da minha voz contrasta com o bater acelerado do meu coração.

Ele ri-se, e sou inundada por uma forte sensação de saudade.

– Raven, nem acredito que atendeste! É tão difícil falar contigo ultimamente. Andas ainda mais ocupada do que eu.

Recosto-me na cadeira e sorrio. Há algum tempo que não o ouvia dizer o meu nome.

– Que se passa? – pergunto, sabendo que qualquer que seja o motivo me vai magoar. O *Ares* é um hábito que não consigo largar. É um vício vergonhoso, um segredo ilícito.

– Queres ir às compras comigo? Preciso de comprar uma prenda para o aniversário da Hannah e és a pessoa certa para me ajudar.

Devia dizer que não. A *última* coisa que quero fazer é acompanhá-lo na compra de uma prenda para a minha irmã. Não suporto ouvi-lo falar dela, ver no seu olhar o amor e a devoção que lhe tem. Mas, ainda assim, prefiro vê-lo nessas condições a não o ver.

– Claro – aceito, contrariando o meu bom senso.

A Sierra observa-me com um olhar cerrado quando termino a chamada.

– Que queria ele? – pergunta imediatamente.

Sorrio forçadamente, sabendo que não vai gostar da resposta.

– Precisa de uma prenda de aniversário para a Hannah.

Noto a tensão no rosto dela antes de desviar o olhar.

– Não vás – diz num tom calmo. – Não vás, Rave. Ele pode perfeitamente escolher uma prenda sozinho. Porque é que *precisa* da tua ajuda?

– Não há problema – respondo-lhe, embora não esteja certa disso. Passaram-se anos e continuo a não conseguir dizer-lhe que não.

– Há, sim – insiste a Sierra. – Eu adoro o meu irmão, mas também te adoro a ti. Tens de parar de aceitar os convites dele sem pensar duas vezes, se sempre que o vês acabas de coração partido.

Abano a cabeça em negação.

– Isso não é verdade. O *Ares* e eu somos só amigos. Sempre fomos. Estás a ver coisas onde elas não existem.

Ela cruza os braços e olha-me de alto a baixo.

– Ilude-te o quanto quiseres, Rave, mas a mim não me enganas.

Desvio o olhar, incapaz de manter a minha fachada com ela a olhar-me assim. É a única que sabe o que aconteceu quando éramos mais novos e, apesar de eu o

negar, é também a única a saber que continuo tão apaixonada pelo Ares Windsor como sempre estive.

– Rave, nunca pensaste no que poderia ter acontecido se lhe tivesses confessado os teus sentimentos depois daquela noite?

Levanto a mão e abano a cabeça.

– Não teria mudado nada. Ele sempre amou a Hannah. Desde que ela entrou na vida dele, nunca mais olhou para outra mulher. Se lhe tivesse dito o que sentia, teria estragado e perdido a nossa amizade.

A Sierra olha-me nos olhos e percebo que este tema não me parte o coração só a mim.

– Vais mesmo ficar quieta a ver o Ares a casar com a tua irmã?

Viro-me para a janela e inspiro tremulamente.

– Tenho escolha? Estão juntos há cinco anos, Sierra. Se podia ter feito alguma coisa, deixei escapar essa oportunidade. Estão felizes juntos e desejo-lhes tudo de bom. Se algum deles descobrisse o que sinto, ia custar-me a amizade do Ares e destruir a relação frágil que tenho com a minha irmã. E para quê? Ele só me vê como uma amiga, nunca me verá como mais do que isso.

Ela abana a cabeça.

– Não estou certa disso, sabes? Acho que o Ares não é tão feliz quanto se convence de que é, e duvido que te veja só como uma amiga, Rave. Pode não ser capaz de o admitir, mas houve sempre qualquer coisa entre vocês os dois. Eu estava lá antes da Hannah e acho que ela não conseguiu eliminar isso totalmente. Pode ter tentado, mas não ocupou o teu lugar na vida dele.

Começo a fitar as minhas mãos, não sei que dizer. Odeio quando ela me dá esperanças que não mereço. Ele será meu cunhado em breve, e tenho de manter as fronteiras entre nós firmemente intactas, se quiser sobreviver ao casamento deles.

– Raven, estou convencida de que o único motivo pelo qual ainda estão juntos é porque sabem que não têm outra escolha. Tal como eu, o Ares sabe que tem de casar com uma escolha da nossa avó... e a primeira escolha dela não foi a Hannah, foste tu.

O meu coração retrai-se com a memória. Ainda me lembro do dia em que os meus pais me disseram que se queriam reformar e tinham decidido fundir a sua produtora independente de filmes, Dreamessence, com a Windsor Media. Os Windsors e os Du Ponts tinham sido rivais até então, mas a proposta de fusão mudou tudo – e não só para os meus pais.

Queriam manter a sua amada empresa na família e, sendo os Windsors conhecidos por arranjar casamentos para os herdeiros, foi-lhes apresentada a solução perfeita. Um casamento entre Windsors e Du Ponts manteria a empresa na família e daria controlo do negócio a ambas as partes.

Na altura, não foi a Hannah quem consideraram para este arranjinho. Fui eu. Devido à minha amizade com a Sierra, pensaram que eu seria a melhor escolha. Tinha apenas vinte anos quando foi feito o acordo, mas teria sido feliz, e o Ares também não parecia opor-se.

Tudo mudou quando levei a Hannah comigo à festa de aniversário dos 21 anos da Sierra. Lembro-me vividamente dessa noite. Eu vi-o primeiro, mas foi dela que

ele nunca mais desviou o olhar.

Dois

RAVEN

Sinto o coração aos pulos quando vejo o Ares encostado ao carro, à minha espera, em frente ao escritório.

Paro um segundo e aprecio o momento. O cabelo preto, o maxilar bem definido, os olhos verdes idênticos aos da Sierra. Não é justo que ele fique cada vez mais bonito à medida que os anos passam. De cada vez que o vejo, parece-me mais inacessível. O Ares olha para cima e endireita-se quando me vê, um sorriso transforma a sua cara.

– Olá! – cumprimento-o, enquanto me segura a porta para entrar. Sorrimos um para o outro. É muito provável que venha a arrepende-me de lhe ter dito que sim mas, até lá, vou aproveitar cada segundo com ele. – Onde vamos? – pergunto quando se senta ao meu lado, as suas mãos no volante.

Recosta-se no assento e vira a cabeça para me encarar.

– Raven – diz num tom petulante. Não consigo controlar o meu coração quando diz o meu nome desta forma e, involuntariamente, viro-me para ele e encaro-o também. – Porque é que nunca te vejo ultimamente?

Parece genuinamente desolado, como se, de facto, tivesse saudades minhas, e aquele fogo que tento apagar reacende-se outra vez.

– Tenho estado ocupada. – A minha voz soa fraca, baixa, como se não lhe conseguisse mentir. – Estou sempre a trabalhar. Tenho muitos contratos com agências de modelos e estou a tentar fazer crescer a minha marca de moda ao mesmo tempo. Honestamente, há dias em que mal tenho tempo para comer ou dormir.

Ele anui e desvia o olhar com uma subtil expressão de preocupação no rosto enquanto liga o carro.

– Não trabalhes demais, Rave. Lembra-te de cuidar de ti, sim? Não se vive só de trabalho. Precisas de uma vida social também. Quando foi a última vez que viste os teus pais?

Forço um sorriso e cruzo os braços. Quanto mais velha fico, menos vejo os meus pais. O mundo deles gira em torno da Hannah e odeio ir onde não sou bem-vinda. Não devia sentir-me excluída na minha própria casa, mas sinto.

– Por acaso, a Sierra esteve no meu estúdio há pouco – respondo-lhe. – Para que saibas, eu tenho amigos.

Olha-me de relance, como costuma fazer e, apesar de perceber quando minto, assente.

– Que estás a pensar comprar este ano? – pergunto-lhe, num tom leve e amigável.

Volta a encarar-me, sorridente.

– Que achas de uma joia?

Respondo que sim com a cabeça.

– Uma peça exclusiva, talvez?

O Ares olha-me com uma expressão tão confusa que me desmancho a rir, o que lhe provoca um sorriso.

– Não ouvia o teu riso há tanto tempo, Raven. Tinha saudades de o ouvir.

Derreto-me e desvio o olhar para o meu colo, o coração apertado. Preferia que não dissesse estas coisas. Vê-me como uma velha amiga e futura cunhada, mas quando me diz que sentiu a minha falta, é difícil lembrar-me disso. Agarro a minha mala com força e inspiro profundamente.

– Uma peça exclusiva é o oposto de uma joia comum, destaca-se mais.

O Ares sorri.

– E se eu te deixar escolher?

Lanço-lhe um olhar acutilante.

– Como todos os anos?

Sorri novamente enquanto estaciona num dos centros comerciais Windsor, praticamente saindo a voar do carro para me abrir a porta. Oferece-me a mão e eu seguro-a ao sair, os nossos olhares um no outro.

Um *flash* de luz surpreende-nos e, quando me viro, dou de caras com o sorriso de um *paparazzo* que me anda a seguir ultimamente. Cerro os dentes e dou um passo na sua direção, mas desata a correr antes de eu dizer seja o que for.

O Ares encosta uma mão às minhas costas, e olho para ele.

– Devia saber que trazer-te a um sítio tão público resultaria nisto. Desculpa, Raven. Eu trato do assunto. Aquela fotografia nunca será publicada.

Abano a cabeça e começo a caminhar em direção ao centro comercial.

– Não faz mal. Já estou habituada a isto. Não posso deixar de viver a minha vida só porque sei que posso ser fotografada a qualquer momento. Dantes tinha medo, sabias? Da opinião pública. Agora, é só um inconveniente que aceito como parte do meu trabalho.

O Ares segue em silêncio até entrarmos no centro.

– Talvez deva arranjar-te uns guarda-costas. – O seu tom denota alguma raiva e olho-o, surpresa.

– Nem pensar. Nunca estou em perigo, Ares. Já tenho menos privacidade do que gostaria. A última coisa de que preciso é de alguém no meu espaço privado a toda a hora.

Encara-me como se quisesse argumentar comigo mas, felizmente, não o faz e continua em silêncio enquanto entramos numa das joalharias preferidas da Hannah.

Assim que reconhece o Ares, o gerente da loja fica tenso e dirige-se imediatamente a nós com um sorriso nervoso. É um homem mais velho e o cabelo grisalho dá-lhe charme. Se não fosse o óbvio estado de nervosismo, emanaria o tipo de elegância que combina com a loja.

– Senhor Windsor – diz, antes de se virar para mim com um olhar surpreso. – *Raven*. – Os seus olhos percorrem o meu corpo como é típico dos homens com quem me cruzo. Costumava deixar-me enojada, calculava que estariam, muito provavelmente, a pensar numa das minhas campanhas de *lingerie*, mas já me habituei. – Raven, uau! É uma honra conhecê-la. Sou o Andy e serei o seu assistente.

O Ares fica apreensivo e pousa a mão no meu ombro. Olho-o pasmada e vejo que encara o gerente da loja escondendo muito pouco a sua irritação.

– Pediremos ajuda se precisarmos dela – atira num tom ríspido.

Encaminha-me para as vitrines, o corpo ainda tenso.

– Que se passa? – pergunto assim que já não podemos ser ouvidos.

O Ares tira a mão do meu ombro e abana a cabeça.

– Que falta de profissionalismo! Viste como olhou para ti? Que foi aquilo? Primeiro, somos fotografados assim que saímos do carro e, depois, *isto*?

Esboço um sorriso enquanto me encosto no balcão e olho para ele.

– Ares – murmuro –, já não sou a menina que conhecias. Fui a modelo mais bem paga deste ano e represento muitas das marcas que têm lojas neste centro comercial. Não me surpreende que ele me reconheça. A sua reação até foi discreta. De certeza que a minha cara está num grande cartaz a publicitar este centro comercial.

– Discreta? – O Ares irrita-se. – *Discreta*? Ele praticamente comeu-te com os olhos!

Agarro-lhe o braço e sorrio.

– Como lidas a andar em público com a Hannah? Eu posso ser muito conhecida, mas tenho a certeza de que a Hannah é ainda mais famosa. As modelos não costumam ser tão populares como as grandes atrizes. Como lidas com a atenção que ela atrai se *isto* te irritou tanto?

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo.

– Acho que estás a subestimar a tua popularidade. E a tua irmã tem sempre guarda-costas por perto, por isso não preciso de me preocupar com ela. Tu, por outro lado, és uma teimosa de primeira.

Sopro para o ar e viro-me para ver as joias em exposição, detendo-me nos anéis de noivado. A simples ideia de algum dia ser noiva parece-me tão inconcebível. Não me imagino a querer casar com qualquer outra pessoa que não o Ares. Um anel capta a minha atenção e, por um instante, deixo-me imaginar como ficaria no meu dedo.

Suspiro e puxo o Ares para a secção dos colares, atraída por uma gargantilha de diamantes.

– Que tal algo assim?

O Ares chama o Andy, que me entrega o colar e aponta para o espelho atrás de mim. Seguro a gargantilha contra o meu pescoço, para ver como ficaria, e o Ares segura-me delicadamente no cabelo, afastando-o em direção ao ombro para não atrapalhar.

– Experimenta-o – diz-me.

Abano a cabeça.

– Não, não posso. É para a Hannah. Não preciso de o experimentar para saber que ela o adoraria.

Ele não cede e, encostando-se a mim, põe-me o colar. A maneira como os seus dedos passeiam pelo meu pescoço provoca-me um arrepio na espinha, mas ele não dá por isso.

– Se gostas, compro-o para ti, Raven. Encontraremos outra coisa para a Hannah. – Arregalo os olhos, e ele sorri-me através do espelho. – O teu aniversário também está próximo, sabias?

– É demasiado! – digo-lhe, os meus dedos a abrir o fecho. – Mas obrigada. Ela vai adorar, devias mesmo comprar-lhe esta gargantilha.

O Ares anui e tira-me o colar, detendo o olhar no meu rosto.

– Ei – diz num tom suave –, está tudo bem entre nós, Rave? Sinto que me tens evitado ultimamente. É por causa da pressão que a Hannah tem exercido sobre ti com o casamento? Sei que tens andado a tratar de coisas que deviam ser tratadas por ela. Diz-me se for demasiado para ti, está bem? Sabes que odeio quando te afastas.

Agarro-lhe o braço e sorrio.

– Está tudo bem, Ares. Tenho estado demasiado ocupada, só isso.

A expressão dele diz-me que sabe que estou a mentir, mas, felizmente, deixa o assunto morrer. Como lhe posso dizer que o simples pensamento de o ver casar com a Hannah faz com que tudo pareça tão final? Estou a perdê-lo para sempre, cada réstia de esperança a esvair-se em fumo. Como lhe digo que tenho o coração partido como nunca tive e que não sei se algum dia o curarei?

Três Raven

Não sei se podemos sentar os Astors tão perto dos irmãos do Ares – afirma a minha mãe. – Temos mesmo de os convidar. A família deles equipara-se à dos Windsors..., mas não podemos sentá-los tão perto. Se bem me lembro, o Adrian Astor não suporta um dos irmãos do Ares, o Lexington.

Franzo a testa e desvio o olhar do esquema do salão.

– O Adrian não gosta do Lexington? – pergunto, surpreendida. Como assim? O Lexington é uma das minhas pessoas favoritas e estudou com a Leia no Astor College. Foi ele que me apresentou a Leia e o Adrian.

– Sim, foi o que ouvi. Pelo que sei, o Adrian não gosta do lado *brincalhão* do Lexington.

Ah! Sorrio ao perceber o que se terá passado. O Lex deve ter provocado o Adrian ao tentar seduzir a Leia. Sim, parece que estou a ver a cena. O Adrian é o tipo de pessoa que não perdoa nada e ficaria ressentido com a situação.

– Tudo bem, sentamo-los mais separados.

A minha mãe concorda e reorganiza os cartões com os nomes deles no pequeno esquema que fez do salão onde será o casamento da Hannah.

– Tem de estar tudo perfeito – murmura. – A Hannah esperou tanto por este dia.

Evito revirar os olhos.

– Mãe, ela adiou o casamento três vezes. Não me parece que esteja assim tão impaciente.

Ela atira-me um olhar brusco, a dardejar de raiva.

– Isso aconteceu pelas exigências do trabalho dela, Raven. Tu não sabes o que é ser atriz. Limitas-te a estar quieta e a ser bonita o dia todo. O trabalho da Hannah é diferente. Ela não vai para casa depois de uma mísera sessão fotográfica. Fica longe de casa semanas a fio, a filmar em condições que são tudo menos confortáveis. Achas mesmo que ela *queria* adiar o casamento? Só o fez porque não tinha escolha. Podes não perceber, mas se não tens nada de positivo a dizer, deixa-te estar calada.

Mordo o lábio com força para evitar responder à letra. A minha mãe sabe quão preciosistas os fotógrafos podem ser e como o meu trabalho não é fácil. Há apenas algumas semanas, fiquei com hipotermia porque me obrigaram a filmar um anúncio na neve. Já deixei de me comparar com a Hannah, mas gostava que não minimizassem o meu trabalho como sendo só *estar quieta e ser bonita o dia todo*.

Suponho que o que faço não interessa. Só lhe interessa que não segui as suas pisadas como a Hannah fez. A minha mãe era uma atriz famosa quando tinha a minha idade e ofende-a que nunca me tenha interessado pela representação. Por mais que me esforce no meu trabalho, nada será bom o suficiente.

As minhas mãos tremem enquanto vemos a lista de fornecedores. Porque continuo a fazer isto a mim mesma? Porque continuo a regressar a casa para organizar um casamento com o qual não quero ter nada que ver, só para poder passar tempo com uma mãe que me vai sempre considerar inferior à menina dos seus olhos? Nem sequer lhe peço que me trate como trata a Hannah. Tudo o que sempre lhe pedi foi um pouco de amor. É pedir demais?

– Desculpa – diz a minha mãe, a voz dela angustiada –, o casamento tem-me causado muito *stress* e descarreguei em ti. Desculpa, Raven. Percebes, não percebes? Este casamento é muito importante para as duas famílias. Esta fusão está a ser tratada há anos e assim que o casamento acontecer, podemos fechar a papelada e deixar a empresa nas mãos da Hannah e do Ares. Os Windsors recusam-se a avançar com o processo antes do casamento, e eu e o teu pai precisamos do dinheiro.

Digo que sim com a cabeça e mantenho-a baixa.

– Eu percebo, mãe.

Ela sorri-me.

– Sempre foste um doce, Raven. A Hannah e eu temos sorte em te ter. Não podia mesmo ter feito nada disto sem ti.

Devolvo-lhe o sorriso, feliz pelas horas intermináveis que dediquei a isto não terem sido em vão. A Hannah mal tem estado presente nos preparativos do casamento e, apesar da constante e dolorosa lembrança de que o casamento vai acontecer, fico feliz por passar algum tempo com a minha mãe. É raro termos tempo de qualidade.

– Não acredito que a minha menina vai ser a esposa de alguém em breve – murmura enquanto reorganiza as flores no esquema da vinha onde o Ares e a Hannah se vão casar. – Quando a tua irmã era pequena, não sabia se ela viveria o suficiente para se apaixonar. Havia tantas coisas que pensava que ela nunca iria viver, mas aqui está ela, uma estrela internacional, prestes a casar com um dos bilionários mais apetecíveis do mundo. No meio disto, ainda cuida de mim e do pai, pois vamos, finalmente, reformarmo-nos, sabendo que a empresa fica em boas mãos.

Sinto a culpa e o desconforto a formarem-se no meu estômago. Não devia invejar a minha irmã nem o orgulho que vejo no olhar da minha mãe. Só gostava que, de vez em quando, o mesmo afeto me fosse dirigido.

– Vai ser uma noiva linda! – asseguro-lhe.

A minha mãe olha para cima com um esgar de preocupação.

– Como está a correr com o vestido? Fizeste as alterações que a Hannah pediu?

Abano a cabeça em concordância. De cada vez que adiou o casamento, mudou tudo o que queria para a cerimónia e para o vestido, resultando em muitas semanas extra de trabalho para mim.

– Claro.

A minha mãe hesita.

– Foi simpático da parte dela, pedir-te para desenhares o vestido de noiva. É um gesto bonito para te incluir. Pensava que ia preferir um estilista famoso, mas é uma forma de te ajudar a ganhar nome. Quando o mundo vir a Hannah num dos teus vestidos, todas as celebridades a vão copiar. Ela é uma ditadora de modas.

Mordo o lábio.

– Ganhei vários prémios de moda, mãe. Tenho uma lista de espera de dois anos para vestidos de noiva desde que lancei a minha primeira coleção, e a lista continua a crescer desde que a Alanna Sinclair se casou com um vestido meu. A minha marca está bem estabelecida e não tem menos prestígio do que alguns dos nomes mais antigos e conhecidos.

Ela olha para mim com uma expressão apaziguadora que me deixa logo irritada.

– Oh, claro! – diz, anuindo. Depois, pega num dos convites do casamento e segura-o à minha frente. – Temos de garantir que estes convites são enviados três dias antes do casamento. Tudo sobre o casamento tem de ficar no segredo dos deuses. Se os *paparazzi* aparecerem, vão arruinar o dia da Hannah. Podes ver se está tudo bem com o serviço de estafeta que contratámos?

Suspiro e levanto-me.

– Claro – digo-lhe, pegando na carteira. – Faço-o amanhã.

A minha mãe olha para mim com a testa franzida.

– Não ficas para jantar?

– Não, tenho uma sessão fotográfica amanhã cedo.

Ela assente com a cabeça.

– Oh, ainda bem. Não vais querer parecer gorda no vestido de dama de honor.

Sinto o coração mirrar quando me viro e saio da sala. Sempre que vejo a minha mãe, sinto-me uma pessoa horrível e acabo por me odiar. Devia estar feliz pela Hannah e sentir-me honrada por ter sido incluída na preparação do casamento..., mas odeio-o. Odeio a pessoa em que me torno quando regresso a casa. Nunca estou assim tão desesperada por atenção ou reconhecimento e, apesar de me magoar vê-la com o Ares, nunca senti ressentimento pelo amor que ele tem por ela. Mas sempre que venho a casa, a minha cabeça enche-se de pensamentos horríveis.

E se o Ares se estivesse a casar comigo?

E se nunca a tivesse levado à festa de aniversário da Sierra?

E se me recusar a ajudar no casamento?

E se seduzir o Ares e o roubar?

Sou melhor do que isto, mas sempre que venho a casa, torno-me na minha versão mais patética.

– Querida?

Olho para o meu pai e ele suspira como que compreendendo.

– Levo-te à porta, meu doce.

Consinto e caminhamos em silêncio, de braço dado, até ao carro desportivo que o Ares me ajudou a escolher.

O meu pai abre-me a porta e hesita.

– Amo-te, Raven – diz. – A tua mãe também, mas não é tão boa a demonstrá-lo.

Mordo o lábio por um segundo.

– Não tem dificuldade em demonstrá-lo à Hannah.

Gentilmente, o meu pai põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Eu sei – murmura. – A tua mãe sente necessidade de o expressar pelas agruras que a Hannah viveu quando era pequena. A tua mãe acha que inundá-la de amor é uma forma de a compensar pela dor que passou quando estava doente. Fá-lo mais por si mesma do que pela Hannah e não significa que não te ame tanto quanto a ela.

Digo que sim com a cabeça, sem vontade de continuar a conversa. Não quero que o meu pai tenha pena de mim ou sinta que tem de me reconfortar. Para variar, não quero ser reconfortada com mentiras.

Ponho-me em bicos dos pés e dou-lhe um beijo na face.

– Amo-te, pai.

– Conduz com cuidado. Manda-me uma mensagem quando chegares a casa. Já sei usar os *emotis*. Vou responder-te com um polegar de fixe.

– *Emojis*? – pergunto a rir.

– Isso!

– Bom para ti, pai. Eu mando o *emoji* de uma casa quando chegar.

– Será a nossa linguagem secreta. – Pisca-me o olho, consigo evitar uma gargalhada e entro no carro.

É isto. É isto que me faz voltar a casa, apesar da atitude da minha mãe. O meu pai tem razão. Lá no fundo, eles amam-me. Talvez não tanto quanto amam a Hannah, mas já aprendi há muito tempo a aceitar isso.

Nunca estarei à altura da minha irmã mais velha. Não aos olhos dos meus pais, e, certamente, nunca aos olhos do Ares.

Quatro

Ares

Agarro no telemóvel com força e respiro fundo para me acalmar.

– Hannah, prometeste que estaríamos juntos. É a terceira vez este mês que cancelas à última hora. Não me podias ter dito há mais tempo?

Ouço um ruído no telemóvel e a Hannah suspira.

– Desculpa, Ares. Queria tanto estar aí esta noite, sabes isso. Queria apoiar a Raven e estar aí contigo, mas não posso. Preciso de filmar algumas cenas novamente e as coisas não estão a correr bem.

– Sempre as mesmas desculpas, Hannah. Estou a tentar ser o mais compreensivo que consigo, mas não me estás a facilitar a vida. Não posso ser sempre eu a ceder.

– Eu sei – diz ela. – Prometo compensar-te.

– É porque não queres ser vista ou fotografada comigo? Hannah, vamos casar dentro de um mês. Não te esqueças do nosso acordo. Assim que nos casarmos, a nossa relação será pública. Qual seria o mal de sermos apanhados juntos hoje à noite?

– Ares, não é isso. Prometo que não é. Vou tirar tanto tempo de férias por causa do casamento que sinto que tenho de compensar. Não quero que as coisas se atrasem por minha causa.

Passo uma mão pelo cabelo e olho para o teto.

– Eu percebo – digo-lhe, derrotado. E, na verdade, percebo mesmo, mas começo a perder a esperança de que as coisas alguma vez mudem. Costumava pensar que era o sortudo entre os meus irmãos. O Dion mal fala com a noiva, e os outros ainda nem sabem com quem vão casar. Fui o único com a sorte de me apaixonar pela mulher que a minha avó escolheu para mim muito tempo antes do casamento.

Ainda assim, ultimamente, parece que não estamos em sintonia e não me sinto assim tão sortudo. Tudo me parece mecânico e forçado, e não vejo a excitação que devíamos sentir em relação ao casamento que está tão próximo.

– Ela não vem, pois não?

Olho para cima e vejo um dos meus irmãos mais novos, o Lex,

encostado à ombreira. A expressão dele é cuidadosamente neutra, mas os olhos traem a desilusão que tenta esconder. O meu primeiro instinto é defender a Hannah, mas hoje não consigo.

– Não.

– Vai ser chato ires sem companhia. Sabes como são as mulheres neste tipo de evento. Vais ser assediado a noite toda. Quem me dera poder ir.

Abano a cabeça.

– Não faz mal. Tens um voo para apanhar de madrugada, não tens? Além disso, odeias a indústria do entretenimento.

O Lex é responsável pela Windsor Motors e, se não me falha a memória, vai apresentar o nosso mais recente carro elétrico. Cada um de nós é responsável por uma parte do império Windsor. Eu tomo conta das empresas de entretenimento, o Lexington da indústria automóvel, a Sierra comanda a imobiliária, o Zane é responsável pelos hotéis, o Luca trata da gestão de ativos e o Dion está nas participações estrangeiras. Entre os seis, lideramos a Windsor Corp, dominando mais mercado do que as pessoas pensam.

– Vai correr tudo bem – digo ao meu irmão. – É só um desfile de moda. Já patrocinei muitos. Marco presença e venho para casa.

O Lex sorri-me.

– A Raven estará lá, por isso estarás bem. É a estrela do desfile desta noite. Não sei como, mas está cada vez mais bonita. Gostava mesmo de ir.

Involuntariamente, fico tenso e semicerro os olhos ao Lexington. Desde quando acha ele que a Raven é bonita? Sempre foi como uma irmã mais nova para nós. Passou a vê-la de outra forma?

– Como sabes que ela vai lá estar?

Pensando melhor, foram recentemente a uma galeria de arte juntos, só os dois. Haverá algo entre eles?

Ele sorri e pega no telemóvel.

– Falei com ela há pouco.

O quê? Ela rejeita quase sempre as minhas chamadas, mas tem tempo para falar com o Lex?

Ele ri-se, o olhar impenetrável.

– Diz à Raven que lhe mando um beijo, sim?

Anuo, sabendo que não o farei. Algo na ideia do Lex e da Raven juntos deixa-me perturbado e não é só por causa dos sonhos recorrentes que tenho com ela – sonhos que não devia ter.

Estou com um humor da treita a caminho do desfile, incapaz de identificar porque me sinto assim. Já devia estar habituado às ausências da Hannah, mas não é fácil. Há anos que escondemos a nossa relação, cautelosos para não atrair a atenção dos média. A Hannah sempre temeu ser acusada de nepotismo se as pessoas descobrissem a nossa relação, e eu

percebo. Sei o quanto se esforça no trabalho, e ter atenção indesejada dos média só traz problemas. Percebo a situação, mas estou farto disto tudo.

A sala está ao rubro quando entro e fico a um canto, a olhar para a passarela. Quase nunca vejo os desfiles – quando se vê um, já se viu todos, e não podia interessar-me menos por moda. No entanto, esta noite, não consigo tirar os olhos da mulher que arrebatou o palco.

A Raven desfila pela passarela num vestido justo que deixa pouco à imaginação, e fico a admirá-la. Trabalha tão arduamente quanto a Hannah, se não mais, e nunca desaponta ninguém que ama. Sei a frequência com que a minha irmã lhe aparece no escritório do nada, e a minha avó também. Não consigo deixar de pensar porque é que a Hannah não pode ser mais como ela. São irmãs, mas são tão diferentes.

A minha mente vagueia para a altura em que a minha avó mencionou pela primeira vez um casamento entre os Windsors e os Du Pont. Nessa altura, era com a Raven que queria que eu casasse. Suspiro enquanto ela se vira e regressa ao centro do palco, inundado por um sentimento de perda.

– Senhor Windsor.

Forço um sorriso à medida que me viro para o organizador do desfile e faço a conversa de circunstância do costume. Tanto no entretenimento é ver e ser visto, e isso cansa-me. Estou farto do pretensiosismo, da falsidade, de viver num mundo de faz-de-conta. Anseio por genuinidade.

– Vários modelos seus desfilaram hoje – constata o Jonas, orgulhoso. – A Windsor Media é mesmo uma força indomável. Há algo que não tenha? Tem várias revistas de sucesso, um jornal, a indústria da moda e, claro, o estúdio de produção. Não sei como consegue fazer tudo isso. É uma honra que tenha tido tempo para vir ao desfile de hoje.

Anuo e esforço-me por manter uma conversa com ele, mas não paro de pensar no Lexington. Haverá mesmo algo entre ele e a Raven? Estou prestes a inventar uma desculpa qualquer para terminar a bajulação quando a conversa que se está a passar nas minhas costas me capta a atenção.

– Lamento, mas não posso.

Fico apreensivo e viro-me quando oiço a voz da Raven. Está chateada, mas sorri alegremente ao homem em frente dela.

– Desculpe – digo ao Jonas com uma ponta de aborrecimento a manchar o meu tom educado. Que poderá ter chateado a Raven?

– Só um encontro – diz o homem. – Pago-lhe mais do que ganha num ano.

Cerro os maxilares sem dar por isso e a raiva transforma-me as mãos em punhos. Forço-me a relaxar assim que os meus olhos encontram os da Raven e noto algum alívio no olhar dela. Sorrio-lhe, sem tirar os olhos dela, enquanto lhe abraço a cintura e a puxo para mim.

– Aqui estás tu, Raven – murmuro, antes de me virar para o homem à nossa frente.

Parece chateado por um segundo, mas depois de me reconhecer, desvia o olhar.

– Senhor Windsor – diz, o seu tom muito mais gentil do que antes.

Sei perfeitamente quem é, mas não lhe vou dar esse prazer. Olho-o sem lhe dar importância e viro-me outra vez para a Raven.

– Falámos recentemente a propósito de um guião que enviei para a Windsor Media – lembra-me. É um conhecido realizador e estive prestes a aprovar o financiamento do seu próximo filme porque a Hannah quer muito o papel principal. Azar.

O meu polegar passeia em círculos pela cintura da Raven e ela aproxima-se de mim, o corpo inclinado sobre o meu. A Raven é das mulheres mais fortes que conheço, por isso, encontrar consolo na minha presença só pode significar uma coisa. Não é a primeira vez que este otário a assedia.

– Tudo o que me lembro é de o ouvir a atirar-se à Raven. É engraçado, porque não tem capital suficiente para a ofender. – Rio-me com prazer. – Quer pagar-lhe mais do que ela ganha num ano por um encontro? Ela é a modelo mais bem paga do mundo, e você? Bem, nem sei quem é. Mas sei que não pode voltar a estar a menos de cinco metros dela e, se o fizer... *farei* com que pague por isso.

Ele arregala os olhos e olha arrependido para a Raven. Não quero sequer que olhe para ela. Merece melhor do que esta treta.

– Não sabia – diz ele em voz baixa.

Aperto ainda mais a Raven e sorrio.

– Agora sabe, por isso, pode ir andando.

Ele anui e afasta-se, a sua expressão irada, mas não quero saber. Só me interessa o sorriso da Raven.

– Ainda achas que não precisas de um guarda-costas?

Ela olha para mim com uma expressão algo exasperada.

– *Ares*, eu não estava em perigo, não faz sentido.

Largo-a e inclino a cabeça.

– Com que frequência é que isto acontece?

– É muito raro – assegura-me, mas a forma como olha de relance para a esquerda indica que está a mentir. Desde que a conheço que tem este tique quando mente.

– Não devias estar sozinha neste tipo de desfile. Não vieste acompanhada?

Só a vi com um homem nos últimos anos, mas ele casou recentemente, para meu alívio. Há algo no Silas Sinclair de que não gosto e não é o facto de ser uma das poucas pessoas fora do meu alcance. Tentei que a minha

avó rescindisse o contrato com a empresa de segurança dele, mas ela não quis. Não sei o que me incomoda nele, mas acho que era a forma como olhava para ela, ou melhor, como *não* olhava. A Raven merece ser o centro do universo de alguém, mas mal lhe captava a atenção. O coração dele tinha, de certeza, outra dona.

– Não, vim sozinha. O meu agente vai juntar-se a mim daqui a nada, mas está nos bastidores agora.

Percorro-a com o olhar e abano a cabeça.

– Nunca percebi, sabes? Porque nunca te vi numa relação séria? Como é que uma mulher como tu está solteira?

Ela pega numa taça de champanhe e sorri para mim.

– Apenas não encontrei ainda um homem que me mantenha cativada. Não me vou comprometer por menos do que devoção total. Quero um amor *épico* e estou disposta a esperar por ele.

Com que então devoção total? Pois, é exatamente o que ela merece. Que tipo de homem a conseguirá conquistar? Por um momento, uma imagem dela com o Lexington passa-me pela cabeça e o meu sangue gela.

– Raven!

Ela olha para o lado e sorri antes de se virar novamente para mim.

– É o meu agente – diz-me. – Acho que está na altura de passar horas intermináveis a socializar, supostamente tenho de o fazer. Vemo-nos mais tarde, está bem?

Anuo e vejo-a afastar-se, o meu olhar a dirigir-se para o homem que a espera. O agente olha para ela de uma forma que não é profissional. Parece encantado, e mudo desconfortavelmente o peso do corpo de um pé para o outro. Só quero que a Raven seja feliz, mas a ideia de a ver com alguém enche-me de pavor.

Acho que é assim que os irmãos mais velhos se devem sentir, não é? Pode ser diferente do que sinto em relação aos namoros da Sierra, mas é quase o mesmo. Deve ser isso.

Cinco

Ares

Deem mais cobertura a isto – ordeno, os meus olhos a passar pelos artigos sobre a coleção da Raven. Não notei ontem à noite, mas uma das coleções apresentadas era dela. Pelo que vejo, as peças mais recentes foram muito bem recebidas e merecem mais atenção do que estão a ter.

De que serve ser dono de várias revistas de fofocas e moda se não as usar para ajudar o trabalho dos meus amigos? Espero que a empresa dela continue a crescer a ponto de ter de deixar de ser modelo por já não ter tempo para isso.

Odeio como ela se tornou num objeto de desejo. Esses homens não veem além da sua beleza, não veem a mulher divertida e generosa que é. Sei como esta indústria é tóxica e não quero isso para ela. Quero-a segura, atrás dos holofotes, ao invés de diante deles.

A Raven nem parece ela ultimamente e estou preocupado. Receio que tudo a esteja a sobrecarregar. A dieta constante, as exigências dos fotógrafos, os ambientes tantas vezes hostis das sessões. Nunca percebi porque o faz. Tem uma beleza indescritível, mas, de alguma forma, esta carreira não lhe assenta.

Já a sua marca de moda... é perfeita para ela. Permite-lhe deixar brilhar a criatividade e continuar a trabalhar na indústria na qual cresceu, sem que tenha de lidar com os aspetos negativos da fama.

– O Bradford Manson ligou – diz-me o Dom, o meu assistente. – Queria saber sobre o guião que enviou. Com base nas suas notas, parece que estamos prontos para aprovar o financiamento deste projeto. Devo dar-lhe seguimento?

Olho para ele bruscamente com um esgar de raiva.

– Não – disparo, os meus pensamentos regressando à forma como falou com a Raven na noite passada. – É um monte de merda que não merece sequer ficar preso à sola do sapato dela!

– Como? – pergunta o Dom, confuso.

Aceno-lhe com a mão.

– Esquece. Não quero ouvir o nome desse otário outra vez. Não

voltaremos a trabalhar com ele, e faz saber que qualquer ator ou atriz que trabalhe com ele *nunca* mais trabalhará com a Windsor Media. O mesmo se aplica a quem quer que o financie.

O Dom arregala os olhos.

– O que é que este infeliz lhe fez para merecer o Beijo da Morte? Nunca mais vai conseguir trabalhar.

Sorrio pretensiosamente com a estupidez da expressão. Entrar na lista negra dos Windsor foi alcunhado de «o Beijo da Morte» porque é um veneno de atuação lenta, e as vítimas quase nunca percebem o ataque até ser tarde demais, quando já se encontram cercadas pelos restos mortais das suas carreiras.

Abano a cabeça.

– Quero lá saber se ele volta ou não a trabalhar. Devia pensar nisso antes de abrir a boca. Vamos ver onde vai buscar o dinheiro agora. Otário de merda!

O meu assistente anui com uma expressão de choque. Sou mais do que razoável na maioria das vezes – temos de o ser nesta indústria repleta de egos inflamados. Mas este otário... vai ficar a saber o que acontece quando perco a paciência.

– E mais – digo ao Dom, o meu dedo a bater no tampo da secretária –, há um gerente de loja chamado Andy. Trabalha num dos nossos centros comerciais, numa joalheria. Quero-o despedido. Não me lembro do nome. É a preferida da Hannah.

O Dom pigarreia, desconfortável.

– Se é num centro comercial, pertence à imobiliária, seria uma decisão da Sierra. Sabe que ela não gosta que se interfira no campo dela.

Recosto-me na cadeira e encaro o meu assistente. Tem um metro e noventa e é frequentemente confundido com o meu guarda-costas, mas encolhe-se ao pensar em confrontar a minha irmã. Não o censuro. A minha irmãzinha pode ser implacável.

– Liga à Sierra e diz-lhe que o Andy comeu a Raven com os olhos o tempo todo que lá estivemos e que o quero no olho da rua. Será que ela não quer que a sua melhor amiga possa ir a um dos seus centros comerciais sem ser objetificada e ter homens a babar por ela?

Vejo a raiva instalar-se no olhar do Dom.

– Ele ousou ofender a Raven? – a sua expressão fica séria e anui convictamente. – Vou tratar disso.

Vejo como se afasta e escondo um sorriso. Não sou só eu e a minha família que adoramos a Raven. É qualquer pessoa que se cruze com ela. É tão fácil adorá-la, e todo o mundo o vê menos ela.

Olho pela janela, deixando-me levar pelos pensamentos. Não gosto mesmo da ideia de ela andar por aí sem proteção. Que teria acontecido

ontem se eu não estivesse lá? E se o parvalhão do Brad não aceitasse um não como resposta?

Pego no telemóvel e fico a olhar para ele. Engulo o orgulho e ligo ao homem que mais *desprezo*. Pode ser um parvalhão, mas é o melhor no que faz.

– Silas Sinclair – diz ele.

Cerro os dentes por um segundo, irritado com o simples som da sua voz.

– Fala o Ares Windsor.

– Eu sei, tenho um identificador de chamadas. Todos os telemóveis o têm nos dias de hoje.

Porra, odeio este homem!

– Preciso de dois guarda-costas. Quero os teus melhores homens, mas há um senão.

– Um senão? – pergunta, intrigado.

Faço uma careta de nojo ao lembrar-me da Raven nos braços dele. Durante anos, os dois foram vistos juntos, começando e terminando uma relação. Quem me dera que houvesse outra pessoa mais indicada para me fazer este favor, mas este otário é mesmo o melhor da área.

– Quero que se mantenham fora de vista. Vão proteger alguém sem que ela saiba. Quero que todas as ameaças sejam evitadas antes mesmo de acontecerem. Isto inclui homens que a assediam ou que não aceitam um não como resposta. Não quero saber como o fazem, mas assim que ela parecer minimamente desconfortável, preciso que alguém dê conta do recado.

Ele ri de modo sombrio, e esse som irrita-me muito.

– E quem é que precisa desse tipo de proteção? A tua noiva? Pensei que já tínhamos guarda-costas com ela.

Olho para o teto, sinto um calafrio inexplicável percorrer-me a espinha.

– Raven Du Pont.

Ele fica em silêncio por um momento.

– Queres mesmo protegê-la em segredo?

Fecho os olhos e respiro fundo.

– Sim.

– Não vai ser barato.

– Imagino.

– Vai-te custar um favor. Posso pedi-lo quando quiser e não podes recusar.

Hesito. Cabrão! Ele sabe quanto vale um favor de um Windsor.

– Tudo menos isso.

– Então terás de encontrar outra pessoa, Windsor.

Porra! Parvalhão de merda!

– Nunca te preocupaste com ela, pois não? – disparo.

Ele ri-se com gosto.

– Preocupei e ainda me preocupo. Eu e a minha mulher adoramos a Raven como se fosse família e sempre será assim.

– E mesmo assim pedes um preço tão elevado para a proteção dela?

– Não misturo negócios com a vida pessoal.

– Treta! Fundaste a tua empresa para encontrar a tua mulher.

Ele ri-se outra vez, nunca me senti tão tentado a esbofetear alguém.

– Sim – admite –, a Alanna é a única exceção.

– Muito bem – digo de dentes cerrados –, um favor. Desde que não magoe ninguém e não seja contra os meus valores pessoais.

– Feito! – responde. – A Raven nunca perceberá que tenho os meus melhores e mais implacáveis homens a acompanhá-la. – Ri-se mais uma vez. – A propósito, deves querer saber que a Raven tem tido a minha proteção ao longo dos anos, de graça. Pagaste um belo preço só para afastar avanços indesejados, algo que nunca me preocupou. Devias questionar-te porquê.

Depois desliga a chamada, deixando-me em brasa. Otário!

Seis

Ares

Sinto-me apreensivo enquanto estaciono em frente à mansão Du Pont.

Devia estar entusiasmado com a festa de aniversário da Hannah, mas as coisas não têm estado bem entre nós, e é cada vez mais difícil ignorar esse facto.

A apenas algumas semanas do casamento, parece que todas as pequenas divergências se amplificaram. Pode ser só nervosismo, mas sinto que é mais do que isso. Questiono-me se a nossa relação não começou apenas porque ambos sabíamos que, inevitavelmente, teríamos de nos casar.

Mas... teríamos mesmo? Os meus pais queriam que me casasse com a *Raven*. Se eu não tivesse... se aquela noite não tivesse acontecido, estaria a casar-me com a *Raven*?

Passo a mão pelo cabelo e respiro fundo. Não importa. O tempo não volta para trás e, com ou sem nervosismo, tenho de me casar com a Hannah se quero manter o meu trabalho e a minha herança.

Tento abstrair-me de tudo isto ao sair do carro, mas não é fácil. Não me tenho sentido eu mesmo nos últimos tempos e não percebo porquê. Não é só o casamento. É mais do que isso.

– Ares!

Vejo o pai da Hannah à porta com um sorriso rasgado. Passou algum tempo desde a última vez que o vi e tenho a certeza de que tem uma garrafa de um bom *whisky* para partilhar comigo. No que toca ao meu futuro sogro, saiu-me a sorte grande. É genuinamente boa pessoa e depressa se transformou num segundo pai para mim. Torna mais suportável a ausência do meu. A dor de perder os pais repentinamente nunca é de facto ultrapassada, mas adormece com o passar do tempo.

– Arthur – aperto-lhe a mão antes de ele me indicar que entre, o som de gargalhadas envolve-nos à medida que nos encaminhamos para o pátio nas traseiras.

– Como vai o trabalho, filho? Quase nunca te vejo. Ficas cá esta noite?

Aceno que sim.

– Tenho tido muito trabalho, mas estou livre este fim de semana.

A Hannah olha-me quando me dirijo a ela com o seu presente de aniversário na mão. Felizmente, esta noite é apenas para os amigos próximos e para a família. Reuniões de grande dimensão são demasiado stressantes para os dois e só aumentam a pressão entre nós. Precisamos mesmo desta noite de celebração.

Envolvo-a com um braço e aproximo-me, beijando-a rapidamente na cara.

– Olá, Han – murmuro e afasto-me, empunhando o seu presente.

– Ares – diz, sorrindo –, mal posso esperar para ver o que é!

As amigas rodeiam-na enquanto abre a caixa, igualmente entusiasmadas. Todas as amigas da Hannah são também atrizes e nunca sei quando as reações delas são genuínas.

– É lindo – diz ela. – Ajudas-me a pô-lo?

Sorrio e pego no colar, fechando-o no seu pescoço.

– Fica-te lindamente – sussurro, a minha mente vagueando para a imagem da Raven a segurá-lo.

A Hannah olha-me e sorri.

– Estava a questionar-me porque andavam a circular fotografias dos *paparazzi* da Raven e de ti. Terem sido vistos juntos numa joalheria deu origem a uns rumores muito estranhos. Afinal foi por causa disto.

Digo que sim com a cabeça. Desde que a Raven se tornou famosa, deixou de sair tanto, e percebo porquê. Os média ficam loucos quando a apanham. Ultimamente, só a vejo na casa da minha família ou com a Hannah. A fama não a mudou como mudou a Hannah – em vez disso, fê-la ainda mais reclusa.

As amigas da Hannah rodeiam-na enquanto exhibe o colar, e eu suspiro ao afastar-me. É tão raro ter uma noite livre para estar com os amigos mais próximos e fico feliz por lhe dar espaço. Afinal de contas, tenho o resto da noite para estar com ela.

Sirvo-me uma bebida e dirijo-me ao baloiço no canto, nada surpreso por encontrar a Raven sentada de olhos colados no ecrã do *tablet*. Aposto que está a desenhar peças para a sua marca, e sorrio para mim mesmo.

Sento-me junto dela, fazendo andar o baloiço, e ela olha para cima, encontrando o meu olhar.

– Ares. – há, desde sempre, algo na forma como ela diz o meu nome. Soa diferente. É um som que me vicia.

– Porque estás aqui sentada sozinha, *Cupcake*?

Ela ri-se, o som suave e refrescante em contraste com os risos que nos rodeiam.

– Vais mesmo chamar-me isso o resto da vida?

Anuo.

– Lembro-me perfeitamente do teu porta-chaves, da tua *t-shirt* e do *pin*

na tua mochila, tudo com *cupcakes*.

Ela encara-me, mas sem malícia na expressão.

– Tinha catorze anos e estava a passar por uma fase! Ainda bem que não nos conhecemos na minha fase *emo*, teria sido um desastre.

Sorrio e observo o vestido de noite que está a desenhar. Deslumbro-me sempre com o seu talento.

– Não respondeste à minha pergunta – relembro-a. – Porque estás aqui sentada sozinha? Não devias estar a celebrar com a tua irmã?

Fecha o *tablet* e encara-me.

– Eu tentei – falha-lhe a voz e força um sorriso.

Acredito que sim. A Raven tenta sempre. Nunca me fez sentido, mas os pais dela sempre favoreceram a Hannah, tornando-a o centro de tudo. Conheci a Raven numa viagem de família para a qual foi convidada pela Sierra porque os pais tinham cancelado as férias para acompanharem a Hannah a uma audição.

A Hannah também o faz. Toma a Raven como garantida, e acho que o sabe. A Raven organizou todos os pormenores do nosso casamento e, até hoje, está aqui sentada porque sabe que a Hannah ficaria zangada se não viesse, mas é incapaz de fazer um esforço para que a Raven se sinta incluída.

– Desculpa, Cupcake. Estamos no mesmo barco esta noite.

Abana a cabeça.

– Ela pode ver-nos sempre que quer, mas é mais difícil ver as amigas, eu entendo.

A Raven faz sempre isto. Encontra sempre desculpas para a Hannah. Será que percebe que o faz?

– Mostra-me o que estavas a desenhar.

Assente e encosta-se a mim, o braço dela a roçar o meu, uma brisa suave a passear-nos pela pele.

– Estou a pensar usar vários tons de *nude* e uma camada de contas. Será um vestido justo, mas elegante.

Mostra-me os desenhos e sinto uma pontada de orgulho.

– És incrível, sabias?

Ela olha para mim, agitada. Adoro a forma como cora sempre que a elogio. É uma supermodelo, adorada por milhões, mas cora com algo tão simples. A Raven é mesmo qualquer coisa de outro mundo, e tenho orgulho em ser amigo dela.

– Tenho uma coisa para ti. Sei que o teu aniversário é só daqui a um mês, mas acho que gostarias de ter isto já.

Seguro no pequeno saco que trouxe comigo e ela pega-lhe arregalando os olhos. Observo com atenção como tira a caixa de dentro do saco, o meu coração a bater aceleradamente. Quando foi a última vez que estive tão

ansioso por algo como oferecer um presente?

A Raven suspira e eu respiro de alívio.

– Ares! Este *tablet* ainda nem sequer está à venda. Já o encomendei e só chega daqui a seis meses. Como? – vira-o e sorri quando vê o *cupcake* na parte de trás. – Uau! Tu... Como?! Este modelo nem sequer é personalizável!

Isto definitivamente valeu aturar o Lexington quando lhe pedi que cobrasse um favor à Aria Callahan. Se a conhecesse pessoalmente, não lhe teria pedido. Só sei que é cunhada da Amara Grant, e como a Amara e a Leia são amigas do Lex, sabia que ele conseguia este favor, mesmo que tivesse de aturar as tretas dele. Os Callahans estão por dentro da maioria dos negócios tecnológicos e, quando não estão, sabem quem está.

– Conheço alguém que conhece alguém que conhece alguém – respondo de modo críptico. Não vou deixar que o Lex fique com os louros. Eu mereço este sorriso, ele não.

– Adoro! – diz num gritinho. Quando foi a última vez que vi felicidade genuína nos seus olhos? – Não acredito que fizeste isto por mim. Tu *odeias* comprar prendas.

Abano a cabeça.

– Não! Compro-te sempre uma prenda, todos os anos.

Ela franze a testa.

– Não era o Dom?

– O Dom? – repito, ofendido. – Esse sacana tem andado a dizer que é ele que escolhe os teus presentes?

Ela ri-se e agarra-me o braço.

– Não, eu é que assumi isso. Adoro, Ares. Adoro mesmo a minha prenda. É a melhor prenda *de sempre*. Mal posso esperar para desenhar nele.

Sorrio enquanto o liga e começa a mexer nas definições.

– Alguma vez relaxas? Estás sempre a trabalhar, Raven. Não conheço muita gente que trabalhe mais do que eu, mas tu és uma delas. Não é saudável.

Encolhe os ombros.

– Não me importo. Trabalhar mantém-me a mente ocupada e prefiro assim.

Observo-a por um momento.

– Que estás a evitar?

A Raven fica tensa e sorri, a sua expressão parece assombrada.

– Olha, parece que ela adorou o colar. Eu disse-te!

Rio-me e afasto o baloiço do chão com os pés. A forma como muda de assunto quando não quer responder a uma pergunta nunca deixará de me divertir.

– Sim, foi uma boa escolha, obrigado.

Olho-a, sorridente. É ridiculamente bela. Percebo porque é tão famosa. A Hannah é uma mulher bonita, mas é um tipo de beleza comum. Adapta-se a vários tipos de papel e é uma atriz fenomenal, mas, objetivamente, a Raven é de uma beleza indescritível.

– Devias mesmo tirar algum tempo para ti de vez em quando, Raven. Deixa-me levar-te à praia amanhã de manhã – digo-lhe. – Ainda gostas de ver o nascer do sol?

Os seus olhos detêm-se no colo.

– Ficas cá esta noite?

Aceno que sim.

– Calculei que fosse a melhor opção, caso vá beber.

A Raven olha para o lado, o seu perfil tão belo como tudo o resto nela. Não faz sentido que esteja solteira há tanto tempo.

– Acho que vou voltar para o meu apartamento. Assim, uma das amigas da Hannah pode ficar no meu quarto.

Concordo, desapontado. Quando lhe ia sugerir que fizéssemos algo juntos noutro dia, a Hannah chama por mim. Olho para cima e a Raven incita-me a ir.

– Ares! – repete a Hannah, esticando uma mão.

Suspiro ao levantar-me, olho para trás, mas a Raven já enfiou o nariz no *tablet*.

Quanto mais se aproxima o casamento, mais parece que a Raven me evita. Não percebo porque se distancia de mim, mas sei que odeio que o faça.

Sete

Raven

O s pesados portões da mansão Windsor abrem-se automaticamente com a leitura da matrícula do meu carro. Não tenho conseguido calar a minha neura e tenho esperança de que a Sierra me ajude a distrair.

Na última semana, só consegui pensar no Ares. Penso em como sorriu quando me deu o *tablet* e na felicidade que vi nos seus olhos quando percebeu o quanto eu tinha gostado da prenda. Odeio que me dê esperanças mesmo sem o saber. Vejo-as em cada ação cuidada, em cada momento que partilhamos. A minha mente não me tem dado descanso, conjurando imagens dele com a Hannah na casa dos meus pais, os dois a recitarem os seus votos, ele a beijá-la na cama do quarto ao lado do meu. A minha cabeça decidiu torturar-me e não consigo fazer nada contra isso.

Só quero esquecer.

Nem sequer me lembro da última vez que fiquei em casa com o Ares lá. Prendo o cabelo atrás da orelha e suspiro. Mentira! Lembro-me vividamente dos sons que vinham do quarto da Hannah. Os nossos quartos são contíguos e as cabeceiras das camas estão encostadas à mesma parede. Ouvi-os juntos, a noite toda.

Isto passou-se há anos e continuo a não conseguir ficar em casa dos meus pais quando o Ares dorme lá. Não consigo.

– Raven, querida – diz a avó Anne quando entro.

Sorrio ao vê-la de braços abertos para mim e encaminho-me diretamente para o seu abraço.

– Avó – murmuro, abraçando-a com força.

Ela afaga-me as costas com as mãos, e eu sorrio, respirando o seu distinto aroma a lavanda.

– Um dia difícil?

– Uma semana difícil – respondo.

– Vamos! Vou pedir que nos tragam as bolachas de chocolate que fiz esta tarde.

– Uau – murmuro. – Isso é que é amor! Tu adoras-me, não é, avó? Sempre soube que era a tua preferida.

Ela ri-se enquanto me encaminha para a sala de estar na casa principal. Tinha planeado ir direta a casa da Sierra, mas não resisto às bolachas da avó Anne. A casa dela fica no centro da propriedade e tem ligação a todas as casas dos irmãos Windsor através de elaborados corredores. Paro sempre em casa da avó Anne quando visito a Sierra.

A avó senta-se e bate com as mãos nas pernas. Um suspiro escapa-me dos lábios quando me deito no sofá com a cabeça nas suas pernas. Ela massaja-me a cabeça e fecho os olhos.

– O teu coração está dorido – diz com uma voz suave.

Fico inquieta, sem saber que dizer. Receio que possa ler-me. A avó Anne tem a estranha capacidade de ler as pessoas e de descobrir segredos. Tem-me custado muito manter o meu.

– Estou só cansada, avó. Acho que ando a trabalhar demais.

– Andas a fugir demais – corrige-me.

Calo-me, receosa de dizer algo que não devo. Respiro fundo, focando-me nas mãos da avó Anne. Sempre foi capaz de me acalmar tão facilmente. Deu-me sempre a casa e o amor que me faltavam sem pedir nada em troca.

Mais uma vez, gostava de ser eu a casar com esta família. Adoro a minha irmã, mas não consigo evitar o ressentimento que sinto. Não é só o amor dos nossos pais e do Ares... em breve será o de todos os Windsors. Será a cunhada da Sierra, a mulher do Ares. Podem estar habituados a ter-me aqui, mas nunca *pertencerei* aqui como ela.

– Rave! Sua ladra de avós!

Sorrio ao ouvir o som da voz da Sierra e abraço a avó Anne pela cintura enquanto ela se ri e continua a massajar-me.

– Pensei que vinhas passar tempo comigo, mas, afinal, vieste ter com a minha avó. Ingrata!

Ouçõ-a mastigar algo crocante e sento-me, chocada.

– Essas bolachas são minhas! – grito. – *Minhas!* – Atiro-me a ela, mas a Sierra afasta o prato das bolachas. – Sierra, tu não me provokes. Dá-me as bolachas.

Ela ri-se enquanto enfia três na boca, deixando o prato vazio.

– Roubaste-me a avó, eu roubo-te as bolachas.

Viro-me para a avó Anne de olhos arregalados, como que a pedir apoio.

– Avó! – grito, mas ela só se ri e abana a cabeça, olhando além de nós.

Viro-me e vejo o Ares a um canto com o telemóvel virado para mim e para a Sierra.

– Quanto acham que me pagam por este vídeo de uma supermodelo a lutar por bolachas?

– Não! – digo-lhe com os dentes cerrados, encaminhando-me para ele.

Ele ri-se e segura o telemóvel acima da cabeça. Posso ser alta, mas o Ares tem um metro e noventa e faz-me sombra, não que isso me detenha.

Salto para agarrar o telemóvel e chateia-me não o conseguir.

– Dá-me o telemóvel – ordeno.

– E se eu não der? – pergunta ele a rir-se.

Semicerro-lhe os olhos e agarro-lhe os ombros antes de saltar, enrolo as pernas na sua cintura e tento chegar ao telemóvel. Apanhei-o de surpresa e ele vira-nos, empurrando-me contra a parede, os seus olhos nos meus.

Pestanejo devagar, apercebendo-me do que acabei de fazer.

– Apanhei-o! – digo, fazendo-me de indiferente e apagando o vídeo. O meu sorriso apaga-se quando vejo a fotografia seguinte no seu telemóvel. É uma

fotografia da Hannah na cama, a maior parte do corpo debaixo dos lençóis e com um enorme sorriso. Reconheço imediatamente o quarto onde está. Esta fotografia foi tirada em casa dos meus pais, possivelmente no aniversário dela.

Empurro o Ares, e ele deixa-me descer delicadamente.

– Desculpa – digo e devolvo-lhe o telemóvel.

Ele franze a testa, confuso.

– Que foi?

Abano a cabeça e dirijo-me a casa da Sierra. Ela segue-me em silêncio. Por alguns momentos, parecia que erámos outra vez miúdos, antes da Hannah e do Ares serem um casal. Era simples e descomplicado, longe do que é a realidade.

– Que viste no telemóvel dele? – pergunta a Sierra, a voz meiga.

– Uma fotografia da Hannah. Na cama.

Ela dá-me a mão, entrelaçando os nossos dedos, e caminhamos assim até à casa dela.

– Desculpa, querida.

Abano a cabeça.

– A culpa é minha.

– Sabes do que precisas? – pergunta. – De apanhar uma bebedeira. Vamos sair e dizer mal do meu irmão até te sentires melhor. Que me dizes?

Concordo e agarro-lhe a mão com força. Com o casamento tão perto, talvez seja mesmo do que preciso. Uma noite sem restrições e forçar-me a pôr fim a isto.

Oito

Ares

–Odeio-te! – grita a Sierra do banco de trás antes de se virar para a Raven. – Também o odeias?

A Raven acena com a cabeça.

– Sim – diz e olha-me pelo espelho retrovisor com o olhar disperso. – Odeio-te – murmura com a voz trémula.

A forma como o diz deixa-me magoado, uma dor fria espalha-se pelo meu peito. Sei que estão bêbedas, mas a Raven nunca me olhou assim.

– Então porquê, *Cupcake*?

Ela desvia o olhar e encosta a cabeça à da Sierra, ficando as duas aninhadas no banco de trás. Suspiro e mantenho-me atento à estrada enquanto conduzo para casa, confuso. A Raven e a Sierra são discretas e a última vez que as vi bêbedas ou de ressaca foi quando andavam na universidade. Por que raio beberam tanto hoje? E que mal é que eu fiz para merecer o ódio delas quando as fui buscar às três da manhã sem me queixar?

Sem pensar, estaciono em frente à minha casa e só quando elas saem do carro e se dirigem à minha porta é que percebo que as devia ter levado para a casa principal. Estúpido!

– Abre a porta! – ordena a Sierra com os olhos ainda a arder de raiva.

– Se abrir, deixas de estar chateada comigo? – nem me lembro da última vez que estive zangada comigo. Apesar de eu ser dez anos mais velho, sempre fomos chegados. Não percebo o que lhe deu hoje.

A Raven vem na minha direção e põe-me a mão no braço.

– Porque não nos deixas entrar? – pergunta com agonia na voz. Oh, caracas!

– Eu deixo, linda. Claro que deixo.

Abraço-a pela cintura e empurro-a para a porta, abrindo-a com a minha impressão digital. A Sierra olha-me de lado enquanto entra de rompante, descalça os sapatos e se dirige à cozinha.

– Anda – digo à Raven, mas ela abana a cabeça.

– Não quero andar – diz. – Leva-me ao colo.

Rio-me, surpreso com a voz e a expressão petulantes dela. A Raven nunca me pediu ajuda e nunca se mostrou mimada como agora. Acho-o enternecedor.

– Está bem, *Cupcake*.

Baixo-me e ponho-lhe uma mão por detrás dos joelhos, levantando-a nos meus braços. Ela ri-se e encosta a cabeça ao meu peito enquanto a levo para o sofá. A maneira como olha para mim... não há qualquer ódio no olhar dela, mas tenho a certeza de que era ódio o que vi no carro.

– Porque estão tão chateadas comigo hoje?

Deito-a suavemente no sofá e ela abana a cabeça.

– É segredo.

– Desde quando temos segredos?

A Raven ri-se num tom melodioso.

– Guardo segredos de ti há *anos*.

– Ai sim? Diz-me um.

Os olhos dela vagueiam pelo meu corpo, parando nas calças de fato de treino cinzentas que estou a usar.

– Sempre que te vejo com essas calças, penso como ficariam se estivesses com tesão. Será que se veem os contornos do teu pau?

Os meus olhos arregalam-se e tusso nervosamente. Não esperava que dissesse *isto*.

– Tu o quê?

A Raven encolhe os ombros e debruça-se para se descalçar, deixando o seu peito em destaque. Não está a usar sutiã. *Oh, caraças!* Saiu assim? É bom que os guarda-costas do Silas andem a fazer o trabalho deles.

– Não faças perguntas para as quais não queres ouvir a resposta – diz a cantarolar.

Desvio o olhar e aclaro a garganta.

– Vou ver da Sierra – digo-lhe e desapareço na direção que a minha irmã tomou. Sinto o coração aos pulos a caminho da cozinha. A Raven nunca foi inapropriada comigo. Nunca sequer me deu um sinal de que me vê como um homem. Que raio de comentário foi aquele sobre as minhas calças?

– Sierra? – chamo.

Suspiro quando encontro a minha irmã a dormir no chão da cozinha agarrada a um pedaço de queijo ao qual deu uma valente dentada. Que se passa com as minhas miúdas?

Continuo confuso ao levar a Sierra para o meu quarto. Mesmo a dormir, murmura que me odeia. Que fiz eu para merecer a ira delas? Tento pensar em algo que tenha feito ou dito nos últimos dias, mas não me ocorre nada.

Deito a Sierra cuidadosamente na minha cama e tapo-a antes de voltar para a sala, caminhando com hesitação. Sempre me senti tão confortável com a Raven, mas hoje sinto-me nervoso.

– Rave?

Encontro-a sentada no sofá de pernas cruzadas. Olha para cima quando ouve a minha voz e sorri.

– Ares.

A forma como diz o meu nome sempre foi diferente. Sempre foi sensual, mais ainda esta noite.

Bate com a mão no lugar ao lado do dela e eu abano a cabeça.

– Vamos dormir, linda.

– Não – diz ela com uma expressão petulante. – Senta-te.

Suspiro enquanto obedeço ao que me diz.

– Que se passa, Rave? Porque estás tão chateada hoje? Porque é que a Sierra insiste que me odeia?

Ela olha para mim e inclina a cabeça, notoriamente embriagada.

– Queres saber?

Anuo e ela sorri maliciosamente enquanto eleva os joelhos antes de se virar para mim. Antes de perceber o que se passa, a Raven sobe-me para o colo e põe as mãos nos meus ombros, sentando-se. Gemo disfarçadamente ao senti-la sentada nas minhas coxas e ponho as minhas mãos à volta da sua cintura.

– Que estás a fazer, *Cupcake*?

– Quero sentar-me aqui, Ares.

– Não podes.

– Eu sei, mas vou fazê-lo na mesma.

– Raven, quanto bebeste esta noite?

Ela aproxima-se e fico tenso. Está sentada mesmo em cima do meu pénis e, embora esteja a tentar, não consigo pensar em mais nada.

– Não o suficiente – responde. – Nunca tive a coragem de que precisava e acho que me vou arrepender sempre disso, sabes?

Nunca lhe vi um olhar tão atormentado. Sempre pensei que conhecia a Raven muito bem, mas percebo agora que ela tem uma profundidade na qual nunca reparei.

– Do que te vais arrepender?

Ela envolve o meu pescoço com os braços e desvia o olhar.

– Não ir atrás do homem que amo. Se o tivesse feito, será que as coisas seriam diferentes agora? Seria mais feliz?

As minhas mãos na sua cintura ficam mais firmes, o meu coração está a mil.

– Quem é ele? Estás a falar do Silas Sinclair?

Será que se arrepende de o ter deixado ir e de não ter lutado pela relação quando a Alanna voltou a entrar na vida dele?

A Raven ri-se.

– Oh, o *Silas* – diz. Odeio a forma como diz o nome dele. Odeio tudo naquele homem. – Não. O Silas e a Alanna ainda fazem parte da minha vida e adoro os dois de coração. Acho que gosto ainda mais da Alanna do que do Silas, sabes? Ela é doida, no bom sentido.

Observo o seu rosto, tentando decifrá-lo.

– Então, quem é ele?

Ela olha-me nos olhos e abana a cabeça.

– Não ias acreditar em mim se te dissesse.

– Alguém que conheço, então. Não me digas que é um dos meus irmãos? O Lexington?

Ela ri-se com entusiasmo.

– Devo comer o teu irmão, Ares? – pergunta enquanto gira as ancas no meu colo. Porra!

– Se tens amor à vida, não vais fazer uma coisa dessas.

Aperto-lhe a cintura para que pare de se mexer, mas é tarde demais. Sinto o pénis endurecer e só espero que ela esteja tão bêbeda que não perceba que me está a excitar.

– Vá! – digo entredentes. – Tens de ir dormir. Bebeste demais e vais arrepender-te das tuas ações amanhã.

– Não vou, não – diz-me. – As únicas coisas de que me arrependo são as que não fiz.

Olha para mim e passeia uma mão pelo meu cabelo, os dedos dela percorrem-no suavemente antes de o apertar. A sua boca está tão próxima da minha que podia inclinar-me e beijá-la.

Desvio o olhar e ela ri-se.

– Que estás a fazer, Rave?

– Algo que não devia.

Move-se no meu colo e um gemido suave escapa-lhe dos lábios quando posiciona o meu pénis entre as pernas.

– Isto tem de parar – insisto. – Não importa quão bêbeda estás, Rave. Isto não está certo. Sou o noivo da tua irmã, por amor de Deus.

– Sim – diz ela –, mas devias ter sido o *meu*.

Olho-a surpreso. Sim. Se a Hannah não me tivesse implorado que falasse com a minha avó, a mulher com quem me casaria seria a Raven.

Ela sorri e percorre o meu peito com os dedos, agarrando a ponta da *t-shirt* com a mão em punho.

– Quero esta *t-shirt*, Ares. Pode ser?

Olho para a mão dela, pasmado.

– O quê? Porquê?

Ela ri-se e com a mão alcança as costas, desapertando o fecho do vestido num movimento fluido. Puxa-o e fica com o vestido na cintura.

– Caraças, Raven! – entro em pânico. Não está a usar sutiã e eu *não* devia estar a vê-la seminua. Pego na parte de cima do vestido e tapo-a. – *Cupcake*, estás a testar a minha paciência esta noite. Estou a tentar ser paciente e meigo, mas estás a levar as coisas longe demais.

Ela revira os olhos.

– Oh, Ares! Sabes quantas pessoas já me viram nua? Relaxa. Antes de qualquer desfile ando pelos bastidores nua ou quase nua. Está tudo bem.

Cerro os dentes ao ouvir isto.

– E sentas-te assim no colo das pessoas, Rave? Sabes bem o que estás a fazer.

Ela sorri para mim.

– Devo ir procurar outro colo para me sentar? Devia ter ido para casa com o John, se calhar.

– John? O teu agente saiu contigo?

Ela anui.

– Devia tê-lo deixado levar-me a casa.

– E o que teria acontecido então, Rave? – pergunto com medo da resposta.

– Não sei. Acho que teria uns quantos orgasmos e uma noite bem passada.

Largo o vestido e deixo que desça até à cintura enquanto a agarro pelos cabelos e lhe puxo a cabeça na minha direção.

– Que raio se passa contigo, Rave? Foste bem-comportada a vida toda e agora queres andar por aí a comer homens? Que raio se passa?

Ela sorri e desliza as mãos por baixo da minha *t-shirt*, os dedos percorrendo os meus abdominais.

– Pedi-te a tua *t-shirt*, Ares. Não pedi para me comeres..., mas tendo em conta como estás excitado, suspeito que gostavas.

– Se te der a minha *t-shirt*, vais dormir?

Ela assente.

– Muito bem, Rave. Dou-te a *t-shirt*, mas isto acaba aqui. Para de me provocar. Não sei o que te deu, mas tudo nisto é inapropriado e, conhecendo-te, vais arrepender-te amanhã de manhã.

A Raven ri-se enquanto pega no vestido e o tira por cima da cabeça, deixando-o cair no chão.

– Foda-se! Tu estás nua! Por que raio não estás a usar roupa interior, Raven? Foda-se!

Isto... isto não... isto é errado de muitas maneiras, não posso ter a irmã da minha noiva nua no meu colo. Que raio estou a fazer?

– Não gosto de roupa interior – responde simplesmente. O meu olhar percorre-lhe o corpo perfeito e gemo audivelmente, o meu pénis latejante. Estou a tentar ao máximo controlar os meus pensamentos, mas *caraças*! Ela é tão linda! Os mamilos dela são escuros e eretos, um contraste perfeito com a sua pele. Cada centímetro dela é lindo, até as longas pernas que me prendem. Depois, a vulva nua, sentada mesmo em cima do meu pénis. Ai, *caraças*!

Desvio o olhar dela, agarro a minha *t-shirt* com os dedos e dispo-a num

movimento suave.

– Vá lá – digo-lhe –, veste isto.

Ela estica os braços para cima e suspiro enquanto lhe visto a *t-shirt* pela cabeça e lhe puxo as mãos, esforçando-me ao máximo para não lhe tocar sem necessidade.

– É hora de ir dormir – aviso-a.

Parece desapontada, mas anui.

– Não há sequer um bocadinho de ti que me queira? – a voz dela é meiga, num tom de súplica, e os seus olhos enchem-se de uma emoção que não consigo descrever.

– Não – minto-lhe. – A fricção de te esfregares em cima de mim deu-me tesão, sim, mas não te desejo, Raven. Nunca te vou desejar. Não sei o que se está a passar na tua cabeça, mas tens de parar. Imaginas o quanto as tuas ações desta noite magoariam a tua irmã? Porra, magoam-me a *mim*, Rave!

Ela fica estática e acena com a cabeça, afastando o olhar. O meu coração para quando uma lágrima lhe escorre pela face e arrependo-me imediatamente das minhas palavras. Fico de coração partido ao ouvi-la choramingar.

– Oh, *Cupcake*. Desculpa. Desculpa. Não era o que queria dizer, não era mesmo.

– Não – diz ela –, eu é que peço desculpa, Ares. Eu só... pensei... Desculpa. Tenho... tenho de ir.

Agarro-a pela cintura e puxo-a para mim, abraçando-a e encostando a sua cara contra o meu pescoço.

– Não vais a lado nenhum, *Cupcake*. Não esta noite. Está tudo bem, Rave. Todos nós já tivemos uma noite parva de bebedeira e é só isso. Desculpa.

– Desculpa-me também – murmura. – Eu devia saber. É claro que nunca me ias desejar. Não queres ninguém além da Hannah.

Abraço-a com força, o meu coração destroçado. Merda! Esta noite foi uma grande trapalhada. Não sei o que lhe deu e, apesar de não dever, sinto-me aliviado por ter sido eu a assistir a isto. Se fosse outro homem, que poderia ter acontecido?

– Vá, *Cupcake*. Vamos dormir. – Mantenho-a nos meus braços e deito-nos no sofá, eu de barriga para cima e ela aninhada em mim. – Dorme, Rave. Amanhã esquecemo-nos de que isto aconteceu. Suspeito que tenhas bebido tanto que nem te vais lembrar. Vamos só adormecer, está bem?

Ela anui e aninha-se mais, mas mesmo tendo-a tão perto sinto que a estou a perder. Não podia ter dito outra coisa, mas arrependo-me muito do que disse. Espero que esta noite não tenha mudado as coisas entre nós, mas, no fundo, sei que mudou.

Nove

Raven

Raven?

Franzo a testa ao ouvir a voz da avó Anne atrás de mim e aninho-me, sem vontade de acordar.

– Ares?

A confusão na minha mente começa a dissipar-se e gelo quando percebo que tenho um braço forte à minha volta. Fragmentos da noite passada passam-me pela memória como um murro no estômago. Oh não!

Viro-me no abraço do Ares, acordando-o, e ele pestaneja devagar, os seus olhos encontrando os meus enquanto sorri, sonolento.

– Bom dia, bebedolas – diz.

O sorriso dele apaga-se assim que olha à sua volta e eu fecho os olhos, envergonhada.

– Avó! – exclama, a voz dele tingida de horror. Sinto o seu abraço enfraquecer.

– Que estás aqui a fazer?

O Ares senta-se e puxa-me com ele, mantendo o braço à minha volta. Hesito em levantar o rosto, bastante consciente do que isto parece. O meu vestido está no chão, o Ares só tem as calças vestidas e eu estou a usar a *t-shirt* dele.

A expressão da avó Anne é ilegível.

– Noite em cheio? – pergunta e eu respondo que sim com a cabeça.

– A Sierra e eu... ah... bebemos demais e o Ares teve de tomar conta de nós.

Não consigo encará-lo, não depois do que fiz na noite passada. A forma como o assediei! Tenho a certeza de que estará furioso e devo ter provocado danos irreparáveis na nossa amizade, para quê?

– Onde está a Sierra?

O Ares pigarreia. Será que sabe que ainda tem o braço à minha volta?

– Na minha cama. É melhor deixá-la dormir mais um pouco, ela bebeu mesmo muito.

A avó anui.

– E que tal vocês também descansarem mais? Estão com um ar tão... desganhado. Vou pedir que tragam pequeno-almoço para vocês os três mais tarde. Podem aquecê-lo quando a Sierra acordar.

A tensão paira no ar quando a avó Anne se afasta com um sorriso doce.

– Também devo ir – digo assim que a porta se fecha. Levanto-me nervosa e apanho a minha roupa do chão, mergulhada em vergonha.

– Espera – diz-me ele e viro-me para o encarar, o coração quase a sair-me do peito. – Anda cá, Raven – ordena e eu aproximo-me dele, hesitante, parando à sua frente, as pernas dele ladeando-me. Ele inclina-se para trás e estica os braços ao longo do encosto do sofá, o olhar cravado em mim. Não o via assim há anos, de tronco nu, com os abdominais e o peito à mostra. Não percebe a vista que me está a proporcionar?

– Como te sentes, Rave? Nunca te tinha visto tão bêbeda como ontem. Consegues sequer lembrar-te de metade das coisas que fizeste?

Fecho os olhos e aceno que sim.

– Ares – suspiro –, desculpa. Não há nada que possa dizer para apagar como te tratei ontem à noite. Estou muito envergonhada do que fiz e nem consigo imaginar como deves estar zangado comigo. Peço-te mesmo muita desculpa. Não sei o que me passou pela cabeça. Nunca devia... não acredito que...

Ele agarra-me a mão e puxa-me para ele.

– Não te sentes tão confiante hoje, pois não? Ontem à noite estavas muito entretida, sentada no meu colo, a exigires vestir a minha *t-shirt*, a despires-te.

Sento-me ao lado dele e envolvo-me nos meus braços.

– Precisas mesmo de me relembrar disso? – pergunto, mortificada.

Ele graceja.

– Tudo bem, Rave. Não estou zangado, estou só confuso. Nunca te comportaste assim, pelo menos ao pé de mim. Que se passa contigo? – passa uma mão pelo cabelo e desvia o olhar. – Quer dizer, eu percebo a ideia de apanhar uma bebedeira e querer ir para casa com alguém, a adrenalina, essa descompressão. Mas isso não é nada teu.

Rio-me.

– Não me conheces tão bem quanto pensas, Ares – digo, usando a desculpa que me proporcionou. – Há algum tempo que não vou para a cama com alguém e estava a precisar. Qualquer pessoa teria servido.

Ele semicerra os olhos enquanto me encara.

– Isto é frequente? Apanhares uma bebedeira destas? Teres casos de uma noite?

Franzo os lábios, incapaz de lhe devolver o olhar.

– Que é que isso interessa? Sou adulta, Ares. Sei o que faço. Não preciso de sermões teus.

– Raven, tens de ter cuidado. Não podes deixar que qualquer um se aproxime de ti. Que nunca te passe pela cabeça ires para casa com alguém que não conheces, estás a ouvir? Não é seguro para nenhuma mulher, quanto mais para ti. Tu és o objeto de desejo de tantos homens. Sabe-se lá o que esses tarados podem estar a fantasiar quando colecionam fotografias tuas! Eu leio os comentários nas tuas publicações. Não é seguro.

Aperto os braços ao meu redor, sem saber o que dizer.

– Vais contar à Hannah o que se passou?

Ele suspira e encosta a cabeça ao sofá com os olhos fixados no teto.

– Como é que lhe digo que tive a irmã dela nua ao meu colo? Sei que não tinhas más intenções e que estavas apenas bêbeda, mas a Hannah não ia perceber isso. É melhor não lhe dizer nada. Também tenho a minha quota de momentos

vergonhosos de bêbedo. Tens direito à tua. Só quero que me prometas que não voltas a fazer isto.

– Desculpa – digo-lhe. – Nunca mais olho para ti desta forma. Não me aproximarei de ti. Vou manter-me longe.

– Não – ele exclama, o olhar a dardejar de pânico –, *não* é isso que quero dizer. Quero que me prometas que não te vais embebedar a ponto de perderes o controlo do que estás a dizer e a fazer. Percebes como teria sido fácil abusar de ti ontem à noite? Tive-te nua nos meus braços, Rave! Percebes como teria sido fácil afastar as calças e penetrar-te? Podia ter-te deitado neste sofá e comido à bruta sem que o pudesses evitar. Não te apanhes sozinha com um homem que não te respeite, com alguém que seja capaz de abusar de ti quando não estás a pensar claramente.

Coro ao ouvir as palavras dele. Será que se sentiu tentado, mesmo só por um momento?

– Eu sei – murmuro. – Desculpa, Ares. Não volta a acontecer.

– É melhor que não. Comigo e muito menos com qualquer outro homem.

Digo que sim com a cabeça.

– Não volta a acontecer – prometo. Nem acredito que me comportei assim. Durante anos, consegui esconder os meus sentimentos por ele, até ontem à noite. É bom que ele pense que foi só uma bebedeira, porque as minhas ações podiam ter destruído a nossa amizade para sempre. – Peço-te mesmo muita desculpa, Ares. Nem sei o que te dizer, além de que estou arrependida e cheia de remorsos.

Ele sorri e inclina-se para me pôr uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Está tudo bem, Rave. Vamos esquecer que aconteceu.

Anuo e levanto-me.

– Tenho de ir – digo-lhe. Preciso de tempo sozinha para apanhar os cacos das minhas esperanças esfarrapadas. Ainda ouço as palavras dele na minha cabeça. *Não te desejo, Raven. Nunca te vou desejar.*

Sempre o soube, mas uma pequena parte de mim pensava que o podia fazer mudar de ideias. Talvez seja convencida, mas pensei que ele ia ceder se eu desse o primeiro passo, que não seria capaz de me resistir. Devia ter mais juízo.

– Quem é ele? – pergunta. Viro-me, surpresa e confusa. – Quem é o homem de quem estavas a falar ontem? Disseste que te arrependias de não teres ido atrás do homem que amas e agora, outra vez, tens uma expressão de pura tristeza. Quem é ele?

Sorrio-lhe e abano a cabeça.

– Conversa de bêbeda, Ares. Não há nenhum homem.

– *In vino veritas* – diz-me. *No vinho está a verdade.* Sim, é verdade. Quase revelei todos os meus segredos porque bebi demais.

– Está bem – admito –, mas não quero falar sobre isso.

– Quem quer que ele seja, não o tentes esquecer a comer outros homens. Não funciona e, no teu caso, vai virar-se contra ti. És demasiado famosa, é demasiado fácil seres apanhada num escândalo. Não arrisques a tua reputação por um palerma que não vê o que tem.

Rio-me com prazer.

– Sim – concordo –, estou farta. Estou farta de o querer, de ter esperança de

que um dia possa ter uma oportunidade. É tempo de seguir em frente.

Ele anui hesitantemente e questiono-me se, pelo menos, uma pequena parte dele percebe sobre quem estou a falar. Pela forma como me comportei ontem à noite, acho que deve pelo menos suspeitar, não?

– Vá – diz. – Veste-te e levo-te a casa.

Dez Raven

Dói-me o coração ao tirar o vestido de noiva da minha irmã do cabide. É lindo e vai ficar-lhe maravilhosamente. Cada segundo que passei a desenhá-lo e a costurá-lo foi uma tortura, um lembrete de que o meu amor não correspondido termina aqui. Felizmente, parece que o Ares não contou à Hannah o que se passou e já esqueceu o assunto. Pensei que tinha destruído a nossa amizade, mas, em vez disso, ele envia-me mais mensagens do que nunca. Parece preocupado, o que é ridículo visto que é ele a origem da minha agonia.

Passo a ponta dos dedos pelo contorno do vestido, o meu coração oco. Desenhei-lhe um modelo de sereia com uma cauda que aperta à volta da cintura, basicamente estou a dar-lhe dois vestidos em um. Imagino a reação do Ares ao vê-la caminhar até ao altar assim vestida. Não será capaz de desviar os olhos dela, e eu estarei a assistir, a vê-lo olhar para ela como sempre quis que olhasse para *mim*.

– Raven!

Viro-me para a porta ao ouvir a voz da minha irmã e forço-me a sorrir.

– Pronta para a última prova do teu vestido?

Ela anui, com um olhar maravilhado a percorrer o vestido.

– É lindo! Há algo que não consigas fazer?

Sorrio-lhe apesar da dor que sinto.

– Vamos ver se assenta bem. Posso fazer os ajustes finais na noite antes do casamento para termos a certeza de que ficará perfeito, mas duvido que o teu peso se altere nestas duas semanas.

Ela acena com a cabeça e tira-me o vestido das mãos, desaparecendo para um provador onde duas assistentes a esperam. Questiono-me se algum dia vou fazer a prova do vestido dos meus sonhos. Não me imagino a encontrar alguém com quem queira mesmo casar.

A Hannah regressa, a parecer a superestrela que é e, desta vez, sorrio com sinceridade. Está linda, e vê-la com uma das minhas melhores criações é surreal.

– Uau! – murmuro.

A Hannah sorri e vira-se para mim.

– É perfeito, Rave. Adoro-o!

Vira-se para o espelho e inspeciona o vestido cuidadosamente.

– Já decidiste se levas acompanhante ao casamento? Não te esqueças do acordo de confidencialidade. Ninguém pode saber exatamente para o que está a ser convidado até ao dia do casamento, caso contrário teremos *paparazzi* por todo o

lado.

– Eu sei – recordo-a. – Não te preocupes, não levo ninguém. O dia do casamento é o teu dia e quero estar totalmente disponível para ti. Não o poderei fazer se tiver um acompanhante. Além disso, não ando com ninguém.

Devido à popularidade da Hannah, o casamento tem sido mantido no segredo dos deuses. Nem os amigos mais próximos sabem que a festa para a qual estão a ser convidados é, na verdade, o *casamento* dela. A probabilidade de alguém espalhar a notícia é grande, e não há guarda-costas suficientes no mundo para afastar a imprensa caso ficassem a saber do casamento entre o CEO de uma das maiores empresas de média e uma atriz famosa.

– Talvez seja bom que não andes com ninguém – diz, distraída. – Tens essa sorte, acho. Aproveita para seres solteira o máximo que puderes. Eu não tive esse luxo durante muito tempo.

Luxo. Rio-me jocosamente, endireitando a postura. Daria tudo para trocar de lugar com ela.

– Está tudo bem? – pergunto, forçando-me a permanecer meiga e calma. Ultimamente, quase sinto a amargura na língua de tão intensa que é, mas não posso mostrá-la.

– Não sei – diz com um tom suave. – Ultimamente, eu e o Ares só discutimos. Parece que já nem somos amigos, é uma loucura irmos casar. Às vezes penso se as coisas seriam diferentes se o Ares não tivesse sido o meu primeiro namorado. Não tive nenhuma relação séria antes dele e, por isso, sempre parecemos algo ainda em construção. Às vezes penso como teria sido se nos tivéssemos conhecido depois de eu ter tido outras relações. Se tivesse aprendido algumas lições antes de nos termos juntado, será que as coisas seriam mais fáceis?

Pestanejo, surpresa, sem saber que dizer. O Ares e a Hannah sempre me pareceram um casal perfeito. Nunca notei que tivessem problemas, mas até faz sentido que tenham, acho eu.

– Há uma certa beleza em crescer juntos, Han. Ver tudo o que conquistaram em conjunto, onde chegaram... é algo admirável e invejável. Talvez as coisas pudessem ter sido diferentes, mas não foram, e vocês fizeram o melhor com o que vos foi dado.

Ela anui e encara-me com uma expressão vulnerável.

– Talvez, Rave. Mas não tenho a certeza, sabes? Tem sido tão difícil. Os Windsors têm tantas regras para o casamento. Sabias que eu e o Ares não podemos passar mais do que três noites consecutivas separados durante os três primeiros anos de casamento? É de loucos, mas se não o cumprirmos, o Ares perde a herança. Eles são muito diferentes de nós. Quando eu era mais nova, pensava que eram maravilhosos. Parecia que estava a casar com um membro da realeza, mas agora? Agora é sufocante e exerce demasiada pressão na minha relação com o Ares e na *minha* carreira. Não posso parar de trabalhar durante um ano e o Ares nem sempre me pode acompanhar em viagem. Como é que vamos conseguir cumprir a regra das três noites? – Ajeita o cabelo e suspira. – Imagino que não consigas compreender. É uma pena que não tenhas talento para ser atriz... – faz uma pausa –, mas, por outro lado, é também uma bênção. A tua vida é tão... agradável. Tens

a tua carreira de modelo e o prestígio que te dá, mas continuas com tempo livre suficiente para te dedicares à tua empresa. A minha carreira é demasiado exigente para poder fazer isso. Nunca consegui ajudar a mãe com a Dreamessence. É suposto geri-la em conjunto com o Ares depois da fusão, mas onde é que vou encontrar tempo para isso?

Olho para a minha irmã com o coração destroçado. Não tenho talento... ela sabe que não é verdade. Desisti de ser atriz muito cedo quando ela começou a ficar ansiosa por ter de competir comigo. Ela pediu-mo, disse-me que ia odiar termos de disputar papéis e que a representação era a *sua* carreira, e eu desisti. Nunca foi uma questão de talento. Pelo menos no princípio.

– Tenho a certeza de que a questão das três noites é negociável, Han – acabo por dizer, extenuada. Hoje não tenho forças para me defender. – Fala com a avó Anne.

Ela levanta as mãos ao ar e suspira.

– Achas que não tentei? Ela não cede. A avó não quer sequer que eu trabalhe. Quanto mais próximos estamos do casamento, mais dúvidas tenho.

Inspiro profundamente e obrigo-me a olhar a minha irmã nos olhos.

– Tu amas o Ares, certo?

Ela anui.

– Com todo o meu coração.

– Então vai correr tudo bem, Han. Sei que estar com ele implica sacrifícios da tua parte, e imagino que para ele também. Há anos que não lhe é permitido assumir a vossa relação por causa da tua carreira. Isso também não deve ser fácil para ele. Deve haver tantas coisas que queria fazer contigo e que não pode. É a tua vez de fazer sacrifícios. Não é isso o casamento? Compromisso.

Ela assente e vira-se para o espelho, o olhar percorrendo novamente o vestido.

– Sim, acho que sim. A pior parte é o Ares ser tão perfeito. Todos os problemas têm origem em *mim*. Eu sei que ele merece *tudo*, mas é-me difícil pôr de lado o meu ego e as minhas ambições. Um ano é o suficiente para as pessoas se esquecerem de mim. Imagina três anos!

Rio-me e abano a cabeça.

– Tu és a Hannah Du Pont. É impossível alguém esquecer-te, Han. Podias tirar dez anos sabáticos e isso não teria qualquer importância.

Ela sorri-me.

– Obrigada, Rave. – diz num tom meigo. – Estava a precisar disto. Precisava de falar com alguém que não me julgasse por ser egoísta, precisava de dizer estas coisas.

Devolvo-lhe o sorriso.

– Vai correr tudo bem, mana. Em duas semanas, vais ser a noiva mais bonita que alguém já viu e, em breve, essas dúvidas serão só uma memória distante.

Olha para mim com uma ponta de incerteza.

– Vais estar ao meu lado, não vais?

– Sempre – prometo. Estarei sempre lá para ela, mesmo que isso me rasgue o coração vezes sem conta.

Onze

Ares

Sei que estou a sonhar quando a vejo a sorrir-me tão inocentemente, o corpo dela colado ao meu. Há anos que tenho este sonho. Ela está sempre a usar o vestido vermelho que usou na festa dos 21 anos da Sierra.

É tão curto que lhe expõe o rabo firme quando se debruça e tão apertado na zona do peito que mal consegue conter o seu corpo sensual.

– Ares – ela implora –, *por favor*.

Há anos que não a vejo tão tímida.

– Não sabes o que me estás a pedir, Raven – suspiro, a minha mão a acariciar-lhe a cabeça. Agarro-lhe o cabelo virando-lhe a cara para mim.

O peito dela sobe e desce rapidamente, as pupilas estão ligeiramente dilatadas. A respiração ofegante denuncia o desejo que sente. Parece que me pede em silêncio que a beije, que lhe manche o batom vermelho que está a usar.

– Eu sei *exatamente* o que estou a pedir, Ares.

Sinto-me latejar dentro das calças. Viro-nos, pondo-a contra a parede.

– Nem sequer devias estar aqui. És demasiado nova. Demasiado inocente. Que achas que estás a fazer?

Ela sorri-me e passeia a mão pelo meu peito devagar, até que me envolve o pescoço com os braços.

– Não sou tão inocente como pensas.

Semicerro os olhos e aproximo-me mais, deixando-a sem saída, o meu corpo pressionado contra o dela.

– O que é que isso significa? – com as costas da mão, acaricio-lhe a cara com um toque possessivo. – Não é a primeira vez que invades o quarto de um homem a altas horas da noite?

Ela olha para a esquerda e ri-se.

– Não.

Sorrio-lhe e volto a acariciar-lhe o cabelo. Quero-a desesperadamente. Toda a noite me olhou como que pedindo que a agarrasse e comesse, mas nunca pensei que verbalizasse o seu desejo.

– Mentirosa – murmuro, aproximando-me ainda mais, os meus lábios

sobre os dela. – Sabes que odeio que me mintam, Raven. Não me faças castigar-te.

Ela inclina ligeiramente a cabeça, os lábios a roçar hesitantemente nos meus.

– Castiga-me, Ares. Imploro-te – murmura.

Gemo e encosto os meus lábios aos dela com força. Quero prová-los há mais tempo do que me atrevo a admitir, e este beijo é ainda melhor do que imaginei. A Raven põe-se em bicos de pés, as mãos dela a acariciar-me o pescoço de forma tímida, até que as sinto no meu cabelo. Geme contra a minha boca e aprofundo o nosso beijo, forçando-a a abrir os lábios.

Céus! Sabe a *whisky* e a pecado. A língua dela enrola-se na minha e a maneira como me beija faz latejar o meu pau. Preciso de descobrir se a língua dela é tão hábil quando o enfiar na sua boca deliciosa.

– Raven – gemo, afastando-me dela. Sinto a cabeça à roda, ambos bebemos demais. Mal consigo pensar quando lhe mordo o lábio, quero mais. – Temos de parar – murmuro, sabendo que é a coisa certa a fazer. Os meus lábios descem para o pescoço dela e suspira quando a beijo abaixo da orelha. – És a melhor amiga da minha irmã mais nova – murmuro.

Ela olha-me nos olhos com algum do desejo a dissipar-se.

– É só isso que sou para ti?

Aperto-a e abano a cabeça.

– Não – admito. – Mas sou dez anos mais velho do que tu. Isto... é errado. É muito cedo.

– *Não* – murmura contra os meus lábios. – Não seria tão bom se fosse errado, Ares.

Percorre-me o corpo com as mãos e fecho os olhos quando as sinto nas calças. Os dedos dela acariciam-me, por cima dos *boxers*, e quase perco a cabeça. Preciso tanto de estar dentro dela!

Afasto-me o suficiente para a encarar e vejo o meu desejo espelhado no seu olhar. Quer tanto isto quanto eu. Os meus dedos enrolam-se na bainha do vestido e ela morde o lábio quando o puxo para cima.

– Não há volta a dar, Raven. Se nos comermos esta noite, és minha. *Para sempre*.

Levanta os braços com um sorriso sensual, esperando que lhe dispa o vestido.

– Já sou tua, Ares.

Mordo o lábio enquanto a dispo vagarosamente, o meu coração bate como nunca bateu antes. Preciso dela com um desespero que nunca senti, mas tenho medo de arruinar tudo. Se vamos fazer isto, quero que seja perfeito.

– És tão bonita. – gemo quando o vestido desce e lhe deixa o peito nu, expondo os mamilos. – Não sabes quantas vezes fantasiei contigo. Pode

parecer estranho, eu sei, mas sempre te quis.

O vestido cai no chão, deixando-a apenas em roupa interior. Cruza os braços sobre o peito, escondendo-se de mim.

– Não, não te escondas de mim, meu amor – Baixo-me para a tomar nos braços, o meu toque gentil enquanto a carrego para a cama. Deito-a com cuidado e dou um passo atrás para tirar a *t-shirt*.

A maneira como me olha dá-me tanto tesão. Merda! Estou quase a vir-me e ainda só a beijei.

Sinto-me estranhamente nervoso enquanto ponho um joelho entre as pernas dela e me inclino sobre ela.

– Diz-me... já fizeste amor com alguém? Quero que sejas honesta comigo. A última coisa que quero é magoar-te, Rave.

Ela hesita e, depois, abana a cabeça.

– Foda-se – gemo. Esta mulher é tão linda... a minha suposta noiva. Nem ela nem eu falámos sobre o acordo entre a minha avó e os pais dela, mas ambos sabemos que é inevitável. Será a minha esposa dentro de alguns anos.

A Raven dirige a mão para a fivela do meu cinto e abre-a com as mãos a tremer.

– Posso ser inexperiente, mas quero isto, Ares. *Por favor.*

Sorrio-lhe enquanto a empurro para poder tirar as minhas calças de ganga. Ela sorri e põe-se de joelhos, puxando-me a cintura dos *boxers*.

Rio-me e mergulho as minhas mãos no cabelo dela.

– Queres que tire os *boxers*? Tens de ser tu a despi-los.

Aperto as mãos no cabelo dela e puxo-lhe a cabeça para mais perto de mim, quase não consigo conter o meu desejo. Tem sido impossível resistir-lhe.

– Não penses que não o faço – provoca-me, os lábios dela a roçarem os meus enquanto passeia os dedos pelo contorno do meu falo. Preciso das mãos dela em mim!

Os dedos dela entram pelos *boxers* e fecho os olhos quando ela me agarra o pénis com força, movendo a mão para cima e para baixo.

– Ares – sussurra –, isto... é tão grande, será que vai conseguir entrar?

Sorrio perante a sua expressão de pânico.

– Vai, sim. Prometo-te. Vou deixar-te tão molhada que só vai custar durante um segundo. Assim que te penetrar, vais implorar por mais.

Ela ri-se e puxa-me os *boxers* para baixo. Aquele olhar dela... É linda!

– Preciso de ti – sussurro, e os meus lábios encontram os seus.

A Raven geme contra a minha boca e eu passo-me quando a deito na minha cama, o meu corpo em cima do dela. Tenho a cabeça à roda e gemo. Bebi demais esta noite.

– Rave – murmuro, afastando relutantemente os meus lábios dos dela –,

talvez devêssemos esperar. Bebemos demasiado. Não quero que a tua primeira vez seja uma desgraça de bêbedos.

Ela abana a cabeça, os olhos marejados.

– Por favor, não me rejeites, Ares – sussurra. – Não posso, eu...

Calo-a com um beijo e encaixo-me entre as pernas dela, os nossos corpos separados apenas pelas suas cuecas. Gemo contra os seus lábios e recuso-me a esperar mais.

– Quero-te tanto, Raven. Nunca, nem que seja só por um instante, penses que não. Mal consigo estar longe de ti quando estamos os dois no mesmo sítio. Vou querer-te sempre.

Ela olha-me nos olhos e sorri, uma pitada de descrença na sua expressão. Ficamos assim, a olharmo-nos um ao outro enquanto lhe percorro o corpo com os dedos e a toco por baixo das cuecas.

– Tão suave – murmuro. – Estavas pronta para mim.

Ela anui.

– *Quero-te* há mais tempo do que imaginas.

Rio-me e prendo-lhe o lábio inferior entre os meus dentes. Isto é surreal! A Raven geme e inclina a cabeça, pedindo-me que a beije, e eu obedeço.

O meu dedo indicador desaparece dentro dela com facilidade e gemo quando percebo quão molhada está.

Afasto-me dela e ponho-me de joelhos, os meus dedos enrolados na cintura das cuecas.

– Levanta as ancas para mim.

Ela obedece e puxo as cuecas impacientemente antes de me deitar outra vez em cima dela.

– Preciso de te ver – digo-lhe. – Quero lembrar-me para sempre da primeira vez que te fiz vir.

Ela sorri tão timidamente que sinto o coração descompassado, apesar de ter a cabeça a pulsar. Sim, vou lembrar-me disto para sempre.

Volto a percorrê-la entre as pernas com os meus dedos e penetro-a com dois enquanto o meu polegar lhe acaricia o clitóris.

– Diz-me do que gostas. Diz-me como te fazes vir.

Ela sorri.

– Normalmente, é a pensar em ti.

Porra! Gemo alto e mordo os lábios com força. Quase me venho só de imaginá-la a masturbar-se e a pensar em mim. Como vou conseguir que a primeira vez dela seja especial quando estou tão desesperado?

– Ia ser paciente contigo – sussurro, enquanto pressiono os dedos contra o seu ponto G, fazendo-a gemer –, mas estás a pôr-me doido e sabes disso, não sabes?

Acaricio-lhe o clitóris enquanto lhe pressiono o ponto G, o meu toque

bruto e implacável.

– Ares – diz a gemer –, oh, meu Deus, Ares.

Ouvi-la gemer é tão bom. Podia vir-me só de a ouvir. A Raven entreabre a boca e olha-me nos olhos enquanto espasma de prazer, sinto os meus dedos dentro dela a serem apertados vigorosamente.

– Ares – geme novamente enquanto se vem, e é a coisa mais bonita que já vi. Uma vez e estou completamente viciado. Nem acredito que vai ser minha para o resto das nossas vidas.

Observo-a a relaxar depois do êxtase, tem um sorriso brilhante.

– És tão bonita – murmuro. – Sabias que me apaixonei perdidamente quando te vi hoje?

Ela abre os olhos e eu sorrio, pressionando o meu sexo contra ela.

– Olha para mim. Diz-me que queres isto, Raven. Não quero... não quero que percas a virgindade se não tiveres a certeza. Tu e eu... os nossos futuros estão ligados para sempre, mas ainda não estamos casados. – Queria dizer-lhe que percebo que queira ter uma vida antes de mim, mas não consigo. Não consigo. Quero ser o primeiro e único.

– Sempre foste o único que quero e vou querer – promete, e penetro-a devagar. Ela geme, os olhos bem abertos, ajustando-se ao meu tamanho. – Dói – suspira. – Depressa, por favor.

Mordo o lábio com força enquanto a penetro profundamente, um gemido de dor escapa-lhe dos lábios.

– Isto é tão bom – gemo, a minha testa contra a dela. Ela é viciante, quente e macia, envolve-me o pau na perfeição. Tento manter-me imóvel para que se habitue. Tenho medo de me mexer, de a magoar.

Afasto-me um pouco para a poder observar, inclinado sobre um braço enquanto a outra mão lhe acaricia a cara.

– Casa comigo – suspiro. – Sei que a minha avó e os teus pais já o decidiram, mas nós nunca falámos sobre isso. Raven, queres casar comigo?

– Ares – suspira, a voz cada vez mais distante, e eu emito um gemido.

– Não – imploro, não quero que isto acabe, mas sou incapaz de me manter no sonho. – Merda!

– Ares?

Sento-me em choque e olho ao redor do meu quarto, deparando com a minha avó. Está junto à minha cama de braços cruzados.

– Estás atrasado para o nosso pequeno-almoço – diz. – Como nunca te atrasas, vim ver o que se passava.

Agarro no telemóvel e franzo a testa. Não acordei com nenhum dos despertadores. Como é que isto aconteceu? Raios!

– Desculpa, avó – digo-lhe. – Dá-me só um minuto para me arranjar, pode ser? Vou ter contigo lá abaixo.

Ela encara-me por um momento, mas depois anui e afasta-se. Volto a

deitar-me assim que a porta se fecha e esfrego a cara com as mãos.

Este sonho outra vez. Há anos que me atormenta. Posso não me lembrar de muito da festa dos 21 anos da Sierra, mas lembro-me da manhã seguinte. Não foi com a Raven que acordei. Foi com a Hannah.

Doze

Ares

Agarro no telemóvel com força, a minha raiva a vir ao de cima.

–Tu sabes o quanto a avó se importa com os nossos jantares semanais! Como assim, não podes vir? – pergunto à Hannah.

– Desculpa, Ares. Estou presa numa reunião – soa constrangida, mas não me parece que esteja.

– Ficas presa numa reunião todas as semanas, Han. Estou farto de inventar desculpas por ti! – É óbvio que a minha avó não anda contente com a Hannah. Deixou-o bastante claro no nosso pequeno-almoço desta semana, e estou farto de a defender.

Não tem demonstrado interesse no nosso casamento e recusa-se a passar tempo com a minha avó. A família é importante para mim e é a única coisa em que preciso que estejamos de acordo. Mas não estamos. O mais importante para a Hannah é a carreira dela e temo que isso não mude depois do casamento.

– Só podes estar a brincar, Ares! Já estou a sacrificar muita coisa ao casar-me contigo. Sabes quantos papéis tive de recusar porque não encaixam nas nossas agendas? Não podes ser mais compreensivo comigo?

Cerro os dentes e passo uma mão pelo cabelo.

– Como é que posso ser ainda mais compreensivo, Han? Concordei em manter a nossa relação secreta durante *anos* para não seres acusada de nepotismo pelos teus colegas ou teres de ler colunas de fofoca a denunciar que sou eu que te dou os melhores papéis. Sempre te apoiei dos bastidores, discretamente, e tudo o que peço em troca é que faças o mesmo por mim. Não preciso que apoies a minha carreira, Han, mas preciso de ti aqui com a minha família. Preciso que estejas nos nossos jantares semanais e que, de vez em quando, venhas aos nossos *brunches* de solidariedade. Preciso que te comportes como se fôssemos uma *família*.

– *Ares* – exclama –, estás mesmo a tentar dizer que foste tu quem construiu a minha carreira? Podes ter-me dado os papéis que queria, mas não teria tido sucesso se não fosse talentosa. Não negues isso.

Olho para o teto e respiro fundo, a tremer.

– Não me estás a ouvir – digo ternamente. – Nunca disse que tinha construído a tua carreira, Hannah. Disse que te dei os papéis que te permitiram construir uma carreira. Talento há muito, mas as oportunidades são poucas. Cheguei a investir em filmes só porque querias os papéis. Nunca te pedi nada em troca, mas peço agora. Preciso que comeces a dar prioridade a mim e à minha família.

– Que merda, Ares! Não podes ser mais compreensivo? Tens mesmo de usar sempre o trunfo de a nossa relação ser um segredo? Porque não entendes a minha necessidade de manter *privada* a minha vida privada?

Porque será que cada vez que tento dizer-lhe como me desaponta, a situação se vira contra mim e sou eu o vilão?

– Han, não consigo fazer isto outra vez. Não falemos sobre isto. Preciso de ir ou atraso-me para o jantar.

– Pronto!

Fecho os olhos depois de desligar a chamada, incerto sobre como chegámos aqui. As coisas corriam tão bem entre nós quando éramos mais novos. Culparia a fama, mas isso nunca mudou a Raven.

Estou com um humor horrível quando vou da minha casa para a casa principal onde mora a minha avó. O jantar de família sempre foi o ponto alto da minha semana, e da Hannah também. Quando é que isso mudou? Quando é que ela deixou de ter interesse em ser um membro desta família?

Paro boquiaberto quando vejo a Raven sentada à mesa, ao lado da Sierra, com o Lex do outro lado. Estão a trocar piadas e a rir, e um profundo sentimento de anseio invade-me o peito.

Tem-me ignorado ultimamente, responde sempre telegraficamente às minhas mensagens. Não sei o que se passa com ela, mas acho que deve estar envergonhada pelo que fez quando estava bêbada. Gostava de a poder convencer de que não teve importância para mim, que não mudou nada.

A Sierra diz-lhe algo e ela desata a rir. É difícil explicar, mas ver a Raven ali sentada enche-me de um sentimento de inveja. Isto... isto era o que eu queria com a Hannah. Queria que fosse parte desta família, que se risse com os meus irmãos.

– Ares, senta-te – chama-me o Zane. Desvio o olhar da Raven e dirijo-me ao meu lugar habitual, entre o Zane e o Luca.

– Estou cheio de fome – diz o Zane, encarando-me. – Porque demoraste tanto?

– Uma discussão com a Hannah outra vez, aposto. – diz o Luca.

– *Meninos!* – grita a avó.

Dirijo o olhar para ela. Está sentada à cabeceira da mesa, como é habitual. É a cola que nos mantém unidos e odeio desiludi-la. Desde que os nossos pais morreram num acidente de avião há quinze anos, assumiu o papel de pai e mãe. Sei que não é fácil para ela, mas dá o seu melhor e

dedica-se completamente a nós. Não pede muito de mim, mas, mesmo assim, continuo a desiludi-la.

A avó sorri-me, mas vejo a decepção no seu olhar. Sei que queria discutir alguns pormenores do casamento com a Hannah esta noite e não consigo pensar numa única desculpa aceitável para a sua ausência que não tenha já usado antes.

– Estás atrasado, querido – diz a avó e eu anuo, desculpando-me. Nunca começamos a comer antes de estarmos todos e eu deixei-os à espera.

– Vamos a isso – indico, deixando claro que a Hannah não vem, e a avó franze os lábios, acenando depois com a cabeça.

Os meus irmãos não hesitam, mas o que me surpreende é que o Lexington não se serve a si primeiro, como sempre. Não, está a servir o prato da *Raven* enquanto a Sierra observa alegremente a situação. Observo-os, olho para um e para o outro, e sinto um nó no estômago. Passa-se algo entre eles, de certeza, e isso não me agrada nada.

– Ares – diz a avó, e forço-me a desviar o olhar da Raven e do Lexington. Para meu espanto, a avó não está chateada, mas antes curiosa –, parece que a Hannah não pôde vir.

Assinto, à espera de ouvir um sermão sobre o valor da família e a importância dos nossos jantares semanais, mas ela apenas me devolve um aceno com a cabeça.

– Não interessa, temos aqui a Raven.

Olho para a Raven e sorrio. Sim, temos a Raven. Nos últimos anos, estive em mais jantares de família do que a Hannah. Foi assim que o Lexington e a Raven se tornaram tão próximos? Estará aqui por ele e não pela Sierra?

– Porque estás tão calado hoje? – pergunta o Zane. – Não há fofocas hoje?

– Pois é – concorda o Luca. – Vivo para os dramas da tua profissão. Conta--nos tudo.

Abano a cabeça, irritado. Os meus irmãos só gostam de intrigas! São do pior que há, e hoje não me apetece aturá-los.

Como em silêncio, observando o Lex e a Raven de vez em quando. Ela mal me disse olá hoje e só desvia o olhar do Lex quando a Sierra lhe diz alguma coisa. É como se mais ninguém existisse.

Suspiro com alívio quando o jantar termina pacificamente, sem se falar no meu casamento e sem sermões da avó.

A Raven levanta-se sorridente e vejo-a desaparecer pela porta da varanda, de certeza a caminho do baloiço da avó.

O Lexington olha em redor, confuso, à procura dela. Antes de me aperceber do que estou a fazer, sigo a Raven. Não sei porquê, mas não a quero deixar a sós com o Lex.

Encontro-a sentada no baloiço, a olhar para as inúmeras flores da avó, uma suave brisa a soprar-lhe o cabelo. Olha para cima quando ouve os meus passos e arregala os olhos em surpresa.

– Oh – diz –, Ares.

– Pareces desiludida. – sento-me ao lado dela e ponho o baloiço em movimento. Está deslumbrante, com um vestido amarelo com alças muito finas. Será que o está a usar para o Lexington?

– Não, de todo.

Lanço-lhe um olhar inadvertido.

– Estavas à espera do Lexington? – os olhos dela abrem-se ligeiramente e inclino a cabeça de forma questionadora. – Estavas?

– Eu... não.

– Ainda bem. Amo o meu irmão, mas não é homem para ti. É um machão. Não se vai comprometer com ninguém exceto com a mulher que a avó escolher para ele.

A Raven desata a rir e abana a cabeça.

– Estás preocupado comigo?

Anuo.

– Não estejas. Além disso, como sabes que estou à procura de uma relação séria? Até quando vais olhar para mim e para a Sierra como se fôssemos crianças?

Cerro os dentes e viro-me para a encarar. Ela ri-se em jeito de provocação e eu aproximo-me, pondo-lhe um dedo no queixo para lhe levantar a cara em direção à minha.

– Nem sequer penses nisso, Raven.

Ela limita-se a sorrir e levanta uma sobrancelha.

– Já sou adulta, Ares, e ele também.

Fico cego com a imagem dela na cama dele e agarro-lhe o queixo, prendendo o seu olhar no meu.

– Não me interessa se és ou não adulta, Raven. Não vais dormir com o meu irmão, ouviste?

Atira-me um olhar desafiador.

– Porquê? Podes ser irmão da Sierra, mas não és meu. Não tens nada que ver com a minha vida sexual.

– Não tenho, desde que não andes a comer um dos meus irmãos.

Ela semicerra os olhos.

– O que é que isso te interessa?

Largo-a e olho para longe, sem saber o que pensar. Realmente, porque é que *me interessa*?

– A família é importante para mim – acabo por dizer. – A Sierra gosta muito de ti e a avó também. És tão parte desta família quanto a Hannah, se calhar até mais. Não quero que estragues a nossa dinâmica familiar por

luxúria. Quando as coisas acabarem, ficará um ambiente estranho entre vocês que afetará toda a gente.

Ela olha-me como se me quisesse ler e, por um momento, receio que consiga desvendar as minhas mentiras.

– Oh – diz então –, tudo bem.

Soa desapontada, magoada. *Foda-se!* Porque não consigo ficar calado? Porque é que me descontrolo ao pé da Raven? Há anos que traz à tona o pior de mim. Faz-me agir como um louco e não percebo porquê.

Treze

Ares

Estamos a planear adquirir os seguintes serviços de *streaming* – diz-me o Dom enquanto me atualiza sobre os negócios mais iminentes, mas mal me consigo concentrar.

Passo uma mão pelo cabelo enquanto ele tagarela sobre a minha agenda, os filmes em que devo investir, parcerias publicitárias e sabe-se lá mais o quê.

Sempre adorei o meu trabalho frenético e exigente, mas preciso de uma pausa. Há semanas que não me sinto eu mesmo e não percebo o que se passa comigo. Serão as minhas discussões constantes com a Hannah e a proximidade do casamento?

Ou será a Raven?

Tento esquecer, mas sempre que deixo os meus pensamentos vaguearem livremente, vão dar à imagem dela sentada no meu colo, o seu corpo nu para eu apreciar. Nunca a vi olhar para mim como naquela noite e é algo que não consigo esquecer.

Questiono-me sobre quem a terá deixado daquela maneira naquela noite. Não sou um idiota. É óbvio que estava apanhada por alguém e não suporto que a magoem assim. Que teria acontecido se eu não estivesse lá? Teria ido para casa com um gajo qualquer? Ou com o agente, o *John*? Ou teria ido ter com o homem que não consegue esquecer? O homem que disse amar? Quem será ele? Não a vejo com ninguém há tanto tempo. Suspiro e tento concentrar-me no trabalho, lendo os relatórios que tenho à frente.

A porta do meu escritório abre-se inesperadamente, surpreendendo-me e ao Dom. A Hannah entra com um sorriso forçado.

– Verifiquei a tua agenda – diz-me –, e sei que estás livre.

Anuo enquanto ela se senta na cadeira do outro lado da minha secretária. O Dom recolhe os documentos e retira-se, deixando-nos sozinhos.

– Hannah – digo, surpreso por vê-la aqui. Os dedos de uma mão chegam para contar a quantidade de vezes que me visitou no escritório.

Que lhe digam que me deve a sua carreira é um dos seus maiores medos e não permite que se forme o mais pequeno rumor em relação a isso. – Que te traz aqui?

Ela sorri. Mal falámos nas últimas semanas e, quando o fizemos, foi para discutir. Até no aniversário dela, só tivemos uma hora de paz até me acusar de não fazer um esforço com os seus amigos – os mesmos de quem esconde a nossa relação, não confirmando nem desmentindo que estamos juntos.

– Precisamos de falar – diz, a voz suave.

Recosto-me na cadeira e suspiro. Que será agora? Sei que estamos os dois sob pressão, mas estou exausto. Estou cansado de tanta discussão. Quero voltar ao tempo em que éramos felizes juntos, expectantes por construir um futuro a dois.

– Sobre o quê? – pergunto calmamente.

– Ares... – a voz falha-lhe –, não consigo. Não consigo fazer isto. Não me posso casar contigo.

Ponho os cotovelos sobre a secretária e as mãos na cabeça enquanto fecho os olhos.

– O nosso casamento é na próxima semana, Hannah. Já o adiate três vezes.

– Ares, estou a falar a sério. Quanto mais penso nisto, mais atormentada fico. Pelas regras da tua família, não podemos passar mais do que três noites consecutivas separados nos primeiros três anos de casamento. Como? Tu não podes tirar férias para me acompanhar em filmagens e eu não posso parar de trabalhar durante três anos. Quantos anos ainda tenho para estar no auge? Estou no pico da minha carreira e não posso parar agora. Talvez um dia seja o momento certo, mas ambos sabemos que neste momento não vai resultar.

Olho-a e noto a dor no seu olhar. Está mesmo a falar a sério desta vez, não está?

– Hannah – digo ternamente –, eu percebo o que dizes, amor. Juro que sim. Mas este casamento não é apenas entre nós os dois. Também é o casamento das nossas famílias e das nossas empresas. Temos sorte por nos termos apaixonado, mas isto não deixa de ser um casamento arranjado. Não é algo a que possamos dizer que não.

Ela abana a cabeça.

– Eu sei. Não estou a dizer que não me quero casar contigo. Só estou a dizer que agora não. Um dia vamos estar numa fase em que queremos ter filhos e eu terei de me dedicar menos à minha carreira... mas essa fase ainda não chegou, Ares. O casamento não é uma brincadeira. Se nos casarmos neste momento, temo que a relação não vá sobreviver. E acho que a minha carreira não vai resistir ao casamento.

Fico em silêncio com as palavras dela a ecoar na minha cabeça. Talvez

tenha razão, mas é tarde demais.

– Han – digo gentilmente –, sei que estás preocupada e sei que estás sob muita pressão, mas vai correr tudo bem. Não temos o luxo de decidir não casar.

Ela levanta-se e abana a cabeça. Encara-me com o olhar repleto de arrependimento.

– Desculpa, Ares – diz-me.

Tira o anel de noivado do bolso e pousa-o em cima da minha secretária, fitando-o por um momento antes de o empurrar na minha direção. Mal usou o anel, mas magoa-me que o devolva.

– Hannah, não sejas assim – imploro-lhe.

Ela abana a cabeça novamente.

– Desculpa.

Antes que a possa impedir, sai de rompante e fico a olhar para o vazio. Vejo a porta do escritório fechar-se e sinto a cabeça num rodopio. Não é a primeira vez que a Hannah tem dúvidas, e não é a primeira vez que está preocupada com a sua carreira, mas desta vez é diferente.

Parece um ponto final... e não faço a mínima ideia do que fazer.

Catorze

Ares

O Lex, o Luca e o Zane fitam-me sem saberem que dizer. Mas isso não é o que mais me surpreende. É o facto de o Dion estar sentado à minha frente na sala de estar. É raro estarmos os cinco juntos porque o Dion vive em Londres. Ter viajado durante a noite significa que estão preocupados comigo.

– Que história é esta de se separarem a uma semana do casamento? – o Dion acaba por perguntar. – Era suposto seres o sortudo do grupo, meu palerma, o sortudo que se casa com quem realmente ama, e fazes esta merda?

Passo a mão pelo cabelo e olho para o teto.

– Não foi uma decisão minha, Dion. Estou tão perplexo como vocês. sei que tínhamos problemas, mas que casal não tem? Nunca esperei que desistisse de vez do casamento.

O Luca resmunga e dá um encontrão no ombro do Dion.

– Não tens jeito nenhum para isto de consolar pessoas. Pensávamos que eras a nossa melhor hipótese. – Olha para o Lexington e acena-lhe com a cabeça. – Tenta tu, Lex. Dá uso ao teu doutoramento.

O Lex franze a testa e abana a cabeça.

– Tenho um doutoramento em *robótica*. Faço o quê? Dou-lhe uma noiva robô?

O Zane desata a rir.

– Aposto que a noiva robô teria mais carácter do que a Hannah alguma vez teve. Não me digam que ficaram mesmo desiludidos por eles terem acabado? Que se lixe esta treta dos arranjinhos, o amor do Ares é mesmo cego.

Abano a cabeça e levo o copo de *whisky* aos lábios.

– Obrigado – digo –, sinto-me muito melhor agora.

Os meus irmãos riem-se e apercebo-me de uma coisa. Estão preocupados comigo, mas há uma sensação de alívio no ar. Não estão chateados por eu e a Hannah termos terminado, só estão preocupados porque estou a sofrer.

– Não gostam mesmo dela ou estão só a tentar fazer-me sentir melhor?

– Não é que não gostemos dela, Ares. Só achamos que não é mulher

para ti. A Hannah é uma diva e alguns tipos gostam disso, mas tu não. Todos víamos como te matava teres de dar cada passo em função dela sem receberes nada em troca. Nem sequer assumiu a relação publicamente, percebes? Sempre pensei que merecias melhor, por isso não me chateia que ela tenha acabado contigo. Um dos dois tinha de o fazer e não ias ser tu. Tu ias ficar com ela, nem que fosse só para obedecer à avó.

O Lex olha para mim com uma expressão compadecida.

– Ares – diz –, conta-nos a verdade. Estavas feliz com ela nos últimos anos ou estavas só conformado com a ideia?

Cerro os dentes e desvio o olhar.

– Estás armado em quê, ó Sócrates? – atiro.

O Luca abana a cabeça.

– Ele está a evitar a pergunta, pessoal. Sabem o que isso significa, certo? O Ares sabe que não era feliz, mas mantém-se leal até ao fim. Nem agora que acabou o admite.

Os meus irmãos anuem e eu levanto-me. Estou farto. Não preciso disto. Assim que estou prestes a sair, sou parado por uma voz doce e suave.

– Ares.

Viro-me para a minha avó, de pé na entrada, com a Sierra ao seu lado. Ótimo! Uma reunião familiar em minha casa.

A Sierra lança-me um sorriso receoso, como se estivesse a adivinhar que isto é demais para mim neste momento. Embora nunca tenha dito mal da Hannah, nunca se tornou amiga dela em todos os anos que namorámos e isso quer dizer alguma coisa. Estou pasmado por nunca ter reparado nisso.

– Lamento que a Hannah tenha terminado a relação – diz a avó –, mas o casamento vai acontecer com ou sem ela.

– O quê? – pergunto confuso. – Que queres dizer com isso, avó?

Ela sorri.

– A Hannah não era a mulher com quem eu queria que casasses. Isto só prova que estava certa. Abri uma exceção e não o devia ter feito.

Volto a sentar-me, inundado de medo. Que está ela a dizer? Não pode ser o que estou a pensar! A Sierra não estaria ali parada se fosse.

– Se a Hannah não se quer casar contigo, então casará a Raven. Se ela também recusar, deixa de haver acordo com os Du Ponts e a tua herança será reduzida para metade, mesmo que te encontre outra noiva.

– *Avó!* Eu não... eu não posso casar-me com a Raven. Isto... isto é *ridículo*. – Olho para os meus irmãos à procura de apoio, mas não consigo ler nada nas suas expressões, é como se estivessem a tentar esconder que concordam com a avó. Que raio?

– Não posso, não com ela, avó. Ela é uma amiga. Sempre a vi como vejo a Sierra, sabes isso. – Volto-me para a minha irmã, mas não há sequer uma pinga de provocação no seu rosto. A mesma miúda que se passava quando

eu gozava com o aparelho dos dentes da Raven olha-me com um sorriso sereno. Não vai mesmo dizer uma palavra em defesa da amiga?

– A Raven nunca iria concordar – acrescento. – Namorei com a irmã dela durante anos. Porque consideraria sequer casar comigo?

A mera ideia de forçar a Raven a fazer algo que não quer enoja-me. Talvez o fizesse por obrigação, mas ficaria sempre ressentida.

– Não lhe faça isto – imploro. – A Raven não pode fazer parte de um arranjinho. Não pode ser ela, avó. Dá-me tempo e farei com que a Hannah pense melhor. Ela vai mudar de ideias, avó.

Ela sorri-me.

– Não vai. Aconselho-te que fales com a Raven antes de mim, Ares. Nunca te devia ter dado tanta liberdade. Há uma razão para ser eu a decidir os vossos casamentos. É uma tradição centenária que nunca nos falhou e tu foste a única exceção. Errei e vou corrigir o meu erro o mais rapidamente possível. Não vou cancelar o casamento. Vai acontecer e vais casar com a mulher que eu escolher para ti.

– Sierra – exclamo –, vais mesmo ficar aí parada e deixar que isto aconteça à Raven?

Ela sorri-me e pega na mão da avó.

– Confio na avó – responde-me. – Ela sabe melhor do que tu o que deve ser feito, Ares. Sinceramente? Não imagino melhor marido para a minha melhor amiga do que tu. Nunca a tratarás mal e, ao fim de algum tempo, vais fazê-la feliz, não vais?

Cerro os dentes tentando manter a compostura. Estará louca? Vejo-a afastar-se com a avó, e desaparecem as duas pela porta.

Pego no meu *whisky*, esvazio-o num trago e pouso-o ruidosamente na mesa.

– *Foda-se!* – grito. Viro-me para os meus irmãos, sinto a raiva correr-me nas veias. – Obrigado por me apoiarem, otários.

O Dion sorri-me.

– Talvez a Sierra tenha razão. Talvez a avó saiba o que é melhor para ti.

Abano a cabeça e cerro os dentes.

– Vai-te lixar – digo-lhe. – Vocês todos.

Quinze

Raven

Sinto uma pontada de desconforto percorrer-me a espinha quando entro em casa dos meus pais. A minha mãe foi muito vaga ao telefone, e a forma como falou deixou-me desconfortável. Foi demasiado carinhosa, demasiado terna. Não sei o que quer, mas sei que não me vai agradar.

As minhas suspeitas confirmam-se quando encontro os meus pais na sala de estar com a avó Anne sentada em frente a eles, todos com uma expressão preocupada.

– Raven – diz a minha mãe. Suspira em alívio quando me dirijo a ela e aponta-me o lugar ao lado do seu. Sento-me hesitante, não consigo perceber o que se passa. Drama sobre o casamento? Fiz asneira em algum dos preparativos?

A avó Anne sorri-me de forma tranquilizadora, mas sinto o coração acelerado. É como se cada instinto me dissesse que algo está errado e tem que ver comigo.

– A Hannah e o Ares terminaram o noivado – diz a avó Anne. – Ela quer focar-se na sua carreira e, por isso, resolveu terminar a relação com ele.

Pestanejo, incrédula. Ela fez o quê? Pigarreio e encaro os meus pais, a expressão grave deles diz-me que é verdade.

– Eu... Vamos... O casamento foi adiado? – pergunto, confusa. A Hannah já o adiou três vezes, por isso não me surpreende, mas, desta vez, é mesmo em cima do acontecimento. Não será possível cancelar a maioria das coisas, incluindo a quinta, e receber o reembolso.

A avó Anne abana a cabeça.

– O casamento não será cancelado. Já devia ter acontecido há muito e sempre foi suposto ser um casamento arranjado. – Olha para os meus pais de modo incisivo. – Deixámos que fossem jovens livres e pagámos o preço. O melhor é voltar ao plano inicial imediatamente.

A minha mãe e o meu pai viram-se para mim, as expressões deles carregadas.

– Tens de casar com o Ares – afirma a minha mãe.

Um sorriso nervoso escapa-me dos lábios e vejo o desconforto no semblante do meu pai. Não podem estar a falar a sério!

– Mãe – murmuro –, isto é alguma piada? A Hannah e o Ares já adiaram o casamento várias vezes. Qual é a novidade? Vamos conseguir lidar com isto.

A avó Anne sorri e abana a cabeça.

– Não é uma piada, minha querida. Não vou aceitar a Hannah na nossa família. Para que a fusão aconteça, *tu* terás de ser a noiva.

Pego no meu cabelo e deixo-o cair sobre um ombro, confusa.

– Já falaram com a Hannah e com o Ares? Não percebo o que se está a passar, avó Anne, mas deve tratar-se de um mal-entendido. E se eu falar com a Hannah?

Ela abana a cabeça.

– Mesmo que ela mude de ideias, não é bem-vinda na nossa família. Sempre quis que o Ares se casasse contigo e talvez isto seja a vida a deixar-me corrigir o meu erro. O casamento vai acontecer e *tu* serás a noiva.

Olho para os meus pais, mas nenhum me consegue encarar. Isto... não pode ser verdade.

– O Ares sabe?

A avó Anne assente.

– Foi informado. Os Windsors têm um histórico de casamentos arranjados bem-sucedidos e ele está consciente disso. Sabe o que se espera dele.

Franzo a testa, sinto o estômago às voltas. Que se está exatamente a passar? A Hannah nunca me disse que tinha terminado com o Ares e, de repente, estou a ser informada de que vou casar com ele? Isto é ridículo e a Hannah e o Ares nunca o aceitariam.

Levanto-me e dirijo-me à porta, invadida por um turbilhão de pensamentos. Preciso de tempo para pensar, para falar com a Hannah e com o Ares. Tenho a certeza de que é tudo um mal-entendido e uma decisão radical da avó Anne.

– Raven. – A voz da avó detém-me quando já tenho uma mão na maçaneta. – os teus esforços serão inglórios. Se queres que esta fusão aconteça, terás de fazer a tua parte. Terás de casar com o Ares.

Viro-me para a enfrentar e noto a determinação no seu olhar. Aceno com a cabeça educadamente antes de sair, as palavras dela a ecoarem na minha cabeça. A avó Anne é a mulher mais terna que conheço, mas quando mete uma coisa na cabeça, nada a faz mudar de ideias. É a matriarca com punho de ferro dos Windsors.

Vagueio pela casa sem saber o que pensar.

– Querida!

Volto-me quando ouço a voz do meu pai e vejo que se encaminha para mim com uma expressão de culpa estampada no rosto.

– Desculpa sobrecarregar-te assim com isto tudo tão de repente. Os Windsors informaram-nos disto agora mesmo. Gostava que te tivéssemos dado a notícia com mais calma.

Anuo e caminhamos juntos.

– Isto... Pai, sabes que isto é ridículo, não sabes? O Ares e a Hannah amam-se.

O meu pai abana a cabeça.

– Não sei se isso será suficiente. Agora que eles decidiram não a aceitar como esposa do Ares, o amor não os pode salvar. Ela fez a sua escolha, Rave.

Paro no corredor e encaro-o.

– Ela fez a escolha dela e eu é que pago o preço.

O meu pai inspira profundamente, o seu olhar algo relutante.

– Lamento, Raven. Eles não vão mudar de ideias. Este acordo sempre se baseou num casamento entre ti e o Ares. Só abriram uma exceção porque a Hannah se

apaixonou por ele. Ela aliviou o fardo que terias de carregar, mas sempre foi um fardo teu.

O meu coração contorce-se de dor e aceno em negação.

– Se sempre foi suposto casar-me com ele, ela não se devia ter aproximado. Não podes esperar que me case com o ex-namorado da minha irmã, pai. Não me podes fazer isto. Percebes como isto é uma loucura? Não me podes condenar a casar com alguém que está apaixonado pela minha irmã!

O meu pai inspira tremulamente e desvia o olhar.

– Desculpa, Raven, mas não tens escolha. Ao longo dos anos, temos dependido muito dos Windsors. Se esta fusão falhar, entramos em bancarrota. Se queres manter a tua empresa e os fundos de investimento que te prometi, terás de casar com ele.

Os meus olhos abrem-se desmesuradamente enquanto a desilusão me percorre o corpo.

– Estás a *ameaçar-me*?

O meu pai suspira.

– Não, Raven. Estou só a dizer-te a verdade. Se não casares com o Ares, perdemos tudo. Tudo o que os Windsors fizeram por nós... seriam precisas várias vidas para lhes pagar. Pensa nisto com calma, filha. Ele tratar-te-á bem e os Windsors adoram-te. É um pequeno preço a pagar pelo que fizeram por nós, por tudo o que ganhámos e vamos ganhar com esta fusão. Lembra-te, casando com o Ares, a empresa fica nas *tuas* mãos, não nas da Hannah. Vou certificar-me disso. Vais herdar as minhas ações, mesmo que a tua mãe dê as dela à Hannah.

Franzo a testa, incrédula. Ele não pode estar a falar a sério. Não pode estar a achar que isto me agrada minimamente. Cerro os dentes e afasto-me, os meus saltos a baterem ruidosamente no chão de mármore.

Preciso de encontrar a Hannah. Não sei o que lhe deu, mas recuso-me a assumir a responsabilidade pela confusão que causou. Posso amar o Ares, mas não tenho qualquer intenção de me contentar com os restos dela.

Dezasseis

Raven

Estaciono em frente ao apartamento da Hannah e entro imediatamente.

Sempre que algo grave acontece, a Hannah esconde-se em casa, ao invés de enfrentar as consequências dos seus atos. Olha para mim do sofá, com os olhos vermelhos.

Suspiro ao ver o pijama de panda que está a usar e as pipocas na mesa. Está a ver *O Diário da Nossa Paixão*, claro. Parte de mim simpatiza com ela. A escolha que fez não foi fácil, e tomar esta decisão a uma semana do casamento significa que está decidida. Deve-lhe ter partido o coração saber que nunca poderia ter a sua carreira e o Ares.

– Raven. – estica os braços para mim e disfarço um sorriso ao sentar-me ao lado dela, respondendo ao seu apelo. Envolver-a com os meus braços e afago-lhe as costas enquanto deita a cabeça no meu ombro. – Sei o tempo que dedicaste a este casamento, mas não posso fazê-lo. Não posso sacrificar a minha carreira e, mesmo amando o Ares, não posso submeter-me às regras sufocantes da família dele para o resto da minha vida. Não posso viver dessa forma, Rave.

Afasto-me para a examinar com atenção. O nosso pai não lhe disse.

– Hannah – murmuro –, *tens* de fazer isto. É demasiado tarde para desistires. Não há volta a dar, Han. Se te afastas, é o fim. Acabou-se a tua relação com o Ares. Queres mesmo isso? Sei que o amas, e ele venera o chão que pisas. Sei que ele te faz feliz, Han.

Ela abana a cabeça.

– Não posso, Rave. Não posso mesmo. Se me casar com ele, vou ficar para sempre ressentida pelo que perdi.

– Hannah – a minha voz é suave, mas incisiva –, isto não é só um casamento de amor. É um casamento arranjado. Já pensaste no que vai acontecer aos pais? À empresa e a tudo o que temos? Não vamos sobreviver sem o apoio dos Windsors.

Ela envolve-se nos seus braços, uma ponta de insegurança no olhar.

– Não nos vão magoar, sabes que não.

Cruzo os braços e encaro-a.

– A avó Anne foi a casa dos pais hoje, Han. Ela insiste que o casamento aconteça para a semana, contigo ou sem ti. Se tu não casares, eles... eles querem que eu me case com o Ares.

A Hannah arregala os olhos e fica em silêncio por um momento.

– O quê? Não podes estar a falar a sério!

– Estou. O pai disse-me que se não o fizer, perco a empresa e todo o investimento que me prometeu. A avó Anne disse-lhe que deixará de nos apoiar financeiramente se não houver casamento.

– Estão só a tentar fazer braço-de-ferro comigo, Raven. Não te vão obrigar a fazer isso. E o Ares nunca concordará, isso é doentio.

O meu coração encolhe-se de dor mesmo quando concordo com ela. *Doentio. Retorcido.* É provavelmente o que ele pensa desta situação.

– Não sei, Han. Não acho que seja *bluff*. O pai pareceu preocupado e nunca vi a avó Anne tão séria.

A Hannah abana a cabeça.

– Não te preocupes – assegura-me. – Não serás forçada a nada, Rave. Não serão capazes. Estão só a ameaçar-nos para me fazer mudar de ideias, mas não mudo.

– Hannah – imploro-lhe –, consegues mesmo suportar ver o Ares casar com outra pessoa? A casar *comigo*? Sei que o amas, Han, por isso, pensa nisto com seriedade. Se não estiverem a fazer *bluff*, então que fazemos? Afastas-te e tornas-te cunhada do Ares? Porque parece que é o que vai acontecer. O pai deixou claro que se não estiveres lá no dia do casamento, eu terei de caminhar para o altar ou perder tudo pelo que trabalhei.

É verdade que a avó Anne disse que já não aceitava a Hannah na família, mas sei que não se oporia se ela mudasse de ideias. Só quer que o Ares seja feliz e a felicidade dele depende da Hannah. Sempre dependeu.

A minha irmã desvia o olhar e brinca com o cabelo.

– Tenho a certeza, Rave. Não posso. Não vou desperdiçar a minha vida por ninguém, nem mesmo pelo Ares.

Olho-a incrédula.

– Mesmo que isso signifique que ele case com outra pessoa?

Ela assente.

– Se é isso que nos espera, assim será.

Agarro-a pelo ombros e abano-a.

– Hannah! – disparo. – Sê razoável, por amor de Deus. Não percebes o que me estás a fazer? Para ti fica tudo bem, e para mim? Fico obrigada a casar-me com um homem que sempre *te* amou e, se recusar, perco a *minha* carreira. Não me faças isto, Han. Não faças isto ao Ares.

Ela olha-me numa mistura de desafio e incredulidade.

– Não chegará a isso, Raven. Não vais perder a tua empresa. Nem o pai nem a avó Anne deixarão que isso aconteça. Ela sempre gostou mais de ti do que de mim. Mesmo que eu não case com o Ares, ela não te vai castigar. Não te preocupes, está bem? Não vais ficar presa num casamento sem amor ou no que quer que estejas a pensar. Esquece o medo que o pai te incutiu, Rave. Vai correr tudo bem, prometo.

Abano a cabeça.

– Não – murmuro –, *não* vai.

Não sei como chamá-la à razão. Se a Hannah não mudar de ideias, estará a destruir três vidas, incluindo a sua.

Dezassete

Ares

Detenho-me ao ouvir a voz da Raven e encosto-me à porta do quarto da Sierra, fechando os olhos. Quem quero enganar? Vim aqui porque sabia que era onde a ia encontrar e não porque queria falar com a minha irmã.

– Tenho medo de não a conseguir fazer mudar de ideias – diz a Raven. – Faltam poucos dias, não aguento esta ansiedade toda. Se a Hannah não aparecer no dia do casamento, *eu* vou ter de me casar.

– E seria assim tão mau? – pergunta a Sierra.

O meu coração acelera à espera da resposta da Raven, mas tudo o que se segue é silêncio. Recomponho-me e endireito-me antes de bater à porta. A minha irmã abre-a e fita-me com surpresa.

Consigo contar pelos dedos a quantidade de vezes que entrei neste quarto. Sermos forçados a viver tão perto uns dos outros tornou-nos muito protetores do nosso espaço e, normalmente, nunca quebraria a nossa regra implícita de respeitar a privacidade alheia quando não estamos nas áreas comuns.

Hoje, no entanto, é uma exceção. Não estou aqui para ver a Sierra. Estou aqui para falar com a Raven. Olho para lá da minha irmã e encontro uns olhos carregados de uma pitada de agonia.

– Raven, posso falar contigo?

Ela hesita, mas depois anui e levanta-se da cama da minha irmã. Dirige-se a mim, o vestido a oscilar à medida dos seus passos. Mesmo quando está perturbada, é linda.

– Segue-me.

Caminhamos juntos até à minha casa.

– Onde vamos? – pergunta de forma meiga.

– A minha casa.

É estranho pensar que a Raven poderá estar lá a viver comigo em breve. Nenhum de nós o quer, mas, à medida que os dias passam, parece-me ser inevitável.

Estamos ambos presos numa teia de autoengano, convencidos de que a

Hannah mudará de ideias, de que tudo será como era suposto ser.

Mas ambos devíamos ser mais perspicazes do que isso.

A Raven segue-me em silêncio pelo longo corredor que liga a casa da Sierra à casa principal. Talvez fosse melhor tê-la levado para a sala de estar comum, mas duvido que a nossa conversa se mantivesse privada se acontecesse lá.

Levo-a para minha casa e olho para tudo como se fosse a primeira vez. A Hannah tem vindo a decorá-la nos últimos anos, na expectativa de vivermos juntos aqui um dia. Que pensará a Raven? Será que gosta do tom monocromático que a Hannah escolheu? Não consigo sequer imaginar a obrigação de viver a vida da irmã.

– Posso oferecer-te uma bebida? – pergunto-lhe quando se senta no meu sofá de couro branco, o mesmo onde há umas semanas adormecemos juntos.

A Raven abana a cabeça e olha-me interrogativamente.

– Estou bem – diz. – Que me queres dizer?

Sento-me ao lado dela para a encarar.

– Sabes perfeitamente sobre o que quero falar, Raven. Não podemos continuar a ignorar ou a negar o que está a acontecer.

Ela olha para baixo, tentando o melhor que pode esconder de mim o seu sofrimento.

– Ares – murmura, com a voz a falhar.

Não suporto vê-la em tormento. Odeio saber que sou responsável pela dor que sente e mata-me saber que a partir daqui só poderei destroçar ainda mais o seu coração.

– Eu vou falar com ela – promete-me, mas eu abano a cabeça e pego-lhe na mão.

– Sabes que isso não fará qualquer diferença. Achas que não tentei?

Ela olha para as nossas mãos unidas e afasta a sua, como se não suportasse tocar-me.

– Temos de tentar outra vez – diz. Levanta a cabeça para me encarar e a expressão dela gela-me. Parece tão desesperançada, tão destroçada. A ideia de casar comigo provoca-lhe assim tanto sofrimento?

– *Cupcake* – suspiro – Já não há tempo nem soluções para isto. Sei que não era o que desejavas e nunca na vida pensei que nos fôssemos encontrar nesta situação... Mas aqui estamos. Nenhum de nós se pode afastar agora, não achas melhor enfrentarmos isto juntos?

O seu olhar procura o meu, parece dividida.

– Ares, não me posso casar contigo. *Não posso*. Como é que consegues sequer considerar essa ideia quando estás apaixonado pela minha irmã desde que me lembro? Como é que podes pensar em ter-me como noiva quando a Hannah é a única pessoa que sempre desejaste?

Deixo-me contemplá-la, sem saber que resposta dar. Ela tem razão. Mesmo aqui sentado, o meu coração fica destróçado com a ideia de perder a Hannah e a relação que pensei que tínhamos.

– Raven – murmuro –, é um casamento arranjado. Desde que haja afeto e respeito, estará tudo bem. Somos amigos há anos, ou não? Não será um bom princípio?

Ela resmunga e desvia o olhar.

– Ares, eu quero amor. *Amor de verdade*. Quero um casamento feliz e um marido fiel. Podes dar-me isso?

Estudo os contornos do seu rosto, o nariz adorável e a linha esguia do maxilar. Recusa-se a olhar para mim, com medo da minha resposta, e eu gostava que as coisas pudessem ser diferentes entre nós. Se pudesse voltar atrás, será que tomaria outras decisões?

– Sim – digo-lhe. – Não posso garantir que te farei feliz, mas prometo que vou tentar. Quanto a ser um marido fiel, sim, Raven. Surpreende-me que perguntes isso. Assim que te tornares minha mulher, prometo ser-te fiel.

Ela olha-me, as sobrancelhas levantadas.

– É fácil dizeres isso agora porque me queres convencer a casar contigo, mas, na prática, como será, Ares? Conseguirás manter-te afastado da Hannah?

– Sim, Raven. Nunca trairia a minha mulher. Posso ser imperfeito, mas não sou imoral. Nunca te faltaria ao respeito dessa forma. A Hannah fez a sua escolha quando terminou tudo comigo e não há volta a dar.

Olha-me diretamente numa expressão desafiadora.

– Achas mesmo que um dia me vais querer? Vais ser capaz de olhar para mim sem pensar na Hannah? – O olhar dela percorre-me o corpo, parando nas pernas por um momento. – Ou pretendes manter-te celibatário durante o nosso casamento? Sentei-me ao teu colo, *nua*, e nem assim me quiseste.

Passo a mão pelo cabelo, imagens do corpo dela em cima de mim invadem-me a mente. O meu sonho recorrente deixaria de ser uma fantasia proibida.

– Raven – suspiro –, és uma das mulheres mais belas do mundo. Não tenho qualquer hipótese de te resistir. Cada segundo que estiveste sentada ao meu colo foi uma tortura, mas eu não podia... Não sou um traidor, Raven. Nunca te poderia ter tocado naquela noite.

Ela olha-me desarmada, a surpresa brilhando-lhe nos olhos. Não consigo evitar sorrir, uma ponta de embaraço faz-me desviar o olhar. A Raven sempre esteve fora do meu alcance. Até agora.

– Ares, se fizermos isto... se chegarmos mesmo a esse ponto... espero que saibas que quero mais do que afeto e respeito. Quero que te afastes da minha irmã, independentemente do que se passou entre vocês. Se eu fizer

este sacrifício, não vou permitir que me faça arrepender. Se casar contigo, quero que me trates como tua mulher.

A sua expressão feroz faz disparar o meu coração, e forço-me a permanecer calmo. Que está ela a dizer? Quer dizer... que quer que este casamento funcione? Pensava que só queria um casamento de conveniência, estarei errado?

– Desde que esteja ao meu alcance, não há nada que não te darei, Raven. O que me pedires é teu e isso inclui-me a *mim*.

Vejo a surpresa instalar-se na sua expressão, e acena brevemente com a cabeça antes de desviar o olhar.

– Não te vais arrepender? – pergunta-me. – Não te vais arrepender de sacrificares a tua felicidade pela tua herança? Não me vais odiar por me ter posto entre ti e a Hannah?

Agarro-lhe suavemente na cara e viro-a para mim.

– Não – prometo-lhe –, não te vou odiar, Raven. Esta situação é difícil para os dois, e vou sempre lembrar-me de que abdicaste de tanto quanto eu. Não te posso odiar por uma decisão que a *Hannah* tomou. Nunca te farei isso.

Ela anui, a sua expressão indecifrável. A Raven sempre foi ternurenta e generosa. Não reconheço a mulher que me olha neste momento e não sei como me sinto em relação a isso. Nada nesta conversa correu como esperava.

Assumi que me diria que, mesmo que nos casássemos, nunca seríamos mais do que amigos. Nunca esperei que me pedisse fidelidade. Até as palavras terem saído da minha boca, também não sabia que ficaria feliz por concordar.

– Espero que ela mude de ideias – murmura. – Tudo o que sempre quis para ti foi que fosses feliz, Ares. Não quero ser eu a negar-te isso.

– Não serás – prometo. – Vamos encontrar uma forma de fazer com que isto resulte, Raven. Se nos casarmos, encontraremos a nossa felicidade. Talvez não seja fácil, mas se é esse o nosso destino, irá funcionar.

A confiança cautelosa que lhe leio no olhar acende algo em mim. Algo que se assemelha bastante a esperança.

Dezoito

Raven

A Sierra pendura o vestido desenhado para a Hannah na porta do armário do quarto da noiva e sorri para ele.

– Vais ficar linda!

Abano a cabeça e começo a andar de um lado para o outro.

– Não! Ela vai chegar a qualquer momento. Não vai deixar que o Ares se case com outra pessoa, especialmente *comigo*.

A minha melhor amiga olha para mim com uma expressão irritada.

– Não percebo – diz-me. – Sempre estiveste apaixonada por ele. Porque *queres* que a Hannah apareça?

Paro e olho para ela, o meu coração apertado.

– Porque ele sempre lhe pertenceu, Sierra. Mesmo que case comigo, sempre quererá a Hannah. Já não é fácil ver como a ama, mas ser legalmente possível dizer que ele é meu e saber que o seu coração será sempre dela? Isso vai matar-me, Sierra. Prefiro ser amiga dele a ser a pessoa entre ele e a mulher que ama. Não quero ser uma substituta, uma lembrança da Hannah. Se nos casarmos agora, nunca sairei da sombra dela. Serei sempre uma réplica barata, uma mera substituta.

A Sierra abana a cabeça com uma expressão pensativa.

– Sempre achei isso tão estranho, sabes? Nunca percebi como alguém que brilha como tu se sente ofuscada na sombra de alguém. Ela é como a Lua, Raven. Bonita numa noite solitária, mas fria e distante. Tu? Tu és o Sol. Emanas calor e felicidade, estás no centro de tudo o que é bom. Da mesma forma, o mundo do Ares vai girar à tua volta se lhe deres uma oportunidade. Eu conheço o meu irmão, amiga. Se deres uma hipótese honesta a este casamento, vai fazer-te feliz. Sempre disse isto e digo-o outra vez: sempre houve *alguma coisa* entre ti e o Ares. Agora, podem explorá-la, vai ser o melhor que podes fazer.

Ajeito o cabelo e abano a cabeça.

– Sierra – aviso –, hoje não é o dia ideal para as tuas conversas motivacionais e o teu coração romântico.

Ela sorri e agarra-me na mão, dirigindo-me ao toucador que foi preparado para a Hannah.

– Vais ver, isto é o começo de algo novo. Ele vai apaixonar-se por ti e, quando isso acontecer, vou dizer «eu avisei».

Ouçõ bater à porta e olho para cima bruscamente quando o meu maquilhador preferido entra acompanhado de três mulheres.

– Que fazes aqui, Enrique?

Ele sorri antes de dirigir o olhar à Sierra.

– Eu trato de tudo – exclama, enquanto ela põe as mãos nos meus ombros.

Aperta-os com força antes de se afastar e o meu olhar persegue-a pelo quarto. Que fez ela? Não pode pensar que vou mesmo caminhar até ao altar!

Observo a Sierra pelo espelho, sorridente, a engomar o vestido da Hannah. Hoje, mais do que nunca, é visível quão louca é a minha amiga. Podia estar preocupada comigo e com o Ares, mas passou a manhã a sorrir.

O Enrique começa a maquilhar-me e uma cabeleireira trata do meu cabelo, os nervos começam finalmente a instalar-se. Isto não pode estar a acontecer!

Pego no telemóvel e tento contactar a Hannah outra vez, pela quinquagésima sétima vez esta manhã. Desapareceu depois da minha visita e a última coisa que ouvi foi que a viram numa praia em Saint-Tropez. Espero mesmo que perceba o que fez e que ganhe juízo a tempo. Se não estiver aqui dentro de uma hora, cometerá um erro que nunca poderá apagar.

– Estás linda – louva o Enrique, prestes a terminar a maquilhagem. Maquilhou-me para todas as galas e cerimónias de prémios nos últimos anos, mas hoje excedeu-se.

Por um momento, questiono o que o Ares vai pensar quando me vir, mas afasto esse pensamento. O dia de hoje deve ser um tormento para ele. Até ao momento em que me veja ao fundo do corredor, estará à espera da Hannah. Não me vai olhar maravilhado. Vai olhar-me com desilusão e ressentimento.

Sento-me quando batem à porta, o meu coração vazio. A minha mãe entra. Olho-a expectante e ela hesita um pouco antes de abanar a cabeça. Os meus ombros relaxam e sinto um alívio traiçoeiro. Ela não veio.

– Lamento – diz a minha mãe. Olha para o Enrique e o resto do grupo antes de pressionar os lábios por um momento. – Lamento que a tua irmã não esteja aqui num dia tão especial. Não sei o que se passou e espero que não se venha a arrepender.

– Também eu – murmuro. Que vai acontecer quando perceber que cometeu um erro? E se lutar pelo Ares e lhe pedir perdão? A promessa que ele me fez não é nada comparada com as centenas de promessas que devem ter feito um ao outro ao longo dos anos. Estarei a condenar-me ao concordar com isto?

A minha mãe dirige-se à Sierra e, juntas, pegam no vestido da Hannah, ajudando-me a vesti-lo. Desenhei-o para ela e não me assenta na perfeição, mas serve. Não é o que teria criado para mim e é mais uma lembrança de que apenas estou a tomar o lugar dela. Todas as minhas experiências de hoje deveriam estar a ser vividas por ela e isso deixa-me agoniada.

– Estás linda – elogia a minha mãe, incapaz de me encarar. – Obrigada, querida – murmura. – Sei que não é fácil para ti. Lamento que tenha chegado a este ponto, mas talvez seja o destino. Era suposto seres a noiva do Ares. Talvez a avó Anne estivesse certa, será melhor assim.

Olho-a com um ar desconfiado.

– É o que dizes a ti mesma para justificares a posição em que me puseste? Convenceste-te disso para aliviar a tua consciência pesada?

A minha mãe estremece e olha para baixo, expirando tremulamente.

– Raven – suspira –, peço-te muita desculpa. Se eu e o teu pai não tivéssemos estragado a tua irmã com mimo, isto não teria acontecido. Gostava... gostava de te ter tratado melhor. Gostava de não te ter tomado como garantida. Se não o tivesse feito, talvez este momento fosse diferente. Não diminuiria o teu sacrifício, mas talvez soubesse como te consolar, como te dar coragem.

Ergo as sobranceiras, confusa. A minha mãe nunca reconheceu minimamente o seu favoritismo, o modo como ela e o pai me ostracizaram.

Envolve-me o rosto com as mãos e anui.

– Eu sei – diz-me –, é claro que sei como te sentias. Mas eu e o teu pai sentíamos-nos tão culpados em relação à tua irmã. Esteve tão doente quando era pequena e passou tanto tempo em casa, não foi à escola, não fez amigos, não teve direito a ser criança. Desculpa, Raven. Talvez as minhas palavras não signifiquem nada, mas, mesmo assim, queria dizer-te isto. Hoje, mais do que nunca, a distância entre nós magoa-me. Gostava que fôssemos como qualquer outra mãe e filha na manhã do casamento. Gostava, apesar das circunstâncias, de ser a pessoa a quem recorres. Tudo é óbvio agora, Raven. Sei o que fiz, sei no que a tua irmã se tornou pelas minhas ações.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas que tento esconder, anuindo brevemente, sem saber como reagir. De tudo o que esperava ouvir da minha mãe hoje, nunca esperei isto.

Ela agarra-me os ombros e sorri.

– Vamos, o teu pai está à tua espera lá fora.

Aceno com a cabeça e sigo-a, o meu coração inquieto. Assim que começar a caminhar em direção ao altar, não há volta a dar. Peço com todo o coração não me vir a arrepender disto.

Dezanove

Ares

Os meus irmãos estão ao meu lado na bonita vinha que eu e a Hannah escolhemos para o nosso casamento. Vários amigos da Hannah estão sentados à minha frente, sussurrando uns com os outros.

O convite dizia apenas que os Windsors e os Du Ponts os convidavam para uma festa, mas não havia qualquer referência a um casamento. Fizemo-lo desta forma para manter os *paparazzi* longe, mas acabou por ser uma estratégia útil por outros motivos.

Era suposto anunciar-lhes o que vai acontecer, mas como posso fazê-lo se não sei quem será a noiva?

– É melhor assim – diz o Lex, e o Luca anui em concordância.

– Ela ainda pode mudar de ideias – digo, mas eles abanam a cabeça.

– Não muda – responde o Zane. – E vais agradecer-lhe por isso.

O Dion olha-me de forma incisiva.

– O que quer que aconteça hoje, Ares, lembra-te de que és um Windsor e nenhum de nós escolhe as suas esposas. É uma tradição que nos serve há gerações, por isso tem alguma fé.

Cerro os dentes e assinto.

– Vou lembrar-te disso quando for a tua vez.

O Dion é o único dos meus irmãos cujo futuro casamento também já está combinado há anos. Daqui consigo ver a sua noiva sentada lá ao fundo. Imagino que para eles seja diferente, uma vez que o Dion não vive aqui. Tanto quanto sei, só se veem quando a avó o exige, e apenas em ocasiões especiais, como esta. Nunca namoraram da forma como eu e a Hannah o fizemos.

O Lex suspira e ajeita o fato.

– Seria assim tão mau casar com a Raven? Posso ficar com o teu lugar?

Fico tenso, vermelho de raiva, e viro-me para o meu irmão. Ele percebe e ri-se.

– Que foi? – pergunta o Lex. – Não suportas a ideia de ver a Raven com outro homem? Pensei que não a querias para tua mulher.

– Vai-te lixar! – disparo.

Os meus irmãos riem-se à minha custa e viro-me para a frente, ignorando-os. Pensar na Raven com o Lexington deixa-me irritado. Não devia ser possessivo em relação a ela, mas sou.

A música começa a tocar e as portas abrem-se. Tudo se desvanece ao meu redor enquanto espero com a respiração suspensa. Será que mudou de ideias? A Hannah não deitaria fora todos estes anos a planear um futuro juntos, anos de amor, pois não?

Inspiro profundamente quando a Raven aparece ao fundo do corredor, de braço dado com o pai. Ela para, os olhos dela encontram os meus e forço-me a sorrir.

Raven Du Pont. Nunca na vida pensei que a veria caminhar na minha direção, vestida de noiva e linda, mas com um vestido que não foi desenhado para ela. Como se sentirá ao ver-se no lugar da irmã? Nada no dia de hoje é *dela*, nem o homem com quem vai casar.

O Arthur sorri-me apesar da sua expressão grave, pousando a mão trémula da Raven na minha. Pego-lhe na mão com força, os meus olhos percorrendo o seu rosto. Ela treme, e o seu olhar denota medo e insegurança quando o oficiante começa a cerimónia.

– Estamos aqui reunidos hoje para testemunhar a união de Raven Du Pont e Ares Windsor – diz, e ambos respiramos de alívio.

Não me tinha ocorrido informá-lo de que o nome da noiva era outro. Não imagino quão humilhante teria sido se tivesse dito o nome da Hannah.

Aperto ainda mais a mão da Raven e desenho-lhe círculos com o polegar, tentando acalmá-la.

– Raven – suspiro. Ela olha para mim. – Estás deslumbrante.

Vejo a tensão nos ombros dela a diminuir e sorri, desta vez de forma genuína. Não acredito que estou a casar com a *Raven*. É a melhor amiga da minha irmã e a irmã mais nova da minha ex-namorada. Não era suposto estar aqui comigo, vestida de noiva.

Mas aqui estamos. Vai acontecer. Os Windsors não se divorciam. Quanto sacrificou ela para estar aqui comigo? Quanto mais nos vais custar este casamento?

O oficiante indica-nos que troquemos as alianças e eu encolho-me involuntariamente. A aliança que o Zane me entrega foi escolhida pela Hannah.

A Raven olha-me com tanta dor enquanto faço a aliança deslizar no seu dedo. Assenta-lhe perfeitamente, mas parece tão errado.

As mãos tremem-lhe quando me põe no dedo a aliança de platina e nem sequer me encara. É óbvio que tudo hoje lhe parte o coração e não há nada que possa fazer para a compensar.

– Pode beijar a noiva – diz o oficiante, e a Raven gela.

Dou um passo na sua direção e envolvo-lhe o rosto com as mãos antes

de encostar a minha testa à dela.

– É oficial – murmuro. – Daqui para a frente, és a minha mulher. Vou cuidar de ti, vou estimar-te e proteger-te. Sei que não é o que querias, mas prometo que sou todo teu, Raven.

Ela afasta-se ligeiramente para me encarar e anui sorridente. Sorrio-lhe ao inclinar-me, os meus lábios tocando os dela. Era suposto ser um beijo casto, apenas para contentar os convidados, mas assim que provo os seus lábios, perco o controlo.

Puxo-a para mim, beijando-a com um sentimento de desespero. Ela geme e forço-a a abrir os lábios, aprofundando o nosso beijo. É uma promessa de tudo o que está por vir. É a minha *esposa* agora e tenho toda a intenção de a tratar como tal. Este beijo é um voto, uma confirmação. A partir de hoje, sou dela. Não é o que queria, mas tiraremos o melhor da situação.

Está corada e com o batom esborratado quando me afasto e não resisto a sorrir perante a sua expressão desarmada, com um toque de luxúria escondida no seu olhar avelã.

– Caros convidados, o senhor e a senhora Windsor! – declara o oficiante e viramo-nos para a multidão que aplaude.

A avó acena-nos com a cabeça, satisfeita, mas nenhum dos pais da Raven a consegue encarar. Não me surpreende. Sacrificaram a felicidade da filha pela sua empresa. Durante anos, negligenciaram-na e agora isto? Devem-lhe tudo!

– Vamos – digo-lhe. – Quanto mais depressa acabarem as formalidades, mais depressa saímos daqui.

Não quero que tenha de passar muito mais tempo num vestido que não é dela, a encenar o casamento de sonho da irmã.

Vinte

Ares

Muitas felicidades – diz uma das atrizes que represento. Jessica?

Acho que é esse o seu nome. – Quando recebi o convite, imaginei que fosse acontecer algo deste gênero, mas, por algum motivo, achei que te casarias com a Hannah. Sempre achei que vocês escondiam algum segredo, mas agora faz sentido. Ela era tua cunhada.

O meu coração retrai-se perante a ideia de a Hannah ser minha *cunhada*, mas é isso mesmo que é. Forço-me a sorrir, e noto a Raven tensa ao meu lado.

– Os Du Ponts e os Windsors sempre foram bons amigos – respondo, incerto sobre o que dizer.

Ela olha para a Raven e sorri.

– Isto explica o porquê de não haver rumores sobre ti há tanto tempo. Namoravas em segredo com o Ares.

Abraço a Raven pela cintura com força e puxo-a para mim.

– Sim – responde –, eu e o Ares somos ambos muito discretos, queríamos fugir aos holofotes e vamos continuar a fazê-lo.

Anuo e beijo-a ternamente na testa, farto desta charada estúpida. Tem sido uma enxurrada de perguntas para as quais não temos resposta e estou exausto. Imagino que ela também.

Inclina-se contra mim assim que a Jessica se afasta e puxo-a para mais perto.

– Vamos sair daqui – digo-lhe.

Ela sorri-me de uma forma tão feliz que até me engana por um momento.

– Já vamos tarde – exclama, sorrindo.

Rio-me, não resisto.

– Isto é ridículo, mas temos de representar a última cena deste espetáculo – informo, antes de me baixar para a pegar ao colo. Ouvem-se vivas ao nosso redor enquanto a carrego nos braços, os dois sorridentes, como seria de esperar.

Temos uma limusina à nossa espera e desço a Raven cuidadosamente à

sua frente. O suspiro de alívio que solta derrete-me. Acho que uma parte de mim gostava que ela não odiasse cada segundo do dia de hoje, do dia em que casámos.

Abro-lhe a porta e ela fica imóvel por um momento. Só quando me dirijo a ela percebo a sua reação. A avó está sentada dentro do carro, de braços cruzados com uma expressão serena.

– Raven *Windsor*! – diz. – Bem-vinda à família.

A Raven parece tensa e anuí. Sorri da mesma forma que o fez o dia todo, mas noto que as suas mãos tremem.

– Que fazes aqui, avó? – pergunto, cansado. O dia foi uma loucura e não sei quanto mais consigo suportar.

– Correu tudo como esperava, mas imagino que estejam confusos e incertos quanto ao futuro, por isso quero ter a certeza de que estão familiarizados com as regras que têm de cumprir nos primeiros três anos de casamento. – Fita-me. – Tu podes sabê-las, mas a Raven não.

– Eu posso...

– Não – interrompe-me. – É melhor ser eu a explicar e é melhor que ambos saibam o que se espera de vocês.

Suspiro e olho para a Raven, o meu coração mirrado. Não imagino como hoje foi difícil para ela e a última coisa que quero é que seja assoberbada com regras e restrições.

– Raven – diz a avó de forma terna –, para que o Ares herde as suas ações e para que tu herdés a parte dos teus pais na empresa que vamos fundir, tens de obedecer a algumas regras. Não sei se já as conheces, mas vou explicar-te tudo, está bem?

Ela assente de forma hesitante.

– Primeira, tu e o Ares não podem passar mais do que três noites consecutivas separados.

A Raven fica agitada e envolve-se nos seus braços, visivelmente desconfortável. Não pensei muito além de hoje e a ideia de partilharmos um quarto é... estranha. Nem imagino como será. Embora a estime muito, nunca passámos mais do que algumas horas juntos e quase nunca a sós.

– Segunda, quando estiverem juntos, têm de partilhar uma cama. Não podem viver vidas separadas, nem dormir em quartos separados.

Vejo como a Raven fica cada vez mais tensa e questiono-me se estará a pensar em como contornar as regras da avó. Vai descobrir da pior forma que não se brinca com ela.

– Terceira, têm de ficar casados durante três anos. Se depois disso decidirem que não se dão bem, podem divorciar-se sem qualquer penalização. No entanto, nunca houve um divórcio na família e tenho toda a confiança de que o vosso casamento não será exceção.

A Raven olha-me, a sua expressão indecifrável. Sempre disse que nunca

me divorciaria, mas isso foi quando estava com a Hannah. Com a Raven? Não tenho tanta certeza. Talvez o divórcio seja a solução para os nossos problemas.

– Quarta, devem ser fiéis um ao outro. Se algum trair o outro, ambos perdem tudo. Tu perdes a empresa dos teus pais e o Ares perde a sua herança. A família é o centro do que somos, de tudo o que construímos. E a *voossa* família? Começa em vocês.

A Raven anui, a sua expressão ligeiramente relutante. Não pode ter pensado que a deixaria andar por aí a trair-me enquanto usa o meu nome? Desvio o olhar. Tudo neste casamento é uma confusão.

– A quinta e última regra é que darão uma oportunidade honesta ao vosso casamento. Façam com que funcione para os dois.

A avó olha para nós com um sorriso terno. É estranho como parece meiga quando tem o nosso futuro nas mãos.

– Não se prendam às vidas que tinham antes do casamento. Deem uma oportunidade honesta ao outro e, em três anos, assinarei os papéis que declaram que a companhia é metade de cada um, fazendo-vos donos da maior empresa de média do país. Receberás também a tua herança, Ares. – Faz uma pausa, olhando novamente para cada um. – Sei que isto é tudo muito repentino, por isso, nas próximas quatro semanas, estarão dispensados de todas as obrigações familiares. Não têm de ir aos jantares de família nem aos eventos de solidariedade. Quero que se foquem só no casamento. Passem tempo juntos, conheçam-se melhor. Em breve, o mundo inteiro saberá e a pressão sobre o vosso casamento irá aumentar. Passem tempo de qualidade juntos antes que isso aconteça.

A Raven e eu acenamos, nenhum com convicção. Imagino o que estará a pensar. Não faço ideia de como será o nosso casamento, não sei o que ela quer, o que espera. Também não sei como as coisas ficaram com a Hannah. É tudo uma incrível confusão e a Raven foi apanhada no meio.

– Leva a tua noiva como manda a tradição – ordena a avó quando o carro para à minha porta.

Anuo obedientemente e saio do carro, os meus olhos encontram os da Raven quando me inclino para pegar nela. Está relutante e assustada e odeio que seja por minha culpa. Odeio que se tenha visto obrigada a fazer tudo isto.

Passo-lhe um braço pela cintura e o outro pela parte de trás dos joelhos e levanto-a nos meus braços. A Raven suspira, os braços dela em redor do meu pescoço.

– Ares! – Olha-me e a expressão dos seus olhos tira-me o fôlego. – Não tens de fazer isto. – Soa magoada, destrocada. Hoje pode ser um dia difícil para mim, mas para ela também. Ambos perdemos muito hoje.

– Ouviste a avó – digo-lhe suavemente. – Além disso, o pessoal deve

estar à espera de ver isto.

Como que planeado, Donna, a minha empregada, aparece à porta. Mantém o olhar no chão, como é suposto, mas sei que está curiosa. Todo o pessoal espera que apareça a Hannah. Sei que não dirão uma palavra sobre o assunto, mas, ainda assim, é desconfortável.

Carrego a Raven até casa, o meu coração pesado enquanto me dirijo à sala. Sinto o seu olhar em mim, sou incapaz de a encarar. Não faz ideia das vezes que imaginei carregar assim a sua irmã... Mas se me quero redimir, tenho de garantir que nunca será recordada disso.

Vinte e um

Ares

Continuo a sentir o olhar da Raven cravado em mim quando entramos na sala, mas não a consigo encarar. Se não fosse eu, não estaria nesta situação. Devia ter-me esforçado mais para convencer a Hannah. Devia ter ido atrás dela quando fui notificado de que tinha deixado o país. Em vez disso, fiquei quieto a ver tudo arder à nossa volta, fiz com que a Raven pagasse o preço disso.

– Preciso de uma bebida – digo, assim que a deixo no sofá. Afasto-me em direção ao bar e preparo um *whisky* puro.

– Também quero – diz-me.

As mãos tremem-lhe quando pega no copo e desvio o olhar, bebendo o meu copo de um trago e enchendo-o novamente. Por algum motivo, lembro-me de como a beijei hoje e de como *me beijou* de volta.

– Desculpa – digo-lhe, sentando-me à sua frente, a uma distância de segurança. Está deslumbrante, num vestido que não era suposto usar.

– O quê?

Forço-me a olhá-la nos olhos e respiro fundo. É a minha mulher agora, mas o que significa isso para nós?

– Ter-te beijado.

A Raven recosta-se e dá outro gole na bebida.

– Teria ficado confrangida se não o tivesses feito. Pouca gente sabia sobre ti e a Hannah, e quem sabe assinou um acordo de confidencialidade. A maioria dos convidados pensou que o nosso casamento era real e, felizmente, conseguimos que *parecesse* real.

Anuo, sem saber que dizer. Nunca houve momentos constrangedores entre mim e a Raven. Sempre nos sentimos confortáveis um com o outro, mesmo sentados em silêncio. De alguma forma, tudo parece diferente. Ambos perdemos muito hoje, e temo que nos tenhamos perdido um ao outro também.

– Talvez devêssemos falar sobre... *nós*? – sugiro.

A Raven fica tensa, endireita a coluna.

– Sim, temos de o fazer.

Passo uma mão pelo cabelo e olho para o teto por um instante.

– Lamento que seja assim, Raven. Saber que é por minha causa que não podes viver a vida que tinhas planeado para ti... Peço-te muita desculpa.

– Ares – a voz dela é meiga, mas firme, endireito-me para a poder encarar –, a culpa não é tua. Admito que nunca pensei que a Hannah não aparecesse, mas já está, já passou. Estamos casados.

Casados. Caraças! Que loucura. Como raio acabei casado com a irmã mais nova da minha noiva? Que raio aconteceu? Respiro fundo para me acalmar antes de beber outro gole. Preciso de coragem líquida para isto.

– Raven, quero que saibas que não espero nada de ti. Só quero que pareça que estamos a dar uma hipótese honesta ao casamento, pelo menos aos olhos da minha avó.

– «Aos olhos da minha avó» – repete, a examinar-me o rosto. – Que quer isso dizer?

Alargo o meu laço e desaperto o primeiro botão da camisa.

– Quer dizer que temos de fingir na presença dela. Desde que ela pense que estamos a tentar dar-mo-nos bem, vai deixar-nos em paz. Sou o primeiro dos meus irmãos a casar, por isso também não sei o que esperar, mas conheço a minha avó. Se achar que não estamos a tentar, vai pensar em mil esquemas e não o podemos permitir. Só conheces a minha avó como a doce senhora que mostra ser à tua frente, mas é uma pessoa difícil. Adoro-a, mas pode ser um pesadelo.

A Raven levanta-se, um pedaço de mau caminho naquele vestido de noiva branco. Passei o dia inteiro a tentar não olhar muito para ela, mas é impossível resistir. Está linda, o decote em V faz-lhe um peito perfeito. Parece inapropriado olhá-la assim, mas não consigo evitar. É tão estranho que esta bela mulher seja agora *a minha esposa*.

– Então queres que façamos de conta que estamos a dar uma oportunidade ao casamento. E o que fazemos no entretanto?

Caminha até mim e pousa um joelho no sofá, entre as minhas pernas. Depois, inclina-se e põe as mãos nos meus ombros. Tenho de me esforçar muito para que não perceba como estou maravilhado.

– Tencionas comer a minha irmã enquanto me fazes cumprir as regras do casamento?

Cerro os dentes, pasmado com a pergunta e o veneno que sinto no seu tom de voz.

– Claro que não! – exclamo. – Que pensas de mim, Raven?

Ela aperta-me os ombros com mais força, os olhos repletos de raiva. Nunca a vi tão furiosa. A Raven que conheço sempre foi doce e paciente, mas a mulher à minha frente é tudo menos isso.

– Não sei, Ares. Parece-me que me estás a pedir que finja ser a tua esposa durante três anos, até que te possas divorciar de mim e voltar para a

minha irmã. Muito conveniente para vocês, não é? A Hannah foge e não tem de obedecer às limitações que este casamento imporia na sua carreira e durante três anos pode concentrar-se nela enquanto *eu* fico presa contigo. Vais mesmo roubar-me três anos de vida e sacrificá-los pela Hannah?

Por instantes, deixo-me ficar apenas a olhar para a minha mulher. Está magoada, insegura e zangada. Com razão, verdade seja dita. Não sei exatamente o que lhe estava a pedir, mas percebo que usei mal as minhas palavras.

Aproximo-me e ponho as mãos à volta da sua cintura, surpreendendo-a.

– Não – digo-lhe –, não vou sacrificar três anos da tua vida, Raven. O que estou a dizer é que há regras que temos de seguir e que fingi-lo perante a avó irá facilitar-nos a vida. – Inspiro profundamente, a minha cabeça em rodopio. – Não sei o que este casamento será para nós. Também não sei como as coisas ficaram com a Hannah. Neste momento, há muitas coisas que não sei, Rave.

Ela assente e afasta-se, baixando os ombros. Foi um dia difícil para os dois e durante algum tempo não será muito mais fácil.

– Não precisamos de decidir tudo de uma vez. Temos tempo, certo? – digo-lhe. – E se te mostrar a casa e formos dormir cedo hoje?

Ela anui e forço-me a sorrir. Sempre estivemos tão confortáveis um com o outro, mas, agora, estamos ambos a fingir que não estamos magoados. Tudo o que este dia representa é uma dor. Acaba de se tornar a minha mulher, mas a distância entre nós nunca foi maior.

Vinte e Dois

Raven

Sinto a cabeça à roda enquanto o Ares me mostra a casa. Até hoje, só conhecia a cozinha e a sala. A casa tem um tamanho semelhante à da Sierra, mas a planta é completamente distinta. A da Sierra é muito aberta, enquanto a do Ares parece ter mais divisões.

Consigo ver a influência da minha irmã em todo o lado, o que é estranho. Reforça a ideia de que tudo aqui era suposto ser da Hannah. Acho que de alguma forma ainda *é* tudo dela. *Ele* ainda *é*.

Até a sala de cinema foi, de certeza, construída para verem os filmes em que ela entra. O amor que tem por ela é visível em cada canto e recanto daquela que será a minha casa.

– Gosto da minha privacidade, por isso prefiro não ter pessoal em todo o lado. A empregada e o cozinheiro vêm durante o dia, quando estou no trabalho, para não me incomodarem. Nem sequer os vais ver. Mais tarde mostro-te como podes fazer o *download* da aplicação que toda a família usa. Talvez já tenhas visto a Sierra a usá-la. Se precisares de alguma coisa, basta enviáres um pedido pela aplicação e será feito, sejam compras ou pintar as paredes. Temos uma equipa de mordomos que sabem como fazer quase tudo.

Aceno com a cabeça enquanto o sigo.

– Esta é a última divisão, o meu quarto – informa. – Ou melhor, agora é o *nosso* quarto.

Segura-me a porta, e sigo-o relutantemente, com o estômago às voltas. É óbvio que tem muitas memórias da Hannah criadas nesta casa, quando mais no quarto.

O Ares passa uma mão pelo cabelo e respira profundamente, o olhar percorre o quarto que pensava vir a partilhar com a minha irmã.

Nunca tinha estado no seu quarto e estar aqui parece-me uma invasão de privacidade. O Ares vira-se para mim de forma hesitante, com uma expressão de lamento.

– As tuas malas chegaram hoje de manhã. Vais encontrar tudo o que precisas no quarto de vestir. Vou mostrar-te.

Anuo e sigo-o, parando junto ao toucador repleto dos produtos favoritos da minha irmã. Uma dor aguda espalha-se pelo meu coração e envolvo-me com os braços de forma protetora. Durante anos, partilhou este quarto com a Hannah. Era aqui que ficava quando passava cá a noite e, pelo que vejo, fazia-o regularmente.

O Ares segue o meu olhar e gela.

– Eu... – coça o pescoço, o seu olhar contrito. – Não pensei nisto, Raven. Aconteceu tudo tão depressa. Até hoje de manhã, esperava que... não tive tempo...

Abano a cabeça e ponho-lhe uma mão no braço.

– Não tem importância – digo-lhe, preparando-me antes de o encarar. – Mas quero que saibas que não quero os restos dela. Não quero estar rodeada do que restou da vossa relação. O nosso casamento pode não ser convencional, mas quero que tenhas um nível mínimo de respeito por mim. Não vou viver o nosso casamento na sombra dela.

– Claro – diz com uma voz meiga. – Percebo isso e peço desculpa. Vou pedir que arrumem estas coisas e as enviem para casa dela. Que achas?

Anuo e desvio o olhar. Quem me dera poder dizer-lhe toda a verdade, que não quero ser lembrada do quanto a ama, da vida que esperava construir com ela. Queria dizer-lhe para olhar para mim e me ver, *realmente ver-me*, só desta vez.

Em vez disso, inalo tremulamente e encaminho-me para o espelho, parando em frente dele.

– Estou exausta e, sinceramente, só quero dormir. – Não tenho forças para continuar a fingir. – Podes ajudar-me com os botões do vestido?

O Ares dirige-se a mim e detém-se nas minhas costas, os olhos nos meus através do espelho. O seu toque é gentil quando desvia o meu cabelo para o ombro, expondo a longa fila de botões do meu vestido de noiva. Nem o vestido que estou a usar é meu. Estou a roubar tudo o que era dela e não me sinto bem com isso.

O Ares hesita por um momento antes de começar a desabotoar os botões, parece atormentado. De certeza que está a pensar na Hannah e no quão deslumbrante ficaria neste vestido. Que expressão teria neste momento se ela estivesse no meu lugar?

Para a meio da fila de botões e olha para cima, o seu olhar encontra o meu no espelho.

– Até onde queres que desaboteo?

Forço um sorriso e tento disfarçar o meu coração acelerado para que não perceba que o seu toque mexe comigo. O que vê quando olha para mim? Será que me acha minimamente atraente?

– Até ao fim – murmuro. – O tecido é bastante delicado e não o quero estragar a tentar eu desabotoá-lo.

Ele acena com a cabeça e desvia o olhar, concentrando-se na tarefa. Não sente absolutamente nada enquanto me despe? A forma como me beijou durante a cerimónia permitiu-me fingir que o nosso casamento não é uma farsa, mas a maneira fria como me tratou depois disso tirou-me qualquer esperança que me tivesse dado inadvertidamente.

Sinto um arrepio na espinha quando os dedos dele tocam na minha pele e fecho os olhos por um momento, fingindo que esta noite não é um tormento para mim. Na minha fantasia, o Ares deseja-me tanto quanto eu o desejo, não pensa em mais nada senão em mim.

Se as coisas tivessem sido diferentes entre nós, ter-me-ia deitado na sua cama,

tocando-me de forma impaciente e calorosa? Ao invés do cuidado com que me despe, seria bruto e frenético, como foi há tantos anos?

Demora algum tempo a desabotoar o vestido até que as costas se abrem totalmente. Espero que se afaste, mas põe as mãos nos meus ombros. Olho-o pelo espelho e vejo que me observa de uma forma como nunca fez. Os nossos olhares cruzam-se e, por um segundo, podia jurar que li desejo no seu olhar. Que faria se eu me virasse e o beijasse? Aterroriza-me pensar no que pode acontecer quando a Hannah descobrir que me casei com o Ares. Quando ela voltar e pedir o seu perdão, acabam-se as minhas hipóteses de conseguir que este casamento resulte.

Viro-me e ponho as mãos sobre o peito dele, um medo desconhecido dita os meus movimentos.

– Ares – suspiro.

É como se a minha voz o fizesse despertar do transe em que estava, porque se afasta e passa a mão pelo cabelo.

– Vai dormir sem mim – pede, a voz firme.

Assinto, a minha cabeça à roda enquanto ele se afasta. Imagino que queira dar-me privacidade, mas não é isso que quero.

Uma vez, disse a uma amiga que, se soubesse que tinha uma oportunidade com o homem que amo, faria de tudo para o conseguir, lutaria por ele. É agora. Esta é a minha oportunidade.

Vinte e Três

Raven

O som de baterem à porta acorda-me e pestanejo, desorientada, encontrando o Ares ao meu lado. Nunca imaginei que nos íamos encontrar nesta posição... a acordar juntos, casados.

Ouçó novamente o mesmo som e sento-me, ficando com os lençóis pela cintura.

– Ares – murmuro.

– Hmm? – pestaneja, sonolento, e vira-se para mim, suspirando enquanto abre os olhos.

– Raven – suspira de forma sonhadora. O seu olhar percorre a minha camisa de noite preta e detém-se no meu peito por um momento. Não se deitou até que eu tivesse adormecido e nem tinha a certeza de que o veria ao meu lado hoje de manhã. Não ficaria surpreendida se tivesse dormido no sofá. Não deve ser fácil ver-me na sua cama quando é a minha irmã que quer.

– Ares, querido – chama a Donna. – Está... está uma pessoa na entrada.

Fico tensa e fecho os olhos.

– A Hannah – suspiro. Sinto tanta culpa, seguida de vergonha. – Que lhe vamos dizer? – pergunto com a voz a tremer.

O Ares senta-se e vira-se para mim, expondo o pijama aos quadrados azuis que tem vestido. A Hannah tem um igual. Só de olhar para ele sinto-me nauseada. Usou-o porque sente a falta da minha irmã ou será que ela está tão entranhada na sua vida que nunca desaparecerá?

Olha-me por um momento, percebo que nota a minha ansiedade.

– Que queres que lhe diga?

Olho para as minhas mãos e respiro fundo antes de responder.

– Quero que lhe digas o que me disseste no altar. Disseste-me que eras completamente meu, Ares. Peço-te que cumpras essa promessa. Sei o quanto a amas, mas não permitirei que me traias nem que me envergonhes. Peço-te que me dês o respeito a que tenho direito como tua mulher, o respeito que terias pela Hannah se ela não te tivesse abandonado no altar.

Ele desvia o olhar e anui com convicção.

– Entendido – afirma, simplesmente. Fico boquiaberta ao ver que me sorri como que tentando transmitir-me confiança, como se conseguisse ler os medos que tanto tento esconder.

– Vamos arranjar-nos – diz. – Ela querará falar com os dois, imagino. Usa esta casa de banho, eu vou usar a do nosso ginásio.

Saio da cama e passam-me pela cabeça mil preocupações. Não os quero ver

juntos. De alguma forma, tenho existido neste mundo fictício do qual a Hannah não faz parte. Tenho-me convencido de que poderia vencê-la e que iria de facto ocupar o seu lugar.

Sabia que não podia viver assim para sempre.

Quando saio do quarto de vestir, dou com o Ares sentado na cama com uma toalha prendendo-lhe o cabelo molhado. Pensei que tivesse ido falar em privado com a Hannah, mas aqui está, à minha espera.

Percorre o meu vestido com o olhar e depois desvia-o.

– Pronta? – pergunta quando se levanta.

Abano a cabeça.

– Não – admito. Conheço a minha irmã. Sempre foi uma atriz talentosa e nem eu consigo resistir aos seus encantos. Temo que a minha determinação colapse assim que a veja.

O Ares sorri-me, mas o seu olhar não.

– Vai correr tudo bem, vamos.

Assinto e sigo-o para a sala de estar, onde a Hannah nos aguarda. Salta do sofá e corre para o Ares, atirando-se para os braços dele. Ele abraça-a com força, de olhos fechados, numa expressão de tormento autêntico. É óbvio que estava a morrer de saudades dela e nunca me senti tanto uma intrusa como agora.

– Diz-me que não é verdade – implora, a voz trémula.

– Lamento, Hannah. – Soa tão magoado quanto ela e não suporto saber que sou a única coisa que os separa.

Ela afasta-o, uma lágrima corre-lhe pelo rosto, e olha para mim.

– Raven, isto é uma piada de mau gosto, não é? Diz-me que é! – ri-se sem vontade, o som carregando algum desespero.

Abano a cabeça, coberta de remorsos. Ela ama-o. A Hannah pode ser egoísta, mas o amor dela pelo Ares sempre foi uma das suas melhores qualidades.

– Como foste capaz de casar com o meu noivo? – pergunta, incrédula. – Como podes ter concordado em casar com alguém que nunca te vai amar? Porque me fizeste isto, Raven? Bastava afastares-te e tinham adiado o casamento e não culpariam o Ares por isso.

– Hannah – digo num tom defensivo –, liguei-te mil vezes. Enviei-te mensagens, deixei mensagens de voz e enviei-te *emails*. Tentei contactar-te de todas as formas possíveis, mas *escolbeste* ignorar-me. Eu disse-te que o pai ameaçou tirar-me todo o investimento na minha empresa se não caminhasse até ao altar e, mesmo assim, não apareceste. Estavas disposta a arriscar o teu futuro, mas isso não significa que eu estivesse disposta a arriscar o meu.

Ela olha para um e para outro, os olhos marejados de lágrimas.

– Ares – insiste, a voz falha-lhe –, como foste capaz? Ela é minha *irmã*, por amor de Deus. Isto... – volta a olhar-nos, repleta de insegurança. – Vocês os dois... estão...

– Não – o Ares responde imediatamente. – Nunca, *nunca* amei ninguém senão a ti, Hannah. Nunca amarei. Como posso querer mais alguém?

O meu coração contorce-se de dor, mas forço-me por me manter discreta. Parte de mim teme que seja verdade e que, independentemente do que faça, nunca me

vai amar. Outra parte de mim, maior, sabe que me arrependerei para sempre se não tentar.

– E como ficamos nós, Ares? Nós!

O Ares olha-me, mas não sei como se responde a isto. Na verdade, estou tão expectante pela resposta dele quanto a Hannah.

– Sabes o que o casamento significa para mim, Hannah. Tu escolheste fugir disto, fugir da nossa relação.

Ela olha-o incrédula.

– Só tens de te manter casado por três anos, certo?

Ele hesita, mas acaba por anuir.

– Eu espero. Eu espero por ti, Ares.

Observo a expressão dele, vejo como se ilumina de esperança. Magoa-me. Mata-me que, mesmo agora, ainda deseje tanto estar com ela.

– Três anos passam a correr – continua a Hannah num tom desesperado. – Vou focar-me na minha carreira nos próximos três anos e assim que vocês se divorciarem, reformo-me e caso contigo. Agora sei que não preciso tanto da minha carreira quanto preciso de ti, Ares. Nunca me teria afastado se soubesse que te iam obrigar a casar com a Raven.

Depois, vira-se para mim, os olhos repletos de tristeza.

– Lamento tanto, Raven. Isto... a culpa é toda minha. Teres de casar com o teu cunhado... Não imagino como seja difícil para ti. Sei que é tarde para pedir desculpa, mas estou mesmo arrependida. Vou corrigir isto, prometo. Três anos pode parecer muito tempo, mas ficas com a empresa dos pais.

Cunhado. Parte de mim quer passar-se e gritar-lhe que ele é o meu *marido*, e cunhado *dela*, mas não sou capaz de a magoar desta forma. Em vez disso, aceno com a cabeça, sem saber que resposta lhe dar. Posso ser a esposa do Ares, mas não sou dona dele. Estar aqui, em frente à minha irmã, a mulher que ama e com quem quer passar o resto da vida... não a posso fazer sofrer mais do que já sofre.

A Hannah respira profundamente e encara o Ares antes de olhar para mim.

– Confio nos dois – diz, olhando para um e para o outro. Sorri para o Ares, o olhar repleto de saudade. – Sei que foram postos numa situação difícil, mas não tenho dúvidas quanto ao nosso amor, Ares. Estamos juntos há cinco anos. Bem vistas as coisas, três anos não são nada comparado com o resto das nossas vidas.

Depois, vira-se para mim com um olhar implorante.

– Se fosse outra pessoa, estaria insegura e com medo, mas sei que nunca me vais magoar. Nunca me trairias dessa forma, e sei que nunca vais olhar para o Ares como teu marido, por isso não importa que o mundo vos veja como um casal.

Assinto, desistindo. Não é uma batalha que valha a pena travar. Além disso, o Ares pode ser o meu marido agora, mas será o dela no futuro. Vejo-o no olhar dele. É com ela que se imagina. As promessas que me fez desfizeram-se assim que a viu. Sempre foi assim.

A Hannah hesita, encarando-me, e por um momento temo que me consiga ler, que veja a minha relutância, o meu coração partido.

– Raven – diz, a voz tensa. O meu coração dispara e forço-me a sorrir. Mesmo antes de começar a falar, o telemóvel dela toca e poupa-me a dar respostas que não

tenho.

Olha para o telemóvel e faz uma careta.

– Tenho de ir – informa, relutante –, estão à minha espera no estúdio.

O Ares fica inquieto, ouvindo as palavras que ela não diz. Se estão à espera dela no estúdio, então já sabia que hoje não ia estar a gozar a sua lua de mel. Que jogo é este e quanto mais tempo vai o Ares alinhar nele?

Vejo a Hannah dirigir-se a ele. Põe-se em bicos dos pés para o beijar e eu cerro os dentes, sentindo veneno a percorrer-me as veias. O Ares desvia a cara no último momento, fazendo com que os lábios dela aterrem na sua face.

Ela semicerra os olhos, mas opta por permanecer calma.

– Vemo-nos mais tarde – diz-lhe, a voz suave. – Vamos jantar e falamos sobre isto.

Ele anui e vê-a ir-se embora, deixando os nossos futuros em desalinho. A porta fecha-se e o Ares respira profundamente ao sentar-se no sofá, o olhar perdido.

Devia dar-lhe espaço e respeitar os seus limites, mas não o vou fazer. Isto é uma guerra e eu vou lutar pela vitória.

Os meus passos seguem determinados em direção a ele, ponho o joelho entre as suas pernas abertas, inclinando-me como fiz ontem. O remorso com que me encara faz-me hesitar, mas a esperança vence.

Ponho as mãos nos seus ombros e inclino-me, ficando mais alta do que ele.

– As minhas palavras mantêm-se – digo, a minha voz meiga, mas firme. – Não vou permitir que me traias. Se queres estar com a Hannah depois de três anos de casamento, que seja. Mas até lá, preciso que me sejas fiel. Podes pensar que me podes enganar e não ser apanhado, mas eu não correria esse risco. Se me traíres, perco tanto como tu. Não o vou permitir.

Ele abraça-me pela cintura, o olhar repleto de emoções que não consigo ler. Nunca me olhou assim.

– Entendido – assente, a voz terna. – Não vou quebrar os meus votos, Raven. Não te vou mentir e dizer-te que não me sinto tentado, porque sinto. Era fácil fingir que não estamos casados, que só partilhamos a casa, que ainda és a irmã da minha noiva. Mas não o farei.

Expiro e aceno-lhe com a cabeça, sentindo-me aliviada. É só isto que peço. Enquanto me for fiel, terei uma hipótese.

E uma hipótese é a única coisa de que preciso.

Vinte e Quatro

Ares

Endireito a gravata em frente ao espelho, distraidamente, mergulhado em conflito. Voltei a ter o mesmo sonho com a Raven ontem à noite, e não sei lidar com isso. Normalmente, abstraio-me e relembro-me de que não posso controlar o subconsciente, mas, desta vez, não consigo pensar em mais nada e sinto-me culpado. Principalmente porque não percebi logo que já não estava a sonhar quando a vi deitada na minha cama. Estava quase a puxá-la para cima de mim, o meu pénis ainda a latejar.

Ver a Hannah ainda me deixou pior.

Amo-a desde que me lembro e agora estou casado com a irmã dela. Parece que a trai da pior forma possível e a última coisa que quero é sentir desejo pela Raven. É de loucos! Em poucos dias, a minha vida inteira descarrilou.

– Onde vais?

O meu corpo contrai-se ao ouvir a voz da Raven e olho para cima, encontrando o olhar dela através do espelho. Está encostada à parede, junto à porta, de braços cruzados. Sinto um turbilhão de conflitos só de olhar para ela. Fica linda com aquele robe comprido de seda, o cabelo caído sobre o peito. É estranho tê-la em casa. Encaixa tão bem, mas faz-me sentir tão desorientado.

Vejo-a caminhar para mim, as ancas a balançar. Consegui evitá-la durante a maior parte do dia, fechando-me no escritório, mas devia saber que não ia durar.

Viro-me para a encarar e forço-me a sorrir.

– Jantar.

A Raven detém-se à minha frente e agarra a minha gravata, soltando-a um pouco.

– Ai sim? Com quem?

O meu coração acelera quando outro tipo de culpa me atinge. Em relação à Raven, desta vez.

– Rave – digo, suavemente. Ela sabe muito bem com quem vou jantar. Estava lá esta manhã, quando a Hannah me pediu que jantássemos para

falar sobre a situação.

Ela deixa que a minha gravata caia ao chão e agarra-me o colarinho, os movimentos dela a traírem-lhe a raiva.

– Odeio esta camisa – murmura enquanto passa os dedos pelo primeiro botão.

Engulo com esforço ao ver a Raven desabotoar vagarosamente a camisa azul que a Hannah me deu. Observo-a cuidadosamente à medida que a camisa se vai abrindo, não sei o que dizer ou que fazer. Nunca me tocou assim, mas faz-me sentir bem. O olhar possessivo, o toque. Estou a navegar em águas desconhecidas.

– Rave – suspiro –, que estás a fazer? – está claramente zangada e não a quero provocar ainda mais.

Ela olha-me com raiva.

– A despir o meu *marido*. Que estás *tu* a fazer?

Agarro-lhe os pulsos, travando os seus movimentos.

– É só um jantar.

– Será mesmo?

Anuo.

– Raven... prometo-te que vou manter a minha promessa. Apesar do meu passado com a Hannah e dos meus sentimentos por ela, não te vou trair.

Aperto-lhe os pulsos com mais força e ela olha para mim.

– Ares – suspira –, não te quero fazer infeliz. A Hannah fez parecer que não era nada, mas três anos é muito tempo. Não sei mesmo o que fazer. Vou ser honesta contigo, não sou boa a partilhar e posso ser bastante ciumenta. A partir do momento em que tu e eu nos casámos, passaste a ser *meu*. Recuso-me a ser feita de parva e não vou permitir que vocês me sacrifiquem pelos vossos objetivos egoístas. Não vou manter as aparências enquanto andas a comer a minha irmã às escondidas. Não sei como vai ser o nosso casamento e sei que a amas, mas estás muito enganado se achas que vou ficar quieta a ver-te namorar com ela. – Consegue libertar-se das minhas mãos e dá um passo atrás. – Quero que sejas feliz, Ares... mas não com ela. Não assim. Não depois do que me foi pedido.

Sorrio-lhe, intrigado. A Raven sempre foi tão meiga e calma e começo a questionar se alguma vez a conheci realmente. Nas últimas semanas, tem estado diferente e acho que gosto da mudança. Aproximo-me e tiro-lhe o cabelo da cara.

– Eu sei, Rave. Podes acreditar que sei. Isto também não é fácil para mim, mas tens razão. Eu sou teu... e tu? És minha. Vamos levar algum tempo a perceber este casamento, mas posso prometer que nunca te trairei nem te magoarei de forma propositada.

Ela vira-se, parece-me menos zangada. Observo-a enquanto passa os

dedos pelas camisas no meu guarda-roupa. Escolhe uma branca e tira-a do cabide.

– E, Raven – digo-lhe –, eu *nunca* partilho nada. Se me estás a pedir que mantenha distância da Hannah, espero que também o faças em relação a outros homens.

Ela volta para junto de mim, olhando-me.

– Sou tua. – O meu coração dispara. – Só tua.

Algo na forma como me olha relembra-me do sonho e, só isso, dá-me tesão. Desvio o olhar e respiro fundo. Estou tão dividido! Ela é a minha *mulher*, mas sinto-me culpado quando penso nela dessa forma.

A Raven passa-me a camisa branca. Espero que se vá embora, mas, em vez disso, agarra a camisa que estou a usar e puxa-a até aos ombros. Está tão perto e, mesmo sabendo que não devia, questiono-me como reagiria se a beijasse.

– Eu faço isso – digo-lhe, afastando-me. Sentir o seu toque é demasiado íntimo. É demasiado. Com exceção daquela noite em que ela e a Sierra se embebedaram, sempre manteve uma distância apropriada de mim e não sei como lidar com esta nova versão.

Observa-me enquanto visto a camisa que escolheu para mim.

– Não me desiludas – pede, de forma tão suave que quase não a ouço.

Olho para cima e encontro o seu olhar vulnerável.

– Não o farei – prometo-lhe. Nenhum de nós sabe exatamente como lidar com esta situação, mas isto sei que consigo fazer. Consigo manter as promessas que lhe faço.

Anui, seguindo-me com o olhar quando saio.

A caminho do restaurante onde me vou encontrar com a Hannah, só consigo pensar na forma como a Raven me olhou. Parecia tão magoada, tão desapontada.

Não sei o que pensar. Ela e eu... não sei que futuro nos espera, mas interrogo-me sobre como serão os próximos três anos. Pensei que iria querer manter a distância e empurrar-me para a Hannah, mas a maneira como me tocou... foi com uma intimidade que não esperava.

– Ares!

A Hannah encaminha-se para mim mal entro na sala privada que reservou para jantarmos. Abraça-me pelo pescoço e põe-se em bicos de pés, os lábios dela roçam os meus por um segundo enquanto não a consigo afastar.

– *Não faças isso* – exclamo, limpando os lábios com as costas da mão.

Vejo a confusão no seu olhar.

– Ares... por favor, não te chateies comigo.

Passo por ela e sento-me, sem me preocupar em puxar-lhe a cadeira como sempre fiz. A Hannah fica apenas a olhar para mim até que decide

juntar-se a mim à mesa.

– Onde estavas? – pergunto-lhe. – No dia do nosso casamento, onde estavas?

Ela desvia o olhar e afaga o ombro, os olhos marejados de lágrimas.

– Nunca pensei que obrigassem a Raven a fazer isto – diz, a voz trémula. – Tinha acabado de conseguir o papel dos meus sonhos e só queria ganhar algum tempo. Achei que era a única coisa a fazer. Desde que tu não tivesses feito nada, a tua avó não te castigaria pelas minhas ações.

Recosto-me na cadeira e olho para ela. Amo-a há tantos anos, mas questiono-me se não será porque forçámos esta relação.

– Fizeste a tua aposta e perdeste, Hannah.

Ela sorri-me e vira a cara.

– Foi inesperado, mas a Raven não se vai importar com o divórcio daqui a três anos. Isto só adiou os nossos planos. Tu e a Raven costumavam passar algum tempo juntos, nós podemos fazer o mesmo. Ninguém precisa de saber.

Cruzo os braços e atiro-lhe um riso forçado.

– Estás a pedir-me que traia a minha mulher contigo? Queres ser a minha amante, Han?

Os olhos dela lampejam de raiva.

– Ela não é exatamente a tua mulher – atira. – Além disso, a Raven não se vai importar. Ou vais fazer celibato durante três anos?

Involuntariamente, o meu pensamento regressa ao sonho da última noite. Não, não vou mesmo fazer celibato.

– Hannah, sempre soubeste que o casamento é algo sagrado para os Windsors e eu não sou exceção. Não vou trair a minha esposa, seja ela quem for. Vou tratá-la com o respeito que merece. Tu escolheste afastares-te disto e eu tive de lidar com as consequências.

– Fiz asneira, Ares. Sei que sim, mas... estamos juntos desde que me lembro. Não percebo. Estás mesmo a dizer-me que queres estar com a minha *irmã* como marido e mulher?

Passo uma mão pelo cabelo.

– Não – respondo-lhe. – Estou a dizer-te que não podes ter o melhor de dois mundos. Fizeste a tua escolha e ela trouxe consequências. Talvez possamos voltar a estar juntos daqui a três anos, ou talvez eu venha a perceber que a nossa relação já tinha acabado muito antes de te teres afastado. Sinceramente, não sei, Han. O que sei é que estou farto de te fazer as vontades todas.

– Que quer isso dizer, Ares?

– Quer dizer que acabou tudo. Quando me casei com a Raven, tornaste-te minha cunhada, quer gostes quer não.

Ela fita-me com os olhos arregalados.

– Ares, sei que estás zangado, mas não faças isto.

Abano a cabeça.

– *Eu* não fiz nada, Hannah, *tu* é que fizeste.

Agarra-me na mão e entrelaça os nossos dedos.

– Ares, não te quero perder. Por favor, dá-me uma hipótese de corrigir isto. Por favor, meu amor. Isto... não vês que isto é uma loucura? Não te posso perder. Nem sei quem sou sem ti.

Sorrio forçadamente.

– Podemos tentar ser amigos, Han, é o máximo que posso fazer.

– Amigos? – pergunta, confusa. – Como raio podemos ser amigos?

Sim, como? Depois de tudo o que passámos, como encontraremos forma de permanecer na vida um do outro sem nos magoarmos, sem magoar a Raven?

Vinte e Cinco

Raven

A porta da Sierra escancara-se quando pressiono o dedo no leitor digital e entro com os braços carregados de guloseimas.

– Raven! – Senta-se no sofá e desvia o portátil, a testa franzida. – Que fazes aqui? Não devias estar no ninho de amor com o meu irmão?

Resmungo ao enterrar-me no sofá e ela abre os braços, oferecendo-me um abraço. Atiro-me a ela e aperto-a com força, sem saber o que dizer.

– Está a correr assim tão mal?

Anuo e aperto-a ainda mais.

– Ele está com ela neste momento.

A Sierra afasta-me para me olhar nos olhos.

– Ele *o quê*?

– Foi jantar com ela hoje.

– Só podes estar a brincar – declara num tom irritado. – Ele foi jantar com ela um dia depois de se casar contigo? Que raio? Onde foram?

– Não – peço-lhe –, não faças nenhuma loucura. Só vim para aqui porque não queria estar sozinha na nossa casa que mais parece o *Templo da Hannah*. Podemos só passar a noite a ver *reality shows* estúpidos e a comer guloseimas que eu não devia comer?

A Sierra semicerra os olhos antes de pegar num pacote de batatas fritas e de o atirar para o outro lado da sala.

– Não temos tempo para guloseimas, Raven. Passaste anos secretamente apaixonada pelo meu irmão. Agora, és a *mulher* dele, Rave. Na família Windsor, isso significa alguma coisa. Só temos de fazer com que a avó descubra onde ele está e garanto-te que *nunca* mais vai *sequer* tentar vê-la. Tu és a nora da avó, ela nunca vai permitir que o Ares te desrespeite.

Hesito por um momento, quero seguir o caminho mais fácil, mas sei que não é o mais correto.

– Sierra. – abano a cabeça. – não vamos fazer isso. Mantê-lo longe dela à força não me vai servir de nada. Só vai desejá-la ainda mais e a última coisa que quero é que ande a fazer coisas nas minhas costas.

A Sierra franze os lábios, mas acaba por desistir.

– Anda comigo.

Suspiro ao segui-la para o quarto. Percebo, pela postura determinada, que tem algum plano e não sei se me quero envolver nas suas ideias maléficas.

– Toma. – Passa-me um saco de marca. – Comprei isto para ti hoje. Tinha um pressentimento de que ias precisar.

Examino o interior do saco e arregalo os olhos quando percebo o que é. Pegó numa camisa de noite rendada e rio-me.

– Isto... isto é escandaloso! – gracejo ao olhar para o pequeno pedaço de tecido que tenho nas mãos. – Já trabalhei com muita roupa interior e, até para mim, isto é ridículo. – Retiro do saco uma das cuecas de fio dental que me comprou. – Qual é a ideia? Não tem costuras.

A Sierra levanta as sobrancelhas.

– Acesso mais fácil. – Tira-me o saco das mãos e remexe no seu interior, pegando em duas camisas de noite, uma vermelha e outra branca. – Vão ficar-te a matar. Revelam o suficiente para que o Ares não consiga ignorar o teu corpo.

Mordo o lábio e pego na camisa de noite vermelha.

– Não sei – digo-lhe. Eu e a Hannah temos corpos muito diferentes. Ela é mais baixa e, quando não está a fazer dieta para um papel, tem mais curvas do que eu. Não sei se o Ares me acha atraente depois de ter estado com ela. – Não sei se pôr ênfase no meu corpo é uma boa ideia.

A Sierra puxa a camisa de noite, os olhos a resplandecer de fúria.

– És tão parva! – exclama. – És uma das mulheres mais bonitas do mundo e não o digo por dizer. São as revistas que o dizem. Canaliza essa energia que usas na passarela, Rave.

Volto a morder o lábio e olho para baixo.

– Olha, Sierra... há algo que não te contei.

Ela franze a testa e sento-me na cama.

– Lembras-te daquela noite em que saímos e o Ares nos foi buscar porque estávamos muito bêbedas?

Ela diz que sim com a cabeça e senta-se ao meu lado, o olhar pregado em mim enquanto lhe conto como me sentei no colo dele, como o tentei seduzir, as coisas que lhe disse.

– Ele não se sentiu minimamente tentado, Sierra. Uma pequena parte de mim pensou que o conseguia convencer se realmente tentasse, mas não aconteceu. Ele não cedeu.

Ela desvia o olhar e abana a cabeça.

– Duvido muito, Rave. Mesmo que tenha sido o caso nessa altura, a situação é diferente agora. Antes, eras algo inalcançável, mas agora és a mulher dele. Se continuar a ver-te seminua, vai acabar por ceder. Não vai ser capaz de te resistir durante três anos e não te vai trair.

Cruzo os braços e anuo com hesitação.

– Sim – admito –, não acredito que me traia.

Ela sorri e segura a camisa de noite.

– Se dormirem juntos, vai acabar por se apaixonar por ti. Sei que achas que nunca vai deixar de amar a tua irmã, mas não acredito nisso. Sempre te olhou de uma maneira diferente e sempre houve uma química especial entre vocês. Só precisa de um empurrão. O Ares é um homem de moral e desde que pense que está a fazer o mais correto para a Hannah e para ti, vai manter-se longe dela. Dá-lhe uma razão para se derreter. Honestamente, se lhe disseres que queres que ele trate das tuas necessidades físicas, cairá aos teus pés como um castelo de cartas. Eu

sei que ele te quer. Só não o admite nem a si próprio.

Olho para a Sierra e questiono-me se está a ser demasiado otimista ou se até terá razão. Tentei a minha sorte e perdi na noite em que ele nos trouxe a casa. Tenho medo de o fazer novamente.

– Confia em mim – diz-me. – Conheço o meu irmão e ele não te vê *só* como a irmã da Hannah. Se não te sentes confortável em seduzi-lo diretamente, tenta apenas isto. Usa a roupa que te comprei e espera pela reação dele. Vais seduzi-lo, devagar, até que não consiga resistir e dê o primeiro passo. Observa as ações dele, Rave. Tenho a certeza de que vai ceder, mais cedo ou mais tarde. Ele deseja-te... e a linha que separa o desejo do amor é muito ténue.

Alcanço a camisa de noite branca e examino-a. Tão pouco tecido... será demais.

– Tenta, Rave.

Anuo.

– Vou tentar, mas, se correr mal, vais ter de me ouvir.

– Não vai correr mal – promete-me. A Sierra parece tão certa... Quem me dera roubar alguma da sua confiança. Que vê ela entre mim e o Ares que eu não consigo ver?

Vinte e Seis

Ares

Pouso a minha chávena de café na bancada quando ouço a porta fechar-se e dirijo-me à entrada.

A Raven olha para mim com surpresa e para. O cabelo está molhado, e vem com a mesma roupa de ontem. Passou a noite fora e não na minha cama, onde era suposto ter estado.

– Onde estiveste? – pergunto, fingindo estar calmo.

– Ares – declara, enquanto leva uma mão ao peito –, acordaste cedo.

Olho-a de cima a baixo, tentando mascarar a raiva que sinto.

– Fiz-te uma pergunta.

Ela franze a testa e tenta passar por mim, mas seguro-a pelo pulso e puxo-a para mim.

– Onde... é... que... estavas? – disparo.

Ela cerra os dentes e encara-me.

– Achas que tens o direito de me perguntar isso, quando foste jantar com a minha irmã? Não sejas hipócrita.

Aproximo-a de mim até ficarmos com os corpos encostados um ao outro.

– Tenho esse direito, Raven. Sou o teu *marido*.

Pestaneja e sorri sem vontade.

– Não te comportas como tal – responde, a voz carregada de veneno. – Foste jantar com a Hannah um dia depois do nosso casamento. Voltaste para casa ainda de noite sequer? Fodeste com ela, Ares?

Viro-nos, encostando-a contra a parede.

– Desculpa? – digo entredentes. – Estás a perguntar-me se a fodi?

A Raven olha-me, o olhar cravado de raiva, mas também lhe noto dor. Inspiro tremulamente e encosto a minha testa à dela.

– Não – murmuro. – Não fodi com ela, Raven. Claro que não. Prometi ser-te fiel e sempre cumpri as minhas promessas. Tens-me assim em tão pouca consideração?

Ela põe os braços à volta do meu pescoço e respira fundo. Encaixa tão bem contra mim.

– Não sei o que pensar, Ares – admite. – Nunca pensei estar nesta situação e agora que aqui estamos, não quero ser deixada para trás a ver-te seguir com a vida.

Afasto-me para a poder encarar.

– Eu percebo. Fizeste sacrifícios e eu reconheço isso. Talvez tenha sido um erro ir jantar com a Hannah, mas achei que era melhor ter já esta conversa com ela. Não fui ter com ela porque tinha saudades dela ou porque queria estar com ela a sós, Rave. Fui para estabelecer bem os limites entre nós e dizer que está tudo acabado.

Ela abre os olhos desmesuradamente.

– A sério?

Aproximo-me dela e prendo-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Claro! Talvez encontremos o nosso caminho daqui a uns anos. Quem sabe? Mas até lá, não pode ser mais do que minha amiga. Não te vou trair. A Hannah fez a sua escolha e terá de viver com ela, tal como nós.

Ela olha-me como se não conseguisse perceber se o que lhe digo é verdade, mas acho que não posso dizer muito mais para a convencer. Só o tempo provará a minha sinceridade.

– Onde estavas? – pergunto novamente, agora calmo.

– Em casa da Sierra – responde e eu respiro de alívio. Claro. Devia ter adivinhado.

– Não podes sair de casa sem me avisar e sem atender o telemóvel. Não é só pela regra de não podermos estar separados muito tempo, mas porque fico preocupado, Rave. Eu sei que não te querias casar, mas aconteceu e tens novas responsabilidades. Uma delas é dizeres-me onde vais ou onde estás.

– *Casa* – ela repete, a cara distorcida pelo nojo. – Esta não é a minha casa – observa, parece exausta. – Acho que também não é a *tua*. É da Hannah.

Dou um passo atrás e olho em volta. Ela tem razão. Quase tudo nesta casa foi escolhido pela Hannah. Deixei-a fazer o que quisesse e, por isso, nunca gostei realmente do meu espaço. Só agora me apercebo disso.

– Raven – digo-lhe –, mantenho o que disse. Nenhum de nós o queria, mas estamos casados. Vou respeitar-te, começando por fazer um anúncio formal no próximo mês.

– O quê? – pergunta, surpresa. – Pensei...

– Achavas que íamos manter o casamento em segredo? Não podemos. Já há rumores a circular. É melhor confirmar as fofocas. Recuso-me a esconder a minha *esposa*. E achas que a avó ia alinhar nisso? Se não formos nós a fazer o anúncio, será ela. Assim, pelo menos, controlamos a narrativa.

A Raven anui, a expressão pensativa.

– Que vais fazer dentro de três anos? Como vais explicar aos média que te vais divorciar para casar com a irmã da tua esposa?

– Direi a verdade. Provarei que eu e a Hannah namorámos durante anos, mas que nós fomos forçados a casar.

Ela olha-me, como que procurando algo.

– Preciso que se mantenha um segredo, Ares. Não quero ser a esposa enjeitada. Não quero ser a vilã da tua história.

Cerro os dentes e aproximo-me dela, pondo-lhe o indicador no queixo. Viro-lhe o rosto para cima e sorrio-lhe sem prazer.

– Não vou ser o teu segredo, senhora Windsor. Vais usar o meu nome e vais ter orgulho nisso.

A Raven pestaneja, confusa por um momento, até que se faz luz. Olha-me como se visse através de mim, descortinando a insegurança a que a Hannah me condenou por querer manter a nossa relação secreta durante tanto tempo.

– Só o sugeri porque pensei que era o melhor para ti, Ares. Não vou esconder o nosso casamento se não o quiseres. Não sou a Hannah.

Largo-a e desvio o olhar, desejando ter sido capaz de manter a calma. Porque tinha eu uma paciência inesgotável para a Hannah e para a Raven não?

– Não! – exclamo, incerto sobre com quem estou zangado, se comigo ou com ela. – Não escondas o nosso casamento. Vou fazer um anúncio formal nas minhas redes sociais daqui a quatro semanas e recomendo que faças o mesmo. A nossa equipa de relações públicas está a escrever o conteúdo.

Ela sorri.

– Claro. Diz-me quando. Tenho uma fotografia engraçada do nosso casamento que quero partilhar.

O alívio que sinto ao ouvi-la dizer isto é inexplicável. O nosso casamento pode não ser real, mas, pelo menos, não será segredo. Nada de andar às escondidas ou de inventar desculpas. É tudo o que sempre quis com a Hannah.

A Raven passa por mim e sigo-a até ao quarto de vestir. Observo-a enquanto escolhe um vestido. O pessoal demorou apenas um dia a arrumar todas as coisas da Hannah e a substituí-las pelas da Raven, mas é difícil apagar todos os vestígios. Tudo aqui foi escolhido por ela, inclusive o interior deste quarto. Nunca pensei vir a querer que isso mudasse, mas quero. Pelo menos durante os próximos três anos, a Raven será a minha esposa. Disse-me que não pretende viver na sombra da Hannah e tenho de garantir que isso se concretiza.

Vinte e Sete

Ares

Olho para cima quando a porta da cozinha se abre. A Raven entra, vestida com um sutiã de desporto e umas calças tão justas que é impossível desviar o olhar dela. Detém-se por momentos quando me vê, parece surpreendida.

– Bom dia – cumprimenta-me com um sorriso forçado.

– Bom dia.

As coisas têm estado estranhas entre nós. É como se já não soubéssemos como nos comportar um com o outro, quando antes éramos tão bons amigos. Imagino que parte disso seja provocado por mim. Tenho acordado bastante cedo e trabalhado até tarde para evitar que nos deitemos ao mesmo tempo. Sinto-me horrível por ter sido forçada a casar comigo e não ajuda nada andar a evitá-la. Acho que a deixo ainda mais desconfortável e tenho a certeza de que começa a sentir que não é bem-vinda. Tenho de emendar esta confusão!

A Raven dirige-se à máquina de café, concedendo-me uma bela perspetiva do seu rabo. Esta é uma das razões pelas quais me tenho mantido longe dela toda a semana. Tê-la aqui em casa comigo tornou impossível ignorar quão deslumbrante é. Vê-la nas camisas de noite que usa deixa-me zonzos. Tenho medo de dizer ou fazer algo inapropriado. Eu e a Raven continuamos a tentar perceber o que significa estarmos casados apesar de sermos só amigos, e não sei como lidar com isto.

– Ares?

Olho para ela e forço um sorriso.

– Perguntei se querias outro café.

Abano a cabeça e aponto para o frigorífico.

– Não, obrigado. Tens o teu pequeno-almoço no frigorífico. A Donna disse-me que não tens comido muito. Não tens gostado da comida?

Ela gela por um momento e abana a cabeça.

– Nada disso. Eu apenas... não posso comer muito, Ares. Lembras-te de que sou modelo, não?

Dirijo-me a ela e agarro-a pela cintura, uma mão de cada lado.

– Raven, acho que te podes permitir comer mais um pouco. Vais continuar a ser a mulher mais sensual do mundo.

Arregala os olhos e deixa escapar um sorriso.

– Achas mesmo?

Mordo o lábio, apercebendo-me do que acabei de dizer. Que raio me passou pela cabeça? É exatamente isto que me preocupa. Sempre soube conter os meus pensamentos inapropriados ao pé dela, que se passa agora?

Largo-a e dou um passo atrás, mas ela segue-me e agarra a minha gravata.

– Podemos parar? – pergunta num tom suplicante.

– Parar o quê?

– Isto – suspira. – Andarmos em pezinhos de lã, evitarmo-nos um ao outro. Estamos casados há uma semana e mal te tenho visto ou falado contigo. Porque será que sinto que perdi um dos meus amigos mais próximos?

As palavras dela apanham-me desprevenido e aproximo-me, as costas da minha mão a tocarem suavemente o seu rosto.

– Rave – murmuro –, eu... pensei que fosse melhor dar-te espaço. Os últimos dias foram pesados para os dois. Tive medo de te deixar desconfortável. Estarmos assim no espaço pessoal um do outro, não sei, não te queria assoberbar ainda mais.

Não é a verdade toda, mas é tudo o que lhe posso dizer neste momento.

– Mas estás – continua. – Estás a deixar-me desconfortável ao maneres esta distância. É estranho e odeio isto. Sempre fomos amigos, Ares. Porque tem isso de mudar? Não devia o casamento aproximar-nos? Odeias assim tanto estar casado comigo?

Um laivo de dor surge-lhe no olhar e deixa-me de rastos.

– O quê? Claro que não, Raven. Que raio de pensamento!

Agarro-a pela cintura e sento-a na bancada da cozinha com facilidade. Os olhos dela abrem-se desmesuradamente e as mãos apoiam-se sobre o meu peito.

Dou um passo em direção a ela e ponho-me entre as suas pernas, sem saber o que dizer, mas incapaz de suprimir o desejo de a consolar neste momento.

– Sinto-me tão culpado, Rave. Estou lixado com a Hannah e odeio-me por te fazer passar por isto. Foda-se! Eu... – Como posso explicar que me é difícil aceitar que a vida que tão cuidadosamente planeei se esvaiu no ar? Como lhe digo que a minha cabeça está numa confusão e que não consigo perceber porque é que não me sinto assim tão mal pelo rumo que as coisas tomaram, pela forma como as coisas acabaram com a Hannah? Devia estar destroçado, mas, na maioria das vezes, nem é na Hannah que estou a pensar, é na Raven. Quero ser correto com ela e não sei como fazê-lo. Não

lhe quero cortar as asas e não suporto ver como o seu sorriso se apaga. Não quero que se sinta presa neste casamento comigo. Tenho tanto medo de que me culpe por ter sido forçada a fazer isto.

Ela inspira e olha-me nos olhos.

– Eu nunca serei a Hannah – diz, ternamente. – Eu sei isso, Ares. Sei que não sou a mulher ao lado de quem querias acordar. Sei que não suportas ter-me na tua cama todas as noites. Mas, por favor... por favor, não te afastes de mim. Se pedir-te que me trates como tua esposa for demais, então a única coisa que peço é a tua amizade. Tenho saudades tuas, Ares. Como posso fazer com que a minha presença seja mais suportável?

– Suportável? – repito, confuso. – Porra, *Cupcake*! – Encosto a minha testa na dela e respiro fundo. Sempre cheirou a *cupcakes* de baunilha e a sol. Muito mudou ao longo dos anos, mas isto não. – Peço-te tantas desculpas. – afasto-me para a encarar. – Não és tu. A tua presença na minha casa não me deixa minimamente desconfortável. Pelo contrário. Tenho medo de que a *minha* presença *te* deixe desconfortável. Vou ser sincero contigo, Rave, não está a ser fácil gerir tudo o que aconteceu. Não é fácil encaixar que és a minha mulher e não consigo perceber sequer o que isso significa para nós.

Ela sorri-me de uma forma tão carinhosa que o meu coração se aperta.

– Não concordámos que não tínhamos de perceber já tudo? Posso dizer-te uma coisa: não trocava isto por outro lugar no mundo. Não imagino o que possas fazer para que me sinta desconfortável, e se acontecer, hei de dizer-te. – eleva um dedo aos lábios. – Estes lábios são exímios a queixarem-se sobre coisas, não sou uma mulher mansa que tens de proteger, Ares. Não estaria aqui se não tivesse *escolhido* casar contigo.

O meu olhar desvia-se para os seus lábios e engulo em seco. A boca dela sabia tão bem quando nos casámos e desde esse dia que a quero provar outra vez. Como será que reagia se lhe dissesse que ando atordoado porque a desejo e sonho com ela todas as noites? Será que me vai achar um cabrão?

– Percebo – murmuro. – Vou melhorar a partir de agora.

– Nada de me evitares, está bem?

– Prometo.

Vinte e Oito

Raven

Ouç o telemóvel tocar, enquanto estaciono em frente à casa do Ares, o meu coração pesado. É um sentimento estranho *querer* ter esperança, mas saber que isso não leva a nada. Que sentimento é esse sequer? Será que tem nome? Não é esperança, é uma espécie de saudade de ter esperança.

Gostava de ser capaz de ter esperança para pensar que a minha mãe me liga simplesmente porque sente a minha falta. Um suspiro suave escapa-me dos lábios enquanto pego na carteira e saio do carro, rejeitando a chamada pela quinta vez, sem que isso a detenha. O meu telemóvel toca outra vez e preparo-me para atender.

– Mãe? – pressiono o polegar contra o leitor e a porta abre-se.

– Raven, há uma hora que te estou a ligar. – Soa irritada e uma estranha dor penetra-me o coração. – Porque demoraste tanto a atender?

Ponho o telemóvel em alta-voz enquanto dispo o casaco.

– Tive uma sessão fotográfica que se prolongou porque o fotógrafo não estava satisfeito, por mais que tentássemos de tudo. Estou exausta, mãe. Vim logo para casa depois disso e estavas a ligar-me enquanto conduzia.

– Raven, não tens alta-voz no carro? De certeza que não será difícil conectá-lo.

Mordo o lábio com força numa tentativa de me manter em silêncio. Não vale a pena discutir com ela. Quem se magoa com isso sou eu e não tenho energia para me irritar sem necessidade.

– Porque ligaste, mãe?

Ela hesita por um momento.

– A Hannah tem estado muito perturbada toda a semana. Não sai de casa e sempre que lá vou está a chorar. Não sei que fazer, Rave. Achas que podes falar com ela? Perguntei-lhe se sabia de ti e disse-me que nunca lhe ligaste. Como podes fazer isso, Raven? Sabes como ela é sensível e como precisa de nós neste momento.

Fico a olhar para o telemóvel durante um segundo antes de me baixar e tirar os sapatos, ganhando tempo. Estava tão diferente no dia em que me casei e tinha esperança de que a mudança se mantivesse, que, de uma vez por todas, tivesse noção da forma injusta como me trata. Devia ter adivinhado. Assim que aparece a Hannah, esquece-se das promessas que me fez. Toda a gente é assim.

– Mãe – digo cautelosamente –, a única razão pela qual casei com o Ares foi porque ela se *recusou*. Não sei se percebo bem o que queres de mim. Em pouco

dias, perdi *tudo*. Tive de deixar o meu apartamento, a casa que construí e *adorava*, para me mudar para casa de alguém que não me quer lá. Como achas que me sinto? Como achas que é estar casada com alguém que me evita porque olhar para mim o relembra a mulher que preferia estar a ver? Não achas que é a Hannah que *me* deve um pedido de desculpas por me obrigar a assumir a responsabilidade do seu egoísmo? Não me digas para lhe ligar e a consolar porque a trapalhada em que estamos metidos é obra *dela*.

– Sua egoísta! – diz ela. – Nunca vais mudar, pois não? Nunca serás capaz de ser boa pessoa, pois não? Não vês que isto vai arruinar a relação com a tua irmã? Ela não vai dar o primeiro passo porque está de coração partido e nunca foi boa a pedir ajuda quando está magoada. Sabes bem como é, Raven. É o resultado de anos e anos doente, a sentir-se um fardo. Não digo que a Hannah não esteja errada, mas tu também estás. Ambas sabemos que o teu casamento com o Ares é só temporário, porque não fazê-la sentir-se melhor? Custa-te assim tanto pegar no telemóvel e dar-lhe alguma confiança?

– E a ela? Também *lhe* custa assim tanto?

A minha mãe suspira.

– Estou muito desapontada contigo, Raven. Não percebo como podem ambas ser minhas filhas e serem tão diferentes. Gostava que fosses mais como a tua irmã.

Rio-me sem qualquer prazer.

– Pois, junta-te ao clube, mãe. *Toda a gente* gostava que eu fosse a Hannah, mas não sou. *Nunca* serei.

Levo as mãos à cabeça e olho para o teto.

– Não – concorda a minha mãe –, nunca serás, mas podes ao menos tentar ser metade da mulher que ela é. Liga à tua irmã, Raven.

Desliga e mordo o lábio com força numa tentativa de suprimir as lágrimas que insistem em cair. Cada vez que falo com ela, fico a sentir-me uma má filha. Devia desistir e fazer o que ela me pede, mas sei que me ia odiar ainda mais se o fizesse.

– Raven.

Viro-me e vejo o Ares encostado à parede de braços cruzados. A forma como me olha diz-me que está ali há algum tempo e suspiro, fechando os olhos, mortificada.

– *Cupcake* – diz num tom gentil.

– Não quero a tua pena. – Olho-o de soslaio, vejo que veste calças de treino cinzentas e uma *t-shirt* branca que lhe realça os músculos dos braços. Só olhar para ele me magoa. Odeio desejá-lo. Odeio ser a esposa dele e, ao mesmo tempo, a última pessoa que quer ver. – Ou não é pena o que me estás a oferecer? Deixa-me adivinhar, concordas que devia ligar à tua preciosa Hannah?

Ele afasta-se da parede e caminha na minha direção, mas estico-lhe uma mão e abano a cabeça.

– Esquece. O que for, não preciso de o ouvir.

Começo a andar para me afastar, mas ele agarra-me pelo pulso, detendo-me.

– *Cupcake*, só quero saber se tiveste tempo de comer hoje. Queres que te aqueça alguma coisa?

Pestanejo, incrédula, e abano a cabeça.

– Não – digo-lhe, os meus ombros descaem –, obrigada, Ares, mas... vou deitar-me cedo.

Liberto o meu pulso e escapo-me para o quarto, o meu coração pesado. Hoje é a primeira noite que chega a casa antes de mim e sei que se deve à conversa que tivemos esta manhã. Pedi-lhe que não me evitasse, e, aqui estou eu, a fugir dele.

Tenho a respiração pesada enquanto me encaminho para a casa de banho. Devia estar feliz por ele estar em casa comigo desta vez, mas, neste momento, preferia que não estivesse. Pura agonia sai-me do peito e espalha-se para o resto do corpo, sinto a garganta fechar-se. As lágrimas caem enquanto me dispo e mal consigo aguentar. Esforço-me por ir respirando, tentando não soluçar, mas assim que sinto a água do duche na pele, desmancho-me em pedaços.

Não é só a minha mãe e a dor que continua a provocar. É tudo o resto também. Porque será que por mais que faça, nunca sou boa o suficiente?

O som do duche abafa os meus soluços e encosto-me à parede, permitindo-me sentir toda a agonia que tento esconder.

Normalmente, o meu remédio é o trabalho, mas hoje não. Tive de refazer as fotografias uma e outra vez porque a minha expressão não estava lá, e há uma série de problemas com os fornecedores de materiais para a minha próxima coleção. O meu dia já estava a correr mal antes de a minha mãe ter ligado, mas ela, sem dúvida, tornou-o pior. Será mesmo pedir muito que a minha mãe me console num dia mau em vez de me pedir que seja o ombro amigo da minha irmã?

Porque nunca sou a prioridade de ninguém? O que me faz não ser merecedora disso? Porque nunca estou à altura da Hannah aos olhos dos meus pais? Aos olhos do Ares? Que tem ela que eu nunca terei? Porque nunca é suficiente o meu melhor?

Um pesado sentimento de derrota puxa-me para baixo enquanto tento respirar entre soluços, engolindo as lágrimas. Posso ter casado com o Ares, mas ele mal suporta estar perto de mim. Sou a mulher dele, mas a nossa amizade pagou o preço... e estou certa de que me vai custar muito mais a longo prazo. Vai custar-me a minha relação instável com a Hannah e com os meus pais.

Vinte e Nove

Ares

Sinto a pressão que estou a exercer nos maxilares ao ouvir o som dos soluços da minha mulher pela porta da casa de banho. Ela tenta ao máximo ser silenciosa, e isso mata-me. Tenho a certeza de que sou uma das origens da sua dor e não sei como posso melhorar a situação.

Desliga o duche, e dou um passo atrás, em direção à cama. Deito-me e pego no telemóvel, incerto sobre o que fazer. Por um momento, considero enviar uma mensagem à minha irmã a pedir-lhe que venha a nossa casa, mas depois penso melhor. Se precisasse da Sierra, teria ido para casa dela, não?

A Raven sai da casa de banho vestindo uma *t-shirt* larga em vez de uma das camisas de noite sensuais a que me habituei e, mesmo assim, parece mais irresistível do que nunca. Hesita quando me vê sentado na cama e desvia o olhar imediatamente, decerto a tentar que eu não repare como tem os olhos vermelhos.

Obrigo-me a desviar o olhar e finjo estar imerso no telemóvel. Não sei como encará-la. Quero estar disponível para ela, mas não a quero pressionar ou ser intrusivo se não é disso que precisa.

Deita-se na cama em silêncio. Espero que diga algo, qualquer coisa, mas ela vira costas e enrola-se em posição fetal, a respiração ainda instável.

Olho-a por um momento, observando como as suas pequenas mãos agarram o edredão, o som da sua respiração superficial. Parece-me que pode desatar a chorar a qualquer momento, outra vez, mas tenta ao máximo que não aconteça. Esta noite, mais do que nunca, gostava de ser a pessoa em quem ela confia. Dava tudo para ser a pessoa a quem ela pede ajuda quando está magoada, quando procura ser confortada.

Respiro fundo ao abrir a aplicação que controla tudo na casa. Não sei se deva reduzir as luzes ou apagá-las. Que quererá ela? Pensando em como se escondeu no duche, imagino que queira escuridão.

As luzes apagam-se e deito-me ao lado dela, perdido. Estamos casados há apenas alguns dias, mas já vi tantas facetas dela que desconhecia. Sempre foi tão carinhosa e despreocupada comigo, mas agora vejo tanto a

força quanto a fraqueza que não sabia que tinha. Só a deixa mais bonita. Não conheço outra mulher assim. Aqueles pequenos ombros carregam tantos fardos, poucos são seus.

Viro-me para ela e imito a sua posição, mantendo alguma distância entre nós.

– Rave – suspiro.

Fica tensa, mas não responde. Em vez disso, agarra com mais força no edredão. Que merda! Custa-me tanto saber que está a sofrer e não posso fazer nada para a ajudar. As coisas que acabou de dizer à mãe... porra! Não sabia que a tinha feito sentir-se tão indesejada. Posso não conseguir melhorar a relação dela com a mãe, mas não quero que se sinta insegura no nosso casamento. Sentir-se assim significa que falhei como marido.

Tento hesitantemente alcançá-la e ponho-lhe uma mão no braço. Ela funga e, por um momento, penso que se vai chegar a mim, mas vira-se para me encarar.

– Ares – diz, a voz instável, com lágrimas a caírem-lhe pelo rosto –, podes... podes abraçar-me?

A dor na voz dela desfaz-me o coração. Puxo-a para os meus braços com mais força do que queria, uma mão debaixo dela e a outra envolta. Embalo-a num abraço apertado, o corpo dela colado ao meu.

A Raven encosta o nariz ao meu pescoço e inspira enquanto me abraça. O toque dela é cauteloso, hesitante, como se temesse estar a pedir demais. É a minha mulher, mas hesita quando me pede um abraço. Quão desconfortável a deixei?

– Nunca terás de perguntar – murmuro ao afagar-lhe o cabelo, agarrando-a com força. Ela aperta o abraço e eu faço o mesmo. Encaixa contra mim na perfeição, é surreal. A respiração continua instável, como se ainda estivesse a evitar chorar, e afago-lhe as costas com os dedos, devagar, carinhosamente.

– Estás bem, *Cupcake*?

Ela abana a cabeça e agarra a minha *t-shirt* com a mão.

– Acho que não.

Soa tão magoada que fico cego de raiva por um momento. Ouvir aquela conversa com a mãe dela e não interferir foi das coisas mais difíceis que tive de fazer. Sinto-me tentado a destruir toda e qualquer coisa que a magoe, mas não o posso fazer quando se trata da mãe dela.

– Fala comigo. Diz-me o que se passa nessa cabeça linda.

Ela arrasta o nariz até à minha garganta, compondo-se no abraço, pressionando o peito contra o meu. Uso todas as forças para não me concentrar na forma como a sinto contra mim.

– É demasiado, Ares. Sinto-me tão... *indesejada*. Tão pouco *querida*. Sinto... sinto-me uma falhada, não importa o que faça, nunca serei o que

alguém quer que seja. Até o trabalho foi um pesadelo hoje e... como posso ter falhado tanto? Uma coisa é falhar em tudo o resto, mas a minha carreira é o meu escape. Eu... hoje precisava mesmo de uma vitória, só uma.

Respira sofregamente, está outra vez a suprimir as lágrimas. Não sei com que fotógrafo trabalhou hoje, mas nunca mais o fará. Melhor, *ele* nunca mais trabalhará. Não nesta indústria. Pelo bem dele, espero que goste de fotografar natureza porque será a única carreira que lhe resta.

– E depois a minha mãe e tu. Os dois querem que seja *alguém* que não sou e isso magoa-me. Não me entendas mal, não te estou a culpar de nada. Eu percebo, mesmo, mas...

– Não! – interrompo-a. – Tu *não* percebes, Raven. – agarro-a com força e viro-nos, ficando em cima dela. Ela arregala os olhos e apoio-me nos braços para a poder olhar. Por um momento, vejo algo reconhecível no seu olhar. *Solidão. Saudade.* São sentimentos que conheço muito bem e não quero que os sinta *comigo*. – Não preciso que sejas outra pessoa. Nunca. És a minha mulher, Raven. Tu. Mais ninguém. Não precisas de te comparar com mais ninguém nem de tentar estar à altura de outra pessoa, porque, saibas ou não, és melhor do que qualquer pessoa possa pedir. Só porque alguém não o admite, não deixas de ser incrível. És perfeita como és. E não, não o digo só por dizer. Digo-o porque *é verdade*. Tens um sentido de lealdade tão forte que casaste comigo e sacrificaste o futuro que querias para ti. És linda e inteligente, *mesmo inteligente*. Quantas mulheres conheces que têm uma carreira de modelo a tempo inteiro e um negócio a correr bem? Que se foda quem não consegue ver o teu valor, Rave. Que se fodam todos.

– Incluindo tu?

Pestanejo surpreso e sorrio-lhe, o meu pénis a reagir involuntariamente às suas palavras.

– Sim – murmuro com um sorriso malicioso. – Eu que me foda também.

Ela morde o lábio, a tristeza a ser substituída por algo que se assemelha muito a desejo. Encosto a minha testa à dela, tentando voltar ao ponto da conversa onde estávamos, mas ter os meus lábios tão próximos dos dela não ajuda. Esta química entre nós... sempre existiu, mas agora é inevitável.

– A sério, Rave... Peço desculpa por ter sido uma das razões para o dia te ter corrido mal. Peço mesmo muita desculpa, a sério. – Paro e inalo profundamente, o seu cheiro inconfundível a *cupcake* deixa-me o coração louco. – Quero-te aqui, Raven. Não há mais ninguém que eu quisesse ter na minha cama. *Ninguém*. Podes não acreditar, mas é verdade. Desde que me casei contigo, tens a minha completa lealdade, até em pensamento. Não penso em mais ninguém senão em ti. Quando olho para ti, só vejo a minha *mulher*. Mais nada. *Mais ninguém*. Só há espaço para ti na minha cabeça e no meu coração. Podes pensar que isto são mentiras bonitas e uma tentativa de te consolar, percebo isso, mas, com tempo, vais ver que é verdade.

Mexo-me, ainda em cima do corpo dela, os meus lábios a roçarem-lhe a testa num beijo casto.

– Nunca te quis fazer sentir indesejada, porque não és. Sabes o que significa para mim que tenhas aceitado casar comigo? Podias ter-te ido embora e eu ficava sozinho a lidar com as consequências, mas não o fizeste. Estiveste lá para mim quando mais precisei de ti, Rave, e eu fiz um trabalho de merda a agradecer-te. Vou fazer melhor, está bem? É só que... também foi difícil para mim e fui parvo em pensar que sabia do que precisavas. Estou a aprender da pior forma que ainda tenho muito a descobrir sobre ti e que isso levará tempo. Dás-me isso, Rave? Dás-me essa honra? Perdoas-me por ter errado?

Ela enterra as mãos no meu cabelo e engulo em seco. A forma como me olha... faz disparar o meu coração como nunca. Há tanta confiança e esperança na expressão dela e isso enche-me de vontade de lhe dar o mundo. Nunca a quero desiludir e, a partir de agora, nunca o farei. Nunca senti nada tão... intenso. Quero-a desesperadamente, também com o meu coração. Isto não é só uma coisa física, e nunca me senti assim.

– Dou-te essa honra – murmura – com uma condição. Faz o que te pedi, Ares. Sem assumires nada, sem pensares muito nisso. Por favor, Ares. Por favor, comunica comigo. Sabes como foi difícil dizer-te como me sentia? Eu... passei a semana a sentir que te estava a perder e... não quero ser deixada a adivinhar. Não me faças isso, por favor.

Viro a cabeça e dou-lhe um beijo suave na face, junto aos lábios.

– Desculpa – digo-lhe, amparando-me nos braços para a poder olhar nos olhos. – Prometo comunicar, mesmo que seja difícil. Eu... estou tão habituado a jogos mentais que... isto é novo para mim, Rave.

Ela aproxima-se e envolve-me a cara com as mãos.

– Tu és honesto comigo e eu perdoo-te. Que achas?

Anuo, o meu coração acelerado. Acho que nunca vivi um momento tão real. Com ninguém. Mas, também, durante anos, a única mulher que me fez perder a minha paciência infinita é a mulher deitada debaixo de mim, a minha *mulher*.

– Sim – sussurro –, prometo.

Sorri-me de uma forma tão carinhosa que o meu coração derrete.

– Então, sê honesto, Ares. Conta-me uma coisa que ninguém sabe. Dá-me uma parte de ti que mais ninguém tem.

Sorrio timidamente.

– Já tens o meu apelido, Raven. É o que nunca darei a mais ninguém.

– Nunca?

Abano a cabeça e agarro-a, virando-me e pondo-a em cima de mim. Ela compõe-se no abraço, deitando a cabeça no meu peito e a perna atravessada na minha anca, a coxa a roçar-me o pénis. Será que não

percebe como me dá tesão?

– Nunca – prometo-lhe. Quando me casei com ela, soube que as coisas entre mim e a Hannah tinham acabado. Nunca devia ter alimentado a ideia de que me poderia divorciar da Raven dentro de três anos, a não ser que ela o peça. Eu não sou assim e ela merece melhor.

Olha-me e sorri, e sinto algo que não sei explicar. Sinto que me vou lembrar para sempre da forma como me olha neste momento.

– Sentes-te melhor, *Cupcake*?

Ela diz que sim com a cabeça e abraço-a com força, a minha mão acariciando-lhe as costas até que a sua respiração se aprofunda. Olho para o teto enquanto ela adormece nos meus braços, o meu pensamento num turbilhão. Não acredito que me tenho posto à parte quando podia ter *isto* desde o início. Uma noite com ela e acho que estou viciado.

Trinta

Ares

O lho para o edifício do escritório da Raven e lembro-me da última vez que aqui estive. Tinha vindo buscá-la porque precisava de comprar uma prenda de aniversário para a Hannah, e pareceu-me que estava distante. Talvez me esteja a iludir, mas será que estava assim porque não queria que eu casasse com a Hannah? Abano a cabeça e passo uma mão pelo cabelo ao entrar. A minha mente tem andado uma confusão. Talvez esteja só a projetar os meus desejos, uma forma de me convencer de que pode realmente haver algo entre mim e a Raven... ou talvez as minhas suspeitas sejam justificadas.

A mulher na receção levanta-se quando entro, lançando-me um olhar curioso.

– Senhor Windsor – diz, soando surpresa.

– Olá. Peço desculpa por vir sem avisar. Pode dizer-me onde encontro a minha esposa?

Ela sorri e aponta para uma das portas.

– A Raven está no seu escritório.

Agradeço acenando com a cabeça e abro a porta do escritório da Raven. O meu sorriso desvanece-se perante o que vejo. A minha querida esposa está junto à janela, o seu rosto demasiado perto do de Diego Massimo, um estilista famoso que é demasiado bonito para o meu gosto.

Que raio se passa aqui? Por que raio está tão perto dela? Um ímpeto de pura violência percorre-me o corpo quando ele olha para mim. As mãos da Raven estão na camisa dele e ela afasta-se quando me vê, distanciando-se do Diego.

– Ares? – soa chocada, como se eu estivesse a interromper algo, e sinto os ciúmes a formarem-se no estômago.

Cerro os dentes e caminho para ela, abraço-a pela cintura e puxo-a com força para mim. Os olhos dela abrem-se e sorrio-lhe apesar da minha raiva, a mão que tenho livre a acariciar-lhe o cabelo.

– *Супcake* – digo, ainda de dentes cerrados.

Ela olha-me nos olhos, a expressão repleta de perguntas.

– Que fazes aqui? – questiona, a sua voz é doce com um rasgo de confusão. Pensei que ficasse feliz por me ver, mas, claramente, não está. Talvez eu não seja o único com assuntos pendentes com o passado.

Sorrio sem muita vontade e agarro-lhe o cabelo, inclino-me e passo o meu nariz pelo dela.

– Porquê? Não posso fazer uma surpresa à minha mulher no seu escritório? – pergunto, a minha voz alta o suficiente para que o Massimo me ouça dizer «a minha mulher». Depois, inclino-me ainda mais, roçando os meus lábios nos dela. A Raven inala profundamente e prendo-lhe um lábio entre os meus dentes, sugando-o antes de a beijar. Ela derrete-se contra mim à medida que a minha língua passeia pelos seus lábios que se abrem. Acho que nunca me vou cansar de a beijar, de a chamar *minha*. A Raven entrelaça os braços no meu pescoço e põe-se em bicos de pés e eu sorrio contra os seus lábios, afastando-me um pouco para a poder observar.

Reclamar assim o que é meu à frente do Diego é um golpe baixo, mas não quero saber. Especialmente quando ela me sorri desta forma.

– Esta é definitivamente uma boa surpresa – murmura. Sinto-me aliviado ao ouvir estas palavras e por não ver qualquer culpa ou preocupação no seu olhar. Ela não me tocara assim se houvesse algo entre eles.

A Raven olha para o Diego e afasta-se um pouco, mas eu mantenho-a abraçada pela cintura, recusando-me a largá-la.

– Este é o meu marido, Ares Windsor – esclarece ao Diego.

Reconheço o desprezo no olhar deste homem quando nos encara. Tem um fraquinho pela minha mulher, não tenho dúvidas.

– Os boatos sempre são verdade – responde num tom desiludido.

A Raven sorri e olha para mim. Há semanas que não a via sorrir assim.

– O Diego e eu estamos a trabalhar juntos numa nova linha. Vamos desenhar algumas peças em conjunto e estou bastante entusiasmada com elas.

Anuo e desvio-lhe o cabelo do rosto, inundado por um sentimento intenso de a querer reclamar como minha. Não quero que haja qualquer ambiguidade quando está na presença de outros homens. Quero que seja claro que é minha e não percebo porquê, nunca fui um homem possessivo.

– Mal posso esperar por ver, *Cupcake*. Não duvido de que vai ser fenomenal – murmuro.

Ela sorri-me e eu devolvo-lhe a mesma expressão, os meus medos irracionais dissipados. Parece que nem sequer repara no que o Diego sente por ela e fico feliz com isso.

– Preciso de algum tempo teu hoje, Rave. Trouxe o meu portátil e posso esperar por ti enquanto acabas o trabalho.

Arregala os olhos.

– Oh! Na verdade, estou praticamente despachada. Posso fazer o resto em casa. – vira-se para o Diego e sorri-lhe enquanto se afasta de mim. – Vou reunir as alterações de que falámos hoje e envio-as para ti.

Ele olha para mim e para ela e acaba por assentir, relutante. Imagino que estivesse a planear convidá-la para jantar depois da reunião, mas não vai acontecer.

– Vemo-nos em breve, então, linda – despede-se, acenando-me com a cabeça educadamente enquanto sai.

Dirijo-me à Raven assim que a porta se fecha, quase incapaz de esconder a minha irritação.

– Porque estava ele tão perto de ti? – questiono.

Reconheço a expressão dela e sorri-me de forma deliciosa.

– Estava a ajeitar-lhe a gravata.

– Não voltes a fazer isso – digo-lhe, cerrando os maxilares. – Só podes tocar num homem, em mim.

Os seus olhos abrem-se pasmados e, por um momento, penso que me vai responder mal. Em vez disso, sorri.

– Ai sim, Ares? – Põe as mãos na minha gravata e brinca com ela, endireitando-a. – E se eu tiver necessidades que não podes satisfazer?

Um desejo de violência pura percorre-me só de pensar nela com outro homem e agarro-a pela cintura, levantando-a.

Um leve gemido sai-lhe dos lábios enquanto a sento na sua secretária e lhe afasto as pernas para me pôr entre elas. A saia que está a usar sobe-lhe pelas coxas e consigo ver a sua roupa interior vermelha.

– *Cupcake*, não há qualquer necessidade tua que eu não possa satisfazer – prometo-lhe. Agarro-a pelas coxas e puxo-a contra mim, deixando que sinta como estou com tesão.

– Não vais procurar mais ninguém senão a mim, percebes? Se queres sexo, eu dou-te sexo. Posso comer-te aqui, na tua secretária, se quiseres. Não sonhes sequer estar com outro homem. Fui claro?

Ela olha para mim e anui, os seus olhos repletos de uma emoção que não sei identificar. Nunca me olhou assim. Talvez aquela noite em que estava bêbeda não tenha sido só uma casualidade. Talvez haja uma parte dela que me quer.

Os meus pensamentos enchem-se de imagens dela debaixo de mim, eu dentro dela, o seu calor e estreiteza a deixarem-me louco. Os meus sonhos... talvez se possam tornar realidade. Nunca ousei pensar nela assim, mas é a minha *mulher*.

A Raven pigarreia, cora e desvia o olhar, confusa. Notei insegurança e dúvidas no seu olhar e não percebo porquê. Não vê como me dá tesão? É impossível não perceber o efeito que tem em mim.

Agora, mais do que nunca, quero que saiba que não penso em mais

ninguém. Volto sempre às palavras que ela disse quando estava ao telemóvel com a mãe e, cada vez que as ouço na minha cabeça, fico a ferver. Quero que a Raven saiba que mal consigo pensar quando olho para ela. Pensar noutra pessoa quando ela está presente é praticamente impossível, mas como a faço ver isso?

– Que vieste mesmo aqui fazer? – pergunta, a voz trémula.

Largo-a e obrigo-me a acalmar os pensamentos.

– Quero levar-te a um sítio hoje. É uma espécie de surpresa – respondo ternamente.

– Onde?

Ofereço-lhe a minha mão e ela agarra-a com hesitação.

– Logo vês.

A Raven segue em silêncio até ao meu carro e penso no que lhe estará a passar pela cabeça. Fui longe demais? Que merda! Porque perco sempre a paciência com ela? Só de pensar nela a dormir com outro homem fico cego e isso deixa-me confuso. Nunca aconteceu com a Hannah. Nunca me importei com o facto de outros homens a quererem, considerava-o parte do trabalho dela, mas com a Raven não consigo.

Não consigo entender como a minha mulher me faz sentir. Devia estar destroçado pela forma como as coisas acabaram com a Hannah e devia ter ressentimentos por me ver obrigado a casar com a Raven, mas não sinto nada disso e não percebo porquê.

– Onde estamos? – pergunta quando estaciono em frente a um edifício que pertence a um amigo meu.

– Já vais ver. Vamos. – Abro-lhe a porta do carro e estendo-lhe a mão. É estranho, eu e a Hannah nunca demos as mãos. Ela tinha medo de ser fotografada comigo. Ainda assim, sou incapaz de ouvir um não da Raven. É simples, preciso da mão dela na minha quando estamos juntos.

A Raven entrelaça os dedos nos meus e sorrio mentalmente quando entramos.

– Quero que saibas que tenho a intenção de manter todas as promessas que te faço, Rave. Disseste que a minha casa não parece ser a nossa casa, e tens razão. Vamos mudar isso, está bem?

Ela olha para mim, estupefacta, quando percebe onde a trouxe.

– Castello Designs – murmura.

Sorrio enquanto os meus amigos, Selena e Damien, se aproximam para nos cumprimentar. São um casal e uma dupla que faz coisas incríveis em arquitetura e decoração de interiores. A Selena repara nas nossas mãos dadas e sorri.

– O senhor e a senhora Windsor – diz, sorrindo. – É uma honra que nos escolham para decorar a vossa casa.

A Raven olha-me com um olhar inquiridor e sorrio-lhe, tentando

acalmá-la.

– São meus amigos e contei-lhes tudo, eles sabem.

A minha mulher sorri-me e há algo nesse sorriso que me aquece o coração. Acho que nunca a vi tão feliz desde que casámos e a culpa é minha. Preciso de ser melhor marido.

– Selena, Damien, esta é a minha esposa, Raven Windsor.

Raven *Windsor*. Adoro dizê-lo, o nome dela e o meu apelido juntos.

Preocupava-me que a Selena tratasse a Raven com a mesma frieza com que tratava a Hannah, mas foi em vão.

Recusavam-se a trabalhar com a Hannah e, embora o pudesse fazer, nunca os obriguei a tal coisa. Não tinha grandes esperanças quando lhes liguei há uns dias, pensei que também iam recusar trabalhar com a Raven, mas, para minha surpresa, ficaram entusiasmados com a ideia. Não sei exatamente o que os fez mudar de ideias, mas imagino que esteja relacionado com a Raven. O que é estranho, porque acho que nunca se tinham visto.

A Selena leva a Raven para discutir os planos da remodelação e o Damien dá-me uma palmada nas costas com uma expressão tranquila.

– Vai correr tudo bem – promete-me. – Vamos dar-lhe uma casa tão bonita que nunca vai querer sair de lá.

Sorrio-lhe e anuo. Espero bem que sim. A Raven merece o mundo.

Trinta e Um

Ares

Hannab: Tenho saudades tuas, Ares. Vais continuar a ignorar as minhas mensagens? Disseste que podíamos ser amigos, mas nem sequer me respondes.

Hannab: Consegui o papel principal no *Stars That Shine*. Sei que tiveste algo que ver com isso. Sei que ainda te preocupas, Ares. Prometo que vou respeitar os teus limites. Sei como te sentes em relação ao casamento – sei-o melhor do que ninguém. É assim tão errado continuar a querer-te na minha vida? É errado pensar que queres a mesma coisa?

Tem-me enviado mensagens todos os dias desde que jantámos, mas nunca respondi. Sinto-me em conflito. Por um lado, estou lixado com ela pela forma como me deixou no altar, mas, por outro lado, sinto-me aliviado. Não devia, mas sinto.

A porta do meu escritório abre-se e bloqueio o telemóvel antes de o guardar, deixando as mensagens da Hannah sem resposta. A Raven entra. Está a usar uma camisa de noite vermelha que faz corar até as minhas fantasias mais arriscadas, e esforço-me por desviar o olhar do seu corpo, mas é impossível. O tecido bem podia ser transparente, pouco ou nada tapa. Consigo notar-lhe os mamilos escuros e parece-me que não tem nada vestido por baixo. Mordo o lábio ao lembrar-me de como me olhou quando disse que não gostava de usar cuecas, nua, sentada em cima de mim e a olhar-me nos olhos. Que teria acontecido se tivesse cedido ao meu desejo nessa noite?

Tento desviar o olhar, mas falho. A Raven sempre foi de uma beleza pecaminosa, mas vê-la assim vestida excita-me de uma forma diferente. Só eu a vejo assim e adoro que assim seja.

– Vê isto – pede-me, sentando-se na minha secretária, o peito dela ao nível dos meus olhos. Está tão perto... que faria se eu lhe afastasse as pernas?

Aclaro a voz e olho para o sofá que me mostra.

– Gosto do mais escuro – digo-lhe, observando rapidamente as

hipóteses.

A Raven sorri-me.

– Tinha esperança de que disseses isso porque é o meu preferido.

Olho para ela, pasmado.

– Sabes que não precisas de pedir a minha opinião? Podes fazer o que quiseres.

Ela abana a cabeça.

– Não quero fazer isso. Já me sinto uma intrusa no teu espaço.

Pego-lhe na mão e seguro-a carinhosamente.

– Não te sintas assim, Rave. Não tens razão para isso. Esta é a tua casa.

– É nossa – corrige-me. – Peço-te a opinião porque quero que também gostes da tua casa.

Anuo e entrelaço os nossos dedos. Redecorar a casa juntos tem sido muito mais divertido do que imaginei. Sinto mesmo que a estamos a transformar em algo nosso, mas é também uma experiência agri-doce, porque significa que estou a desfazer-me de tudo relacionado com a Hannah. Não temos falado sobre ela ultimamente e espero que continue assim. É peculiar o modo como tentamos existir nesta bolha onde fingimos que não estive noivo da irmã dela durante anos, mas parece funcionar, pelo menos por agora.

– Já acabaste de trabalhar? – pergunta, olhando para o meu portátil.

Assinto e fecho-o.

– Já. Estou exausto.

A Raven olha para o meu pijama.

– Vamos para a cama, então.

Aperta a minha mão e puxa-me, sigo-a em silêncio até ao quarto. A cada dia que passa, esvai-se mais uma memória da Hannah, até que um dia, olharei em volta e verei apenas a Raven escrita nas minhas paredes.

Larga-me a mão e dirige-se ao seu lado da cama, as faces rosadas. Deitamo--nos juntos desde a primeira noite em que adormeceu nos meus braços, mas continua a sentir-se envergonhada. É estranho, porque sempre estivemos tão à vontade um com o outro.

Deitamo-nos, ainda em silêncio, e viro-me para ela com um sorriso.

– Porque estás tão nervosa, *Cupcake*?

Ela ri-se e vira-se de lado também, ficamos a olhar um para o outro.

– Não sei. Ainda é tudo recente, não é?

Olho para os seus olhos, obrigando-me a não descer o olhar para o seu peito.

– É? Já adormeceste nos meus braços no sofá uma vez.

As suas pupilas dilatam-se e desvia o olhar, corando rapidamente.

– Tinhas de me lembrar disso? Envergonho-me tanto do meu comportamento nessa noite, Ares. Já te pedi desculpas muitas vezes e peço

outra vez.

Pego-lhe no rosto gentilmente, virando-a para mim.

– Não peças mais – murmuro. – Não interessa o que te disse nessa noite, não me incomodou de todo o que fizeste.

Ela anui e fecha os olhos, escondendo-se de mim outra vez. Deixo-a.

– Isto não é assim tão mau, pois não? – acaba por suspirar. – Nessa noite, disseste-me que nunca me irias desejar e eu sei isso. Sei que nunca vou ser a Hannah, mas...

– Não – interrompo-a. – Não fales dela na nossa cama, Raven.

Ela olha para mim com tristeza no olhar.

– Podemos ter um momento de honestidade? Esta cama não parece ser *nossa*. Todas as noites, sinto que estou a dormir na cama *dela*.

A Raven afasta-se de mim, mas eu inclino-me sobre ela, obrigando-a a encarar-me.

– Nesse caso, temos de deitar o raio da cama fora, Raven. – Os seus olhos abrem-se e pego-lhe no rosto carinhosamente. – Compramos uma nova.

Ela assente e toca hesitantemente no colarinho do meu pijama.

– Também podemos deitar isto fora?

Olho para baixo, confuso. É um pijama azul aos quadrados.

– Eu sei que tu e a Hannah têm pijamas a condizer e talvez seja mesquinho e imaturo, mas...

Ponho-me de joelhos na cama e puxo-a para que faça o mesmo.

– Tira-o, esposa.

Os lençóis roçam-lhe a cintura quando levanta uma mão trémula até ao meu peito. Os olhos dela encontram os meus, e hesita por um momento antes de desabotoar o primeiro botão. Observo a sua bonita cara enquanto o meu torso é despido, tomando nota da forma como cora, como a respiração acelera. Desabotoa o último botão, deixando a camisa do pijama totalmente aberta e agarra o colarinho.

Olha para mim, a sua expressão acalorada enquanto me despe a camisa do pijama, devagar, levando o seu tempo, passando os dedos pela minha pele, até que fico de tronco nu.

Elevo as ancas e aponto com a cabeça, provocando-a. A Raven hesita e pego-lhe nas mãos, pousando-as na cintura das minhas calças.

– Disseste que o querias deitar fora, amor. Deita-o fora.

Ela morde o lábio e enrola os dedos na cintura das calças, puxando-as para baixo devagar.

A respiração dela sustém-se quando expõe o meu baixo-ventre e não posso impedir a forma como o meu pénis endurece. Ter as mãos dela em mim enquanto está tão corada, os lábios subtilmente separados.

Puxa as calças para baixo até às coxas e eu sorrio-lhe.

– Linda menina – murmuro, e ela olha para mim com uma expressão clara de desejo. Foi assim que olhou para mim na noite em que a tive sentada no colo, e tenho sonhado com esta expressão desde então.

Sorrio mentalmente enquanto dispo as calças, ficando só de *boxers*, a minha ereção óbvia. A Raven observa-a e morde o lábio, os seios endurecidos a denunciarem o seu desejo.

– Sempre odiei dormir de pijama – admito, a minha voz suave, como se subconscientemente tivesse medo de estragar o momento. – Mas não queria deixar-te desconfortável por estar meio nu.

Ela abana a cabeça e olha para mim.

– Não estou desconfortável. Vejo modelos meio nus o tempo todo, sabias?

Sinto-me irritado ao pensar nela a fazer sessões fotográficas íntimas com outros homens. Tenho de a convencer a mudar-se para a minha empresa. Não confio no agente dela. Acho que a Raven não percebe quão bela é. É como se separasse a faceta de modelo da sua identidade verdadeira e, de alguma forma, na sua cabeça, ela mesma não fosse nada de especial. Nunca percebi porquê, mas quero que deixe de ser assim.

– Bem sei – digo-lhe, a minha voz concisa. Inclino-me e, ternamente, prendo-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Diz-me, a campanha de roupa interior que fizeste recentemente... era algo assim, não era?

Puxo-a para mim e, com uma mão no cabelo, puxo-lhe a cabeça para trás expondo o seu pescoço. Ela geme quando aproximo a boca da sua orelha, os meus dentes a roçarem o lóbulo.

– Foi assim que posaste com o Tom Foster, não foi? Diz-me, meu amor, ele estava tão duro como eu quando te agarrou assim?

Beijo-lhe o pescoço, mordiscando-lhe um pouco a pele, antes de a sugar, deixando uma marca. A Raven sustém a respiração e a forma como encosta o peito a mim deixa-me louco. As mãos dela passeiam pelo meu cabelo, apertando-o com força.

– Não – diz, a voz tão sensual. – Ele é muito profissional. As sessões fotográficas são menos íntimas do que parecem, prometo. Há tanta gente presente e estamos sempre a trocar de posição.

Movo os meus lábios para a sua garganta e beijo-a.

– Ainda bem para ele, assim pode continuar a viver.

Ela ri-se e o som entra-me diretamente no coração, enchendo-me de um desejo que transcende o físico.

– Nunca percebi que eras tão possessivo – diz-me.

Afasto-a para a encarar e agarro-lhe mais cabelo com uma mão enquanto a prendo pela cintura com a outra.

– Nunca fui. Não antes de *ti*. Tu... mudaste qualquer coisa em mim. Quero-te toda, Raven. Preciso que sejas minha de todas as maneiras.

Ela olha-me com tanta vulnerabilidade no olhar.

– Já sou tua, Ares.

Subo os meus dedos da sua cintura para as costelas até estarem abaixo dos seus seios.

– Não – suspiro –, ainda não. Não completamente. Mas serás.

Seguro-lhe o rosto passando um polegar pelos seus lábios. Ela abre-os para mim e quase perco a cabeça quando sinto a língua dela no meu dedo. É tão sensual, o cabelo despenteado, aquela camisa de noite, aquele olhar.

– Momento de honestidade total – sussurro. – Não te consigo resistir. Não paro de pensar no beijo do nosso casamento e depois no teu escritório. Preciso de ti, Raven. Preciso de te saborear outra vez.

Ela inclina-se de forma hesitante, os lábios próximos dos meus.

– Serve-te – murmura. – Sou tua.

Gemo quando os nossos lábios se encontram, as mãos dela a percorrerem o meu corpo com a mesma necessidade que sinto. Ela geme e o meu pénis estremece de desejo. A forma como as nossas línguas se entrelaçam é surreal, quero o meu pénis na sua boca. A minha esposa é uma feiticeira irresistível.

– Raven – suspiro contra os lábios dela, afastando-me. Ela está ofegante, tem os lábios ligeiramente inchados. Nunca estive tão bonita.

Sorrio quando lhe empurro um ombro, fazendo com que se deite.

– Ares – geme, o meu nome uma súplica nos seus lábios.

– Sabes como tem sido difícil para mim? Ver-te andar pela casa com essas roupas sensuais? Sempre que sorris, sinto as pernas fraquejarem.

Inclino-me sobre ela, o meu pénis encostado à sua vulva, enquanto me equilibro nos braços.

– Não és o único a sofrer, Ares.

Sorrio e inclino-me, os meus lábios roçam os dela uma, duas vezes, até que a beijo. Senti-la contra mim é fenomenal, isto é surreal. Empunho as ancas contra ela e geme contra a minha boca, a perna em volta da minha anca, como que pedindo mais.

Resmungo quando a Raven, de repente, me empurra o peito e afasto-me, confuso. Parece dividida e inclina a cabeça para o seu telemóvel. Nem tinha dado conta que o alarme dela estava a tocar.

– Que alarme é esse?

Ela empurra-me e sento-me, o meu pénis erguido debaixo dos *boxers*.

– Tenho uma campanha que acaba de ficar *online* na Ásia. Estou contratualmente obrigada a comentar nas redes sociais durante a próxima hora.

Passo uma mão pelo cabelo e gemo audivelmente.

– Estás a brincar!

Ela abana a cabeça e olha para o telemóvel.

– Não é o melhor momento, eu sei, mas...

Encosto-a a mim e beijo-a, a minha mão a enrolar-se no cabelo dela.

– Que se foda a campanha – murmuro entre beijos. – Eu pago a penalização. Faço o que for preciso para poder continuar a beijar-te.

Ela ri-se e empurra-me, a expressão dela admoestadora, apesar do desejo no seu olhar.

– Não – insiste. – Eu não sou assim. Não gosto de ser irresponsável.

Senta-se na cama e suspiro ao vê-la usar a expressão formal de trabalho. Não vou conseguir continuar a beijá-la.

Sento-me junto dela, os nossos ombros tocam-se enquanto tento acalmar o tesão. Não me lembro de alguma vez desejar alguém tão desesperadamente. Acho que nunca aconteceu.

A Raven suspira e desata-se a rir, as faces coradas outra vez. Fico curioso e, por cima do ombro dela, olho para o ecrã do telemóvel.

– Que merda é essa? – Tiro-lhe o telemóvel das mãos e olho para a fotografia de um pénis que alguém lhe enviou numa mensagem privada do Instagram. – Quem raio é este?

Um forte ciúme como nunca senti tolhe-me o pensamento que se enche de imagens da Raven com um namorado qualquer que me anda a esconder.

– Não faço ideia – diz, recuperando o telemóvel. – Passo a vida a recebê-las. – Vejo-a apagar a mensagem e a abrir a seguinte, completamente imperturbável e alheia ao meu ciúme ardente.

Que se passa comigo? Aposto que a Hannah recebia as mesmas mensagens e sempre achei que era consequência de ser uma atriz famosa, mas não o consigo ultrapassar em relação à Raven.

– Raven.

Ela eleva as sobrancelhas, questionadora, e pego na mão dela, entrelaçando os nossos dedos.

– Onde está a tua aliança de casamento?

Os olhos dela abrem-se e desvia o olhar.

– Tirei-a.

– Como assim, *tiraste-a?*

Liberta a sua mão da minha e esconde-a debaixo dos lençóis.

– É... é muito ao estilo da Hannah, não gosto. Não me sinto bem a usá-la.

Deito-me de costas e fico a olhar para o teto por um momento, tentando organizar os pensamentos, mas sendo incapaz de o fazer.

– Na próxima semana – digo-lhe num tom mais grave do que pretendia –, vamos comprar uma aliança nova. E *vais* usá-la.

Trinta e Dois

Ares

Olho para o relógio e franzo a testa. São quase dez da noite, e a Raven ainda não está em casa. É o terceiro dia consecutivo que trabalha até tarde, e estou preocupado. Ela trabalha demais! Usa o nosso ginásio todas as manhãs e sai de casa apenas com um batido verde que parece nojento. Depois, passa o dia a trabalhar no que quer que tenha marcado como modelo e ainda vai para o escritório ao fim do dia para trabalhar mais horas. Trabalha demasiado e mal come. Também não descansa o suficiente. Nada disto lhe faz bem, mas não sei como lhe explico que deve tomar conta de si.

Parte de mim também se interroga se a deixei desconfortável quando a beijei e talvez seja por isso que vem para casa tão tarde. Pareceu-me estar a gostar, mas já sei como ela é. Teve tempo para começar a pensar demasiado no que aconteceu e agora sente-se culpada sem necessidade.

O meu telemóvel toca e sorrio imediatamente, pensando ser uma chamada da Raven. Costuma ligar-me do carro quando vem a caminho de casa e essa passou a ser a minha parte preferida do dia.

Mas não é ela.

Olho para o ecrã do telemóvel, incerto se devo ou não atender. Acabo por escolher o botão verde.

– Ares?

– Hannah.

– Meu Deus, como tive saudades tuas. Eu... porque tens rejeitado as minhas chamadas? Sei que estás chateado comigo, Ares, eu percebo. Fiz asneira da grossa desta vez e sei que te magoei, mas, por favor, não me ignores. Sabes que não suporto que o faças.

Recosto-me no nosso sofá novo e suspiro.

– Já te ocorreu que posso ter necessidades diferentes das tuas? Sim, Han, sei que odeias não ter resposta, mas do que eu preciso é de espaço.

Ela fica em silêncio por um momento.

– Ares... que se passa contigo? Nunca... tu nunca me trataste assim. Lamento imenso, amor, juro que nunca imaginei que te obrigariam e à

Raven a fazer isto. Não queria ter criado esta situação de loucos. Achas mesmo que queria que casasses com a minha *irmã*? Fazes ideia de como estou chateada por ela o ter feito?

Passo uma mão pelo cabelo.

– A culpa não é dela. Não a podes culpar pelas *tuas* escolhas.

– Ares! Nada disto teria acontecido se ela se tivesse afastado. Não sei no que ela estava a pensar. Imagino que queria a empresa dos nossos pais.

A porta abre-se e olho para cima quando a Raven entra na sala com um sorriso carinhoso.

– Tenho de ir. Falamos depois.

A Raven franze-me a testa quando desligo a chamada sem que a Hannah tenha tempo de se despedir. Imediatamente, liga-me outra vez e apresso-me a rejeitar a chamada, sentindo-me culpado. Apenas falei com a Hannah, mas sinto que traí a minha esposa.

– Quem era? – pergunta, a voz doce.

Hesito.

– A Hannah.

A Raven olha-me por um instante e depois resmunga e abana a cabeça. Faz uma careta de raiva e passa por mim, dirigindo-se ao quarto.

– Não foi nada – asseguro-lhe, seguindo-a. – Disse-lhe que podíamos ser amigos, mas tenho ignorado as mensagens dela e ligou-me.

A Raven para e olha para mim por cima do ombro.

– Amigos – repete num tom jocoso e revira os olhos.

– Rave – imploro.

Ela abana a cabeça e entra na casa de banho, fechando a porta com estrondo.

Merda! Que faço? Acho que nem sequer fiz nada de mal. Por amor de Deus! As coisas estavam a correr tão bem entre mim e a Raven e estraguei tudo. Eu sabia que falar com a Hannah não ia trazer nada de bom. Sei o que quer de mim e sei perfeitamente que não o vai receber. Nem sequer *quero* dar-lhe o que me pede, mas a Raven nunca acreditará nisso. Como, se passou anos a ver-me com a irmã?

Sento-me na cama que escolhemos juntos, tentando pensar numa forma de a agradar. Prometi-lhe lealdade quando nos casámos e preciso que saiba que não vou quebrar o meu voto. Só quero que saiba que nunca a vou trair.

Sai da casa de banho enrolada numa toalha e para quando me vê sentado na cama. Os olhos brilham de raiva e, hesitantemente, estico-lhe a minha mão.

– Chega aqui, Rave.

Ela semicerra os olhos, mas faz o que lhe peço, ficando entre as minhas pernas, fixando-me.

Pego na mão dela e dou-lhe o meu telemóvel.

– Vê. Não respondi a nenhuma das mensagens dela. Vê o histórico de chamadas. Foi a primeira vez que atendi.

– Achas que não o vou fazer? – questiona.

Sorrio-lhe.

– Eu dei-te o telemóvel porque *quero* que vejas. Não estou a fazer jogos contigo. Estou a dar-te a honestidade que me pediste.

Ela olha para o meu telemóvel e, por um instante, os seus olhos enchem-se de agonia. Depois, devolve-mo com uma expressão grave.

– Esquece – diz-me, a voz suave. – Não preciso de ver nada.

Olho para a minha esposa por um momento.

– Pediste-me honestidade, não foi? Dá-me também alguma. Porque olhaste para o telemóvel dessa forma?

A Raven olha-me nos olhos e suspira.

– Lembras-te daquele dia em que a avó fez bolachas e me filmaste e à Sierra a lutar por elas?

Anuo, o meu pénis a dizer-me que também se lembra desse momento. Saltou-me para os braços numa tentativa de me tirar o telemóvel e encostei-a à parede, os nossos corpos colados. Foi só um instante, mas lembro-me de a sentir contra mim.

– Quando apaguei o vídeo, vi a última fotografia que tinhas tirado. Era da Hannah, na cama. Não quero ver o teu telemóvel porque não quero ser confrontada com isso.

Abraço-a pela cintura e olho para ela, implorante.

– Confiança – relembro-a. – Preciso que confies em mim.

Ela olha-me, apanhada de surpresa.

– Não fizeste nada de mal, Ares. Não... não estou chateada contigo, estou mais chateada comigo.

Aperto o meu abraço e abano a cabeça.

– Não estejas. És a minha mulher. Não interessa como ou porque nos casámos, o que importa é que somos casados. Podes acreditar que eu ficava furo se andasses a ligar ao teu ex, por isso, sim, fiz uma coisa errada. Se é um comportamento que não aceitaria de ti, é algo que também não posso fazer. Precisamos de decidir de que forma a Hannah fará parte das nossas vidas, se fizer, mas não temos de o fazer agora. Que tal pensarmos os dois sobre isso e, quando souberes quais são os teus limites em relação à Hannah e a mim, dizes-me. O que decidires, eu apoiarei.

Olha-me incrédula.

– E se eu decidir que nunca mais quero que lhe fales?

Sorrio-lhe.

– Nunca mais lhe falo. Tu és a minha esposa, Raven. Estarás sempre antes de qualquer outra coisa ou pessoa. *Sempre*.

Ela franze os lábios e anui, a sua expressão repleta de esperança

cautelosa. Ela não percebe, mas podia pedir-me a Lua e eu tentava dar-lha.
Não há nada que não faça por ela.

Trinta e Três

Ares

Vasculho as fotografias no meu telemóvel, é um sentimento agri-doce. A Hannah sempre odiou que tirássemos fotografias juntos, por isso, a maioria são dela sozinha. Não há muitas de nós os dois, e não consigo encontrar uma em que eu esteja a sorrir. São imagens que parecem forçadas, como se soubesse que ela estava apenas a fazer-me a vontade.

Suspiro ao fazer o *upload* das fotografias na *cloud* e navego pelas definições até parar na reposição das definições de fábrica. Hesito por um segundo até que cliço no botão. O que quero é um recomeço. É do que eu e a Raven precisamos e o que não podemos ter na vida real. Não nos será possível dar uma hipótese honesta ao casamento com o peso da bagagem que carregamos. Pensei que seria doloroso apagar uma parte da minha vida, mas a ideia de magoar a Raven é ainda mais dolorosa. Já devia ter feito isto há muito tempo.

As coisas entre nós têm estado algo estranhas. Temos fingido que a Hannah não é um tema, o que resultou até certo ponto. Já a magoei o suficiente. Não posso arriscar que algo no meu telemóvel a chateie. A recordação do meu passado com a Hannah é difícil para os dois.

Observo o telefone a reiniciar e sorrio quando insiro uma senha nova, uma combinação das datas de nascimento da Raven e do nosso casamento. Se soubesse que apagar tudo me faria sentir tão bem, já o teria feito há mais tempo.

A Raven entra e vê-me a sorrir para o telemóvel, obrigando a sua expressão cerrada a esboçar um sorriso. Observo-a cuidadosamente enquanto pouse o telefone.

– Chegaste a casa mais cedo do que esperava.

Ela anui e põe uma mão no ombro.

– Caí na sessão fotográfica. As costas têm-me doído o dia todo, por isso resolvi vir para casa e trabalhar nos meus desenhos.

Levanto-me num salto e dirijo-me a ela.

– Estás bem? Que aconteceu?

Ela sorri e abana a cabeça.

– Fui só desastrada. Estive distraída o dia todo. Foi tudo culpa minha.

Suspiro e ponho as mãos nos ombros dela, massajando-a gentilmente. Nem preciso de adivinhar no que tem estado a pensar. Suponho que não poderíamos ter evitado esta situação. A dado momento, teríamos de enfrentar a Hannah e o passado que dividi com ela. Só não esperava sentir tanta clareza quando esse momento chegasse.

Afasto-lhe o cabelo da cara, deixando que os meus dedos se demorem. Tem estado tão distante ultimamente, e sinto tanto a sua falta. Envolver-lhe a cara com as mãos e aproximo-me, beijando-lhe carinhosamente a testa. Desde a última vez que não ousei beijá-la como desejo, receio estar a pedir-lhe demais por enquanto.

– Vá – digo-lhe –, toma um banho quente para relaxares os músculos e depois faço-te uma massagem.

Ela hesita por um momento, mas acaba por concordar. Está particularmente distante hoje. Normalmente, costuma enviar-me umas quantas mensagens ao longo do dia, mas hoje nem respondeu às que lhe enviei. É como se a chamada de ontem a tivesse convencido de que nunca conseguiremos escapar ao passado.

Suspiro e vou procurar o óleo que sei que costuma usar. Preciso de perceber como se magoou. Talvez precise de contratar um coordenador de segurança para as sessões fotográficas.

– Ares?

Vejo a Raven a alguns passos de distância, enrolada numa toalha branca.

– Anda – digo-lhe, batendo com a mão na cama –, deita-te.

A Raven deita-se de barriga para baixo, ainda enrolada na toalha, e o meu coração acelera. No que raio estava a pensar quando me ofereci para lhe fazer uma massagem? Não vou sobreviver durante muito tempo. Foi uma ideia estúpida, mas que não me impede de pegar no óleo.

Ajoelho-me ao lado dela e puxo a toalha.

– Vou desviá-la.

Ela anui hesitantemente enquanto baixo a toalha, deixando-lhe os ombros e as costas expostos. Paro um momento e depois prossigo, enrolando a toalha na sua cintura.

Acho que nunca me senti tão nervoso com algo tão simples como uma massagem. Há algo nela que a torna irresistível. Quando foi a última vez que uma mulher me afetou tanto?

O meu coração acelera ao espalhar-lhe óleo nas costas.

– Tenho as mãos frias? – pergunto, espalhando-o pelos ombros e massajando-a gentilmente.

A Raven suspira de felicidade.

– Isso sabe tão bem!

Foda-se! A minha pila fica tesa imediatamente e continuo a massajar-lhe

o pescoço, desenhando círculos com os polegares, as minhas unhas roçando a sua nuca.

– Ares – geme e uso todas as minhas forças para não a virar e beijar. A maneira como diz o meu nome é sublime. – Adoro isto!

– Deixa-me pôr em cima de ti – digo-lhe, posicionando as minhas pernas de cada lado dela para poder usar o peso do meu corpo.

Ela mexe-se ligeiramente debaixo de mim e puxa os braços para cima, tirando-os do meu caminho. Uau! Saberá ela a visão que me está a dar das suas mamas? Ainda bem que não consegue perceber como estou teso.

Vou descendo as mãos, massajando-lhe os ombros e as costas, levando o tempo necessário para lhe aliviar a tensão nos músculos o melhor que consigo. Continuo a descer até que os meus polegares lhe pressionam as covinhas no fundo das costas.

Só a queria estar a agarrar assim, comendo-a por trás, as minhas mãos nas suas ancas. Sei que ela ia adorar cada segundo. Quero ouvi-la gemer. Quero ouvi-la dizer o meu nome enquanto a penetro.

Hesito por um momento enquanto desço ainda mais as mãos e puxo a toalha ligeiramente para perceber se ela resiste, mas não o faz. Em vez disso, eleva um pouco as ancas, permitindo que afaste completamente a toalha, ficando debaixo de mim, completamente nua.

– Não pares – murmura, acordando-me do meu transe.

Continuo a massajar-lhe a lombar, incapaz de desviar os olhos do rabo dela. Que corpo perfeito. Mexo as mãos devagar quando chego à parte de cima do rabo, os meus polegares a massajarem-lhe os glúteos.

– Ai – geme. – Isso dói.

– Aqui?

Continuo a massajar-lhe os glúteos, descendo as mãos até cobrirem por completo o rabo dela, agarrando com força e enterrando os polegares nos seus músculos.

– Sim – geme novamente –, aí.

Desço mais um pouco, os meus polegares caminhando pelo interior das coxas, tão perto de se tornarem demasiado íntimos. Paro um pouco para me sentar mais abaixo, dando a mim mesmo uma visão perfeita da vulva suave dela.

Foda-se! Dava tudo para lhe abrir as pernas e enterrar a minha cara nela. Preciso de a provar.

Alargo o movimento das minhas mãos até lhe agarrar o rabo nos dois lados e continuo a massajar-lhe os glúteos, os meus polegares pressionados contra as coxas dela. A Raven contorce-se um pouco, mexe-se ligeiramente e o meu polegar toca na vulva dela. Abre um pouco as pernas, deixando que o meu dedo avance, pressionando-lhe o clitóris.

Paro um único segundo e sorrio ao ver que ela não se afasta. Devagar,

apalpo-lhe o rabo e mantenho o polegar no clitóris dela. Os meus movimentos são mais sensuais do que terapêuticos e ela parece não se importar com isso. Olho de soslaio para a cara dela e sorrio ao vê-la corada e de olhos fechados.

Os meus movimentos são quase impercetíveis, desenhando círculos no seu clitóris enquanto finjo massajar-lhe as ancas. A respiração dela transforma-se num ofegar suave, e vejo-a morder o lábio, aposto que a tentar controlar os gemidos.

Sorrio ao pressionar-lhe o clitóris com mais força e aproximo a mão esquerda, fingindo que lhe massajo o interior da coxa. As ancas dela mexem-se muito discretamente, parece indicar que quer mais, e passo os dedos pela vulva, sentindo-a molhada. Há quanto tempo estará excitada?

Até onde me deixará ir? Vai deixar-me dar-lhe um orgasmo?

Tiro o polegar e levo-o à boca, chupando-o. Fecho os olhos ao sentir o sabor dela. Quero mais! Quero pô-la de quatro e comê-la por trás.

Começo a massajar apenas a parte de trás das coxas, aguardando pacientemente que me dê um sinal de que quer mais, não quero ultrapassar quaisquer limites.

A Raven geme debaixo de mim e reposiciona-se um pouco, até que a sua vulva volta a encontrar os meus dedos e sou incapaz de não sorrir. Sim, a minha querida esposa quer mais.

– Abre as pernas para mim – ordeno-lhe, a minha voz forte e autoritária. – Preciso de massajar-te os músculos das coxas.

Ponho-lhe as mãos nas coxas e reposiciono-lhe as pernas até a ter de joelhos, de rabo no ar, continuando com o tronco na mesma posição. Ela mantém os olhos fechados, fingindo não ser afetada por isso, mas a sua respiração diz o contrário.

Isso e a vulva inchada e molhada.

Sorrio, enquanto pego no óleo e o deito pelo rabo abaixo, até ficar reluzente e molhado.

– Desculpa – murmuro –, acho que usei demasiado. Deixa-me limpar-te.

Desço três dedos pelas costas dela, empurrando o dedo do meio pelo rabo dela, só por um momento. Ela geme alto e enterra a cara na almofada, a cara vermelha. Parece que gostou.

Rio-me enquanto lhe agarro a vulva, pressionando a palma da mão contra ela.

– Usei demasiado óleo – queixo-me, arranjando uma desculpa para a forma como a estou a tocar.

– Não faz mal – ela diz. – Espalha-o. A minha pele vai absorvê-lo.

– Ai sim?

Deslizo a mão para debaixo da vulva, fingindo que procuro óleo e faço-a

subir novamente, devagar, pressionando contra ela, até que dois dedos a penetram, supostamente sem querer. A forma como geme contra a almofada é surreal.

– Tanto óleo – resmungo, continuando a sorrir.

Penetro-a devagar com os dedos, levando o tempo necessário para encontrar o ponto G. A Raven geme o meu nome quando o encontro e aumento o ritmo, usando a mão esquerda para lhe esfregar o clitóris, enquanto a mão direita vai mais fundo como queria que fosse o meu pénis a fazê-lo. Nunca tive inveja dos meus próprios dedos, mas aqui estou, a vê-los desaparecer dentro da minha esposa.

– Ares, *por favor*.

Sorrio enquanto lhe esfrego vigorosamente o clitóris com o polegar. Ela começa a movimentar as ancas contra os meus dedos e só quero estar dentro dela. Quero que grite o meu nome.

– Sim – gemo enquanto a respiração dela se torna ofegante –, isso mesmo.

Sinto os músculos dela a apertarem os meus dedos enquanto geme o meu nome. Di-lo como se fosse uma oração e, porra, só de o ouvir quase me venho.

Tiro os dedos quando a sinto relaxar e reposiciono-a para que se deite novamente. Continuo a massajar-lhe as pernas como se não tivesse acabado de a fazer vir. Tendo em conta que nunca olhou para mim, pode não estar preparada para falar sobre o que se passou, e não há problema. Só a forma como gemeu o meu nome é suficiente para mim neste momento. É muito melhor do que a frieza que me tem dirigido ultimamente.

Inclino-me e beijo-lhe a lombar.

– Talvez tenhas de tomar outro duche, esposa. Tens o corpo cheio de óleo.

– Pois – suspira –, eu... sim, vou tomar outro duche.

Beijo-a novamente e afasto-me.

– Tenho uma chamada de trabalho dentro de alguns minutos, relaxa um pouco antes de ires, amor – suspiro e volto a inclinar-me, beijando-lhe o ombro desta vez.

Ao sair do quarto, olho-a mais uma vez. O modo como sorri, parte da cara escondida atrás de um braço... sim, esta expressão vai assaltar-me em sonhos esta noite.

Trinta e Quatro

Raven

Faça o que fizer, não consigo parar de pensar na noite passada. A forma como me tocou... sabia perfeitamente o que estava a fazer quando me massajou as coxas. Que teria acontecido se me tivesse virado? Teria tomado o meu corpo como nas minhas fantasias?

Mordo o lábio ao lembrar-me da forma como me provocou. Explorou o meu corpo sabendo bem o que fazia, levando-me a querer mais enquanto fingia que estava só a massajar-me, até que não consegui aguentar.

Prendo o cabelo num rabo-de-cavalo e tensiono as coxas, tentando abstrair-me do Ares e falhando completamente. A cada dia que passa, só o quero mais.

Alguém bate à porta, surpreendendo-me.

– Raven?

Um arrepio percorre-me a espinha ao ver a Hannah entrar no meu escritório.

– Olá – diz, suavemente. Hesita um pouco até que se dirige à cadeira em frente da minha secretária. Senta-se e sorri.

– Olá – respondo ao fim de algum tempo.

A Hannah parece exausta e destroçada, mais do que alguma vez a vi, o que me enche de uma culpa avassaladora.

– Desculpa – diz, a voz tão sumida que quase não a ouço. – Eu... já devia ter vindo ter contigo há mais tempo, Raven. Não tenho estado bem ultimamente. Acho que precisei de tempo para poder processar o que aconteceu, percebes? Quando me afastei do Ares, eu só... Acho que não entendi o que estava realmente a fazer. Já tinha adiado o casamento tantas vezes e tinha funcionado. Achei que ia acontecer o mesmo.

Olho para o meu colo e respiro fundo.

– Mas não aconteceu.

– Pois – reconhece –, não aconteceu.

Forço-me a olhar para cima e a encará-la.

– Eu disse-te, Han. Implorei que reconsiderasses.

– Eu sei. *Eu sei*, Rave. Que queres que diga? Que tinhas razão?

Abano a cabeça e afasto olhar.

– Não, Hannah. Claro que não.

– Também estás chateada comigo, não estás?

Mordo o lábio e abano a cabeça.

– No início, estava. Agora? Nem sei o que sinto. Acho que estou magoada e

sinto-me desapontada. Podes ter partido o coração do Ares, Hannah, mas também partiste o meu. Não ouviste as minhas preocupações e brincaste com a minha vida sem qualquer consideração pelos meus sonhos e desejos. Fazes ideia de como me senti manipulada e usada? És a minha irmã mais velha, Han. És a pessoa que devia olhar por mim, mas nunca o fizeste. *Nunca*.

– Raven, sabes que isso não é verdade. Não fui eu que te arranjei o primeiro trabalho como modelo?

Olho-a nos olhos e rio-me, incrédula.

– Não, Hannah. Tudo o que fizeste foi levar-me a uma das tuas estreias. Fui recrutada e agenciada sem qualquer envolvimento teu.

Ela suspira e levanta uma mão.

– Não terias lá estado se não fosse eu, mas esquece. Não importa. Estou só a tentar dizer que, à minha maneira, eu olho por ti.

Abano a cabeça.

– Nem tudo pode ser *à tua maneira*, Han. Não podes decidir se eu acho ou não que me tens apoiado.

– Então, *estás* chateada comigo. – O tom dela é acusatório e abano a cabeça, derrotada. Porque continuo a preocupar-me?

– Porque estás aqui, Hannah?

Ela olha em redor e sorri.

– A última vez que aqui estive foi para experimentar o meu vestido de noiva. Acabei por nunca o usar.

Cerro os dentes e desvio o olhar. Pensar no vestido é agridoce para mim. Dediquei tanto amor e trabalho ao vestido dela, mas vesti-lo trouxe-me tanta dor.

A Hannah olha-me com um sorriso falso.

– Aposto que ficou lindo em ti.

Olho para o desenho à minha frente sem saber o que responder. Vê-la deixa-me com sentimentos confusos. Relembra-me que cada momento que passo com o Ares era suposto ser dela.

– Ele trata-te bem, Rave?

Olho para cima, hesitando por um momento ao lembrar-me da forma como me tocou ontem. Sinto uma culpa como nunca senti e desvio o olhar, sentindo-me maldisposta.

– Preocupo-me contigo. Ele é um bom homem, mas temo que despeje a raiva que me tem em ti.

Cruzo os braços e recosto-me na cadeira.

– O Ares e eu sempre fomos amigos – digo-lhe calmamente. – Isso não mudou. Continua a ser tão gentil comigo como sempre foi.

Algo faz brilhar o olhar da Hannah, mas apaga-se antes que consiga identificar exatamente o quê.

– Ainda bem.

Ela desvia o olhar e ficamos em silêncio por algum tempo. Há tanto por dizer, mas nenhuma de nós tem coragem de fazer as perguntas que são precisas.

– Eu sei que os Windsors valorizam o casamento quase acima de qualquer outra coisa – diz, cautelosa. – O Ares não é diferente. Não há nada que não faça

por lealdade, independentemente do que sinta.

Franzo a testa, incerta sobre o que ela quer dizer com isto.

– Eu sei que ele ainda me ama, e sempre amará, mas está tão magoado que me afasta por completo. Acho que, em parte, é porque pensa que se deve afastar de mim porque é casado. Eu sei que precisa de mim, mas recusa-se a aceitá-lo porque vai contra as suas crenças sobre o casamento. Não o quero ver sofrer, Rave. Sei que está chateado comigo e sei que lhe causei muita dor. Mas quero redimir-me e ele nem sequer atende as minhas chamadas.

Entrelaço os dedos e aperto-os com força numa tentativa de me manter calma, apesar de sentir a cabeça a mil.

– Por favor, Rave. Diz-lhe que fale comigo. Eu sei que o meu pedido parece ridículo, até porque o vosso casamento não é real. Tu mesma o disseste, vocês são só amigos e, tendo em conta o quanto ele me ama, nunca serão mais do que isso, mas ele... o seu sentido de lealdade é tão forte. Lembra-o de que o está a dirigir à pessoa errada.

Fico a encará-la enquanto sinto uma onda de desapontamento e mágoa.

– Não estás aqui para pedir desculpa pelo que me fizeste, pois não? Estás aqui porque precisas que interceda por ti perante o Ares.

Ela cruza os braços e suspira.

– não posso estar aqui pelos dois motivos, Raven? Eu amo-vos aos dois e, sinceramente, isto também é por ti. Não deve ser fácil estares entre nós os dois. Não queres que as coisas voltem a ser como eram? Estou a tentar libertar-te de alguma da pressão que este casamento te trouxe. Não posso fazer desaparecer as obrigações sociais que tens agora, mas posso apoiar-te em tudo o resto. Com o meu apoio, o Ares não esperará tanto de ti, e poderás gozar mais a tua vida. Afinal de contas, terás, em algum momento, de voltar a tê-la, não? Sabes que ele não te quer. Quebrou o vosso noivado para estar comigo há cinco anos e continua a ser a mim que ele quer.

Olho-a nos olhos, o meu coração destroçado enquanto me lembro do que sofri há cinco anos. Nem sequer consigo pensar em como as coisas eram antes disto tudo. O meu coração não sobreviverá a vê-los juntos novamente. Não posso perder o que tenho.

– Não – digo-lhe ternamente –, não vou falar com o Ares por ti. Ele não é uma criança e eu não sou uma mediadora. Não me peças mais do que aquilo que já fiz por ti, Hannah, porque não sobra muito para te dar.

Os olhos dela abrem-se desmesuradamente em surpresa, como se não esperasse a minha recusa. Acho que nunca o tinha feito. Sempre fiz tudo o que me pediu. Sempre.

Mas isso acaba hoje.

Trinta e Cinco

Raven

Suspiro ao entrar no ginásio de manhã, exausta e irritada. Algo naquela conversa com a Hannah desorientou-me e deixou-me irritada desde então.

– *Cupcake?*

Olho pasmada para o Ares que pousa no chão o haltere que estava a usar. Sorri e encaminha-se para mim, o olhar indagador.

– Bom dia – diz ao levantar a mão, o seu toque carinhoso enquanto a passa pelo meu rosto. – Deitaste-te tão tarde ontem. Dormiste bem?

Afasto-me um pouco, sentindo uma culpa repentina. Tenho a conversa com a Hannah tão entranhada na minha mente que não me consigo abstrair dela.

Com o meu apoio, o Ares não esperará tanto de ti, e poderás gozar mais a tua vida. Afinal de contas, terás, em algum momento, de voltar a tê-la, não?

Anuo e forço um sorriso.

– Sim, tinha muito trabalho para terminar – murmuro, mentindo-lhe.

Dirijo-me ao tapete de ioga e, sem pensar, vou fazendo a minha rotina de alongamentos. Tive uma noite tão agitada que acordei cheia de dores.

Inspiro profundamente, tentando afastar a resignação que sinto. O Ares não vai continuar chateado com a Hannah para sempre. Nunca ficou. Ao longo dos anos, sempre perdoou tudo o que ela fez. A seu tempo, acabará por perdoar tê-lo abandonado no altar e não quero testemunhar esse momento. Não quero ser um dano colateral da história deles.

Deito-me e levanto uma perna, tentando alongar os tendões. Tenho estado tão feliz com o progresso da minha relação com o Ares e uma única conversa com a Hannah fez-me sentir culpada por cada segundo que desfrutei com ele. Ela nunca me perdoará. Se descobrir o que se passou entre nós, nunca mais me falará. A minha relação com a minha irmã pode ser tumultuosa, mas não a quero perder. Quando ela disse que eu estava entre eles, tem razão... só não é da maneira que pensa.

– Deixa-me ajudar-te.

O Ares ajoelha-se entre as minhas pernas e põe as mãos na barriga da perna, ajudando-me a alongá-la. Observo-o por um momento, o meu coração apertado com a dor. A principal razão pela qual nunca tentei a minha sorte foi porque sabia que me custaria tudo e, apesar de estarmos casados, isso não mudou.

O Ares põe a minha perna no seu ombro e inclina-se para mim, encarando-me.

– Estás tão calada, *Cupcake*. Dá-me um momento de honestidade, amor. No

que estás a pensar?

Ponho a outra perna no seu ombro e ele inclina-se ainda mais, empurrando as minhas pernas para mim. Está tão perto... podia tão facilmente puxá-lo pela *t-shirt* e beijá-lo.

– A Hannah veio ver-me – digo-lhe num tom derrotado. Desvio o olhar e respiro. – Quer falar contigo. Diz que lhe rejeitas as chamadas.

Ele franze a testa.

– A sério? – assinto, e o Ares inclina-se um pouco mais. – E que queres que faça? Diz-me a verdade. Que queres que faça, esposa?

Olho-o nos olhos e respiro fundo.

– Não quero que tenhas olhos para mais ninguém além de mim. Quero que sejas *meu*.

Ele sorri e eu retribuo, sentindo-me aliviada. Durante anos, tive tanto medo de dar voz às minhas necessidades, mas ele faz com que seja fácil.

– Outro momento de honestidade. Estes alongamentos... costumas fazê-los com outros homens?

Os meus olhos abrem-se e ele cerra os dentes por eu não responder de forma imediata.

– Só com o meu treinador.

O Ares põe mais força nas minhas pernas e depois desce as mãos até às minhas coxas.

– Não voltas a fazê-los com mais ninguém, está bem?

– Porquê?

Os olhos dele brilham e levanta-me as ancas até estarem ao nível dos seus ombros, os lábios tão perto da minha vulva.

– Porque ficas demasiado sensual e não quero que mais ninguém veja a minha mulher assim.

Ele inclina-se e roça o nariz pelo interior da minha coxa, fazendo-me tremer.

– Nenhum homem conseguirá sentar-se aqui, agarrar-te nesta posição, sem querer provar-te. Não voltas a fazer isto, sem ser comigo.

Sorrio-lhe, tentando suprimir o desejo que sinto.

– Ou então?

O Ares semicerra os olhos e inclina-se, passando o nariz pela minha vulva e, depois, encostando a boca a ela.

– Sabes quão fácil é abusar de ti nesta posição? És uma supermodelo. As tuas sessões são individuais, certo? Só tu e o treinador, sozinhos... – anuo e o Ares ri-se. – Vais dizer-me que ele nunca quis fazer isto? – Beija a minha vulva e passa a língua pela minhas calças. – Nenhum homem poderá ver-te aí deitada, as pernas levantadas, sem pensar como seria se estivesses nua, sem querer provar-te.

Os dentes dele roçam nas minhas calças e ri-se para mim enquanto desvia as mãos.

– Promete-me que não vais fazer estes alongamentos com mais ninguém, Rave.

– E se eu me recusar a fazer essa promessa?

Ele ri-se e põe as mãos no interior das minhas coxas.

– Queres fazer joguinhos comigo?

De repente, rasga-me as calças. O tecido não oferece qualquer resistência e o Ares ruge quando percebe que não tenho nada por baixo.

– Foda-se! – suspira ao inclinar-se, os olhos dele nos meus enquanto me lambe.

– Meu Deus, Ares...

Ri-se contra a minha pele antes de começar a fazer círculos com a língua no meu clitóris, provocando-me, retendo o que mais quero. Depois, desce a língua e enfia-a em mim, comendo-me com a boca, até me deixar ofegante.

– Ares – imploro.

Ele afasta-se um pouco e beija-me a coxa.

– Sim? Que queres, esposa?

Olho-o nos olhos e mordo o lábio com força.

– Sabes o que quero.

Ele ri-se e passa a mão por baixo e entre as minhas pernas, até ter o polegar a esfregar-se em mim como quando me massajou. Lembro-me da forma como me fez vir dessa vez.

– Diz-me o que queres, Raven? Diz-me o que queres que faça. Queres que te coma com a língua? Com os dedos? Com o meu pau? Queres vir-te para mim, meu amor?

Aperto as pernas à volta do seu pescoço e empurro-me contra a cara dele e ele sorri ao inclinar-se para me dar o que quero. Põe dois dedos dentro de mim enquanto me lambe o clitóris, os movimentos bem ritmados.

– *Sim* – gemo, sem nunca o deixar de olhar.

Quando estou quase a vir-me, ele afasta-se a sorrir.

– Ares, não – suplico, empurrando as ancas contra ele, mas ele mantém-me afastada, agarrando-me com força.

– Queres mais? Queres vir-te para mim?

Digo que sim com a cabeça, desesperada.

– Por favor, Ares. *Por favor*. Faz-me vir, meu amor.

Ele sorri.

– Vou recompensar-te por me chamares «meu amor», mas não te deixo vir enquanto não me prometeres que nenhum outro homem te vai ajudar a alongar. – Vira a cara e beija-me a coxa ternamente. – Queres, não queres? Queres vir-te na minha língua, não queres?

Olho-o e abano a cabeça.

– Se queres que te prometa isso, então quero mais. Quero que me prometas algo também. Quero que me fodas.

Ele geme e passa uma mão pelo cabelo.

– Com muito prazer. Fodo-te aqui e agora, Raven. Tenho a pila preparada para ti. Está sempre.

Sorrio-lhe, surpreendida pela forma como me sinto confortável com ele.

– Prometo, Ares. Serás o único homem a ajudar-me com os meus alongamentos.

Ele sorri-me antes de retomar, comendo-me à bruta com os dedos e a língua. Em alguns minutos, tem-me outra vez no limite e não para de me olhar. Fica tão

lindo a observar-me assim, de joelhos, as minhas pernas nos ombros dele.

– Não... – mordo o lábio com força, tentando não me vir já, mas o Ares chupa-me o clitóris e enfia os dedos bem fundo dentro de mim e venho-me na língua dele, os meus olhos fecham-se enquanto sinto o orgasmo mais intenso da minha vida, prolongado, deixando-me sem fôlego.

– Olha para ti – resmunga –, calças rasgadas, toda molhada e esse sorriso de satisfação. És uma tarada, e só para mim.

Mordo o lábio com força e sinto-me corar. O Ares baixa-me gentilmente as pernas e põe as mãos na cintura das suas calças.

– Ainda não acabou, esposa.

– É bom que não. Prometeste que me fodias.

Ele ri-se enquanto puxa as calças e os *boxers* para baixo, expondo a sua pila grossa. Mordo o lábio, sentindo-me, de repente, nervosa.

O Ares inclina-se sobre mim, apoiado num braço e posicionando o pau com a outra mão.

– Sabes quantas vezes sonhei com isto, Raven?

Penetra-me com a ponta e gemo, enlaçando os meus braços no seu pescoço.

– Devagar – peço. – Há algum tempo que...

Ele sorri e penetra-me mais um pouco.

– Tu consegues – promete-me. – Foste feita para mim.

Abano a cabeça e ele morde o lábio, ficando quieto para que eu me possa ajustar. Duvido que saiba quão irreal este momento é para mim. Há tanto tempo que o desejo!

– Ares! Chefe, onde está?

Abro os olhos quando ouço uma voz distante que reconheço vagamente.

– Merda! – grita o Ares. Afasta-se e tira imediatamente a *t-shirt*. Sem que eu perceba o que se passa, veste-me a *t-shirt*, tapando-me o melhor que consegue. Fecha-me as pernas para esconder as calças rasgadas ainda antes de vestir as suas.

O Dom entra segundos depois.

– Ares! Houve uma alteração na agenda para hoje e não conseguia contactá-lo.

Entra no ginásio e vê-me, escondida pelas costas largas do Ares.

– Senhora Windsor – diz, sorrindo, os olhos dele vagueando entre mim e o Ares.

– Dom – respondo.

– Sai daqui, Dom! – exclama o Ares, o olhar cheio de raiva.

O Dom sorri e obedece, com uma expressão que deixa transparecer o seu divertimento.

O Ares passa uma mão pelo cabelo e suspira.

– Tenho de ir, *Cupcake*.

Sorrio-lhe e anuo.

– Vai – a voz sai-me baixa, relutante.

– Lembra-te, Raven, eu nunca deixo uma promessa por cumprir.

Coro enquanto ele se levanta.

– Vou lembrar-te desta.

Sorri-me ao afastar-se, parando junto à porta.

– Não te esqueças de ir ter comigo ao joalheiro mais logo. Temos marcação para hoje. Depois mando-te uma mensagem com a morada.

Anuo, sentindo borboletas na barriga. Tinha-me esquecido das nossas alianças. Olho para o meu dedo vazio e sorrio, o meu coração repleto de esperança cautelosa.

Trinta e Seis

Raven

Sinto o coração acelerado ao entrar na joalheria altamente conceituada onde

me vou encontrar com o Ares. Em todos os anos que comprámos joias juntos para a Hannah, nunca lhe comprou nada aqui, mesmo quando ela o implorou, e eu sei que o fez. Este não é o tipo de loja em que qualquer pessoa pode fazer compras, não importa quanto dinheiro tenha. As suas joias são icónicas e todas feitas à mão.

– Senhora Windsor – cumprimenta-me o dono da loja fazendo uma ligeira vénia. – É uma honra recebê-la hoje.

– Senhor Laurier, a honra é minha – respondo, boquiaberta.

Ele abana a cabeça timidamente, como se estivesse genuinamente feliz por me ter aqui, e isso deixa-me nervosa. Ao longo da minha carreira, acostumei-me a ter quase tudo o que queria, mas esta loja sempre foi uma das poucas coisas fora do meu alcance.

– Rave.

Olho na direção da voz do Ares e sorrio ao vê-lo estender-me a mão. Entrelaça os nossos dedos e puxa-me para ele, os olhos nos meus. A forma como me olha recorda-me o que aconteceu esta manhã. Mesmo que a Hannah tenha conseguido abalar a minha confiança, ele conseguiu restaurá-la, mostrando-me o quanto me quer. Mesmo que o que tenhamos seja apenas paixão, é um começo. É mais do que tinha há apenas algumas semanas.

– Vamos escolher uma aliança para ti.

– Sigam-me, por favor, Senhor e Senhora Windsor. – Mr. Laurier dirige-nos à sua secretária onde nos mostra vários desenhos. – Têm algo específico em mente?

Olho nervosa para o Ares enquanto nos sentamos e ele sorri-me e pega na minha mão, entrelaça os nossos dedos e leva-a aos lábios.

– Tudo o que quiseses, Raven. Não importa o preço. Só quero que tenhas uma aliança que uses com orgulho. – Olha para o Senhor Laurier. – O meu único pedido é que grave o meu nome no interior da aliança da minha mulher.

O meu coração dispara e sinto o rosto quente. Ele não faz ideia da quantidade de sonhos meus que está a realizar hoje. Hesito um momento antes de tirar o meu *tablet* da carteira.

– Fiz um desenho – admito –, mas não sei se é possível concretizá-lo.

O Senhor Laurier sorri-me enquanto pega no *tablet*.

– É definitivamente possível, Senhora Windsor. Será uma aliança de eternidade com um desenho de treliça. Em quantos quilates estava a pensar?

O Ares fica tenso e endireita as costas, apertando-me a mão com mais força.

– Preciso que seja algo que se veja do outro lado da sala – afirma, a expressão inabalável. – Dez quilates? Talvez quinze.

Arregalo os olhos e viro-me para ele.

– Estás doido? Isso é demais!

O Ares olha para mim e abana a cabeça.

– És uma Windsor. És *a minha esposa*. Nada é demais.

O Senhor Laurier sorri-me de forma tranquilizadora.

– Por ser uma aliança de eternidade, terá vários diamantes que, *no total*, somarão dez quilates. Garanto-lhe que o resultado será muito elegante, Senhora Windsor. Percebo a sua preocupação, mas fique descansada. Será deslumbrante e combinará consigo.

Anuo hesitantemente, preocupada com algo que não consigo identificar. Acho que tenho medo de estar a assumir o meu papel de Senhora Windsor. Tenho medo de que isto que parece estar a nascer entre mim e o Ares acabe por ruir. Tenho medo de acabar com o coração pisado e despedaçado.

– Que se passa? – pergunta o Ares, a sua voz suave.

Os meus olhos baixam-se para a sua aliança simples de platina. Nunca a tirei desde o dia em que casámos e isso devia deixar-me aliviada, mas apenas aumenta a minha ansiedade. É a aliança que a Hannah escolheu para ele.

– Posso escolher uma nova aliança também para ti? – As palavras saem-me da boca antes de o perceber e sinto-me envergonhada. Não quero ser mesquinha e ciumenta, mas não consigo evitá-lo. Não quero que nada do nosso casamento tenha ligação a ela, mas como será possível se ela é a razão pela qual nos casámos?

O Ares olha para a sua aliança e larga a minha mão. Por um momento, tenho a certeza de que vai recusar o meu pedido, mas tira a aliança e coloca-a na mesa.

– Claro – assegura –, escolhe o que quiseres.

Sorrio nervosamente enquanto pego no meu *tablet* e procuro outro desenho para mostrar ao Senhor Laurier.

– Quero uma aliança simples e larga, em ouro, para o Ares, com uma *muito* subtil gravação de uma pena ao redor.

Ele sorri-me e anui.

– Uma pena de corvo!, suponho?

Assinto, corada. O Ares ri-se e põe um braço por cima do meu ombro, o seu toque carinhoso.

– Gosto. – Vira-se para o Senhor Laurier. – Quero as nossas alianças prontas dentro de duas semanas e quero que use apenas as melhores pedras na aliança da minha esposa.

Os meus olhos abrem-se e bato-lhe no pé com o meu. Terá perdido a cabeça? Não saberá que existem longas listas de espera nesta joalharia? É uma honra estar aqui e vai acabar por fazer com que nos expulsem.

– Certamente, Senhor Windsor. Irei entregá-las pessoalmente a vossa casa.

O *quê?* Tento ao máximo disfarçar o choque na minha expressão, mas a forma como o Ares se ri mostra que falhei.

– Vamos para casa – diz-me, oferecendo-me a mão. Aceito-a e o Senhor Laurier

acompanha-nos até à saída, agradecendo-nos repetidamente pela confiança.

– Estás bem? – pergunta-me o Ares a caminho do carro.

Aceno com a cabeça e ele abre-me a porta, a sua testa franzida. Espera que eu me sente antes de se dirigir ao outro lado do carro. Vi-o fazer isto com a Hannah um sem-número de vezes e sempre senti tanta inveja, sentada no banco de trás, vendo-os juntos. Sempre quis tê-lo para mim um dia, mas agora que é legalmente meu, sinto que é tudo tão vazio. Parece que vivo um tempo que me foi só emprestado. Estou a tentar não perder a fé, mas ainda não me abstraí totalmente da minha conversa com a Hannah.

– Raven – insiste o Ares, virando-se para mim. Inclina-se e puxa o meu cinto de segurança, o rosto dele está tão perto de mim que só precisaria de me virar para o beijar. Se ele fosse realmente meu, era o que faria. Enterrava as minhas mãos no seu cabelo e beijava-o tão apaixonadamente que ele só queria chegar à privacidade da nossa casa bem depressa. Mas ele não é meu. Não é realmente meu. – Estás calada desde que saímos da loja. Que se passa?

Olho para ele, sem saber que dizer.

– Momento de honestidade? Sinto-me culpada – respondo-lhe. – Tenho medo de sentir felicidade sequer durante um segundo contigo porque só consigo pensar que tudo vai acabar. Às vezes, sinto que este é um tempo que me foi emprestado e tento lutar contra esse sentimento, mas nem sempre consigo escapar-lhe – admito, desvio o olhar e respiro tremulamente. – Só quero o que qualquer mulher deseja, Ares. Quero um casamento feliz. Não me quero privar de nada que deseje, mas, na verdade, não posso ter o que quero sem magoar alguém, sem...

O Ares beija-me, calando-me com os seus lábios numa urgência que não esperava. Deixo escapar um gemido tímido e ele agarra-me o cabelo, com força, enquanto os meus lábios se abrem. A forma como me beija deixa-me sem fôlego e sôfrega por mais. Quero sentir-me mais como ele me faz sentir agora, que cale todas as minhas dúvidas, mesmo que seja só por um momento.

Afasta-se e encosta a testa na minha, a respiração dos dois acelerada.

– Que se foda o resto do mundo, Raven. És *a minha esposa*. É uma honra e o meu dever que tenhas tudo o que desejas, seja o que for, não quero saber se é a decoração da nossa casa, as nossas alianças ou a forma como interagimos um com o outro. Se queres que algo mude, irá mudar. Não começámos da melhor forma, mas deixa-me que melhore as coisas. Isto também é novo para mim, mas não o quero fazer sem convicção. Sou um Windsor, Raven, e sabes tão bem quanto eu o que o casamento significa para a minha família. Quando me casei contigo, tornei-me teu. Talvez o meu coração ainda não esteja totalmente presente, talvez nunca venha a estar, mas tudo o resto é teu. *Só teu*. Por isso, agarra o que queres. Pede o que desejas. Se estiver ao meu alcance, será teu.

– Mesmo que o que eu queira seja o teu corpo? A tua devoção? *Paixão*? E se o que quero é tudo o que costumava ser *dela*?

Ele sorri e acaricia-me a face com os dedos.

– Sou *teu* – repete. – E não há nada que deseje mais do que fazer-te minha.

Trinta e Sete

Raven

Mal consigo pensar quando o Ares estaciona em frente à nossa casa, perdida entre pensamentos de desejo e de medo em partes iguais. Os lábios dele são perfeitos contra os meus, e aquele beijo foi tudo o que sempre desejei. Mas também foi diferente, de alguma forma. Foi melhor do que a memória que sustentou o meu amor por ele durante tantos anos, mas, ainda assim, não foi suficiente. É estranho como um beijo consegue ser tão mais íntimo, comparado com tudo o resto que já fizemos.

O Ares parece nervoso ao dirigir-se à minha porta do carro, a sua expressão indecifrável. Oferece-me a mão e aceito-a hesitantemente. Nunca num milhão de anos pensaria que estaríamos nesta situação, mas parte de mim acredita que era inevitável.

Entrelaço os dedos nos dele e ele agarra a minha mão com força enquanto nos dirigimos para casa, uma tensão desconhecida no ar. Tenho medo de que se tenha arrependido de me ter beijado ou que o tenha feito apenas porque pensa que é o seu dever como meu marido. A forma como me toca ultimamente... quero que seja real. Sei o quanto valoriza o casamento e não me surpreenderia que escolhesse pôr as minhas necessidades à frente das suas. Mas não é isso que quero. Quero-o por inteiro, de verdade, com vontade.

Se houver sequer a mínima hipótese de se arrepender de estar comigo desta forma, então devo recuar imediatamente. Antes que destrua tudo o que temos.

O Ares desbloqueia a porta com o polegar e entramos. Largo-lhe a mão quando a porta se fecha atrás de nós.

— Ares — suspiro, o meu coração apertado ao mesmo tempo que não consigo abstrair-me do quanto preciso dele —, tenho tendência para refletir excessivamente sobre as coisas, por isso a comunicação é muito importante para mim. Vou enlouquecer se continuar a tentar adivinhar o que sentes em relação a mim. Da última vez que tentei alguma coisa, negaste-me e disseste que nunca me irias querer e isso partiu-me o coração e deixou a minha confiança em cacos. Entretanto, as coisas mudaram entre nós, mas preciso de saber que não me vês apenas como uma obrigação. Por isso, vou fazer-te uma pergunta, apenas *uma vez*. Se a tua resposta for não, vou deitar-me e ambos fingimos que nada disto aconteceu.

Ele anui, a expressão dele algo intrigada.

— Queres-me? Desejas-me? Se não fôssemos casados, ias desejar-me na mesma?

Ele sorri e encaminha-se para mim, o seu passo confiante e impaciente. Abraça-me pela cintura e puxa-me para ele, beijando-me com a mesma urgência que senti antes. Geme enquanto me beija, as mãos dele viajando pelo meu corpo impacientemente. Encosta-me à parede e levanta-me uma perna para a enrolar em volta da sua anca.

Estou ofegante quando me beija o maxilar e, depois, pousa os lábios abaixo da minha orelha, fazendo-me arrepiar com um suave beijo no pescoço.

– Serve de resposta, Raven? Quero-te tanto que dói!

Mordisca-me suavemente a orelha, a respiração dele ofegante.

– Já sonhei contigo mais vezes do que posso admitir e durante mais tempo do que devia.

As mãos dele movem-se para a minha cintura e levanta-me contra a parede, as minhas pernas à volta dele.

– Sentes isto? Sentes como me pões duro? Deixas-me louco! Sempre deixaste.

Uma das mãos agarra-me o rabo com força e volta a beijar-me.

– Abre a boca – ordena e eu obedeco, aprofundando o nosso beijo. Subo as mãos pelas costas dele até as enterrar no cabelo, as minhas unhas contra a nuca dele, demonstrando-lhe o meu desejo galopante.

Ele geme na minha boca e leva-me para a sala, derrubando algo no caminho, mas nem o som dos cacos no chão nos separa. Pelo contrário, parece aumentar o seu sentido de urgência.

As mãos do Ares entram debaixo do meu vestido até me agarrarem o rabo nu.

– Foda-se! – geme contra mim. – Não imaginas há quanto tempo quero isto. Não paro de pensar naquela massagem. Só queria meter as mãos debaixo das tuas camisas de noite. Sabias exatamente o que estavas a fazer quando te vestias assim, não sabias?

Assinto, o meu rosto corado.

– Estava a tentar seduzir-te, mas acho que não sou muito boa nisso.

Leva-me para o quarto, deita-me na cama e posiciona-se entre as minhas pernas abertas.

– És bem melhor do que eu te deixei saber, *Cupcake*. Estou quase sempre duro ao pé de ti. Não és a única que reflete demasiado sobre as coisas, Rave. És a mulher mais importante na minha vida, e nunca faria nada que te pudesse chatear. Já te tinha pedido o suficiente ao teres casado comigo, não podia pedir mais nada, mas isso não significa que não quisesse.

Ele inclina-se, os lábios dele sobre os meus.

– Deixa-me mostrar-te o que significa ser a minha mulher, Raven.

O Ares prende o meu lábio entre os seus dentes, provocando-me, chupando-o, até que me beija outra vez.

– Não fazes ideia de quantas vezes sonhei com os teus lábios.

– Ares – a voz sai-me presa pelo desejo –, *por favor*.

Ele sorri e afasta-se para me olhar nos olhos.

– Diz-me o que queres.

As minhas mãos deslocam-se para a sua camisa e desabotoo o primeiro botão.

– Quero que realizes as minhas fantasias – murmuro. – Quero-te desesperado

por mim.

Ele ri-se e eu continuo a desabotoar-lhe a camisa.

– Não sei quão mais desesperado consigo estar.

A camisa abre-se e passeio os dedos pelo seu peito. O Ares inspira fundo, como se o meu toque tivesse nele o efeito que sempre esperei, e é surreal.

– Raven – suspira enquanto me puxa a roupa, os dois impacientes. Levanto os braços e ele despe-me o vestido, deixando-me deitada na cama apenas em roupa interior. – Quando usas cuecas, usas coisas bem sensuais.

O Ares inclina-se sobre mim e enterra uma mão no meu cabelo, virando-me a cabeça e expondo o meu pescoço, pousa os lábios por baixo da minha orelha, e estremeço.

– Meu amor – murmura –, quero olhar para ti enquanto os teus lábios dizem o meu nome e estou dentro de ti. Imaginas como me senti quando tivemos de parar e ainda só tínhamos começado?

Entrelaço os meus dedos no cabelo dele e agarro-o com força.

– Então para de me provocar – peço-lhe.

Os olhos do Ares ardem de desejo.

– Não sabes o quanto te quis nua na minha cama. Cada noite contigo foi uma tortura para mim. – Desaperta o meu sutiã e respira fundo ao vê-lo cair. – Sabes quantas vezes pensei naquela noite em que te sentaste no meu colo? Não sei como não te toquei nessa noite.

Por um momento, sinto-me embaraçada, mas ele afasta esse sentimento com um simples beijo.

– Também te quero nu – digo-lhe. – Lembras-te da noite em que me pediste que te despisse o pijama? Estava tão tentada a despir mais do que isso, mas não me atrevi.

Ele sorri e põe as minhas mãos na cintura dele.

– Despe-me.

Faço-o com a mesma impaciência com que ele me despiu e ele ri-se quando lhe liberto o pau duro.

– É a minha vez – rosna.

Deita-me e enrola os dedos à volta das minhas delicadas cuecas. Olha para mim enquanto as baixa pelas minhas pernas, deixando-me totalmente nua.

– Foda-se! – geme –, não consigo esperar mais.

– Nem eu, marido. Entra.

Sinto-o contra mim.

– Diz isso outra vez – ordena.

– O quê? – pergunto e ele penetra-me só com a ponta. – Marido?

O Ares geme e não consigo evitar não rir. Paro assim que o sinto penetrar-me mais fundo, realizando a minha fantasia.

– *Oh, Deus!*

Sinto-o todo dentro de mim e ele pausa, os olhos dele nos meus.

– Raven! Isto... não sei se aguento muito tempo.

Mordo o lábio, não vou admitir que me dói um pouco. Ele é maior do que eu me lembrava e preciso de me habituar ao tamanho.

– Que se passa, meu amor?

Abano a cabeça e puxo-o contra mim, os meus lábios ao encontro dos dele. O Ares beija-me, mexe-se lentamente e perco-me nele. Equilibra-se nos dois braços e roda a anca, fodendo-me devagar, provocadoramente.

– Mais – gemo.

Ele ri-se.

– Estava a ver que nunca mais pedias, querida.

Agarra-me o cabelo com uma mão e com a outra agarra-me a garganta, nunca tirando os olhos de mim, saindo quase totalmente de dentro de mim só para me voltar a penetrar com mais força.

– Ares – murmuro.

Ele responde com mais força, os movimentos dele vigorosos.

– Olha para ti – diz-me, virando a cabeça para ter acesso ao meu pescoço. Chupa-me a pele, deixando uma marca. – Olha para ti cheia de mim. Que visão maravilhosa.

Afasta-se e sai de dentro de mim, o que me faz gemer em desagrado, mas ele ri-se e põe-se de joelhos entre as minhas pernas. Agarra-as e puxa-as para ele com força.

– Preciso de ver como ficas enquanto te estou a foder. Quero ver-te toda.

Agarra no pénis e volta a penetrar-me devagar, o olhar tão cheio de desejo quanto o meu.

– Foda-se! – geme.

Aposto que a vista dele não é nada sensual, o meu corpo todo exposto e o meu cabelo todo despenteado.

– És o meu sonho tornado realidade, Raven.

Agarra-me na anca com uma mão e põe a outra entre as minhas pernas.

– Ares – gemo quando me esfrega impiedosamente o clitóris. Faz círculos com o polegar como sabe que me deixa louca, como o fez quando me massajou, e, em segundos, quase me venho.

– Estás tão molhada, Raven. Quero que te venhas para mim enquanto estou dentro de ti. Quero que te desvendes para mim.

Mordo o lábio quando o sinto acelerar o movimento do polegar e a entrar ainda mais fundo dentro de mim.

– Ares, não consigo aguentar – aviso-o.

– Não quero que te controles. Perde o controlo. Vem-te para mim.

E faço-o. Fecho os olhos e os meus músculos contraem-se, sentindo um enorme orgasmo. Saber que ele está a olhar para mim torna-o ainda mais intenso.

– Foda-se! – geme, os movimentos dele mais brutos, mais rápidos. Morde o lábio quando se vem, segundos depois. Saber que o fiz vir é irreal.

O Ares deixa-se cair sobre mim e encaixa o rosto no meu pescoço, a sua respiração acelerada.

– Melhor do que nas minhas fantasias – murmura. – Ainda agora te tive e já quero mais.

Sorrio e envolvo-o num abraço, o meu coração ainda a bater rapidamente. O Ares beija-me o pescoço, uma e outra vez, e pela primeira vez desde que nos

casámos, sinto uma sensação de permanência com ele. Isto entre nós... não há volta a dar.

Trinta e Oito

Raven

A caminho da casa principal, franzo a testa ao ver os comentários da última campanha que publiquei. É uma fotografia simples, comigo a segurar um frasco de perfume, mas os comentários são estranhos. Ou melhor, os comentários são bastante normais, mas os nomes das contas são muito estranhos.

QueroBeijarOsPésDaRaven: *o perfume é tão doce como tu?*

FãDasCovinhasNasCostasDaRaven: *Adoro o teu sorriso nesta foto. Que posso fazer para olhares para mim como olhas para esse frasco de perfume?*

ObcecadoPeloSorrisoDaRaven: *Também quero estar nas tuas fotos, sabias? Nunca tinha tido ciúmes de um frasco de perfume, mas hoje tive. Fizeste de mim um parvo.*

QueroLamberOJoelhoDaRaven: *Quero comer-te só com esse perfume, Rave. Tu na cama, a minha cara entre as tuas pernas, e o subtil aroma desse perfume no ar.*

MaridoDaRaven2409: *O perfume cheira a ti? Se sim, vou comprar todos os frascos disponíveis para te ter comigo quando não estás aqui... e mais ninguém te terá.*

ARavenÉARainhaDosCupcakes: *Se este perfume tem a tua assinatura, aposto que cheira a cupcakes e à luz do sol.*

ARavenÉOMeuCupcake: *És tão bonita que dói! Vou pôr esta foto no fundo do meu telemóvel para te ver a sorrir para mim desta forma o dia todo.*

ARavenÉAMinhaMulherAfastem-se: *Estou a ficar sem paciência. Preciso que toda a gente saiba que és minha.*

Rio-me e entro na aplicação de mensagens.

Raven: *Acho que o meu favorito é o «Quero lambar o joelho da Raven». É... estranhamente original.*

Ares: *Este é um daqueles momentos de honestidade? Se não for, a minha declaração oficial é... não fui eu!*

Raven: *Que pena! Estava bastante intrigada com um dos comentários. Era algo como «Quero comer-te só com esse perfume, Rave. Tu na cama, a minha cara entre as tuas pernas, e o subtil aroma desse perfume no ar».*

Raven: *Mas se não foste tu, é pena. Sendo assim, não vale a pena levar um frasco do perfume para casa.*

Ares: *Fui eu. Todos, fui eu. Confesso.*

– Uau! Não me lembro da última vez que te ouvi rir assim.

Olho para cima e vejo a Sierra a sorrir para mim. Encaixa o braço dela no meu

e puxa-me. A avó chamou-nos às duas e, embora isso não seja exatamente incomum, desta vez, estou nervosa. É a primeira vez que a vejo enquanto esposa do Ares. Honrou a sua palavra e deu-nos um mês a sós – e nem mais um dia.

– Então – diz a Sierra, levantando as sobrancelhas –, como tem sido? Já conseguiste que o parvo do meu irmão se apaixonasse por ti?

Rio-me e abano a cabeça.

– Só passou um mês, Sierra.

Ela encolhe os ombros.

– Já o comeste ao menos? Talvez seja a forma mais fácil de lhe chegar ao coração.

Coro ao lembrar-me da sensação dele dentro de mim, da forma como me tocou.

– Oh, meu Deus, já!

Atiro-lhe um olhar de advertência.

– Queres mesmo ouvir-me falar sobre eu dormir com o teu *irmão*?

Ela revira os olhos.

– Claro que não! Não te pedi pormenores. Só queria saber se já tinha acontecido ou não. Como podemos chamar-lhe? Operação Armadilha de Mel?

Rio-me e abano a cabeça.

– Operação Felizes para Sempre.

– Oh! Adoro! Olha para ti, Rave, toda romântica. Percebeste o apelo, finalmente?

Encolho os ombros. Não vou admitir que sim. A Sierra é a pessoa mais romântica que conheço e quando não está ocupada a ser uma CEO implacável, está a ler romances de amor ou a ver comédias românticas. E isso fá-la ter uma elevada expectativa sobre o que devemos esperar do amor. Questiono-me quanto tempo vai demorar a perceber que todos os homens da ficção que adora foram escritos por *mulheres*.

– Meninas!

Ambas sorrimos ao vermos a avó de braços abertos para nós.

– Primeira! – grito e começo a correr, chegando antes da Sierra aos braços da avó. Ela ri-se e abraça-me com força.

– Ugh – resmunga a Sierra. – Já nem te posso chamar ladra de avós porque ela agora também é tua avó.

Sorrio-lhe ao deixar o abraço da avó e encaminhamo-nos para a sala dela. Desta vez, é a Sierra que vai à frente. Pega no prato de bolachas que está à nossa espera e, sem qualquer hesitação, esvazia-o para a sua mala. Olho-a incrédula.

– A sério?

Ela olha-me de alto a baixo com um esgar vitorioso.

– Está feito!

A avó abraça-me pela cintura e inclina-se para murmurar ao meu ouvido.

– Escondi-te algumas. Depois mando entregá-las.

– Que estão para aí a dizer? – pergunta a Sierra imediatamente, os olhos semicerrados.

Rio-me. Não consigo evitá-lo. Estar com a avó sempre me fez sentir tão... livre. Quem me dera sentir-me assim com a minha família.

– Venham – diz a avó e aponta para nos sentarmos, entregando uma caixa a cada uma. – Talvez seja cedo para te dar a tua, Sierra, mas eu sei como tu és e não queria que chateasses a Raven por ela ter a dela, por isso, vais receber isto mais cedo. Abram.

Ambas abrimos as caixas e suspiramos em simultâneo. Cada caixa contém um conjunto de joias da herança Windsor de valor incalculável. São peças icónicas, muitas vezes emprestadas a museus, e nunca pensei um dia ter uma.

– Tu, minha doce Raven, irás herdar todas as joias Windsor. Serás a próxima matriarca desta família e não podia desejar qualquer outra pessoa a assumir esse papel. – Vira-se para a Sierra. – E tu vais, com certeza, ser a matriarca da família com a qual casares.

A Sierra sorri.

– Queres dar-me uma pista sobre quem escolheste para mim?

Tal como todos os irmãos, a Sierra sempre soube que iria casar com quem a avó escolhesse. Mas ao contrário dos irmãos, a Sierra não se opõe à ideia. Cortesia dos romances de amor que lê, imagino.

– Não estás pronta – responde a avó. – E acho que eu também não. Queres deixar a tua avó assim tão cedo?

Abana a cabeça e vai sentar-se mais perto dela, envolvendo-a com um braço. Observo-as com o coração cheio e vejo como a avó beija a Sierra na cabeça. É o que sempre quis – fazer parte desta família, de verdade.

– Diz-me, Raven. Como está a correr o casamento?

– Oh! – diz a Sierra. – Diria que *muito bem*.

Olho-a com os olhos esbugalhados, mas a forma como a avó sorri leva-me a crer que entendeu a insinuação da Sierra.

– Tem corrido bem. Obrigada por perguntares, avó.

Ela acena com a cabeça.

– Vocês tiveram um mês sem interrupções ou obrigações familiares, mas o tempo acabou. Têm de fazer o anúncio formal, o que vai resultar em mais atenção mediática. Tendo em conta o teu trabalho, acho que saberás lidar com isso. Depois, haverá também uma série de compromissos. Como uma Windsor, terás de marcar presença em vários eventos, mesmo que seja só uma aparência fugaz. Sei que trabalhas muito, Raven, mas a tua agenda vai ficar ainda mais preenchida. Nem sequer aos jantares de família semanais irei permitir que faltes, muito menos a qualquer outra coisa. A reputação da família é importante e muitos dos nossos negócios deram frutos devido à nossa rede de contactos. Devemos lembrar-nos disso.

– Eu sei, avó – tranquilizo-a. – Vai correr tudo bem, prometo. Já fui a tantas cerimónias de solidariedade contigo que não me preocupam.

A avó anui.

– Nem eu estou preocupada. Tu e o Ares fazem um belo casal. – A avó hesita por um momento, como se houvesse algo que quer perguntar, mas pensa melhor e abana a cabeça. – Usa isso no próximo evento formal a que fores – diz com um sorriso. – Enviará uma forte mensagem a quem nos conhece.

Olho para o colar de diamantes e o meu estômago agita-se. Até agora, o Ares e

eu temos existido dentro de uma bolha. Como será andar em público de braço dado com ele, ser conhecida publicamente como *sua esposa*?

Mordo o lábio, nervosa. O primeiro evento que temos marcado é a estreia de um filme... que tem a Hannah como protagonista. Não estou entusiasmada, mas acho que estou pronta.

Trinta e Nove

Ares

Olho para as alianças nas minhas mãos com um enorme sorriso.

Senti uma espécie de temor quando a Hannah escolheu as nossas alianças, mas, só de olhar para as que a Raven escolheu, sinto uma satisfação quase doentia.

Mal posso esperar por vê-la com ela no dedo. É tão grande quanto queria que fosse. Não há como interpretar mal a mensagem que esta aliança envia. Ficará marcada como minha, e usarei com prazer o seu anel com a gravação de uma pena.

– Rave?

Sentado na cama, bato com o pé impacientemente, enquanto espero que saia do duche. Estou tentado a juntar-me a ela, mas isso iria adiar o momento em que lhe ponho esta aliança no dedo. A casa de banho não é sítio para o fazer.

Quando nos casámos, não sabia como seria a nossa relação e não tinha intenções de ser mais do que amigo dela. Quando é que isso mudou? Em apenas algumas semanas, tornou-se minha esposa de todas as formas que importam.

Cada noite com ela é maravilhosa. A forma como me quer... é surreal. Nunca me senti tão desesperado e impaciente antes e não me farto dela. Sinto-me tentado a faltar ao trabalho para ficar com ela na cama, mas, infelizmente, a minha mulher é mais ocupada do que eu alguma vez serei.

O meu coração dispara quando a vejo entrar no quarto enrolada numa toalha mínima.

– Ai, caraças! – murmuro.

A Raven cora e essa imagem dela faz-me arrepiar de desejo dos pés à cabeça. Durante demasiado tempo, mantive-me à distância com a desculpa de que queria dar-lhe espaço, mas, em parte, sabia que era porque não lhe conseguiria resistir. É a única mulher que não me era permitido desejar e a única que me deixa desesperado.

Levanto-me e caminho em direção a ela, o meu olhar intenso. Ela sorri como se soubesse exatamente como me faz sentir, ali de pé, naquela toalha

mínima, e deixa escapar uma tímida gargalhada quando dá um passo atrás, ficando entre mim e a parede.

– É ridículo o quanto és bela – murmuro, deixando-a presa entre os meus braços.

Os olhos dela vagueiam pelo fato que tenho vestido e suspira ao agarrar a lapela do meu casaco.

– É uma pena que estejas a esconder as minhas partes preferidas do teu corpo.

A mão dela esfrega-me o peito e eu seguro-a junto ao meu coração.

– As tuas partes preferidas? Se o meu pau não é a tua parte preferida, ando a falhar no meu dever. Se for o caso, vou trabalhar para ultrapassarmos isso.

Ela sorri-me com uma vaga de admiração no olhar. Imagino que tudo isto seja tão surreal para ela como é para mim. Não era suposto estarmos juntos. Não era suposto sermos tão *perfeitos* juntos.

– Deixa-me fazer-te outra promessa, Raven. – Levanto-lhe a mão e ponho-lhe a aliança que desenhou na ponta do dedo antes de a olhar nos olhos. – Começámos o nosso casamento nas piores circunstâncias e, mesmo agora, parece que ainda tanta coisa se interpõe, como se tudo estivesse *contra* nós. Não sei o que nos espera no futuro, Rave, mas prometo-te isto: durante todo o nosso casamento, serás tudo para mim. Serás uma prioridade perante qualquer outra coisa e farei tudo o que puder para que não sintas que tiveste de sacrificar algo para casar comigo. Sei que escolhemos um caminho difícil, mas não me imagino a fazê-lo com outra pessoa.

A Raven sorri-me, os olhos marejados. As minhas mãos tremem enquanto lhe ponho a aliança no dedo. Nem sequer estava nervoso quando pedi a Hannah em casamento. Foi uma formalidade. Mas isto? Este é um momento real entre nós dois, um que nunca pensei que teríamos.

Dou à Raven a aliança que desenhou para mim com um sorriso tímido.

– Queres ser tu a fazê-lo ou faço-o eu?

Ela abana a cabeça e agarra-me na mão, colocando a aliança na ponta do meu dedo, imitando-me.

– Ares – diz, a voz trémula –, não era suposto seres meu, mas agora que és, prometo estar de corpo e alma neste casamento. Tem sido estranho para os dois, e sei que ainda nos estamos a ajustar à situação. Tens razão quando dizes que tudo é ainda incerto, mas prometo-te isto: para o resto das nossas vidas, ser-te-ei verdadeira em todos os aspetos. Serás tudo para mim, e farei tudo ao meu alcance para ser a melhor esposa que podias desejar.

Põe a aliança no meu dedo, as mãos a tremer como as minhas. O nosso casamento foi uma farsa, mas este momento? Mais real seria impossível.

– Estamos mesmo a fazer isto? – pergunta-me num murmúrio.

Anuo e encosto a minha testa à dela.

– Já o fizemos, Rave. Estamos casados há um mês. Já é tempo de aceitarmos os factos e construirmos o nosso futuro juntos.

– Imaginas mesmo um futuro comigo, Ares? Quando nos casámos, tu... bem, falaste da possibilidade de nos separarmos dentro de três anos. Ainda o queres fazer? Preciso de saber. Não posso... Não me quero magoar.

Envolvo-lhe o rosto com as mãos e olho-a nos olhos, o meu polegar percorrendo-lhe os lábios.

– Nunca te vou deixar, Raven. Que se lixe o que eu disse. Era um parvalhão porque ainda não tinha percebido que tinha recebido um tesouro. Para o bem e para o mal, és a minha esposa. Só tu. Enquanto eu viver.

Ela inspira e sorri com as lágrimas a inundarem-lhe os olhos.

– Promete-me. Disseste-me que nunca faltas a uma promessa, promete-me que serás meu até ao fim das nossas vidas. Independentemente de tudo.

Encosto novamente as nossas testas e respiro tremulamente.

– Sou teu, Raven Windsor. Para sempre. Prometo.

Belisco-lhe o queixo e viro-lhe a cara para mim inclinando-me para a beijar, um longo e vagaroso beijo. Ela envolve os meus ombros com os braços e eu aproximo-me mais. Quantas vezes fantasiei que a beijava quando não devia? É transcendente poder beijá-la.

– Amanhã – murmuro contra os lábios dela –, amanhã anunciamos o nosso casamento.

Sei que o anúncio vai pôr os olhos de todos em nós e vai despertar o pânico da Hannah, mas que se lixe. Preciso que o mundo saiba que ela é minha.

Quarenta

Raven

Sorriso para o telemóvel enquanto escrevo o texto que acompanha a fotografia do casamento que vou publicar. É algo que nunca pensei fazer com o Ares, mas que sempre quis.

Algo mudou desde que nos casámos. Costumava haver uma barreira invisível entre nós, mas desapareceu quando caminhei até ao altar.

Esta é a versão dele pela qual me apaixonei há tantos anos. Parece, finalmente, ao meu alcance, e não vou deixar escapar esta oportunidade por nada. Amo a minha irmã com todo o coração, mas não vou sacrificar nem mais um momento da minha felicidade por ela – não quando ela teve tudo e *escolheu* afastar-se.

Sorriso mentalmente quando partilho a fotografia, segundos depois de a publicação do Ares ter sido feita. Escolhi uma fotografia do Ares a beijar-me no dia do nosso casamento, e sei que se tornará viral em menos de nada. Talvez seja um golpe baixo, uma forma de aumentar a distância entre ele e a Hannah, mas não quero saber. Estou farta de pôr os outros antes de mim.

Segundos depois, a porta do meu camarim abre-se com tanta força que bate contra a parede e o meu agente entra de rompante com uma expressão perturbada.

– Que merda é esta? – pergunta em tom de pânico, mostrando no seu telemóvel a fotografia que acabei de publicar. – Tu casaste-te? Estás *casada*? Com o *Ares Windsor*? Casaste com o maior magnata de média do país e não me disseste nada? Que raio, Rave?

Devia ter antecipado esta reação, mas tenho estado tão atordoada nas últimas semanas, sem querer sair da bolha onde me encontrava com o Ares, com medo de acordar e perceber que tinha sido apenas um sonho.

– Surpresa?

O John olha para mim, os seus olhos azuis repletos de raiva e mágoa. Faz-me doer o coração e o remorso toma conta de mim.

– Desculpa – digo-lhe –, não é que não te quisesse convidar – prometo-lhe. – Mas a lista de convidados foi propositadamente pequena. As nossas famílias são amigas há muito tempo e, bem, foi a minha mãe que organizou a lista. Tenho estado tão ocupada com trabalho... desculpa.

Ele desvia o olhar e abana a cabeça.

– Eu percebo. – O tom contrasta com as suas palavras.

Como lhe posso explicar que o teria convidado se fosse, de facto, o *meu* casamento?

– Mas eu nem sequer sabia que vocês tinham uma relação, Raven. Como é que isso aconteceu? Como conseguiste esconder uma relação com o Ares Windsor, e porquê?

Era isto que temia. Quem me conhece bem sabe que estava solteira há bastante tempo.

Sou poupada a ter de responder quando a porta do meu camarim se abre novamente. Um suspiro suave escapa-me dos lábios quando vejo o Ares a entrar, rodeado de seis guarda-costas.

– Raven – diz, encaminhando-se para mim. Abraça-me e puxa-me para si, os lábios dele encontram os meus. Beija-me como se estivéssemos sozinhos, demoradamente, provocando-me até me deixar sem fôlego. Depois, encosta a testa à minha e respira fundo.

– Adoro a fotografia que publicaste – murmura. – Pensei que ias escolher uma fotografia genérica ou algo dos últimos anos, mas não deixaste espaço para dúvidas.

Afasto-me para olhar para ele, o meu coração explode de amor.

– Tenho tanto orgulho em ser a tua esposa – suspiro. – Como não quereria mostrar isso?

Ele inclina-se para me falar ao ouvido.

– Fizeste-me ganhar o dia – murmura. – Serás recompensada mais tarde.

Sinto-me a corar e afasto-me um pouco dele, consciente de que estamos a ser observados. Percebo então que os guarda-costas estão de costas voltadas para nós, mas o John observa-nos com uma expressão que não consigo decifrar.

O Ares afasta-se de mim, pondo uma mão sobre o meu ombro. Estende a outra ao John.

– Já nos vimos por aí, mas nunca fomos formalmente apresentados. Sou Ares Windsor. O marido da Raven.

Os dois dão um aperto de mão e a forma como o John olha para o Ares desagrada-me. Normalmente, qualquer pessoa neste mercado ficaria feliz por conhecê-lo, mas o John não parece estar.

– Sou também o teu novo chefe – informa, terminando o aperto de mão. – Como esta agência encaixa tão bem na minha empresa, comprei-a.

Olho-o em choque.

– Tu fizeste *o quê*?

O Ares encolhe os ombros e inclina-se sobre mim.

– Pensei que seria bom para nós comprar a empresa para a qual trabalhas. Pode ser tua, se quiseses. Deixo-o em contrato, sob duas condições.

– Que condições?

Ele sorri e aproxima os lábios da minha orelha.

– Nada de campanhas com outros homens e não podes trabalhar demais.

Olho para ele incrédula, a minha boca aberta.

– Compraste a minha agência porque não gostas que trabalhe com outros homens?

O Ares levanta as sobrancelhas.

– E então? Sou o teu marido. As únicas mãos que te podem tocar são as *minhas*.

Não te podia pedir que quebrasses os contratos existentes, por isso comprei a empresa e rescindi os contratos que pudessem implicar trabalhos íntimos com outros homens.

– A penalização pela rescisão dos meus contratos é de *milhões*, Ares. Estás louco?

Ele para por um momento e sorri.

– Meu amor, a tua aliança de casamento vale mais do que o que acabei de pagar. De qualquer forma, não interessa. Não há nada que não faça por ti.

O John aclara a voz e ficamos ambos tensos ao ser recordados da sua presença.

– Senhor Windsor – diz num tom conciso –, a Raven tem uma sessão fotográfica que começa dentro de minutos. Precisamos de ir.

O Ares aperta-me com mais força e abana a cabeça.

– Foi cancelada. Vou levá-la para casa. – Vira-se para mim e sorri como que a pedir desculpa. – Os média já rodearam o edifício, meu amor. – Inclina a cabeça para os guarda-costas atrás de si. – Eles farão com que cheguemos a casa sãos e salvos. Assim que passarmos os portões da casa Windsor, estaremos bem. Até lá, precisamos deles. – Faz uma pausa. – As próximas semanas não serão fáceis, com os média a tentarem descobrir tudo o que conseguirem sobre nós. Estaremos debaixo dos holofotes como nunca estivemos. A Windsor Media está a seguir toda a cobertura mediática sobre nós e tenho o departamento jurídico pronto a atuar se necessário.

Anuo e sorrio-lhe.

– Não te preocupes. Estou habituada a lidar com isto – digo-lhe, ainda que me sinta em pânico. Tenho tido sorte, consegui escapar aos holofotes na maior parte das vezes mas, como Senhora Windsor, acredito que a sorte se tenha esgotado.

Quarenta e Um

Raven

Suspiro ao desligar o telemóvel. Não tem parado de tocar desde o nosso anúncio e ainda que a atenção mediática inicial tenha sido entusiasmante, depressa se tornou cansativa. A maioria das páginas de fofocas começou a investigar a nossa relação imediatamente e, escusado será dizer, nada encontraram. Como poderiam se não existiu qualquer relação antes do dia do nosso casamento?

Receio que investiguem demasiado e encontrem a relação da Hannah com o Ares, o que será embaraçoso para os três. Não quero que descubram que isto entre nós não é real.

Mordo o lábio ao andar pelo quarto de vestir, em busca de uma distração. O Ares sai da casa de banho quando encontro a minha fiel fita métrica numa caixa. Arregala os olhos quando me vê de gatas, e a forma como morde o lábio enche-me de desejo. Tem apenas uma toalha enrolada à cintura, o peito ainda molhado do duche.

– Ares – digo, a minha voz mais rouca do que esperava –, não te vistas.

Os seus olhos brilham de desejo e sorri maliciosamente.

Pego na minha fita e sorrio-lhe.

– Quero tirar-te as medidas. Tenho um desenho em mente para o nosso primeiro evento formal.

Ele leva a mão à nuca, o seu olhar ardente.

– Queres medir-me... agora?

Anuo.

– Sim. Prefiro trabalhar com medidas exatas. Não é o mesmo medir sobre a roupa, sabias?

– Tudo bem.

Faz-me sinal para avançar e aproximo-me nervosamente. Há muito que não tomava uma iniciativa. Sei que é parvo, mas receio que me rejeite como da única vez que tentei seduzi-lo. Sei que não o fará, mas o meu coração ainda não recuperou dessa dor.

– Levanta os braços – peço-lhe. As minhas mãos tremem enquanto enrolo a fita no braço dele e mal consigo pensar. Estava a precisar de uma distração e acho que a encontrei.

Sinto o olhar dele em mim e olho para cima, timidamente, para o encarar e deteto desejo nos seus olhos. Consegue ser perigosamente atraente até no seu pior dia, mas, neste momento, à minha frente, só com uma toalha? Que delícia!

Ponho-lhe uma mão no peito e sorrio.

– Tens cores favoritas?

Ele prende uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha, o olhar a percorrer-me o peito.

– O que quer que escolhas para mim será maravilhoso, tenho a certeza.

Enrolo a fita métrica ao redor do torso dele e inclino-me para ler o número, encostando o meu corpo ao dele. O Ares inspira e aclara a voz, desconfortável, fazendo-me sorrir.

– Ah, falta o pescoço.

Ponho-me em bicos de pés e pressiono o meu peito contra o dele, os meus lábios a roçar a sua face. Ele geme discretamente e sou inundada por desejo quando o sinto ficar ereto.

Ele agarra-me pelo cabelo, mantendo-me nesta posição.

– É assim que tiras as medidas, esposa? – questiona, parecendo zangado.

Afasto-me um pouco para o olhar nos olhos e abano a cabeça.

– Não, nunca sou eu que tiro medidas. Mas queria fazê-lo *contigo*.

– Hmm... – geme. – Muito bem. Só comigo, Raven.

Assinto nervosamente e deixo a minha mão passear pelo seu corpo. O rosto dele tão próximo do meu... devo parar com esta charada e beijá-lo? Os olhos dele estão presos nos meus lábios e eu inclino a cara, esperando que ele tome a iniciativa.

– Que vais medir a seguir? – pergunta.

Suspiro e dou um passo atrás, recusando-me a perder a coragem.

– As coxas – digo-lhe, ficando de joelhos à frente dele.

Escondo um sorriso quando percebo como está com tesão só por lhe estar a tirar umas medidas. Olho para ele e no seu olhar só consigo ver desejo, nenhum embaraço.

Ponho a fita métrica por baixo da toalha, puxando-a para cima sob o pretexto de medir a coxa, na esperança de fazer cair a toalha.

– Raven – avisa-me.

Olho para cima inocentemente.

– Sim?

As minhas mãos percorrem-lhe as coxas, tocando-o, provocando-o, fingindo que estou com dificuldades em tirar-lhe as medidas. Ele põe as mãos na minha cabeça assim que a toalha cai ao chão, expondo o seu falo junto da minha cara. Inclino-me e mordo o lábio com força, sentindo um arrepio na espinha.

O Ares agarra-me com força pelo cabelo e vira-me o rosto para ele.

– Que estás a fazer, esposa?

Rio-me nervosamente.

– A medir-te?

– Só isso?

Olho para o seu membro duro, sorrio e desfaço-me da fita métrica. Inclino-me sobre a sua coxa, deixando que a ponta me toque nos lábios. O Ares cerra os dentes, o desejo a lampear nos olhos e eu aperto as coxas em antecipação.

– Gostavas que fizesse algo mais?

Pega no pénis com a mão que tem livre.

– Se alguma vez descobrir que já mediste outro homem desta forma, vais pagar por isso – avisa-me.

Agarra-me no cabelo e vira-me a cara na direção do seu pau até que os meus lábios o encontram.

Abro a boca e lambo-lhe a cabeça, provocando-lhe um enorme gemido.

– Raven – geme, enquanto mantém a minha cabeça onde a quer.

Olho para ele ao fechar a minha boca na sua pila, chupando-a. Ele admira-me e enfia-a mais fundo na minha boca, devagar.

Eu gemo e o Ares enfia-a ainda mais até sentir a minha garganta. Depois, tira-a e enfia-a de novo, fodendo-me a boca como eu desejava.

– Olha para ti – geme. – Olha para ti com o meu pau na boca. És tão tarada. O mundo inteiro pensa que és uma mulher doce e inocente. Que diriam se vissem como gostas que te foda assim?

Agarra-me a cabeça com mais força e entra mais fundo na minha boca.

– Desliza uma mão pelo teu corpo até à vulva – ordena, eu obedeço. – Estás molhada?

Anuo, sem afastar a cabeça.

– Enfia um dedo em ti, Raven. Quero ver-te a montares a tua mão enquanto me chupas.

Chupo-o com mais intensidade e ele geme, apertando mais e mais o meu cabelo.

– A não ser que queiras que me venha na tua boca, é melhor acalmares, esposa.

Sorrio e deslizo a língua pelo seu membro, provocando-o ainda mais. Pode estar a segurar-me a cabeça, mas quem manda sou eu.

– Foda-se, Raven, a tua boca é tão boa!

Observo como aumenta a intensidade, os movimentos dele rápidos, brutos. Adoro como me faz sentir poderosa. Posso estar de joelhos, mas é ele quem está desesperado.

Quando acho que está quase a vir-se, ouvimos bater à porta com força e ambos saltamos, sobressaltados.

– Ares!

Despertamos ao ouvir a voz da Hannah e sinto o estômago contorcer-se de dor. Eu sabia que o anúncio público a faria vir a correr, mas parte de mim esperava que não o fizesse.

– Veste-te – diz ele, andando pelo quarto e vestindo-se à pressa. Fico a olhar para ele, de joelhos, a envergar um vestido ao qual achei que não resistiria. Ele olha para mim e vejo a culpa nos seus olhos.

Ajoelha-se em frente a mim e pega-me no rosto, os seus olhos nos meus.

– Raven – suspira.

Abano a cabeça e desvio o olhar.

– Vai – suspiro. – Vai ter com ela, como fazes sempre.

Afasto-o e vou para a casa de banho, trancando a porta antes de me deitar no chão, os joelhos aninhados no peito. Continua a doer-me muito. Apesar das promessas e do sexo, continua a sair disparado assim que ouve a voz dela.

Quarenta e Dois

Ares

Vai ter com ela, como fazes sempre. Continuo a ouvir as palavras da Raven

enquanto me dirijo à sala. Como posso acabar com as suas inseguranças? Não consigo apagar os anos de memórias que tem de mim com a Hannah.

– Ares!

Sinto-me gelar quando ouço a voz da Hannah, a culpa a corroer-me o estômago. É a mulher que sempre amei, mas sou incapaz de a olhar sem pensar na Raven.

– Hannah, que fazes aqui?

Ela olha para mim com os olhos marejados de lágrimas, uma expressão genuína de mágoa no rosto ao segurar o telemóvel.

– Que é isto? *Beijaste-a?*

Olho para a fotografia do casamento que a Raven publicou, lembrando-me vividamente desse momento. Tudo no nosso casamento foi falso, mas aquele momento foi real e foi só nosso.

Uma lágrima desce pelo rosto da Hannah e aproximo-me dela, sem saber que fazer. Temos tanta história juntos e não a quero magoar desnecessariamente.

– Han – murmuro –, por favor, não chores. Foi o dia do nosso casamento, Hannah.

– Porquê? – pergunta, quase sem voz. – Porque fizeste com que parecesse real? Porque não dizes a toda a gente que é um casamento de conveniência? Que é um assunto de negócios, só isso.

Hesito por um momento, pensando em qual será a melhor forma de lhe responder.

– Sabes tão bem como eu que a avó insiste em que demos uma hipótese ao casamento.

– Ares – implora –, por favor, não me digas que o estás a fazer. Vocês estão... não podem...

Lembro-me da forma como acabei de meter o meu pénis na boca da Raven e sinto-me culpado. Quero-a tão desesperadamente... acho que nunca desejei tanto ninguém. Nem sequer a Hannah.

– Se fazes isto, nós nunca poderemos voltar a estar juntos, Ares. Por favor. Não faças nada do qual não haverá retorno. *Por favor.*

Fico a olhar para ela, sentindo-me ainda mais em conflito. Nunca pensei que iria partilhar a minha vida com outra pessoa que não a Hannah e mesmo quando casei com a Raven, pensei que seríamos só uma espécie de colegas de casa. Como mudou tudo tão rapidamente?

– Hannah... ela *é* a minha esposa. Sabias perfeitamente o que estavas a fazer quando me abandonaste no altar. Afastaste-te e não tens o direito de me dizer o que posso ou não fazer com a mulher com quem casei.

Os olhos dela abrem-se de raiva e aparecem novas lágrimas.

– Andas a dormir com a minha irmã? – pergunta, a voz carregada de veneno. – Andam a trair-me pelas costas? Sempre achei que eram demasiado próximos, mas confiei em ti. Sempre a quiseste?

Fico a olhar para ela, sem saber que dizer ou fazer. Não a quero magoar, mas também não lhe posso mentir. As coisas entre mim e a Raven não são claras como a Hannah gostaria que fossem.

– Isso é algo que já não te diz respeito. Não podemos ser mais do que amigos e não podes fazer isto. Não podes aparecer assim em minha casa sem avisar, zangada porque estou com a minha esposa.

– *Para* de a chamar de esposa! – atira.

– É o que ela é, Hannah.

Lágrimas pesadas deslizam pelo rosto dela, o seu olhar cheio de remorsos. Ao longo dos anos, tornei-me imune às lágrimas da Hannah, mas estas abalam-me o coração.

– Merda! – murmuro, pegando-lhe no rosto e limpando-lhe as lágrimas com os polegares. – Hannah, por favor... desculpa. Eu... estou tão cansado, sabes? Sinto-me preso e não importa o que faça, vou magoar alguém.

– Toma. – fico tenso ao ouvir a voz da Raven, o tom dela ríspido. *Foda-se! Foda-se! Foda-se!*

Afasto-me da Hannah para olhar para a minha mulher, mas evita o meu olhar. Tem o corpo tenso e imagino que esteja chateada. Estende um lenço à Hannah e esta arranca-lho da mão, furiosa.

– Como pudeste! – grita. – Como pudeste fazer uma publicação daquelas, Raven? Foi de propósito, sua cabra! Estás a tentar separar-me do Ares, não estás?

A Raven endireita-se e olha para a irmã.

– Estou a tentar separar-te... do *meu marido*?

Bem, que resposta!

– Achas que nunca reparei na forma como olhavas para ele, Raven? Só nunca disse nada porque sabia que ele nunca te quereria, porque me tinha a *mim*. Tu também o sabes. Podes chamar-lhe «marido», mas ele nunca será teu. Até o podes foder e será a mim que ele vai continuar a amar. Será

sempre a mim.

– Hannah! – disparo, incapaz de impedir que os olhos da Raven se encham de dor.

Ela sorri-me e encolhe os ombros.

– É verdade. Podes negar, Ares? Diz-me que já não me amas.

– Tens de te ir embora.

Os olhos dela abrem-se surpresos.

– *O quê?*

– Não me faças repetir o que disse. Pedi-te que respeitasses o meu casamento, Hannah. Depois de tudo o que nos fizeste passar, não te pedi mais nada. Esqueces-te de que foi a Raven quem pagou o preço das tuas decisões. Ela merece mais do que isto, de nós dois.

Os olhos dela enchem-se de raiva e desvia o olhar por um momento.

– Eu...

– Tens de te ir embora – repito, a minha voz agora suave.

Ela parece arrependida e anui antes de se virar para a Raven, que olha para a parede, o corpo tenso.

– Rave, desculpa. Sabes como sou. Deixo-me levar pelas emoções. Eu sei que vocês nunca me fariam isso, mas estava cega de ciúmes. Desculpa, Rave.

A Raven acena com a cabeça, mas não encara a irmã. A Hannah olha para mim como que a pedir desculpa e eu abano a cabeça, silenciosamente, pedindo que se vá embora. Ela suspira e afasta-se, ouvindo-se a porta bater pouco depois.

– Raven – murmuro. – Lamento, ela não devia ter dito aquelas coisas. Acho que está só a passar um mau bocado com isto tudo. Sabes que tem o coração no sítio certo. Está só magoada e a descarregar em nós.

A Raven olha para mim e o meu coração despedaça-se quando vejo as suas lágrimas. É raro vê-la chorar. Posso contar as vezes que a vi chorar pelos dedos de uma mão. A Hannah sempre desatou a chorar à mínima coisa, a Raven nunca. Uma lágrima escorre-lhe pelo rosto e o meu coração desfaz-se.

– Não – pede, a voz trémula –, não a defendas, Ares. Magoa-me tanto quando o fazes, não percebes isso? Continuas a prometer-me que és só meu, mas corres assim que ouves a voz dela. – Prende o cabelo atrás da orelha, os olhos marejados. – E depois ficas parado a ouvi-la dizer que nunca serás meu, nem tentas negar. Como posso acreditar nas tuas palavras se as tuas ações me mostram o contrário? Não é ela que me preocupa. És *tu*. Fazes-me sentir que parte de ti ainda a ama e não o suporte. A forma como reagiste faz-me pensar que não te importas verdadeiramente comigo.

Aproximo-me dela e agarro-a pelo ombros, consumido pelo desespero. Nunca senti tanta necessidade de eliminar a dor de alguém.

– Raven, tu sabes que eu não a amo. – Aperto-a com mais força. – E é claro que me preocupo contigo. Já significavas muito para mim ainda antes de nos casarmos, Raven. Sempre foste uma das minhas amigas mais próximas.

Ela olha para mim de soslaio, o seu tormento misturando-se com raiva.

– Era como amiga que me estavas a ver enquanto me fodias a boca ainda agora, Ares?

– Que merda, Raven! Sabes que não era isso que eu queria dizer.

Ela empurra-me e afasta-se, parando junto à porta.

– Disseste que te sentes preso neste casamento, como achas que me sinto? Fui forçada a casar com alguém com quem não tenho a mínima hipótese, alguém que será incapaz de olhar para mim sem se lembrar da minha *irmã*. Já paraste para pensar no que eu gostaria que um casamento fosse para mim? Eu quero ser feliz, Ares. Mas vejo que *tu* nunca me darás isso, não importa o que eu faça. Eu nunca serei a Hannah. Quando tens de escolher entre magoar uma ou a outra, vais sempre magoar-me a mim. Nunca serei a tua prioridade.

Ela cerra os dentes, enquanto outra lágrima corre pelo seu lindo rosto antes de sair. A Raven sempre foi uma tempestade silenciosa, inesperada, mas poderosa, e ao contrário do que possa pensar, nunca tive qualquer hipótese de lhe resistir.

Quarenta e Três

Raven

Nem pareceis tu hoje — observa o John. — Estavas com um ar apagado durante a sessão desta manhã... Tens a certeza de que estás bem para fazer este desfile?

Anuo ao brincar com a bainha do meu robe. Passei o dia a pensar nas palavras do Ares. Ouvi-lo dizer que se sentia preso partiu-me o coração. A situação não é a ideal para nenhum dos dois, mas pensei que... pensei que começava a ter sentimentos por mim, mas já não estou tão certa.

Quando me levou à Castello Designs e depois ao Laurier, pensei que eram sinais de progresso. Agora questiono-me se a Hannah não terá razão e se ele estava apenas a cumprir a sua obrigação. O que o Ares acha que é a coisa certa a fazer pode não ser o que lhe dita o coração.

— Sim, estou bem — afirmo, tentando abstrair-me, sabendo que não o conseguirei fazer.

Estou de coração partido, envergonhada e arrependida. De cada vez que penso na forma como medi o corpo dele, nas coisas que andei a vestir... porra! Talvez devesse ter acreditado nele no dia em que me sentei ao seu colo, quando o ouvi dizer que nunca me desejaria. Posso conseguir que o corpo dele reaja ao meu, mas nunca me quererá como quer a Hannah.

As memórias de tudo o que fiz e tentei deixam-me enojada. Nunca fui assim. Nunca me forcei perante ninguém, mas é o que estou a fazer com o Ares. A esperança tornou-me corajosa a ponto de sacrificar a minha dignidade, e para quê?

— Não estás bem, Raven. — O John põe-me uma mão no ombro e olha-me com preocupação genuína. — Estás assoberbada com trabalho? Tenho-te marcado demasiadas coisas? Ou é outra coisa... o Windsor? Ele deu-nos total autonomia sobre a tua agenda, apenas com algumas advertências, mas tens de me dizer se ele te pressiona em privado.

Olho-o nos olhos, incerta sobre o que dizer. Há muito tempo que não precisava do apoio de alguém. A tentação de lhe pedir que me abrace enquanto choro até o meu coração parar de doer quase toma conta de mim.

— Só não dormi bem — acabo por dizer, olhando para baixo para desfazer o nó no cinto do robe, abrindo-o. O estilista deve estar a chegar para me vestir.

— Estás mesmo bem, Rave? Estou preocupado contigo. O Ares Windsor fez-te alguma coisa?

Forço um sorriso e abano a cabeça.

– Discutimos, mas foi só isso. O casamento tem dessas coisas, não é? Nem sempre é perfeito.

O John começa a falar, mas é interrompido pela porta a abrir-se. Olhamos os dois, esperando que seja o estilista com o vestido que vou usar, mas é o Ares quem entra. Abranda quando me vê, com olheiras iguais às minhas.

O olhar dele desce para o meu peito descoberto e vejo a raiva instalar-se na sua expressão. Caminha na minha direção enquanto despe o seu casaco, o andar confiante, mas apressado.

– Raven – diz, o meu nome a soar como um aviso, enquanto me põe o casaco nos ombros e me puxa para ele.

Olha para o John e cerra os dentes.

– Dá-nos licença, por favor. Preciso de um momento com a minha mulher.

O John olha para mim e anuo. Ele hesita por um momento, mas acaba por sair do camarim.

– Rave – repete, a voz agora mais suave –, que é isto? Porque é que estás... seminua ao pé *dele*? Passa-se alguma coisa entre vocês?

Olho-o nos olhos, o meu coração pesado. Amo-o desde que tenho memória, mas apesar de estar casada com ele, a minha irmã ainda se coloca entre nós.

– E isso importa?

O olhar dele endurece e puxa-me novamente.

– Claro que importa! Prometemos ser fiéis um ao outro quando nos casámos, Raven.

Ponho os meus braços sobre os seus ombros, e o casaco dele cai, ficando de pé, perante ele, com o robe aberto.

– Eu não te traí, Ares. Nunca o faria. Não sou esse tipo de pessoa.

Ele olha-me nos olhos, como que tentando perceber se digo ou não a verdade.

– Há algum passado entre vocês?

Desvio o olhar e deixo sair um suspiro involuntário.

– Nada que se compare a ti e à Hannah.

As mãos dele agarram-me pela cintura.

– Rave – murmura, encostando a sua testa à minha. A sua respiração fraqueja e o meu coração vacila. – Desculpa o que aconteceu ontem. A sério.

Afasto-o novamente, mas ele recusa-se a largar-me.

– Ouve-me – implora. – Passaste o dia a ignorar as minhas chamadas. Eu não aguento isto, amor. Não quero que o nosso casamento seja assim. Não prometemos comunicar? A nossa situação já é tão pouco convencional... não a quero tornar ainda mais complicada. Ouve-me, *por favor*.

– Tudo bem – murmuro, incerta de que diga algo que diminua a minha dor.

– Ela nunca devia ter ido a nossa casa e eu não devia ter dito o que disse. Eu não me sinto preso, Raven. Não contigo. A situação é delicada e sinto que ou te estou a magoar a ti ou a magoar a Hannah. Era só isso que queria dizer. Nunca quis dizer que me sentia preso neste casamento *contigo*, percebes isso? Nunca estive tão feliz, Raven. Mas sei que magoar a Hannah vai aumentar a pressão sobre a nossa relação com ela. Não quero que discutas com a tua irmã por minha causa. Eu só... eu só quero que sejas feliz.

Anuo sem saber como interpretar as palavras dele.

– Eu percebo, Ares. Só não sei se isso importa. Que estamos realmente a fazer?

– Disseste-me que querias a tua própria felicidade e prometo que darei o meu melhor para a proporcionar se me deres uma oportunidade. Dás, Raven? Dás-me uma oportunidade?

O meu coração dispara quando o olho e nada encontro no seu olhar que não seja sinceridade.

– Que quer isso dizer, Ares?

Ele envolve-me o rosto com as mãos, o seu polegar passando-me pelos lábios, docemente.

– Quer dizer que desejo mais do que só o teu corpo. Quero uma oportunidade para te provar que quero mesmo ter tudo contigo. Que se lixe o passado! Quero uma oportunidade para ganhar o teu coração – murmura. – Porque a cada dia que passa, roubas mais um pedaço do meu.

Quarenta e Quatro

Ares

Olho para o meu telemóvel, ignorando as mensagens da Hannah enquanto entro em casa. Desde que lhe pedi que se fosse embora que não para de me enviar mensagens a dizer que me quer ver e esclarecer as coisas. Acho que finalmente percebeu que acabou tudo.

Questiono-me no que estaria a pensar. Acreditou mesmo que nada mudaria entre nós tendo eu casado com a Raven? Não me surpreenderia. Sempre foi egocêntrica, percebo-o agora. Ou talvez já o tivesse percebido antes e tenha escolhido ignorá-lo.

Paro à entrada da sala de estar, o meu olhar na Raven. Está sentada no sofá com o *tablet* equilibrado num joelho, imagino que a desenhar algo que será mágico. Ela é mesmo deslumbrante e as camisas de noite que usa são uma tortura. Esta noite, veste uma vermelha que contrasta na perfeição com a pele dela.

Havia algo no seu olhar quando me disse que nunca teve qualquer hipótese comigo, algo que não me atrevo a definir, mas que me incendiou o coração. Acho que a minha esposa sabe exatamente o que me está a fazer. Isto entre nós... sempre aqui estive.

Entro e ela olha para mim, os lábios esboçando um sorriso. Percorre-me o corpo com o olhar e tento esconder o quanto isso me agrada. Adoro que tenha começado a comer-me com os olhos.

– Chegaste!

Anuo e sento-me ao lado dela, analisando o que está a desenhar. É tão incrivelmente talentosa e mal posso esperar para ver o que irá alcançar.

– Como foi o teu dia? – pergunto, a minha voz calma. Nunca tive isto com a Hannah. Nunca nos sentámos juntos a falar sobre os nossos dias. Também é verdade que nunca quis realmente saber como tinha corrido o seu dia, perguntar-lhe era uma mera formalidade. É diferente com a Raven. Quero saber o que a faz vibrar, o que a inspira. Quero ouvi-la falar sobre tudo o que a fez sorrir durante o dia. É uma sensação estranha.

– A sessão fotográfica estendeu-se muito mais do que esperava e tive de adiar todas as reuniões. Mas estou feliz com os progressos na minha nova

linha. Estou a reunir alguns amigos para posarem para mim. A campanha de *marketing* em que estou a pensar vai ser incrível!

Desaperto um pouco a gravata, na esperança de que ela se incline e a tire. Os olhos dela seguem as minhas mãos, mas não se mexe. A Raven tem estado distante e surpreende-me o quanto sinto falta da sua espontaneidade. O culpado sou eu. Nunca devia ter dito o que disse.

– E o teu? – pergunta-me, virando-se outra vez para o *tablet* e retomando o desenho. Nunca me vou acostumar a ouvi-la perguntar isto. A Hannah nunca o fazia. Só falávamos de duas coisas: do trabalho dela e do nosso casamento. As únicas vezes em que me perguntou sobre o meu dia foi quando estava a trabalhar em algo para ela.

Observo-a a desenhar enquanto lhe falo das reuniões entediantes que tive e dos progressos da fusão. Ela olha-me uma ou outra vez, anuindo também de vez em quando.

Que noite tão tranquila! Nunca pensei desejar isto. Sento-me mais perto da Raven, até que a coxa dela toca na minha. Esta camisa de noite não esconde nada e todo o corpo dela é um hino à beleza.

A Raven olha para mim, arregala os olhos quando se apercebe da minha proximidade. Baixa o olhar para os meus lábios, mas depois afasta-se, criando alguma distância entre nós. Desde que a Hannah apareceu cá em casa, chateada com as fotografias do casamento, que tem estado distante. É como se as semanas de evolução positiva entre nós tivessem desaparecido.

Levanto-me com um suspiro e vou, perdido em pensamentos, para o quarto de vestir. Reparo numa calça de treino cinzentas e lembro-me da noite em que a Raven se sentou no meu colo e me disse como gostava de me ver com elas vestidas. Sorrio ao despir o fato e visto-as, ficando em tronco nu.

Quando lhe perguntei se me dava uma oportunidade, disse que sim, mas não deu. Tem estado fechada, com medo de se magoar. Não posso eliminar os medos dela todos de uma vez – só o tempo o fará. Posso, no entanto, provar-lhe o quanto a quero.

Levanta o olhar do *tablet* quando entro na sala e demora-o nas minhas calças. Talvez tenha sido má ideia. Se ela continua a olhar assim para mim, eu é que vou ser seduzido.

A Raven desperta quando me sento ao lado dela, as maçãs do rosto coradas. Há algo tão inocente nela e eu adoro-o.

– Mostra-me no que estás a trabalhar – digo-lhe, inclinando-me, o meu queixo a roçar o seu ombro. Sorrio ao passar-lhe um braço pela cintura e puxo-a para mim.

– Ares – murmura.

Sorrio e olho para ela inocentemente.

– Achas que me consegues desenhar?

– Desenhar-te?

Aponto para o *tablet*.

– Sim, achas que consegues?

Ela cora ainda mais, mas depois anui.

Entrelaço as mãos à volta da sua cintura, levantando-a, até a ter ao meu colo como naquela noite. Se a pudesse voltar a viver, tinha-lhe dado o que queria.

– Ares!

Rio-me e aperto-a com mais força.

– Desenha o meu retrato, Rave. Quero ver como tu me vês.

– Não preciso de estar ao teu colo para fazer isso.

Suprimo um sorriso e encolho os ombros.

– Assim é mais fácil, vês melhor os contornos da minha cara. – *Os contornos da minha cara?* Já nem sei o que digo!

A Raven anui e reposiciona-se, afastando-se, o rabo dela em cima dos meus joelhos. Pega no *tablet* e olha para mim, ainda corada. Fica tão linda assim sentada, as pernas abertas para que eu possa ver a sua roupa interior também vermelha, o cabelo comprido caído ao longo do corpo. Fico duro só de olhar para ela e estas calças não conseguem esconder o meu desejo.

Olho para a minha mulher enquanto ela se foca no meu rosto, desenhando atentamente, e percorro o seu corpo com o olhar. Não há mulher mais perfeita, e não é apenas o seu corpo. É tudo nela. Que acontecerá se dermos, de facto, uma oportunidade a este casamento? Até ela ter dito o que disse, nunca me tinha ocorrido que havia essa possibilidade, que ela o poderia realmente querer. Parece que sempre senti que não tinha qualquer hipótese comigo, quando sou eu que não a mereço.

Deslizo as minhas mãos da cintura dela para o seu rabo, apalpando-o em provocação. Os lábios dela abrem-se e olha-me nos olhos, desarmada. Algo brilha naquele olhar e sorrio quando percebo que é *desejo*.

O olhar da Raven percorre o meu corpo, parando no meu tesão. Não sei do que estava à espera, mas não era, certamente, de ver os seus olhos encherem-se de mágoa.

– Momento de honestidade – murmura. – Estar nesta posição lembra-me de quando me embebedei e me sentei ao teu colo e só consigo pensar em ti a dizeres que nunca me quererias. Acho que nunca te disse isto, mas, ouvir-te dizer essas palavras, partiu-me o coração. Essa memória ainda me assombra e, mesmo estando numa situação diferente, o meu coração ainda dói de cada vez que me lembro disso. De vez em quando, questiono-me se essa é a verdade e se tudo o que construímos assenta numa mentira.

Devia ter percebido que a minha mentira dessa noite voltaria para me ser cobrada.

Respiro fundo e tiro-lhe o *tablet* da mão, atirando-o para o sofá.

– Posso contar-te um segredo, Rave?

Ela anui hesitantemente.

– Dezenas de mulheres já se sentaram no meu colo ao longo dos anos, por uma razão ou por outra, às vezes mesmo sem eu o querer. Só tu é que me deixas assim. Não é um reflexo natural. É uma reação a ti, em específico. Só não o podia admitir nessa noite, por isso menti. A ti e a mim mesmo. – Pego-lhe no rosto delicadamente, o meu polegar passando pelos seus lábios. – Deixa-me contar-te outro segredo, esposa. Acho-te irresistível. As coisas que te quero fazer... *foda-se!*

Ela olha para mim tão incrédula que quase perco a cabeça. Agarro-lhe o rabo com força e puxo-a até a ter sentada em cima do meu pau, exatamente na mesma posição daquela noite.

– Imaginas o quanto te queria naquela noite, Rave? És a mulher mais bonita que já vi e estavas sentada ao meu colo, *nua*. Estavas ao meu dispor, completamente nua, o teu peito contra o meu. Sabes quantas vezes pensei nessa noite?

Reposiciono-me, pressionando a pila contra ela.

– Nas minhas fantasias, estás a montar-me, as tuas mamas a baloiçar, comigo dentro de ti enquanto gemes o meu nome.

Puxo-a para mais perto, roçando os meus lábios nos dela.

– Mesmo nessa altura, eras tudo o que queria – murmuro antes de a beijar. Aperto-lhe o cabelo com mais força e ela geme, ajustando-se no meu colo. Deixa-me doido!

Deslizo a mão pelo corpo dela até encontrar as cuecas de renda. Ela geme contra a minha boca e rio-me ao desviá-las.

– Molhada – rosno. – Estás sempre tão molhada para mim, amor. Adoro isso em ti. – Penetro-a com um dedo enquanto o meu polegar lhe pressiona o clitóris e ela beija-me mais ardentemente. A forma como mexe a anca... Está a montar-me a mão como quero que me monte.

– Ares – geme –, preciso de ti.

Sorrio e puxo as calças para baixo, expondo o meu pau.

– Agarra o que quiseres, sou todo teu.

Ela levanta-se e pega na minha pila, os olhos dela nos meus quando a põe dentro de si. Cerro os dentes e agarro-a pela nuca ao sentir-me desaparecer dentro dela.

– Estou obcecado por ti – admito. – Estou viciado, Raven. Cada toque, cada beijo. Qualquer coisa que faças me prende mais. És um hábito que não quero deixar.

Ela roda as ancas e pressiono-lhe mais o clitóris, copiando os movimentos dela. Quanto mais perto de me vir ela me põe, mais perto de se vir ela fica.

– Promete-me, Ares, promete-me que vais ser sempre meu.

Agarro-a pelo cabelo e aproximo-a de mim, roçando os meus lábios nos dela.

– Sou teu, Raven Windsor. Para sempre. Prometo.

Ela sorri contra os meus lábios e monta-me com mais força, realizando a minha fantasia.

– És perfeita – digo-lhe.

Vê-la montar-me, despenteada, os lábios inchados pelos meus beijos. Podia vir-me só de olhar para ela.

– Minha mulher – murmuro aproximando-me dela. Os nossos lábios encontram-se e como-a com força, ela geme contra a minha boca. Nunca me vou cansar de a ver assim.

– Ares – geme e sinto os músculos dela apertarem-se à volta do meu pénis. Ela vem-se e faz-me vir também.

– Foda-se! – rosno contra os seus lábios, vindo-me dentro dela. Nunca me vou cansar disto. – Raven – murmuro –, és tudo o que quero.

Afasta-se um pouco para olhar para mim, um sorriso doce nos lábios. Agarra-me o rosto e beija-me a ponta do nariz, fazendo-me rir. É tão querida às vezes, isso faz-me apaixonar ainda mais.

– Sempre foste a minha outra metade, Ares Windsor.

Encontro o olhar da minha mulher, feliz como nunca me senti. Ela é tudo o que sempre quis e vou assegurar-me de que nunca duvidará disso.

Quarenta e Cinco

Ares

Recosto-me na cadeira e rio mentalmente ao lembrar-me do sorriso sonolento da Raven quando a deixei na cama esta manhã. Estava tão bonita e parecia tão satisfeita. Nunca me vou cansar do sorriso dela. Tenho a certeza de que está gravado no meu cérebro para sempre. A partir de agora, é minha missão pessoal fazê-la sorrir todos os dias.

Pego no telemóvel com um sorriso malicioso, o meu coração a bater cada vez mais rápido, cada vez mais alto. Nunca ninguém me deixou assim. Nunca me senti tão nervoso com algo tão simples.

Ares: Já sinto a tua falta, Cupcake.

Hesito um momento até enviar a fotografia que lhe tirei em segredo esta manhã. Está de olhos fechados e com o cabelo espalhado pelas almofadas, os ombros visíveis acima dos lençóis. O leve sorriso nos lábios tem algo de tão íntimo, tão perfeito...

Ares: Ontem à noite foi incrível, mas serei louco por achar que nada é melhor do que acordar contigo nos meus braços?

– Ares?

Olho para cima e vejo o meu assistente, fico um pouco chateado por ser apanhado a sorrir para o telemóvel como um adolescente sentimental. Que merda!

– Que foi? – disparo.

O Dom sorri de forma tensa.

– A Hannah está aqui para falar consigo.

A Hannah? Que raio faz aqui? Nunca mais falei com ela desde que foi a nossa casa e sinto a culpa revolver-me o estômago. Dormir com a Raven marcou o fim da minha relação com a Hannah. Para sempre. Mas, na verdade, já tudo tinha acabado muito antes de a Raven ter caminhado até ao altar. Parte de mim sabe isso, mas será que ela também sabe?

– Diz-lhe que se vá embora.

O Dom hesita.

– Ela diz que está aqui para discutir a fusão.

Recosto-me na cadeira e suspiro ao olhar para o teto.

– Treta! A mãe dela tem estado a tratar disso e nunca deixaria o assunto nas mãos de nenhuma das filhas. Pelo menos até assinar o acordo de cedência das suas ações. Um dos membros da administração que se entenda com a Hannah. Não é necessário que fale diretamente comigo. Podes juntar-te à reunião e dizes-me depois como correu. A partir de agora, minimiza as minhas interações com ela ao estritamente necessário.

O Dom anui e vira-se, mas a porta abre-se ainda antes de ele sair. A Hannah entra, o seu sorriso de estrela de cinema nos lábios. Não há muito tempo, retribuiria o sorriso. Agora, vê-lo só me faz ter saudades do sorriso genuíno da Raven, das suas gargalhadas, da sua autenticidade.

– Ares – começa, caminhando na minha direção.

Suspiro e liberto o Dom com um aceno de cabeça. Ele sorri de modo reconfortante antes de sair e me deixar sozinho a lidar com a situação.

– Hannah – respondo, a minha voz ríspida. – Que te traz aqui hoje?

Ela revira os olhos e encosta-se na minha secretária, junto a mim.

– Não sejas assim – suplica, em tom jocoso. – Não me digas que continuas chateado comigo?

Abano a cabeça.

– Se não estás aqui para tratar de assuntos profissionais, vou pedir-te que saias.

– Ares. – O remorso na sua voz faz-me olhar para ela e sinto-me vacilar assim que os nossos olhares se cruzam. Parece tão magoada, tão desiludida.

– Hannah – murmuro –, não quero magoar-te, mas já estabeleci limites claros contigo. As coisas nunca mais voltarão a ser o que eram entre nós. Não há retorno possível e ambos o sabemos. Estávamos em negação, a fingir que três anos passariam e tudo voltava ao mesmo, voltaríamos ao mesmo ponto, mas isso não vai acontecer. As coisas não são assim tão simples. Não passas da irmã da minha esposa, Han. Nunca serás mais do que isso. Nunca mais.

O tormento na expressão dela atinge-me no coração. Os olhos dela enchem-se de lágrimas e eu desvio o olhar.

– Ares – implora –, não digas isso. Sempre estivemos juntos, sempre. Isto é apenas um pequeno desvio no nosso caminho. Estás confuso porque moras com a Raven e tens toda a gente a imaginar um conto de fadas que não existe. A nossa história não se apaga assim, Ares.

Ela limpa as lágrimas, mas não param de cair. Passaram-se anos e, mesmo com toda a nossa história, sou incapaz de perceber se as lágrimas dela são reais. Não me afetam como as lágrimas da Raven.

– Da última vez que perguntei, recusaste-te a responder se andas a dormir com a minha irmã.

Gelo, enquanto a culpa e a vergonha tentam dominar os meus pensamentos.

– Andas, Ares?

Olho-a nos olhos.

– Sim – admito. Não há motivo para o esconder. Não a posso deixar-se agarrar a qualquer ponta de esperança. Fazê-lo, vai magoar a minha esposa, e não o posso permitir.

Os olhos da Hannah abrem-se desmesuradamente e algo na expressão dela me entristece. Talvez as lágrimas que chorou até agora tenham sido falsas, mas estas são verdadeiras.

– O... o quê?

Desvio o olhar, incapaz de a consolar como precisa. Não posso encorajar que os limites se confundam. Não é justo para a Raven, nem para a Hannah.

– Lamento, Hannah. Ela é a minha *esposa*.

Ela enterra o rosto nas mãos, soluços audíveis rasgam-lhe a garganta enquanto se desfaz em lágrimas. Noutros tempos, seria eu a consolá-la. Parte de mim ainda o quer fazer – tendo em conta o nosso passado conjunto, talvez –, mas a maior parte de mim sabe que isto tem de acabar de uma vez por todas.

– Como... pudeste? – A forma como a voz lhe falha denuncia a sua devastação e odeio-me por fazê-la sentir-se assim. Apesar disso, prefiro vê-la chorar a ela do que à Raven.

– Hannah, lamento. Ambos sabíamos que tudo estava acabado assim que entraste naquele avião. Sabias as consequências, mas estavas tão cheia de ti que pensaste que te safavas. Sim, magoa-me muito ver-te sofrer, mas sabes o que me magoa mais? Que te tenhas afastado de tudo o que podíamos ter tido. O facto de estares no meu escritório, agarrada a algo que me forçaste a abandonar. Tu provocaste isto. Destruíste três vidas com as tuas ações e agora ficas zangada porque eu e a Raven construímos algo dos cacos? Achas justo, Hannah? Achas que estás a ser justa comigo? Com ela?

Olha para mim e é como se me visse e *ouvisse* pela primeira vez.

– Ares – implora –, eu não te posso perder.

Desvio o olhar e olho pela janela, o meu coração vazio.

– Já perdeste, Hannah.

Aproxima-se de mim e agarra-me um braço.

– Fiz asneira. – A voz dela treme. – Fiz asneira e magoei-te. Eu sei que sim. Por favor, Ares. Eu... diz-me o que fazer. Diz-me como salvar o que tínhamos. Farei qualquer coisa para provar o quanto te amo.

Abano a cabeça.

– Há uma coisa que preciso que faças por mim, Han.

Ela olha para mim, os olhos brilham com um ténue fio de esperança.

– Preciso que sigas em frente.

Inala tremulamente, os olhos enchem-se de lágrimas outra vez.

– Estás confuso – diz, um brilho malévolo nos olhos. – Fascinado com o brinquedo novo, talvez. Afinal de contas, há muito tempo que sou a única mulher na tua vida. Eu percebo, a sério. Consigo ignorar isso, Ares. Vejo-o acontecer com toda a gente. Posso perdoar-te, mesmo sendo com a minha irmã. Vou deixar passar. Podes comê-la durante três anos, se quiseres, desde que voltes para mim. Só peço isso, Ares. Volta para mim, *por favor*.

Levanto-me e afasto-me.

– Preciso que saias, Hannah. É o que fazes melhor, ir embora.

Ela gela, aparentemente em choque. Acho que nunca lhe falei assim. Sempre soube que me casaria com ela então fiz-lhe todas as vontades. Sempre mantive a paz entre nós. Talvez seja por isso que se tenha convencido de que me podia espezinhar a mim e à Raven como fez. Fartei-me disto.

– Não? – pergunto-lhe enquanto me olha sem reação. – Então, pela primeira vez, vou ser eu a afastar-me de ti. De nós. Para sempre.

Respiro fundo e saio do escritório, batendo com a porta atrás de mim.

Quarenta e Seis

Raven

O Ares dá-me a mão com mais força quando a limusina se aproxima da entrada do cinema onde o novo filme da Hannah vai estrear. É a primeira vez que vamos estar os três presentes num acontecimento público, e é o primeiro onde marcamos presença como casal. Há tanta pressão e tanta coisa que pode correr mal. Até agora, temos conseguido escapar à atenção mediática quase na totalidade, mas hoje será impossível.

Nem podemos escapar à Hannah.

– *Cupcake* – diz o Ares, levando a minha mão aos seus lábios –, como te sentes?

Viro-me para ele e abano a cabeça.

– Nervosa.

Ele anui em compreensão e beija-me a mão.

– Estás deslumbrante – murmura e o seu olhar percorre o meu vestido de noite vermelho. É um modelo justo, com decote em V. Dá nas vistas, sem deixar de ser elegante, e é um dos meus desenhos favoritos. – Raven, vai correr tudo bem. Não te vou deixar um segundo e se sentires que é demasiado, vamos para casa.

Concordo, tentando ao máximo acalmar-me. Deixei de vir a estas estreias há anos, mas ainda me lembro de como são. Lembro-me de todas as fotografias que o Ares tem de tirar com o elenco, com *ela*. Sempre odiei como pareciam íntimos e como ela se inclinava sobre ele enquanto era abraçada pela cintura. Ele olhava para ela como se mais nenhuma mulher estivesse ali e ela sorria-lhe como a estrela de cinema que é. Magoava-me vê-los juntos nessa altura, agora ainda mais.

– Chegámos – indica com um sorriso terno. – Mal posso esperar por te mostrar a toda a gente, Senhora Windsor. Vamos caminhar pela passadeira vermelha, de mãos dadas, e não haverá dúvidas sobre quem és e o que representas para mim, ouviste? Só há uma Senhora Windsor, Raven, tu.

Anuo, grata pelas suas tentativas para me acalmar. Nem preciso de lhe falar sobre as minhas inseguranças. Ele vê-as e trata de as dissipar antes mesmo de eu as nomear.

O guarda-costas no banco da frente sorri-nos como que a pedir desculpa.

– Acabo de ser informado de que temos de esperar um pouco. A Hannah Du Pont vai entrar agora.

O Ares ri-se sombriamente.

– Eu não espero por ninguém a não ser pela minha esposa – afirma. – Informa a produção de que *nós* vamos entrar. – Olha para mim e sorri. – Anda, vamos brilhar!

Sai do carro sem hesitar e os *flashes* das câmaras fotográficas cegam-me pelos

vidros fumados da limusina. O Ares contorna o carro e abre a minha porta, oferecendo-me a sua mão com um sorriso genuíno.

Pego na mão dele e sorrio-lhe.

– Isto – diz enquanto me ajuda a equilibrar –, isto é o que sempre quis, Raven. És tu. És tu que realizas todos os meus sonhos.

Sorrio e abano a cabeça.

– Estás a esforçar-te demasiado. As minhas inseguranças estão assim tão à vista?

Percorremos a passadeira vermelha debaixo dos *flashes*, a multidão a gritar-nos perguntas que ignoramos.

– Não – responde-me o Ares. – Apenas para mim. Estás confiante e radiante, como sempre, mas eu vejo além disso. Vejo como estás constantemente a tocar na aliança, os momentos em que deixas de estar presente porque te consomem as dúvidas. Em relação a ti, eu reparo em tudo, Raven. Posso garantir-te, minha querida esposa, não tens nada com que te preocupar.

Anuo, finalmente sentindo-me calma quando chegamos à parte final da passadeira onde nos esperam alguns jornalistas e fotógrafos. Aproximamo-nos da marca onde vamos ser fotografados e ele abraça-me pela cintura, o seu toque possessivo.

– Parabéns pelo casamento – felicita uma jornalista. – Foi uma surpresa para quase toda a gente. Como conseguiram esconder tão bem a vossa relação?

O Ares sorri-me por um momento, antes de se virar para a jornalista.

– Escondemos? Ou vocês é que não viram? A minha esposa e a minha irmã são melhores amigas desde que eram pequenas e há anos que visitava a mansão Windsor, pelo menos, uma vez por semana. Sempre estive em todos os acontecimentos relacionados com a família e já várias vezes foi vista com a minha avó. Vocês é que não chegaram lá.

A jornalista parece confusa e aclara a voz antes de fazer outra pergunta.

– O colar de diamantes que estás a usar, Raven, é uma peça da herança Windsor? Diz-se que é uma criação centenária da família Laurier.

Levo a mão ao colar e sorrio.

– Sim, foi uma prenda da avó do Ares.

A jornalista graceja.

– Diz-se que ver uma noiva Windsor com uma peça de herança simboliza a aprovação da matriarca. É verdade?

Solto um riso e semicerro-lhe os olhos em tom jocoso. Sabe tão bem como eu que os Windsor não falam sobre segredos familiares.

– Só posso dizer que sempre amei a avó do Ares como se fosse minha avó e que estou muito grata por receber também o seu amor. Já tínhamos uma ótima relação ainda antes de eu me casar com o Ares.

Ela assente, depois de me esquivar à pergunta, e vira-se para o Ares.

– Diga-nos, Senhor Windsor, o que o fez apaixonar-se pela Raven, além do facto de ser linda de morrer?

Ele olha para mim com um sorriso embevecido, e o meu coração dispara, quando se volta para a jornalista, o sorriso dele tão amplo quanto o meu.

– Ela é a mulher mais inteligente, carinhosa, leal e trabalhadora que conheço. Nunca me desiludiu e sempre esteve presente para mim ao longo dos anos, fosse para o que fosse. A Raven não é só a minha esposa. É tudo para mim. Pode ser a melhor amiga da minha irmã, mas também é a minha. Foi pelo seu coração que me apaixonei, antes de qualquer outra parte dela.

A jornalista deve ter ficado tão derretida quanto eu, e sorri quando se vira para mim.

– E tu, Raven? O que adoras no Ares Windsor?

Encolho os ombros.

– Eu? Oh! Eu só casei com ele porque é lindo.

Ela e o Ares desatam-se a rir e ele abana a cabeça.

– Falando em coisas bonitas – declara –, que tal o vestido da minha esposa? Foi ela que o desenhou, tal como o meu fato.

A jornalista aproveita a dica e começa a perguntar-me pela minha linha de moda e não consigo evitar um riso abafado. É tão evidente a forma como tenta promover a minha empresa. É ridículo e terrivelmente fofo.

– Ares, Raven!

Ambos ficamos tensos quando ouvimos a voz da Hannah atrás de nós. Ela sorri enquanto caminha para nós, hesitando por um momento quando repara que o Ares me está a segurar. O olhar dela detém-se no meu colar e vejo a raiva nos seus olhos antes de retomar a expressão alegre.

As câmaras viram-se para nós e preciso de todas as minhas forças para parecer satisfeita.

– Hannah! – grita a jornalista. – Parabéns pela estreia de *Cloudy Skies*. Estou muito curiosa com este filme. Imagino que estarás fenomenal, como sempre.

Ela sorri e acena com a cabeça em agradecimento.

– Durante anos, houve rumores sobre ti e o Ares e, na verdade, era com a tua irmã que tinha uma relação. Foi difícil lidar com isso? Sei que negaste os rumores várias vezes, mas nunca foram eliminados. Alguma vez te sentiste tentada a revelar o segredo deles?

O sorriso da Hannah gela de repente.

– Como sabes, raramente discuto a minha vida pessoal. Peço que mantenham as perguntas só sobre a estreia desta noite.

A jornalista anui e vira-se para mim.

– Como é tão raro termos os três num evento, podemos tirar uma fotografia?

A Hannah sorri e dirige-se para o lado do Ares, a mão dela agarrando-o pela cintura e a cabeça encostada ao ombro. Fico ansiosa involuntariamente, mesmo a sorrir para as câmaras. Para meu alívio, o Ares não lhe põe o braço à volta da cintura. Em vez disso, apenas se inclina mais para mim.

Não sou uma pessoa insegura, mas a Hannah transforma-me num monstro ciumento. Não a quero perto do Ares, não quero ser recordada do motivo pelo qual nos casámos e do passado que partilham. Como posso encontrar um equilíbrio entre querer apoiar a minha irmã e o desconforto que sinto ao pensar neles juntos?

– Senhor e Senhora Windsor – a jornalista diz com uma expressão implorante

–, podemos ver um beijo?

A expressão da Hannah desfaz-se por um momento, mas o Ares sorri ao pegar-me no rosto e inclina-se, passando um polegar pelos meus lábios antes de baixar a cabeça e me beijar, devagar e ardentemente. A multidão fica louca à nossa volta, mas ele não quer saber. Continua a beijar-me como se ninguém ali estivesse – como se a Hannah não estivesse a dois passos de nós.

Quando se afasta, estou ofegante e desesperada por mais.

– Vamos – murmura –, é preciso despachar isto.

Quarenta e Sete

Ares

A Raven mal disse uma palavra desde que chegámos, e estou preocupado. Tem sorriso para os fotógrafos e respondeu a todas as perguntas que lhe fizeram com humor e elegância, mas tem estado distante, embora nunca me tenha largado a mão a não ser que fosse preciso.

O meu coração bate mais rápido quando nos encaminhamos para o camarote onde vamos ver o filme. Não me lembro de alguma vez me sentir tão ansioso sobre o bem-estar de outra pessoa. Nunca me preocupei muito com a Hannah, nem mesmo quando ela tinha ataques de ciúmes em relação a alguma atriz da minha empresa, porque sempre soube que não tinha com que se preocupar e não havia motivo para me sentir culpado.

É diferente com a Raven. Preciso que ela esteja bem, independentemente das suas preocupações terem ou não qualquer fundamento.

Sentamo-nos e trago a mão dela aos lábios, beijando-a ternamente. Olha para mim e a sua expressão atinge-me no peito. Parece magoada e triste e não sei porquê. Só sei que a culpa deve ser minha.

Aperto-lhe a mão com mais força e inclino-me para lhe beijar o ombro, deslizando depois os lábios até à sua orelha.

– Que se passa, amor? Dá-me um momento de honestidade. Diz-me porque estão esses lindos olhos repletos de mágoa?

Ela vira-se, o nariz roçando no meu. Sorrio e inclino a cabeça, roubando-lhe um beijo. Esperei que retribuísse o beijo, mas afasta-me.

Franzo a testa e ela abana a cabeça.

– Raven – murmuro, segurando-lhe o queixo para que olhe para mim –, que se passa?

Os seus olhos arregalam-se ao reparar no que se passa atrás de mim, imagino que a Hannah se tenha sentado ao meu lado, mas não quero saber. Só me importa a dor no olhar da minha mulher.

– Ares – murmura, a voz trémula. Inclina-se, sinto os lábios dela na minha orelha. – Eu... não a quero magoar. Ela é minha irmã, Ares, e sim, não tem sido a melhor pessoa, mas eu amo-a. Lembro-me de como me dóia ver-vos juntos nestas ocasiões e não quero que ela sinta essa dor. Mas, ao

mesmo tempo... tenho ciúmes da forma como te olha, das fotografias que têm de tirar juntos, das entrevistas em conjunto. Eu... tenho tantos *ciúmes* e odeio-me por isso.

Fico de olhos esbugalhados e ela afasta-se, corada. Esta mulher! Pensei que queria passar uma mensagem clara à Hannah, de que o nosso casamento não é uma farsa como ela espera. Estava tão certo de que queria isso, mas aqui está, a sofrer em silêncio porque não a quer magoar.

Estou feito! Estou a apaixonar-me pela minha mulher. Ou já o estava há mais tempo do que me permito admitir.

Dão início à estreia do filme, mas só me consigo focar na minha mulher. Ela olha para a frente, a coluna direita, e fico hipnotizado. Fica linda neste vestido e estou a adorar cada segundo, mas também mal posso esperar por chegar a casa e tirar-lhe todas as inseguranças.

A Hannah inclina-se sobre mim e sorri.

– Lembras-te desta cena? – murmura, alto o suficiente para que a Raven ouça. – Viajaste para me visitares no estúdio enquanto a filmava. Depois, fomos para aquela vinha onde tivemos a ideia de nos casarmos numa.

A Raven fica tensa e aperto-lhe a mão com mais força.

– Ainda me lembro da forma como me deitaste naquela clareira enquanto fazíamos uma caminhada.

A Raven morde o lábio e tira a mão da minha, e eu olho para a Hannah com raiva.

– Basta! – exclamo, a minha voz sussurrante.

A Hannah sorri-me provocadoramente.

– Não finjas que não te lembras. Estavas tão impaciente. Devíamos voltar lá e recordar esses momentos.

Olho para ela incrédulo. A minha esposa, que me tem por seu direito, está sentada em silêncio porque não quer magoar a irmã. Entretanto, a Hannah apunhala com prazer o coração da Raven.

– Dá-te ao respeito – aviso-a. – É preciso lembrar-te de que sou casado? Com a tua irmã.

Ela encolhe os ombros.

– É só um título e um pedaço de papel. Não me importo com isso, Ares. Ambos sabemos que assim que estivermos os dois sozinhos, vais esquecer-te de que és casado. Tem acontecido sempre.

A Raven inspira e, quando olho para ela, vejo que está a evitar chorar. Olha em frente, a expressão vazia, mas consigo lê-la.

Levanto-me e as pessoas no nosso camarote olham para mim, surpresas.

– Saiam – exijo. – O meu assistente vai encontrar-vos outros lugares para verem o filme.

Toda a gente se levanta, as suas expressões curiosas, mas ninguém tem coragem de abrir a boca. Saem em silêncio, guiados pelo Dom, mas a

Hannah continua sentada no seu lugar.

– Sai – peço-lhe.

– Eu?

– Sais sozinha ou precisas da ajuda dos meus guarda-costas?

Ela levanta-se, os olhos arregalados.

– Estás a falar a sério? Não me podes expulsar daqui.

– Não? Queres apostar?

Faço sinal a um dos meus guarda-costas e a Hannah gela por um momento.

– Estás doido? – pergunta. – Eu sou a protagonista deste filme.

Encolho os ombros.

– Sugiro que o vejas noutro lado, porque não vais ficar a vê-lo aqui comigo e com a minha mulher.

A Raven levanta-se e pousa uma mão no meu braço.

– Ares – diz, a voz dela suave –, deixa.

Olho para ela e enlaço-a pela cintura.

– Não – asseguro-lhe e viro-me de novo para a Hannah. – *Rua!*

A Hannah cerra os dentes, os olhos dela brilham de raiva.

– Vais arrepender-te de me tratares assim, Ares. Sempre tivemos os nossos altos e baixos e isto não é diferente. Não vás longe demais, porque, prometo-te, vais arrepender-te.

Abandona o camarote, seguida pelos meus guarda-costas.

– Não devias ter feito isto – adverte a Raven, preocupada. – A última coisa que queremos é criar um escândalo. Não tarda, há notícias sobre uma desavença familiar entre nós os três. Pode não ser fácil, mas temos de fazer a coisa certa.

Viro-me para a minha esposa e seguro-lhe o rosto ternamente, o meu coração a mil.

– Estás louca se achas que eu vou ficar sentado a ver-te engolir as lágrimas. És a minha mulher, Raven. Ela não é mais do que a tua irmã. Não quero saber do nosso passado conjunto e nem quero ouvir falar disso. Não vou ficar parado enquanto ela te magoa propositadamente, ambos sabemos que era isso que ela estava a fazer.

Belisco-lhe a maçã do rosto e levanto-lhe o queixo em direção a mim.

– És a minha *esposa*. Ninguém te pode magoar ou ofender. Não à minha frente. – Agarro-lhe o cabelo e puxo-a para mim. – Quando é que vais perceber que tens o meu coração?

Os olhos dela abrem-se denunciando uma ponta de incredulidade. Sim, nunca admiti que me estava a apaixonar. Acaricio a sua cabeça até à nuca e agarro-a outra vez. Aproximo-a de mim e beijo-a, o meu toque bruto e punitivo. A Raven geme contra os meus lábios e sobe as mãos pelo meu peito até me abraçar o pescoço.

Puxo-lhe o vestido para cima e elevo-a, para que ponha as pernas à volta da minha cintura e aprofundo o nosso beijo.

– Só o facto de ela te conseguir magoar faz-me sentir que falhei.

Encosto-a à parede, rodeados pelos sons do filme. Basta que alguém olhe para cima, para o nosso camarote, para nos ver, mas não quero saber.

– Que se foda o que ela disse, que se foda o passado. Eu sou teu, Raven. Nunca te vou deixar. Aconteça o que acontecer.

Baixo os meus lábios para o seu pescoço, roçando os dentes na pele dela antes de a chupar, deixando uma marca.

– Estou obcecado por ti – admito. – Por cada coisa que fazes, cada sorriso, cada suspiro que das. Por tudo.

As minhas mãos passeiam debaixo do vestido dela e sorrio quando percebo que não tem roupa interior.

– Isto – gemo contra os seus lábios –, adoro isto em ti. Queres-me sempre tanto como eu a ti.

Acaricio-a e tenho uma ereção ao penetrá-la tão facilmente com dois dedos.

– Estás sempre tão molhada. Diz-me, meu amor, sempre me quiseste assim, desta maneira?

Ela olha para mim, os olhos carregados de desejo.

– Sempre.

Ela afaga-me o pescoço até enterrar as mãos no meu cabelo. Um só toque e o meu coração dispara. Desaperto o cinto impacientemente e liberto o meu pénis, fazendo-o deslizar devagarinho pelo sexo dela.

– Amo tudo em ti – murmuro quando a penetro só com a ponta. A Raven geme e tapo-lhe a boca.

– Amo o teu sorriso. – Penetro-a mais e ela fecha os olhos e aperta as pernas contra mim. Empurra-se contra mim, a pedir mais, mas seguro-a com força, negando-lhe o que quer. – Amo os teus gemidos. – Entro mais e passo o indicador pelos lábios dela. Ela abre a boca e enfio dois dedos. Quase perco a cabeça quando os chupa, sem tirar os olhos de mim, como se desejasse que fosse o meu pau. Penetro-a até ao fim, já quase a vir-me. – Amo o teu coração – digo e agarro-lhe o rabo, saindo quase totalmente de dentro dela. – Foda-se, Raven! Acho que te amo – admito, e penetro-a bem fundo.

– Ares, meu Deus – geme.

Rio-me e pressiono os meus lábios contra os dela, beijando-a e calando os seus gemidos enquanto a fodo devagar e bem fundo.

Encosto a minha testa à dela e respiro ofegante.

– Sim. Acho que te amo.

– Ares – ela geme, os olhos dela encontrando os meus. O seu olhar tem uma esperança cautelosa misturada com luxúria, nunca esteve tão bonita. –

Diz isso outra vez.

Saio dela quase todo e fico quieto, os meus olhos nos dela.

– Amo-te, Raven. *Amo-te.*

Penetro-a devagar desta vez, pouco a pouco, até estar todo dentro dela, nunca desviando o olhar. Ponho a mão direita entre nós até conseguir que o meu polegar desenhe círculos no seu clitóris.

– Adoro como abres a boca quando te esfrego assim, a forma como ficas ofegante, os teus olhos implorantes. Fazer-te vir é um dos meus passatempos favoritos.

Ela morde o lábio quando torno os meus movimentos mais brutos, mais impacientes. Continuo a comê-la devagar, o mundo inteiro a desaparecer. Não me interessa que estejam centenas de pessoas a ver um filme mesmo abaixo de onde estamos. Tudo o que vejo é a minha mulher.

– Acho que estou viciado no nosso sexo.

– Acho que estou viciada em *ti* – murmura.

Esfrego-lhe o clitóris com força, deixando-a à beira da loucura.

– Vou manter-te assim, alimentar o teu vício, para que nunca me deixes.

Vejo como a respiração dela se torna mais ofegante e acelero os meus movimentos, mexo os dedos mais rápido até que se venha para mim.

– Ares – ela geme. Tapo-lhe a boca quando se vem, o meu nome nos seus lábios. Estou feito! Estou apaixonado por ela. Empurro-a mais contra a parede, comendo-a à bruta. Venho-me segundos depois, baixando a testa sobre a dela.

– Ares – murmura, a voz dela rouca –, eu também te amo.

Quarenta e Oito

Raven

Mordo o lábio ao olhar para as mensagens que o Ares me tem enviado toda a manhã. Devia estar a trabalhar na organização dos modelos para o meu próximo desfile, mas não paro de sonhar acordada com o meu marido. Estar com ele tem sido melhor do que alguma vez imaginei. Tudo o que sempre pensei que nunca teria é-me agora acessível.

Questiono-me se as minhas suspeitas sobre o Ares e a Hannah tinham fundamento. Ele nunca me pareceu feliz ao lado dela – não como o é com a família dele. Sempre achei que fosse só eu a tentar encontrar defeitos na relação deles, mas talvez não fosse isso.

Quando ele me rejeitou, pensei que era o fim de qualquer hipótese. Estava certa de que nunca teria outra oportunidade e de que ia testemunhar a sua felicidade eterna com a minha irmã. Nunca pensei que fosse o início da nossa história.

Ares: Sabes qual é a melhor coisa de ter uma supermodelo como esposa?

Raven: Fazermos exercício juntos?

Ares: O exercício ontem à noite foi intenso...

Ares: Não, isso não é o melhor. São as fotografias todas que há de ti em lingerie, não tenho de as tirar eu.

Raven: Sabes que toda a gente pode ver essas fotografias, certo?

Ares: Porra, Rave. Não me lembres desses tarados que se babam por ti. Só o facto de te lembrares deles me irrita. Não te satisfiz o suficiente ontem? Garanto-te que me vou esforçar para que não penses em mais ninguém a não ser em mim quando o Sol nascer amanhã.

Rio-me. Não posso evitar. O Ares sempre pareceu tão sensato, por isso, vê-lo perder a cabeça comigo é... estranhamente enternecedor. Adoro como publica fotografias comigo de cada vez que se irrita por me ver em algum evento com outro homem. Dá-me liberdade para seguir a minha carreira sem me sentir culpada, mas relembra o mundo de que sou dele de uma maneira tão querida.

Raven: Sempre existirão tarados, meu amor. E acredito que metade daquelas contas sejam tuas só para me espiar.

Ares: Olha, não é má ideia. Vou criar mais para os afastar. Volto já, tenho de fazer uma coisa importante agora.

Solto um risinho e cerro os lábios. Ele é doido e é exatamente o homem por quem me apaixonei. Aquele que pensei que tinha perdido.

– Raven?

Endireito-me ao ouvir a voz da Hannah, e o meu sorriso apaga-se. Entra no meu escritório, a expressão dela indecifrável. Nunca me procurou desde que me pediu para falar com o Ares em seu nome, mas devia ter adivinhado que o faria após a estreia. Não era minha intenção, mas imagino que tenha visto essa noite como uma declaração de guerra. Com a Hannah é tudo uma luta.

– Em que te posso ajudar, Han? Precisas de um vestido?

Olha para mim enquanto se senta, o rosto sereno.

– Estás a insinuar que só te procuro quando preciso de alguma coisa? Estamos sozinhas, Raven. Não precisas de fingir ser uma boa menina, a irmã em sofrimento.

Sinto-me tensa e tento suprimir a dor que as suas palavras me infligem.

– Desculpa?

Ela cruza os braços.

– Foi por isso que fodeste o meu noivo? Querias vingar-te pela forma como te tratei ao longo dos anos?

– Eu... eu... – aclaro a voz e envolvo-me com os braços, o meu coração acelerado.

– Porque apareceste sequer, Raven? Porque apareceste no dia do meu casamento? Sabes tão bem como eu que a avó Anne nunca prejudicaria a tua empresa, mesmo se os pais te tirassem o financiamento. Nunca tiveste nada a perder. Se tivesses ficado no teu canto, não teriam outra hipótese senão adiar tudo. Porque me fizeste isto?

Desvio o olhar, incerta sobre o que dizer. Sabia que teríamos esta conversa um dia e ensaiei-a vezes sem conta na minha cabeça... mas, agora que preciso delas, não encontro as palavras certas.

– Sabes muito bem que o Ares valoriza o dever e a lealdade acima de tudo. Achas que ele, de repente, se apaixonou por ti? Tão depressa? Depois de ter passado anos comigo? Não achas que está apenas a tirar proveito de uma situação difícil e a ter sexo enquanto pode? És a mulher dele e acha que tem de te fazer feliz, independentemente do que isso signifique para a sua felicidade. Vai fingir e fazer tudo o que for preciso para agradar à família que, na cabeça dele, agora te inclui. – Ri-se. – Sabes porque nos afastámos, Raven? Foi porque sempre vi a forma como olhavas para o Ares. Que mulher se babaria para cima do noivo da irmã como tu o fizeste? Sempre me enojou. Sabias que eu e o Ares fazíamos piadas sobre a tua paixoneta por ele? Ele dizia que era uma infantilidade querida. Nunca te viu como uma mulher, nunca. Mas deixa-me adivinhar... venceste-o pelo cansaço ao tentar seduzi-lo?

Passam-me pela mente as coisas que vesti quando andava pela casa na tentativa de que reparasse em mim, as coisas que fiz e disse.

– Hannah – murmuro, a minha voz baixa –, que queres? Que importa? Estou casada com o Ares.

Ela ri-se e leva uma mão ao peito, brincando com o anel que tem no dedo.

Sinto-me gelar quando reconheço o anel. É a sua aliança de casamento. A que o Ares me pôs no dedo no dia em que casámos.

– Não por muito tempo – desafia-me. – Pode ser contigo que ele está casado neste momento, mas quando o dever dele terminar, vai voltar para mim. Vou ser sempre quem ele realmente quer, quem ele desejava que tivesse estado no altar. E tu, minha querida irmã? Sempre foste a minha substituta, a pessoa com quem teve de se contentar. Foste atrás dele sabendo exatamente o tipo de danos que ias causar, mas não pensaste nos danos que ias causar a *ti* própria. Não importa o que faças, Raven, nunca serás... a mulher que ele quer, eu. Não só vais acabar por perder o Ares, como também me perdeste a mim. Espero que casares com ele tenha valido a pena, porque te vai custar tudo.

Mordo o lábio tentando controlar as minhas emoções.

– Onde arranjaste essa aliança?

Ela ri-se.

– Como te disse... será sempre a mim que ele vai querer. Nunca te deixará ter nada que seja *meu*. Pelo menos, não durante muito tempo.

– O Ares deu-ta?

Ela anui.

– Sim. Disse-lhe que queria a minha aliança de volta e ele decidiu que te ia comprar uma nova. Passámos tanto tempo a escolher as nossas alianças... não imagino o que sentiu ao ver-te com ela no dedo. Não pensei que fosse tão fácil, confesso. Pensei que estivesse zangado e rancoroso, mas continua a ser o Ares que sempre conheci e amo. Nunca me recusará nada, mesmo que o tenha de tirar à sua suposta *esposa*. Mas já sabias isso, não já? Sabes melhor do que ninguém que ele me ama com todo o coração. Depois disso, como pode sobrar amor para mais alguém? Como pode outra pessoa estar à minha altura? – Levanta-se e lança-me um olhar severo. – Nunca te perdorei pelo que fizeste, Raven. Podes pensar que as coisas estão a correr bem com o Ares e que tomaste a decisão correta, mas ouve o que te digo. Um dia vais arrepender-te de teres casado com ele e ele vai voltar para mim. Volta sempre.

Mordo o lábio com força enquanto ela sai do meu escritório, deixando o seu veneno impregnado na minha alma, envenenando toda a esperança a que me podia agarrar.

Quarenta e Nove

Raven

Fico a olhar para a casa enquanto ganho coragem para entrar. Não devia deixar que as palavras da Hannah me abalassem tanto, mas deixei, porque sei que tem razão.

Sabia exatamente o que estava a fazer quando assumi o lugar dela. Se me tivesse afastado, de certeza que a avó Anne teria dado outra hipótese à Hannah. Fui egoísta e corri o risco. Será que fiz a escolha errada?

Respiro fundo e endireito-me ao entrar em casa. Tenho medo de encarar o Ares, receio encontrar verdade nas palavras da Hannah se o confrontar. Sinto que construí um castelo de cartas que vai ruir a qualquer momento.

– Raven? – O Ares olha-me com genuína preocupação. – Chegaste tarde. Tenho tentado ligar-te. Onde estavas?

Forço um sorriso e abano a cabeça.

– Estive a trabalhar até tarde, só isso. – Hesito. – Dói-me a cabeça, Ares. Vou-me deitar.

Ele aproxima-se de mim e agarra-me os ombros, mantendo-me parada enquanto me perscruta o rosto. Dói-me o coração quando me desvia o cabelo. Será isto real? Estará a fingir porque acha que é o seu dever? Serei apenas uma obrigação para ele?

Mordo o lábio com força, mas não consigo evitar as lágrimas. Desvio o olhar quando sinto uma a cair-me rosto abaixo. Esperava que o Ares entrasse em pânico ou exigisse uma justificação para a minha agonia, mas limita-se a abraçar-me e a pôr-me uma mão no cabelo. Desato a chorar e enterro a minha cara no seu pescoço.

Soluço e ele abraça-me com mais força, como que tentando manter-me inteira quando me sente a despedaçar.

– Estás a partir-me o coração, *Cupcake*. Sou imune a quaisquer lágrimas, menos às tuas. Estou quase a pôr-me de joelhos e a implorar que me digas o que posso fazer para melhorar as coisas.

Abano a cabeça, sem saber como lhe responder. Mesmo que tentasse, duvido que as palavras saíssem. Como lhe posso explicar que mil medos me consomem? Como lhe posso explicar que uma culpa nunca sentida me corrói a alma e que, apesar disso, faria tudo outra vez só para viver estes momentos com ele?

O Ares baixa-se e pega-me ao colo, os passos dele a ecoarem pelo corredor enquanto me leva para o quarto. Senta-se na cama e mantém-me ao colo,

afagando-me as costas. Tudo isto ainda me parte mais o coração.

– Raven – suspira com dor na voz.

Endireito-me e limpo as lágrimas o melhor que posso. Não me posso continuar a esconder. Não me posso continuar a afogar em dor – não quando é provocada pela Hannah.

– A Hannah foi ao meu escritório hoje.

Ele fica ansioso, a sua expressão enigmática.

– Ares... tu... tu deste-lhe a minha aliança de casamento?

Vejo o espanto instalar-se no seu olhar antes de me pegar na cara carinhosamente.

– *Cupcake* – murmura –, juro que não é nada do que estás a pensar. Ela pediu-ma, e eu dei-lha porque não queria que te lembrasse constantemente dela. E para ser honesto, Rave, não queria guardar uma coisa assim. Enviei-lhe a minha também. Não preciso de nenhuma delas.

Acaricia-me o rosto com os dedos, a expressão dele implorante, dizendo-me que precisa que acredite nele.

– Isso magoa-me muito – suspiro. Aproximo-me e passo-lhe um dedo pela têmpora, demasiado assustada para fazer as perguntas para as quais preciso de respostas. – A culpa, a dor. É demais, Ares. Tomei a decisão errada? Há uma parte de ti que me despreza por ter caminhado até ao altar ao invés de me ter afastado? Ressentes-me por me ter posto entre ti e a Hannah?

Ele abre a boca para responder, mas ponho-lhe um dedo nos lábios, calando-o.

– Não – murmuro. – Não tenho coragem para ouvir as tuas respostas, Ares. Prefiro que os meus medos me comam viva do que ouvir-te confirmar as insinuações da Hannah. Acho que não consigo sobreviver a ouvir-te dizer que parte de ti ainda a ama. Tenho medo de que sintas pena de mim e que me digas o que quero ouvir mesmo que não acredites numa única palavra. Tenho medo de que tudo entre nós seja só mesmo um dever para ti. Não vou sobreviver a ser trocada por ela.

Deixo cair o meu dedo, sentindo novamente as lágrimas. O Ares suspira e agarra-me os pulsos, segurando-os com força atrás das minhas costas.

– Acabaste de falar, meu amor? Espero que sim, porque é a minha vez.

Arregalo os olhos, e ele sorri apesar de o seu olhar denunciar um coração partido.

– Tu, Raven Windsor, és a coisa mais inesperada e incrível que já me aconteceu. Não estava verdadeiramente a viver antes de ti. Tu deixas-me doido da melhor forma possível. Fazes-me rir todos os dias e, minha linda esposa, fazes-me sentir coisas que *nunca* senti. Pensei que sabia o que era o amor. Pensei que significava compromisso, altruísmo e paciência. Agora sei que não. O verdadeiro amor é enlouquecedor, consome tudo e é egoísta, Raven. É impaciência, é contar os minutos até chegares a casa. É ser mesquinho com todos os homens que te enviam mensagens e é comer-te à bruta no nosso sofá novo porque preciso de ti com uma intensidade que é mais do que física. É decorar a nossa casa em conjunto e dar atenção aos pormenores, porque quero que a nossa casa seja *nossa*. É discutir contigo sobre coisas que normalmente deixaria passar, só porque quando és tu,

preocupo-me com a mínima coisa. Isto, Senhora Windsor, é amor. Ou pelo menos, eu acho que é. De que outra forma posso definir o que sinto? És tudo o que não sabia que precisava e agora que te tenho, não posso voltar a uma vida anterior a ti. Nunca. Aconteça o que acontecer.

Fico a olhar para ele sem palavras.

— Pois — murmura. — Eu também não estava à espera disto, mas aqui estamos. Tu e eu. Somos só nós os dois neste casamento, Raven. Não há espaço para mais ninguém, por isso, para de a deixar entrar. Eu sei que te magoa e sei que a amas. Não é fácil perceber como a vamos manter nas nossas vidas quando, de cada vez que a vemos, somos confrontados com um passado que ambos preferíamos que não existisse. Eu sinto a mesma culpa que tu, mas ela não nos pertence. Nem eu nem tu fizemos algo errado, ouviste?

Anuo e agarro-me ao pescoço dele, as minhas palavras presas na garganta. Ele não sabe há quanto tempo queria ouvir estas palavras nem o quanto significam para mim.

Deixo escapar outra lágrima e o Ares apanha-a com o seu polegar. Pega-me no rosto e aproxima-se, os seus lábios a roçarem ternamente os meus, o seu beijo a reforçar cada palavra que acabou de dizer.

Cinquenta

Ares

Rio-me ao olhar para o título do *The Herald*. Normalmente, só o nome desta revista cor-de-rosa é o suficiente para me chatear. Os títulos são sempre demasiado sensacionalistas e irritantes, mas, hoje, estão de parabéns.

Alianças de casamento

de Raven e Ares Windsor custaram MILHÕES

Parece que nada é impossível para os 1%. As alianças de Raven e Ares Windsor foram, alegadamente, feitas à mão pelo exclusivo mestre ourives Richard Laurier. As nossas fontes afirmam que as alianças foram inspiradas em desenhos da modelo. As joias Laurier são particularmente cobiçadas e raras, reservadas quase só à realeza. Sabemos que várias celebridades foram recusadas pelo mestre ourives, mas parece que uma exceção foi aberta para os Windsor.

Imagens recentes da aliança de Raven revelam que terá, no mínimo, quinze quilates. Com base nas nossas estimativas, a aliança valerá 25 milhões. Além disso, o seu marido, um magnata dos média, aparece a usar uma aliança com a gravação de uma pena – sem dúvida, um tributo ao nome da esposa. Uma decisão ousada para um casal que manteve a sua relação em segredo, mas expectável para um Windsor.

Nos próximos dias, esperamos ter mais notícias sobre o casal que continua a fugir das nossas câmeras com uma facilidade surpreendente. Fiquem atentos e lembrem-se, leram aqui primeiro!

Sorrio ao ver a fotografia gira de mim e da Raven, o meu braço sobre o seu ombro ao sairmos do escritório dela. A Hannah é doida se pensa que pode magoar a Raven como fez e ficar impune. Fui paciente e calmo, em parte por respeito ao nosso passado juntos e à relação dela com a Raven, e em parte pela culpa que sinto cada vez que a Raven faz acelerar o meu coração. Mas acaba aqui. Há muita coisa que posso deixar passar, mas as

lágrimas da Raven não fazem parte da lista.

A Hannah queria desesperadamente ter anéis desenhados pelo Laurier, mas sempre recusei. Nem sei porquê. Talvez porque a minha avó sempre disse que ele só devia ser contactado para trabalhar em peças que fossem de herança. Não sei, mas a verdade é que nem hesitei quando a Raven apenas insinuou que não gostava da aliança dela. Sei que isto vai magoar a Hannah, mas estou farto de lhe aparar os golpes. Estou farto de tentar manter a paz.

A Raven não o sabe, mas tenho os média que nos rodeiam sob controlo. Qualquer pista de um rumor sobre mim e a Hannah será suprimido antes mesmo de ver a luz do dia, mas preciso de ser mais cuidadoso. É mais difícil controlar a informação na internet. Posso fazê-lo facilmente com jornais e revistas, mas a internet move-se demasiado rápido para que consiga enterrar totalmente uma história.

A Hannah não está acostumada a não ter o que quer, e acho que começa finalmente a perceber que as coisas entre nós encontraram o fim. Não vai gostar de me ver e à Raven felizes. Não faz parte dos planos dela, claro está. Era tão fácil destruir a carreira dela e afastá-la das nossas vidas, mas sei que a Raven nunca o permitiria. Sempre amou a Hannah de uma forma que ela não merece. Não posso arriscar aumentar a culpa da Raven.

Felizmente, as minhas palavras deram à Raven a confiança de que precisava na nossa relação, mas suspeito que a tristeza dela resulte de saber que a sua relação com a Hannah nunca mais será a mesma. Desde que a conheço que a Raven desculpa tudo à irmã. Acho que, desta vez, está a começar a perceber que só fará a irmã feliz se sacrificar a sua própria felicidade.

Ponho o meu mais inocente sorriso ao entrar em casa, sendo recebido pelo som da voz doce da Raven a cantarolar uma música *pop* que não conheço. Não parece a mesma desde a discussão com a Hannah, mas está mais animada hoje. Aposto que viu o artigo do *The Herald*, uma vez que fiz questão de o tornar viral.

Paro na entrada da cozinha e fico a admirá-la. Tem vestida uma camisa de noite bege e comprida, está extremamente sensual.

É curioso, porque já a vi desfilar em roupa interior, mas isto é muito mais sensual. Fora do trabalho, sempre se vestiu tão profissionalmente que é estranho ver este lado dela... esta parte que só me pertence a *mim*. Mais ninguém tem o prazer de ver a minha mulher assim, de cabelo apanhado, sem maquilhagem no seu lindo rosto e o seu corpo ao meu dispor.

– Olá, meu amor – murmuro encaminhando-me para ela. Sorri-me e levanta a cara para receber um beijo. – Que estás a fazer? – pergunto, olhando por cima do seu ombro.

Vira-se e o corpo dela roça-se no meu. Devia afastar-me, mas adoro

senti-la tão perto de mim. Adoro ver como arregala os olhos um pouco, a forma como se prendem nos meus lábios antes de desviar o olhar.

– Estou a fazer pão, o suficiente para os dois.

Sorrio e abraço-lhe a cintura, surpreendendo-a.

– Estás a pôr-me de dieta, esposa? Não estás contente com os meus abdominais?

Ela ri-se, o seu olhar a percorrer-me o corpo por um momento.

– Não tenho a certeza. Que tal despires a camisa para me mostrares?

Sorrio ao pôr as mãos na camisa.

– Achas que não dispo?

– Tens coragem? Lembra-te que estou constantemente rodeada de modelos sensuais. Achas que consegues competir com eles?

Abro a boca e semicerro os olhos à minha mulher enquanto desabotoo a camisa.

– Diz-me tu, Rave. – A minha camisa abre-se e a forma como os seus olhos se grudam no meu peito enche-me de satisfação. – Consigo?

Ela leva uma mão ao meu peito e percorre cada curva dos meus abdominais com os dedos. Sou atingido por uma explosão de desejo quando sinto o seu toque e respiro fundo tentando acalmar-me. Está deslumbrante nesta camisa de noite... deslumbrante.

– Sim – responde, a voz dela ofegante. – Safas-te.

Sorrio ao sentá-la na bancada da cozinha, abrindo-lhe as pernas para me posicionar entre elas.

– Safo-me? Não pareces convencida. E se eu te mostrar o resto do corpo?

– Parece-me boa ideia. Assim posso ter uma visão mais clara do teu físico, percebes?

Deixo escapar um suspiro quando ela pega na lapela do meu casaco. Olha-me nos olhos e despe-me.

– Ares – murmura –, foste sincero? Quando disseste que me amas... era verdade?

Sorrio-lhe apesar de me doer o coração. Gostava de poder arrancá-lo e mostrar-lhe que só ela o preenche, mais ninguém.

– Cada palavra, Raven. Talvez seja demasiado cedo, demasiado rápido. Ou talvez... talvez isto tenha estado a crescer durante anos e nenhum de nós tenha tido coragem de o admitir. Não quero falar do passado, mas é verdade. Eu estou apaixonado por ti, Raven Windsor. Raios, para ser sincero, apaixonei-me muito antes de termos dito o sim.

Ela olha-me de olhos esbugalhados, um doce tom vermelho a encher-lhe as maçãs do rosto.

– Ares – murmura –, eu amo-te.

Uma onda de emoções que nunca senti quase me deita por terra. Nunca me vou cansar de a ouvir dizer isto. Ponho-lhe uma mão na nuca e puxo-a

para mais perto, os meus lábios encontrando os dela com um novo sentido de urgência. Nunca quis tanto ter alguém, marcá-la como minha.

– Estou obcecado por ti – sussurro contra os lábios dela –, por cada pedacinho de ti. – Ela geme e enrola as pernas à volta da minha cintura, o corpo dela colado ao meu. – Amo tudo o que és, até à tua linda alma. Amo-te, Raven.

Ela afasta-se para me encarar. O seu olhar diz-me que não acredita em mim, mas não faz mal. Vou passar o resto das nossas vidas a prová-lo.

Cinquenta e Um

Raven

Há muito tempo que a avó não pedia que nos reuníssemos todos com tanta urgência – diz a Sierra ao caminharmos juntas para a casa principal. – A última vez que o fez, foi para anunciar o teu casamento.

– Fazes ideia do que se trata?

A Sierra abana a cabeça.

– Nenhuma. Perguntei aos meus irmãos, também não sabem.

O meu telemóvel começa a tocar e resmungo quando vejo quem é. Aposto que a minha mãe me está a ligar sobre algo relacionado com a Hannah e não a quero ouvir.

– Quem é? – pergunta a Sierra, espreitando o telemóvel. Revira os olhos quando lê o nome no ecrã e rejeita a chamada por mim, mas a minha mãe volta a ligar logo a seguir. É tão insistente! Se não atendo, continua a ligar incessantemente, até me vencer pelo cansaço.

– Mãe?

– Raven, querida, há horas que te estou a ligar.

Normalmente, inventaria uma desculpa, mas hoje não consigo.

– Que se passa, mãe? – Não gosto que me esteja a chamar querida quando todas as conversas que tivemos desde o casamento foram hostis.

Ela hesita por um momento.

– Ouvi dizer que tu e a Hannah discutiram. Ela está extremamente chateada e disse-me que tu e o Ares... estão *juntos*?

Cerro os dentes por um momento e respiro fundo.

– Ai sim? Imagino que lhe tenhas dito que tem de aceitar o facto de o ter abandonado, não? Lembraste-a de que estou *casada* com o Ares? Qual é a surpresa de eu e o meu marido estarmos juntos? Ela não estará a achar a nossa situação imoral, não? Acho que a educaste melhor do que isso.

A Sierra fica boquiaberta e depois ri-se maliciosamente, anuindo para si própria. Reviro os olhos na sua direção e continuo a caminhar.

A minha mãe permanece em silêncio por um instante e depois aclara a voz.

– Tu e o Ares vêm para os 60 anos do teu pai? Passam cá o fim de semana?

Hesito. Quando eu e o Ares concordámos em ir ao aniversário do meu pai, tínhamos acabado de nos casar. As coisas ainda não eram tão complicadas, tão confusas. Não sei se podemos passar um fim de semana inteiro com a Hannah. Não quero estragar o aniversário do meu pai e é provável que haja discussão.

– Sim – aceito, resignada. Não posso andar a evitar a minha família. Teremos de aprender a conviver uns com os outros.

– Por favor, comporta-te. Tenta não desestabilizar a tua irmã. As coisas não têm sido fáceis para ela e tem-se refletido na sua saúde, o que me preocupa.

Sinto a raiva a crescer em mim e agarro no telemóvel com mais força.

– Claro – prometo. – Espero que tenhas dito o mesmo à Hannah, mãe. Não a vou provocar, mas não esperes que tolere o seu comportamento tóxico sequer por um segundo, porque não o vou tolerar.

– Tóxico? – repete a minha mãe, indignada.

– Nem sequer tentes negar – aviso-a. – Não tenho nem tempo nem paciência para ouvir as desculpas que vais inventar para a Hannah. Estarei aí no fim de semana e levo o meu marido.

– Raven!

– Tenho de ir, mãe. Falamos depois.

Desligo a chamada e guardo o telemóvel, ignorando os olhares de felicidade da Sierra.

– Bem! – exclama, sorrindo. – Não era sem tempo!

Encolho os ombros.

– Tentei ser terna, Sierra. Fui terna e paciente, considereei os sentimentos de toda a gente menos os meus. Basta!

Ela dá-me a mão e entrelaça os nossos dedos com um sorriso de orgulho.

– Tu és feita de ferro, mas sempre foste demasiado maleável com a tua família. Eles habituaram-se a isso e assumiram que irias sempre manter a paz, mas está na altura de te pões em primeiro lugar. Já não estás sozinha, Rave. Nunca estiveste, mas agora és oficialmente uma Windsor. Nós somos a tua família.

Sorriso-lhe.

– Obrigada, querida.

Ela retribui o sorriso.

– Eu sei que sabes isto, mas vou repeti-lo até que o tenhas marcado no teu coração.

Aperto-lhe a mão, em agradecimento, e entramos na sala da avó, onde já todos nos esperam.

O olhar do Ares dirige-se às nossas mãos dadas e semicerra os olhos.

– Larga a minha mulher – adverte, o tom dele inflexível.

A Sierra olha-o de alto a baixo.

– Ela já era minha antes de ser tua. Queres arranjar uma discussão? De que lado achas que ela vai ficar?

Largo-lhe a mão e abano a cabeça ao caminhar em direção ao Ares, que imediatamente me agarra as duas mãos e sorri à irmã.

– Que infantis que vocês são – resmungo ao olhar à volta. Ainda falta o Luca e, claro, o Dion, que está em Londres.

O Ares abraça-me pela cintura e inclina-se para mim.

– Sabes que a culpa é tua, certo? Tornas-me numa criança idiota.

Olho-o nos olhos e sorrio.

– É o meu maior feito.

– Ugh, vocês ficam tão queridos juntos que enjoa – resmunga o Lex.

O Zane sorri quando o Luca entra com a Valentina, a sua assistente, e acena-lhes enquanto nos encaminhamos para a sala de jantar. A Val sorri-me e aproxima-se.

– Rave!

Abraço-a com força e depois afasto-me para ver o que tem vestido.

– Adoro ver-te com este vestido.

Ela sorri-me.

– Só uso o melhor, e esta estilista? É a melhor de todas.

Rio-me quando ela dá uma voltinha para mostrar o vestido que lhe desenhei, um sentimento profundo de orgulho a instalar-se no meu peito.

– Meninos – chama a avó, os olhos dela percorrendo a sala –, como podem imaginar, tenho um anúncio a fazer.

Todos ficamos tensos, sabendo que, seja o que for, terá impacto em todos nós. A avó sorri, o olhar dela parando na Valentina e no Luca por um momento.

– Luca – chama a avó. Ele endireita-se e anui. – O teu noivado foi decidido.

O Luca e a Valentina parecem apreensivos e observo-os com curiosidade. A relação deles sempre me intrigou. Foi a avó quem a contratou, e ele sempre a odiou por isso, mas é a única pessoa em quem confia. Ao longo dos anos, estava certa de que se apaixonariam, mas nunca aconteceu.

– Quem é? – pergunta ele, resignado.

– A Natalia Ivanov, filha do Nicolai Ivanov e herdeira de um império de petróleo. É uma indústria onde ainda não estamos presentes e esta é a solução.

– A Natalia Ivanov? – repete ele. – A *socialite*? É uma cabeça oca mimada e materialista.

A avó semicerra-lhe os olhos.

– É a tua noiva. É um doce de mulher, Luca, verás.

Ele cerra os dentes e vira-se sem dizer mais nada, os passos dele audíveis no chão de mármore enquanto se afasta, batendo com a porta ao sair. A Valentina olha para a porta, hesitando por um momento antes de o seguir. A avó observa-os e sorri para si mesma. Algo naquele sorriso me parece errado. Estará ela... a fazer algum jogo? Seria capaz?

– Bem – conclui, suspirando –, correu tão bem quanto esperava.

– Ivanov? – pergunta o Zane. – A sério, avó? Ele tem razão, sabes disso. Ela passa a vida a fazer birras em público, a criar dramas desnecessários. Não tem qualidades para se tornar uma Windsor.

O Lexington anui.

– É um péssimo par para o Luca – concorda. – Ele não tem paciência para esses dramas.

– Sim, avó – diz a Sierra. – Isto... não me parece boa ideia.

A avó mal sorri e levanta uma mão.

– Tomei a liberdade de mandar servir o jantar – informa. – Não falemos mais nisto. Vamos para a mesa.

Olhamos uns para os outros, ninguém sabe como reagir.

– Não estás preocupado? – pergunto ao Ares. Ele sorri e abana a cabeça.

– Não – murmura. – A avó sabe sempre o que faz.

A forma como olha para mim desperta-me borboletas na barriga e coro ao sorrir-lhe.

Sim, sobre nós estava muito certa. Espero que o Luca tenha a mesma sorte.

Cinquenta e Dois

Raven

Pareces nervosa – observa o Ares quando estacionamos em frente à casa dos meus pais. Anuo e viro-me para ele.

– Momento de honestidade – murmuro. – Tenho medo de encarar a Hannah e a ideia de estar rodeada pela minha família durante um fim de semana inteiro deixa-me ansiosa. Cada vez que aqui estou, sinto que estou em falta. E... esta casa... está repleta de memórias de vocês os dois.

O Ares inclina-se e agarra-me no rosto, passando-me o polegar pelos lábios, ternamente.

– Criaremos outras memórias – promete. – Mas, *Cupcake*, se não queres ir, não temos de ir.

Franzo a testa, pasmada.

– A família significa tudo para ti.

Ele olha-me nos olhos com uma ponta de tristeza na expressão que tenta esconder com um sorriso.

– Isso é porque eu significo tudo para a minha família.

Fico muda de dor e ele desvia o olhar.

– Amo-te – murmura. – Amo-te do fundo do coração, Raven, e não suportro vê-los a terem-te como garantida. São a tua família e sempre respeitarei e honrarei os teus desejos no que lhes disser respeito, mas quero que saibas que não concordo com a forma como deixas que te tratem.

Ponho o indicador no queixo dele e aproximo-me para o beijar, como se isso me desse força.

– Vai correr tudo bem – murmuro contra os lábios dele –, porque estarás comigo.

Ele anui.

– Sempre.

– Ares?

Ele inclina a cabeça à espera que continue.

– Posso pedir-te que me prometas algo? Este fim de semana... podes, por favor, dar prioridade ao meu pai? Quero manter a paz o melhor que puder. Ele tem direito a usufruir do seu aniversário.

Ele hesita por um momento, mas acaba por assentir.

– Prometo – diz, o tom dele deixando clara a sua relutância. – Seguirei o que me pedires, Rave. É a tua família, tu é que mandas.

Inclino-me, beijando-o ternamente na face.

– Obrigada – suspiro.

Ele sorri-me, mas vejo a preocupação que está a tentar esconder.

– Pronta? – pergunta, o tom dele calmo e paciente, como se estivesse disponível para ficar aqui sentado a noite toda se eu dissesse que não.

– Pronta.

O Ares sai do carro e contorna-o, oferecendo-me a mão, e encaminhamo-nos para a porta. Os nervos tornam-se mais intensos e mordo o lábio. Ir a casa visitar os meus pais devia ser algo entusiasmante, mas sinto-me sempre ansiosa ao passar esta porta.

– Ares! – exclama o meu pai, sorrindo. O olhar dele detém-se nas nossas mãos dadas e desvia o olhar, embaraçado, e dá uma palmada no ombro do Ares. – Tenho uma bela garrafa de *whisky* para nós.

O meu pai inclina-se e beija-me a testa antes de me sussurrar ao ouvido.

– E escondi alguns dos *cupcakes* de que gostas no teu quarto, meu doce.

Rio-me, o meu coração derretido. Esta é a razão pela qual volto a casa, porque as coisas boas superam as más.

– Obrigada, pai.

– Ares, Hannah. – Olho para a minha mãe, que gela por um momento antes de levar a mão aos lábios. – Desculpa, Raven. Foi o hábito de dizer os dois nomes juntos. – Abana a cabeça e aproxima-se de nós. – Que bom que estão aqui – afirma, mas não parece sincera. O seu sorriso é mais verdadeiro quando olha para o Ares. – Preparei-te o quarto de hóspedes, Ares.

Ele agarra-me pela cintura e puxa-me para ele.

– Não será preciso – informa. – Partilharei o quarto com a minha esposa.

O olhar da minha mãe desce até à mão dele, e depois desvia-o, visivelmente desconfortável.

– Não achas que isso será... algo... insensível?

O Ares olha-a de alto a baixo.

– Insensível? O quê? Passar um fim de semana na mesma casa que a mulher que me abandonou no altar? Não, está tudo bem. – Vira-se para mim. – Não te importas, pois não? Caso contrário, podemos ir embora.

Disfarço um sorriso ao vê-lo dar a volta ao que ela disse e limito-me a abanar a cabeça. Adoro que o faça, mas não preciso que lute as minhas batalhas, nem preciso de ser recordada do passado deles mais do que já serei, inevitavelmente.

– Anda – digo-lhe –, vamos pôr as nossas coisas lá em cima.

A minha mãe observa-nos a desaparecer pelas escadas e não consigo evitar sentir-me inquieta. Há anos que me sinto desconfortável nesta casa e hoje ainda mais.

O Ares para à porta do meu quarto e sorri.

– Olha, fui eu que te dei aquela almofada em forma de *cupcake*. – Entra e olha à volta, espantado, enquanto eu me sento na cama, olhando para o meu quarto com um novo olhar.

– Esqueci-me de que não entravas no meu quarto há séculos, se é que alguma vez entraste.

O Ares hesita, uma ponta de remorso no olhar. Aproxima-se de mim e ajoelha-se à minha frente, olhando-me nos olhos.

– Diz-me, *Cupcake*. Há alguma coisa que possa fazer para tornar este fim de semana mais fácil para ti?

Encaro-o e suspiro.

– Não devia ser eu a perguntar isso? Estar aqui com a Hannah. Também não é difícil para ti?

– Devia ser, não é? – pergunta. – Mas não, não é. Não me afeta mesmo. – Aproxima-se de mim e põe uma mão meu cabelo, roçando os lábios nos meus. – Como podia, se te tenho a ti? – Beija-me, o seu toque bruto e exigente. E só com isto, destrói as minhas preocupações.

– Raven! – a minha mãe chama do andar de baixo.

Gemo quando o Ares se afasta e encosta a testa na minha.

– Vá – digo-lhe –, temos de descer.

Beija-me outra vez e levanta-se, puxando-me com ele. Talvez o fim de semana não corra assim tão mal.

O Ares segue-me e a porta principal abre-se quando chegamos ao fim das escadas. A Hannah entra, parando quando vê o Ares. O olhar dela enche-se de agonia por um momento e acerta-me em cheio no coração. Era exatamente isto que eu sentia. Costumava odiar vir a casa porque não suportava vê-la com ele. A última coisa que quero é que sinta a mesma dor. Ninguém o merece.

– Raven! – grita a minha mãe novamente.

Respiro fundo ao encaminhar-me para a cozinha, pensando na Hannah e no Ares. Não duvido que vá tentar captar-lhe a atenção e isso deixa-me desconfortável. Será que vamos lidar com isto até ao fim das nossas vidas? Terei uma relação hostil com a minha irmã para sempre? Eu e o Ares podemos estar bem agora, mas esta situação é desgastante para todos.

A mãe sorri-me e aponta para o lava-louça.

– Achas que me podes ajudar a pôr a louça na máquina?

Anuo e começo a fazê-lo em silêncio. Espero, pacientemente, sabendo que não me chamaria aqui se não tivesse algo a dizer.

– Rave – começa –, não achas que seria bom a Hannah e o Ares falarem sobre esta situação? O fim da relação deles foi confusa e afetou-nos a todos. Gostava que voltasse a existir harmonia na nossa casa.

Harmonia. Suponho que era o que toda a gente sentia aqui, menos eu. Para mim, esta casa sempre esteve repleta de ansiedade. Queria fazer parte, ser amada. Primeiro, pelos meus pais, depois, pelo Ares. Esta é a casa que sempre me fez sentir inadequada, a casa que me tirou tudo até me sentir perdida.

Fico em silêncio enquanto a minha mãe olha para mim. A verdade é que não tenho uma resposta para ela. Sim, seria bom ter harmonia, mas para quem? No cenário em que nos encontramos, alguém terá de sair magoado e, por uma vez, não deixarei que seja eu.

– Oh – diz a minha mãe –, ainda bem. Estão a falar.

Fico tensa e sigo o seu olhar. A janela da cozinha dá para o pátio onde estão a Hannah e o Ares. A forma como ele olha para ela deixa-me doente. Conheço

aquele meio sorriso. Sempre olhou para ela assim, como se tudo o que ela fizesse fosse enternecedor.

Tento o mais que consigo ser forte, mas vê-los assim, sem que saibam que estão a ser observados, deixa-me insegura. Ele foi tão assertivo e estabeleceu tão bem os limites com ela no dia da estreia, mas será que foi apenas porque eu estava lá? Estava só a fazer o que pensava ser o mais correto?

Mordo o lábio com força, chateada por estar a duvidar dele. Esta casa tem este efeito em mim. Enche-me de inseguranças e parte-me o coração. Não importa o quanto cresça como pessoa. Cada vez que venho a casa, sinto que dou dez passos atrás.

Cerro os dentes e lavo as mãos, deixando metade dos pratos ainda no lava-louça quando saio da cozinha.

– Raven! – grita-me a minha mãe, o tom dela zangado. Ignoro-a e saio para o pátio, encontrando o Ares e a Hannah junto ao baloiço, no canto.

Olham ambos para mim e a Hannah fica tensa.

– Raven – diz, forçando um sorriso. Custa-me que a nossa relação se tenha transformado nisto. Quando olho para ela, já não vejo a minha irmã.

Percorro-a vagarosamente com o olhar, parando na mão dela por um momento.

– Não estás a usar a tua aliança – indico, o meu tom despreocupado. – Sabes a qual me refiro, aquela que disseste que o Ares te deu.

Os olhos dela abrem-se e olha de soslaio para ele antes de me encarar novamente.

– Não, guardei-a. Não quis arriscar que me fizessem perguntas sobre ela.

O Ares pega-me numa mão e leva-a aos lábios, beijando-a e posicionando-a depois para que a minha aliança brilhe à luz.

– Usa-a se quiseres – diz-lhe. – É uma joia simples. Simplesmente uma relíquia do passado.

A Hannah aclara a voz e olha para o meu anel por um momento, olhando depois para o chão, deixando-me dividida. Não a quero magoar propositadamente, mas quero sentir-me reconfortada pelo toque do Ares.

– Sabes – diz ela –, hoje é a primeira vez em anos que vamos dormir os três nesta casa. Devíamos ir buscar os jogos de tabuleiro.

O Ares põe um braço à minha volta e abana a cabeça.

– Talvez outra noite – diz-lhe, virando-se depois para mim. – Estou cansado. – A forma como me sorri diz-me que não está e suspeito que a Hannah também o saiba. – Vamos para a cama?

Cinquenta e Três

Ares

Tens estado calada a noite toda – murmuro, saindo da casa de banho. Encosto-me na parede e observo a minha esposa, enrolada numa toalha, sentada no seu toucador, a expressão neutra. Há algum tempo que está a pentear o cabelo, quando normalmente apenas precisa de alguns minutos. Quase posso adivinhar o que lhe vai na mente.

Olha-me pelo espelho e força um sorriso, pousando a escova, mas sem se mexer mais do que isso. O olhar dela volta ao seu rosto e a forma como o faz parte-me o coração.

Temos existido num ambiente que apoia o nosso casamento. Toda a gente finge que o meu passado com a Hannah não existe e o facto de muito pouca gente sequer ter conhecimento da nossa relação ajuda-nos a manter a farsa.

Esperava que este fim de semana fosse duro, mas excedeu as minhas piores expectativas. Devia ter feito mais para a fazer sentir-se melhor, mas não poderia ter feito nada que não quebrasse a promessa que lhe fiz. Pedi-me que mantivesse a paz e tivesse o pai dela como prioridade e dei o meu melhor, mas não o devia ter feito.

– Raven.

Aproximo-me dela e agarro-lhe a mão, levantando-a num movimento rápido. Ela suspira ao encostar-se a mim e abraço-a sorridente.

– Ares – diz, a voz calma e repleta de angústia. Está tensa no meu abraço e isso magoa-me. Ela é outra pessoa nesta casa, gostava de a tirar daqui.

– *Cupcake* – murmuro ao inclinar-me, os meus lábios a roçarem os dela. Ela fica ansiosa e um sentimento de perda inunda-me. Normalmente, teria sorrido e ter-se-ia posto em bicos de pés, beijando-me como sabe que me deixa louco. Mas aqui, agora, evita o meu toque.

Deixo que os meus dedos lhe percorram as costas até os enterrar no cabelo dela, agarrando-os com suavidade. Forço a minha mulher a olhar para mim, mas ela desafia-me, desviando o olhar.

– Meu amor, olha para mim.

Ela respira tremulamente, enquanto pestaneja por uns instantes antes de olhar para mim, os olhos marejados de lágrimas.

– Ares – murmura o meu nome como uma súplica –, por favor, não. Não posso, esta noite. Não posso fingir.

– Já parámos de fingir há muito tempo, Raven, sabes isso.

Ela olha-me nos olhos, a minha linda e poderosa esposa parece... destruída.

– Já? – pergunta. – Ou estamos só a enganar-nos? Até a minha mãe está a tentar juntar-vos e é cansativo, Ares.

Desvia o olhar e empurra-me o peito, mas não a vou largar. Não agora. Não assim.

– A Hannah disse que era a primeira vez em anos que dormíamos os três aqui, não foi? Sabes porquê, Ares?

Abano a cabeça, incapaz de deixar de olhar para ela. O meu coração está acelerado e sou abalado por um profundo sentimento de temor. Apesar de a ter nos meus braços, sinto que a estou a perder.

Ela olha-me nos olhos enquanto uma lágrima percorre o seu rosto e a apanho com o meu polegar.

– Porque vos conseguia ouvir – murmura. – A parede onde está a cabeceira da minha cama? A cabeceira da cama da Hannah está do outro lado. Sempre que vocês dormiam cá, conseguia ouvir-vos. Ouvia-a a gemer o teu nome. Ouvia como a querias, a forma como eras carinhoso com ela.

Merda!

– Pensei que já tinha ultrapassado isso. Mas as memórias ainda me assombram. Ainda me magoam, Ares. Pensei que conseguia lidar com a dor, mas vê-la contigo, hoje? Eu...

Empurra-me o peito outra vez e agarro-lhe o cabelo com mais força, virando-lhe a cara para mim e baixando os meus lábios em direção aos dela. A Raven inspira quando lhe acaricio os lábios e a beijo ternamente, devagar, sem pressas, reconfortando-a da única forma que sei.

Os braços dela enlaçam-se no meu pescoço e puxa-me para si, aprofundando o nosso beijo, a minha língua passando pelos lábios dela, pedindo mais. Ela abre os lábios e levo o meu tempo a provocar a minha esposa, provando que é a única mulher que desejo.

O som distante de uma porta a fechar-se fá-la afastar-se, a paixão que lhe tinha despertado apaga-se ao dar um passo atrás, o olhar dela a fixar-se na parede da sua cama. Suponho que a Hannah tenha entrado no seu quarto, mas não deixo que isso me detenha. A ferocidade com que quero confortar a minha esposa até a mim me assusta. Não estou nem um pouco preocupado com a Hannah – só consigo pensar na Raven.

– Não – insisto ao puxá-la de novo contra mim, a minha testa encostada à dela –, não te vou deixar ir. Desculpa. Desculpa não conseguir apagar

essas memórias, mas elas não importam, o que importa é o presente e, se me deixares, podemos criar as nossas memórias. Não foi o que te prometi no carro? Que se foda o passado, *Cupcake*. Eu só quero saber de ti e de mim, aqui e agora.

Ela afasta-se ligeiramente para me olhar nos olhos, a expressão dela indagadora. Olha-me com dúvidas tão fortes e só as quero dissipar.

Sorrio ao afastar-lhe a toalha, deixando-a cair ao chão antes de dar um passo em direção a ela. A Raven olha-me com um ar desafiador e afasta-se até as pernas baterem na cama. Rio-me ao empurrar-lhe os ombros e ela cai, não parando de me olhar.

– Ares – suspira num tom admoestador.

Sorrio ao deixar cair a minha toalha, seguro no pénis e começo a masturbar-me.

– Fico duro só de olhar para ti. Não sabes como me deixas louco, pois não?

Ponho um joelho entre as pernas dela e inclino-me, levantando-lhe uma perna até aos meus lábios, beijando-lhe levemente a pele. A Raven geme e adoro ouvir esse som.

Vou deixando um carreiro de beijos no interior da sua coxa e respiro fundo quando chego onde quero.

– Cheiras a *cupcakes*.

Ela ri-se e é o primeiro riso verdadeiro que lhe ouvi toda a noite.

– É o meu gel de duche.

Olho para ela e beijo-lhe a vulva, adoro como morde o lábio.

– Já estás molhada, não estás?

Abro-lhe as pernas e lambo-lhe o clitóris. A Raven tapa a boca com uma mão e enterra a outra no meu cabelo.

– Ares – murmura –, preciso de ti mais perto esta noite.

Sorrio ao beijar-lhe o estômago e depois o quadril, subindo devagar, até chegar aos seios.

– Diz-me o que queres, Raven.

– Quero que me fodas, Ares. Quero que me comas à bruta. Não quero pensar em mais nada.

Sorrio ao chupar-lhe um mamilo. As palavras dela são música para os meus ouvidos.

Puxo-a para cima e pressiono o pau contra ela. A Raven levanta as ancas tentando que a penetre e rio-me.

– Queres que te coma, não é?

Ela anui, as mãos percorrendo-me a nuca. Entro devagar, apreciando como os lábios dela se abrem, a forma como o prazer lhe toma conta do olhar.

– Ares – geme antes de tapar a boca.

– Não – murmuro –, não quero isso. Vais gritar o meu nome.

Ela abana a cabeça e eu rio-me. Até neste momento está a ter os sentimentos dos outros em consideração. Não! Que se foda!

Saio dela quase totalmente e sorrio-lhe ao entrar à bruta, fundo, como ela gosta. Ela geme contra a mão, a cama bate contra a parede e eu quero mais. Olho-a com atenção quando o faço novamente, adorando como ela tenta manter o controlo e falha.

– Sabes que mais? – digo-lhe, saindo dela. Ela suspira e eu rio-me, virando-a. – Põe-te de quatro para mim.

Ela faz o que lhe peço e eu inclino-me, apreciando como fica exposta.

– Sempre te quis assim – gemo, antes de lhe agarrar o rabo, apertando-o gentilmente.

Baixo os lábios e provo-a, lambendo-lhe o clitóris. A forma como ela geme é mágica. Sorrio ao penetrá-la com dois dedos enquanto lhe continuo a torturar o clitóris e ela geme mais alto quando encontro o ponto G. É a minha missão apagar-lhe todas as más memórias que tem. Quando entrar neste quarto, quero que se lembre de como a fiz gemer o meu nome, mais nada.

A Raven geme mais rápido, mais alto e eu intensifico os meus movimentos, chupando-lhe o clitóris quando sei que está quase a ter um orgasmo. Vem-se na minha língua, o meu nome nos lábios dela.

Afasto-me e ponho-me de pé antes de a tomar nos braços. Ponho-a contra a parede e ela entrelaça as pernas à minha volta.

– Preciso de ti, Raven – digo-lhe ao penetrá-la.

Começo a entrar e a sair vigorosamente dentro dela, os sons que fazemos a perturbar o silêncio do seu quarto silencioso.

– Meu Deus, Ares – geme ao apertar as pernas contra mim.

Agarro-lhe as ancas com força enquanto intensifico as minhas estocadas.

– Está demasiado fundo – geme.

– Não – digo-lhe –, tu aguentas, olha para ti a aguentar tão bem.

– Oh, Deus – geme, deixando cair a cabeça para trás.

Sorrio e inclino-me, beijando-lhe o pescoço, ganhando outro gemido dela. Chupo-lhe a pele do pescoço, deixando uma marca.

– Quando gemes assim, perco a cabeça. Deixas-me louco.

Afasto-me um pouco para olhar para ela. O desejo nos olhos dela, a forma como tem os lábios entreabertos, as pupilas dilatadas.

– És a mulher mais sensual que já vi e nunca me vou faltar de ti.

– Ares – geme e eu penetro-a novamente, sem piedade, sem me importar com o barulho que estamos a fazer. O ângulo em que a penetro toca-lhe no ponto G e a forma como geme diz-me que está quase a vir-se outra vez.

– Amo-te – murmuro –, amo-te com tudo o que tenho, Raven.

Ela olha-me com tanto amor nos seus olhos que mal consigo respirar.

– Amo-te mais, Ares.

– Foda-se! – gemo, incapaz de aguentar mais. Venho-me dentro dela, bem fundo, a minha testa recostando-se na dela. – Ainda não acabei – aviso-a. – Não te vou deixar dormir esta noite.

Ela ri-se e é o primeiro som genuinamente feliz que saiu dela desde que aqui chegámos. Faço qualquer coisa para o ouvir outra vez.

Cinquenta e Quatro

Ares

Sorrio a um dos primos da Raven quando me fala da ideia supostamente brilhante que tem para um programa de televisão que acha que eu devia fazer. Não tenho coragem para lhe explicar que não os escrevo nem realizo. Sou só um investidor.

– E depois, a nave espacial explode – exclama, imitando o som de uma explosão no jardim bastante concorrido.

Anuo, mal prestando atenção.

– Acho que isso já foi feito, Nick. – Tenho a certeza de que me está a descrever a história da *Guerra das Estrelas* só com pequenas alterações.

– Sim, mas esta história é melhor.

A Hannah aproxima-se de mim e revira os olhos ao primo.

– Para de chatear o Ares – repreende enquanto me oferece uma cerveja. As olheiras dela fazem-me questionar se nos ouviu ontem à noite. Acho que dificilmente me estaria a sorrir assim se tivesse ouvido, mas, por outro lado, a Hannah é uma atriz de muito talento.

– Estou só a dar-lhe boas ideias. Vais agradecer-me quando o Ares e a Raven ficarem milionários.

A Hannah torce o nariz e eu dou um gole na minha cerveja.

– Eu e a minha mulher já somos bastante ricos, amigo. Mas vou ter as tuas ideias em consideração, obrigado.

Ele acena com a cabeça e afasta-se, imagino que em busca de outra vítima para torturar com as suas histórias.

– Não lhe lighes – diz-me a Hannah, encostando o braço dela ao meu.

Afasto-me dela, os meus olhos na Raven.

– Acabou mesmo tudo entre nós, não foi? – pergunta, seguindo o meu olhar.

Anuo.

– Sim.

Ela suspira e desvia o cabelo solto dos ombros para as costas.

– Acreditei mesmo que me ias querer de volta ao fim de três anos. Fui parva em pensar que não te aproximarias da Raven, que nada iria

acontecer entre vocês. Confiei demasiado nos dois. Sempre soube que ela tinha uma paixoneta por ti em segredo, mas tu... nunca pensei que retribuísse esses sentimentos. Nunca pensei que a visses sem ser como a minha irmã mais nova.

Olho para ela.

– A Raven é a minha esposa – lembro-a. – Ages como se eu e ela te estivéssemos a trair, mas foste tu que te afastaste. Não nos podes culpar por sermos felizes quando foste tu quem nos aproximou.

– Sempre a quiseste, verdade?

Olho para ela, surpreso.

– Desculpa?

Ela resmunga e desvia o olhar.

– Nem te atrevas a negar. Sabes quantas vezes te ouvi gemer o nome dela em sonhos? Achas que não percebia que sonhavas com ela? – Ajeita novamente o cabelo. – Se for realmente sincera, foi uma das razões pelas quais não me podia casar. Sempre achei que te tinha roubado dela, porque sempre foi suposto ser ela a tua noiva. Eu percebo. Percebo porque é que a tua avó a escolheu e não a mim. Vocês sempre tiveram uma química que me deixava ciumenta. Ainda deixa.

Os olhos da Raven encontram os meus através do jardim, mas ela desvia o olhar quase instantaneamente.

– Lamento que as coisas entre nós não tenham resultado – digo-lhe. – Mas não lamento ter seguido em frente e encontrado a felicidade que nunca teríamos os dois. Espero que também encontres a tua, Hannah.

– Não vou encontrar – contraria-me. – Ninguém me fará mais feliz do que tu, Ares. Apesar de tudo o que aconteceu, apesar de estares casado com a minha irmã, ainda é a ti que quero.

Observo a Raven entrar em casa, os ombros dela caídos. Que se passará? Porque parece tão chateada? Será que fiz algo? Merda! Não devia sequer estar a falar com a Hannah.

Pouso a minha cerveja e sigo-a.

– Com licença – digo à Hannah.

– Ares! – ela grita, surpresa, mas eu ignoro-a. – Preciso de ir ter com a minha mulher e perceber o que se passa.

Ela desaparece numa esquina e corro para a alcançar, conseguindo-o mesmo antes de ela fechar a porta da casa de banho. Olha-me boquiaberta e de olhos esbugalhados.

– Ares?

Rio-me ao entrar na casa de banho com ela e fecho a porta.

– Que estás... – agarro-a e viro-nos, encostando-a à porta. Viro-lhe a cara para mim, os meus lábios a aproximarem-se dos dela. Ela geme quando a beijo e encosto-me a ela para que sinta o meu tesão.

– Não consigo parar de olhar para ti nesse vestido branco – rosno contra os seus lábios. Ponho a mão esquerda por baixo do vestido dela enquanto me inclino e ponho os lábios no seu pescoço, mesmo por baixo da orelha.

– Estás a usar cuecas?

Ela ri-se enquanto me percorre o corpo com as mãos. Adoro como está sempre cheia de desejo.

– Pareceu-me apropriado – diz-me –, estando em casa dos meus pais.

Viro-a para ficar de frente para o espelho por cima do lavatório e ponho-me atrás dela.

– Meu amor – suspiro-lhe ao ouvido –, o que te vou fazer não tem nada de apropriado.

Levanto-lhe o vestido e enfio a mão nas cuecas dela, apreciando a sua pele suave. Deixo escapar um riso malicioso quando percebo que está molhada.

– És mesmo tarada, Raven. Sempre molhada, sempre excitada.

Enfio a outra mão no cabelo dela e inclino-lhe o pescoço, beijando-a em todos os pontos que sei serem sensíveis enquanto a acaricio com os dedos.

Penetro-a com dois dedos e encosto o polegar ao clitóris. Ela começa a mexer as ancas na minha direção e sorrio ao vê-la montar a minha mão.

– Olha para ti – suspiro –, desesperada por que eu te coma na casa de banho dos teus pais, com a casa cheia à nossa volta. Mas não queres saber, pois não? Queres é vir-te para mim.

Rio-me e tiro os dedos dela.

– Ares – ela geme, os olhos raiados de impaciência.

Desaperto o cinto e baixo as calças rapidamente. Tenho a pila tão dura que me dói.

– Preciso de ti – imploro. – Levanta o vestido.

Ela faz o que lhe digo, puxo-lhe as cuecas para o lado e penetro-a com um movimento rápido.

– Meu Deus – ela geme alto. É música para os meus ouvidos. A forma como geme, como olha para mim pelo espelho. É surreal.

Sorrio ao enlaçar um braço sobre ela e volto a acariciar-lhe o clitóris enquanto a como por trás.

– Sabes como estás sensual? O meu pau entra e sai de ti tão bem. Estás a ser uma linda menina, meu amor.

Intensifico a forma como lhe esfrego o clitóris e ela geme mais rápido, mais alto. Não me canso dela.

– Ares – suplica.

– Foda-se, Raven. Não resisto quando gemes o meu nome assim.

Aumento a intensidade, levando-a ao limite.

– Sim – ela geme. – Oh, Deus, sim!

Observo-a a vir-se pelo espelho, os olhos a fecharem-se enquanto a sua

expressão se enche de êxtase. Os músculos dela contraem-se de uma forma que me faz vir automaticamente.

– Foda-se, Raven! – rosno. Puxo-lhe a cabeça para trás e beijo-a, não querendo sair já de dentro dela.

A Raven afasta-se, as faces coradas, como que gritando «acabei de me vir». Acabei de estar dentro dela e já a quero outra vez.

Agarro-lhe as cuecas com as mãos e puxo-as para baixo ao longo das pernas. Apanho-as quando alcanço as minhas calças e ela observa-me a levá-las à cara, inspirando profundamente antes de as guardar no bolso interior do casaco.

– Vais andar por aí sem elas – digo-lhe. – E cada vez que sentires o meu esperma escorrer-te pelas coxas, quero que te relembres do quanto te quero. Nunca quis uma mulher assim, Raven. Nunca ameí ninguém como te amo. És tu. Mais ninguém.

Beijo-lhe a face antes de sair da casa de banho, deixando-a a recuperar. Não consigo parar de sorrir.

Estou tão alterado que nem o facto de a Hannah estar aqui me chateia. Sorrio-lhe ao passar por ela, completamente indiferente ao tormento que lhe leio nos olhos.

Cinquenta e Cinco

Raven

Olho para o meu reflexo no espelho, notando o batom esborratado, o cabelo despenteado e as roupas fora do sítio. Estava tão chateada por ver a Hannah a segui-lo pelo jardim, mas ele mudou-me o humor. Sabia exatamente do que precisava antes de eu o dizer.

Tento ao máximo melhorar a minha aparência, mas continuo a denunciar que acabei de dar uma rapidinha com o meu marido. Suponho que seja pelo sorriso que não consigo evitar.

Sinto-me algo tonta ao sair da casa de banho, mas passa-me logo quando vejo a Hannah encostada à parede. Olha para mim com tanto ódio que gelo imediatamente.

– Não bastava só tê-lo roubado? Também tinhas de o foder a noite toda sabendo que eu conseguia ouvir. – Abana uma mão na minha direção. – E agora isto? Tinhas de lhe roubar a atenção quando estávamos finalmente a ter uma conversa civilizada. Que estás a tentar fazer? Queres mostrar-me o quanto ele te quer? Queres esfregar-me na cara que o perdi?

Encosto-me à porta da casa de banho e abano a cabeça.

– Não, Hannah. Nunca faria isso de propósito. Tentei ser silenciosa e mesmo agora... não tem nada que ver contigo. Entrei e o Ares seguiu-me. Podias tê-lo parado se quisesse.

Ela ri-se de forma falsa.

– Estás a gozar comigo, sua estúpida? Não percebo porque é que toda a gente pensa que és tão doce e inocente, quando és uma grande cabra!

Sorriso-lhe, quase não conseguindo controlar a minha raiva.

– Talvez tenhas razão. O Ares está sempre a dizer que adora que eu seja assim, tarada. – Arregala os olhos como que não acreditando que tive coragem de dizer algo assim e encolho os ombros. – Estou farta de te fazer as vontades. Fizeste da minha vida um inferno durante anos, e eu sempre deixei, porque as coisas sempre foram assim entre nós. Mas acabou-se, Hannah. Afastares-te do Ares foi o melhor que podias ter feito por mim, mas também foi a pior coisa que me podias ter feito. O teu desprezo pela minha felicidade e planos futuros é repugnante. Estou farta de pensar que talvez, um dia, voltes a ser a irmã mais velha que costumava admirar.

Ela parece magoada por um momento, mas a raiva rapidamente toma conta dela.

– Não me venhas com merdas! – indigna-se. – Não tentes mudar de assunto e

virar isto contra mim.

Cruzo os braços e olho-a de alto a baixo.

– Nem me atrevo. Essa é a *tua* especialidade.

Ela cerra os dentes.

– Diz-me honestamente, Raven, porque assumiste o meu lugar no dia do casamento? Sabias que a avó Anne ia concordar em adiar o casamento se não o fizesses. Apesar das ameaças, nunca te ia obrigar. Ela ama-te demais para o fazer.

Anuo.

– Sim, eu sei.

Os olhos dela abrem-se.

– Então porquê?

– Porque o amo há anos. Desde que um casamento entre nós começou a ser discutido. O que sentia nunca esmoreceu. Amo-o desde ainda antes de o teres conhecido. O meu maior arrependimento é ter-vos apresentado e, quando me foi possível emendar isso, aproveitei a oportunidade. Vais culpar-me por querer seguir os meus sonhos e caminhar até àquele altar quando afastares-te dele te permitiu seguir os teus?

– Metes-me nojo – diz-me, os olhos dela a brilhar de mágoa genuína. – Estes anos todos, babaste-te pelo meu noivo, passaste tempo com ele, fingiste ser amiga dele, quando, afinal, o querias em segredo. Foi alguma vez mais do que isso? Alguma vez passaram os limites?

Lembro-me da forma como me sentei no colo dele, de como o tentei seduzir.

– Não – digo-lhe. – O Ares nunca te traiu comigo. Nunca. – Mas eu passei os limites. Sou culpada do que ela me acusa, mas assumi-lo só deterioraria o que ainda resta da nossa relação. – Hannah, porque insistes quando foste tu quem o abandonou no altar? Porque te tentas meter entre nós quando estamos *casados*? Não significa mesmo nada para ti? Não queres mesmo saber da minha felicidade?

Vejo desaparecer algum do veneno nos seus olhos.

– Eu quero que sejas feliz, Raven. Mas não com o homem que amo. Não com o homem com quem planeei o meu futuro e com quem partilho o meu passado.

Olho para a minha irmã, o meu coração partido.

– Mas sou, Hannah. Sou feliz com ele e acho que ele é feliz comigo também. Não consegues ver isso? – Prendo o cabelo atrás das orelhas e respiro tremulamente. – Nos últimos meses, destruámos a relação já tensa que tínhamos e para quê? Eu não o vou deixar, Hannah. Mesmo que tente, ele não o permitirá. Ele ama-me e eu amo-o. Sabes isso, não sabes?

– Amor – ela repete e ri-se alto. – Estás mesmo a dizer-me que ele se apaixonou por ti? Ao fim de quatro ou cinco meses de casamento? Não sejas ridícula. Está só a usar-te para me esquecer e eu não me importo, nunca serás mais do que isso.

Respiro fundo e desvio o olhar.

– Talvez tenhas razão – admito. – Mas continuo a ser a esposa dele. Vou sê-lo durante os próximos dois anos e meio, mas ambas sabemos que será por mais tempo. Mesmo que tenhas razão e que não me ame verdadeiramente... não me importo, Hannah. Amo-o o suficiente para esperar que ele me ame de volta. – Ela

olha-me incrédula. – Lamento – digo-lhe.

– Não lamentas nada.

– Hannah – digo, a voz a falhar-me –, queres que faça parte da tua vida? Porque este caminho que estamos a tomar... pode não ter retorno. Eu adoro-te, Han. Sabes que sim. Mas não me vou voltar a sacrificar por ti.

Ela revira os olhos.

– Dizes isso como se alguma vez tivesses sacrificado algo por mim.

Sorrio-lhe, o meu coração apertado.

– Não estarias aqui hoje se não o tivesse feito. E eu não existia se não fosses tu. Ambas sabemos que o pai e a mãe só me tiveram porque precisavam da minha medula óssea para te salvar. Vivi a vida toda na tua sombra, Hannah, dando-te tudo o que querias, apoiando-te de todas as formas possíveis, mesmo que isso significasse tornar-me invisível. Fartei-me. Estou farta de que me tenham como garantida. Estou farta de ser um capacho. Amo-te, mas não posso ter-te na minha vida se a única coisa que me trazes é infelicidade.

A Hannah olha para mim e respira fundo.

– Tens razão – diz. – Nunca te vou perdoar teres ido atrás do Ares como o fizeste, Raven. E não vou desistir dele. Se isso significa sacrificar a minha relação contigo, que seja. Sejamos sinceras, odiamo-nos uma à outra. Só nos toleramos porque sentimos essa obrigação.

O meu coração retrai-se de dor e respiro com dificuldade. Sempre suspeitei que me odiava, mas tentei convencer-me de que era impressão minha, a minha própria irmã não poderia sentir isso.

– Amo-te – digo-lhe, a minha voz embargada. – Amo-te desde o meu primeiro suspiro e vou amar-te até ao último. Magoa-me que não sintas o mesmo, mas, ao menos, foste sincera comigo. – Afasto-me, olhando mais uma vez para a minha irmã. – És tóxica, Hannah. Não só para mim, para ti também. Não é só a mim que perdes hoje, sabes? A cada dia que passa também te estás a perder a ti mesma. Mas sabes que mais? Não me compete salvar-te. Já não é a minha missão.

Forço-me a afastar-me da minha irmã, sabendo lá no fundo que já o devia ter feito há muito tempo.

Cinquenta e Seis

Ares

Recosto-me no nosso sofá novo, sentindo-me em casa pela primeira vez em anos. Demorou alguns meses, mas conseguimos transformar esta casa em algo nosso até ao mais ínfimo pormenor. Passar os fins de semana a fazer compras para a casa revelou-se muito mais divertido do que alguma vez pensei. Estar com alguém que valoriza a minha opinião e não quer apenas que seja tudo à sua maneira tem sido extremamente refrescante.

Suspiro ao olhar para o relógio da sala. A única coisa em falta esta noite é a Raven. Tem trabalhado até tarde todos os dias desta semana. Se não está a ser fotografada para alguma campanha, está a trabalhar na sua marca de moda ou a acompanhar a avó ou a Sierra nas suas infundáveis ações de solidariedade. É a mulher mais trabalhadora que conheço e estou orgulhoso dela, mas também sinto a sua falta.

Pego no telemóvel e vejo a conta de Instagram dela, só para olhar para ela, e, em três segundos, fico irritado com os comentários que os homens fazem. Otários! Não sabem que ela é casada?

Cerro os dentes e mudo para a minha conta. Não sou eu que faço a sua gestão e a minha equipa está encarregada de publicar conteúdo relacionado com filmes que financiámos e um ou outro acontecimento da família Windsor para me dar uma dimensão mais humana. Nunca tive qualquer interesse nisto. Apesar de trabalhar na indústria dos média, sempre achei que as redes sociais eram tóxicas... Mas, ultimamente... tenho-me interessado pelas minhas contas desde que me casei com a Raven e a imprensa tem adorado isso. Cada vez que publico uma fotografia nossa, torna-se viral.

Sorrio e publico a minha fotografia preferida da minha esposa. É uma das primeiras que lhe tirei, aquela em que está a dormir, os ombros nus. É uma óbvia fotografia pós-sexo, mas não quero saber. Até me ajuda a passar a mensagem que quero que percebam.

Sorrio ao publicar a fotografia e escrevo apenas três palavras: «a minha mulher.»

Ainda estou a sorrir quando ouço a porta abrir-se. A Raven entra, sorri

assim que me vê e vou ao encontro dela, beijando-a mais intensamente do que devia. Adoro como me abraça imediatamente, não importa onde ou com quem estamos. A reação dela nunca é ditada pelas pessoas que nos rodeiam.

– Porque estás a sorrir assim?

– Vê o Instagram, identifiquei-te numa publicação. – Os olhos dela perscrutam o meu rosto e inclina a cabeça revelando suspeição.

Franze a testa ao alcançar o telemóvel dentro da mala e, por um momento, questiono-me se não me excedi. Mas, entretanto, ela sorri e o seu rosto ganha um tom avermelhado.

– Ares – diz, a voz rouca. É tão sensual. A forma como diz o meu nome é simplesmente perfeita. – És doido, sabias?

Encolho os ombros.

– Talvez.

O sorriso dela apaga-se como sempre acontece quando pensa na Hannah. A Rave tem carregado muito mais culpa do que eu e a última discussão com a irmã partiu-lhe o coração. Foi-me mais fácil estabelecer limites com a Hannah do que alguma vez foi para a Raven.

– Andas a trabalhar demais e sabes que quando o digo é porque me preocupo contigo.

Ela anui e esfrega um ombro.

– Eu sei – murmura.

Pego-lhe gentilmente no rosto e suspiro. Tem-se enterrado em trabalho para tentar esquecer a dor que a Hannah lhe causou. Eu sou igual, percebo-a, mas não é saudável.

– Tenho uma coisa para ti – informo. – Vamos para a cozinha.

Ela anui.

– Tenho de tirar esta maquilhagem toda – responde. – Vou já ter contigo.

Beijo-lhe a testa e ela afasta-se, a sua postura a denunciar o peso da tristeza que carrega nos ombros. Sinto-me culpado pelo papel que tive na última discussão. Como lhe posso eliminar as preocupações, a dor? Devia ter-me esforçado por manter a Hannah nas nossas vidas? Devíamos ter escondido que o nosso casamento não era só de conveniência para a Hannah ter mais tempo para digerir o fim da nossa relação? Teria isso sido melhor?

Olho para o telemóvel e abro as mensagens, parando nas dezenas de mensagens não lidas da Hannah. Devia ter-me esforçado para ficarmos amigos? Não quero ser a razão pela qual a Raven perde a irmã. Já sacrificou tanto por mim e pela Hannah e não percebo como a irmã não vê isso. O facto de a Raven ter encontrado alguma alegria apesar da escolha que a Hannah fez não invalida o seu sacrifício.

Pego no *cupcake* que mandei vir de Paris e ponho-o na bancada com um sorriso. A Raven entra pouco depois, o cabelo molhado e vestindo apenas um robe de seda. Questiono-me se algum dia vai deixar de me deslumbrar. Alguma vez serei capaz de a ver entrar num sítio sem que todo o meu corpo reaja?

– Vem cá – estendo a mão e ela agarra-a, entrelaçando os dedos nos meus.

– Não comeste nada hoje, pois não?

Ela abana a cabeça.

– Quanto tempo de exercício fizeste?

– Umas três horas.

Abraço-a pela cintura e sento-a na bancada.

– Meu amor – suspiro –, não podes continuar a fazer isto. Não é saudável e não suporto ver-te assim. Estás faminta e a trabalhar demais. Para quê?

Ela abana a cabeça e pega-me no rosto, os olhos nos meus.

– Eu sei – murmura. – Tenho contratos que quero cumprir, Ares, porque as marcas de moda também são minhas colegas, eu também tenho uma marca.

Encosto a cabeça no seu peito e suspiro. Se lhe implorar, será que para de o fazer? Tenho sequer o direito de lhe pedir algo assim?

Ela enlaça-me o pescoço e apoia o queixo na minha cabeça.

– Vou deixar a minha carreira de modelo em breve – anuncia, e eu olho para cima. Sorri-me e enterra uma mão no meu cabelo. – Trabalhava muito porque não tinha mais nada na minha vida. Era um escape, Ares, mas já não preciso disso. A minha vida já não é oca e já não preciso da validação que conseguia pelo meu trabalho. Vou mudar de foco e dedicar-me em exclusivo à minha marca. Talvez me interesse também pela Windsor Media, se achares que faz sentido.

Sorrio-lhe.

– Gostava muito que o fizesses. Vamos fazer coisas maravilhosas juntos, Raven. Podemos trazer a tua marca para a empresa também e aumentamos-lhe o financiamento.

Ela anui, com um sorriso doce. Levanta a mão e passa um dedo pela minha testa, descendo vagarosamente pelo meu nariz e chegando aos lábios.

– Que se passa? – pergunta. – Não pareces feliz. Não tenho de entrar na empresa, sabes isso? Posso só dedicar-me à minha marca.

Aperto-a pela cintura com mais força e abano a cabeça.

– Não é isso. Vou ficar radiante se trabalharmos juntos, Rave. – Hesito por um instante. – Mas... lembras-te da noite em que te embebedaste e te fui buscar? Disseste uma coisa nessa noite que não consigo esquecer. E no

dia em que te dei o *tablet* voltaste a dizê-lo, falaste do trabalho como um escape. Estavas de certeza a tentar esquecer alguém e eu preciso de saber... já o esqueceste?

Os olhos dela abrem-se e depois desvia o olhar.

– Não – diz, o sorriso agridoce. Os olhos dela encontram os meus e inclina-se, acariciando-me o rosto. – Acho que nunca serei capaz de te esquecer, Ares.

– O quê?

Ela ri-se e abana a cabeça, a sua expressão vulnerável.

– Sempre foste tu. Talvez seja errado e confuso, mas eu queria-te muito antes de te poder ter. Já te amava muito antes de ter dito o sim no altar.

Agarro-lhe o queixo e aproximo-me, o meu toque desesperado ao beijá-la. Nunca quis tanto que alguém sentisse o meu amor.

– Ares – geme, as pernas apertando-se à minha volta.

Afasto-me e sorrio ao pegar no *cupcake* que lhe comprei.

– Come isto – ordeno e ponho-me de joelhos entre as suas pernas. – Tens o teu bolo – digo, enquanto lhe abro o robe –, e eu tenho o meu.

Beijo-lhe o interior da coxa e fico feliz ao perceber que não tem mais nada vestido além do robe. A Raven geme quando lhe beijo a vulva e eu sorrio ao olhar para cima, vendo-a observar-me com fogo nos olhos.

– Come tudo até à última migalha e faço-te vir. Quanto mais demorares a comê-lo, mais tempo te torturo.

Rio-me e ela enterra uma mão no meu cabelo levando a outra mão à boca e dando uma dentada no *cupcake*. Ao mesmo tempo, lambo-lhe o clitóris. Estou obcecado por ela e vou fazer com que tudo o que perdemos tenha valido a pena.

Cinquenta e Sete

Ares

Encaminho-me contrariado para casa do Zane. Se os meus irmãos não tivessem ameaçado excluir-me das noites de póquer, teria ficado em casa com a minha mulher.

Encontramo-nos uma noite por mês para jogar póquer e conversar, mas tenho faltado desde que me casei. É curioso como me custa tanto estar longe dela, mesmo que seja só por umas horas. Quero estar com ela todos os segundos do dia e mesmo isso não é suficiente.

Mordo o lábio e questiono-me se devo fazer por perder rapidamente só para ir para casa. Imagino que levantaria suspeitas e nunca mais se calariam com sermões.

Paro a meio caminho da porta do Zane e franzo a testa à figura que vislumbro entre as árvores.

– Que estás a fazer, Xavier?

Ele aproxima-se de mim.

– Tenho de ter cuidado – diz, sorrindo. – Estou morto se a tua irmã me apanha aqui. Anda ainda mais estranha do que é costume, é melhor não a provocar.

Abano a cabeça. Ele põe o dedo no leitor de impressão digital e a porta abre-se. A Sierra vai passar-se se descobrir que o Xavier é tão nosso amigo que tem os dados biométricos no nosso sistema.

– Em algum momento, a minha irmã vai descobrir que és nosso amigo e vamos todos pagar por isso.

O Xavier parece horrorizado só com a ideia e não resisto a sorrir.

– O sacana do Xavier Kingston. Bilionário. Magnata do imobiliário. Um caguinchas!

Ele olha para mim.

– A tua irmã é psicótica, amigo. Não duvido de que me tentasse matar se me visse aqui. Já te disse que, na semana passada, me enviou uma bomba de peixe?

Entramos na sala do Zane onde já estão todos os outros exceto o Luca.

– Que raio é uma bomba de peixe?

– Ela enviou-me bombas de fumo que cheiravam a peixe podre. O meu escritório ficou com esse cheiro durante uma semana!

Levanto a sobancelha.

– E que lhe fizeste tu?

Ele passa a mão pelo cabelo e abana a cabeça.

– Sei lá! Mas a bomba chegou pouco depois daquela gala de solidariedade que organizei.

Sorrio.

– Aquela à qual levaste uma acompanhante? Criaste-me um pesadelo de relações públicas com isso. Por que raio a levaste se não querias que acabasse em todas as colunas de fofocas dos jornais? Nunca levaste uma acompanhante, Xav, devias saber que, quando o fizesses pela primeira vez, ia causar curiosidade.

Ele hesita e desvia o olhar, deixando-me curioso.

– É uma pessoa especial? – Perco o sorriso ao pensar nisso. Eu e os meus irmãos sempre achámos que o ódio entre o Xavier e a Sierra era apenas amor disfarçado. Parece que estávamos errados. Aclaro a voz e desvio o olhar.

O Lexington aproxima-se de nós com um olhar preocupado.

– A Sierra sabe desta rapariga?

O Xavier franze a testa.

– Ela viu-me com a Valeria na gala, mas não percebo porque é que isso lhe interessa.

– Valeria – murmuro. Ele diz o nome dela com tanta reverência, não admira que a Sierra lhe tenha enviado uma bomba de mau cheiro.

O Zane olha para mim e abano a cabeça. Também não sei quem ela é. Apareceu de braço dado com o Xavier há duas semanas e nenhum de nós ouviu falar dela antes.

– Então e quem é ela? – pergunta o Zane. – Lembro-me de a ver. É linda, isso é um facto.

O Xavier volta-se para encarar o Zane com um sorriso arrepiante.

– Mantém-te longe dela – avisa-o. – Não me lixes, Zane. Não quero nenhum de vocês perto dela.

– Hmm – exclama o Zane –, estás a protegê-la?

O Lexington e eu olhamos um para o outro antes de acordarmos deixar morrer o assunto. Afinal de contas, o noivo da Sierra será decidido pela avó. Talvez seja melhor assim.

Encaminho-me para a mesa e pego nas cartas, baralhando-as sem pensar em nada. Tenho de contar isto à minha mulher. Questiono-me o que achará. Sei que também pensa que há algo entre a Sierra e o Xavier.

O Luca entra, aos tropeções, com uma garrafa de *whisky* nas mãos. Não me lembro da última vez que o vi bêbedo. Não gosta de perder o controlo e

odeia beber demais.

– Luca – diz o Zane –, estás bem?

Ele pousa a garrafa na mesa de póquer e senta-se, dando uma gargalhada sem prazer.

– Claro que estou bem – ironiza. – Porque não estaria? Passo bem sem ela. Não preciso dela.

O Lexington olha para mim com uma pergunta no olhar, mas eu também não sei o que se passa. Costumo ser eu a saber as tretas que se passam com os meus irmãos para poder evitar escândalos, mas tenho estado mais preocupado com a minha esposa.

– É a tua noiva? – pergunto, confuso.

Ele olha para mim.

– Nem me lembro do nome dela – resmunga.

– Valentina – diz o Xavier, confiante. – Isto é sobre a Valentina.

O Luca olha para cima, atormentado.

– Ela deixou-me.

O Lex franze a testa.

– Que quer isso dizer? *Deixou-te*? Vocês... andavam?

O Luca levanta a mão irritado.

– Não, claro que não. É a *Valentina*. Eu não... não ia arriscar. Não quando nem sei se me podia casar com ela. Ela... apresentou a demissão.

Sento-me junto do Luca e recosto-me, chocado.

– Ela esteve contigo o quê? Oito anos?

Ele anui.

– Sim. Acabada de sair da universidade. Ambos tínhamos acabado de sair, na verdade. Eu pensei que... não sei. Não sei no que estava a pensar.

O Xavier começa a arrumar a mesa, tirando as fichas de póquer, enquanto o Zane nos serve a todos um copo do *whisky* do Luca.

– Precisamos de gelo – diz, convicto.

– Precisamos de mais do que disso – acrescenta o Lex.

– Ela disse-te porque se despediu? – pergunta o Xavier.

O Luca ri-se sombriamente.

– Disse que queria começar de novo e ter uma vida própria. Diz que se dedicou demais a mim e que não quer passar os melhores anos da sua vida a trabalhar para alguém que não a valoriza. – Leva as mãos à cabeça. – Dá para acreditar nisto? Dei-lhe uma casa e um carro da empresa. Tem motorista e guarda-costas. É das pessoas mais bem pagas da empresa. Dei-lhe tudo. E diz-me que não a valorizo? – Olha para o teto por um instante.

– Não percebo. Pedi-lhe que enviasse flores à minha noiva e ela despede-se. Há anos que envia flores à Raven e à Sierra nos aniversários delas e em ocasiões especiais, mas, de repente, é algo que não lhe compete?

Sorrio-lhe e abano a cabeça.

– És mesmo idiota!

Ele olha para mim tão desamparado que disfarço um sorriso, olhando para o Zane que me sorri de volta.

– Imagino que seja o melhor para ela – começa o Zane. – Devia sair mais vezes, encontrar alguém com quem possa assentar. Ela tem razão, sabes? A Val trabalhava demais. Dispunhas dela 24 horas por dia e mal tinha vida social. Ela janta mais vezes com a nossa família do que com a dela porque não podes passar sem ela. Espero que encontre um homem maravilhoso e se case com ele. Que tenha um ou dois filhos.

O horror na expressão do Luca dificulta-nos manter uma expressão séria, mas conseguimos. O Luca levanta-se de rompante, a cadeira caindo ao chão ruidosamente.

– Arranja-me um motorista – pede-me. – Preciso de ir a um sítio.

O Zane anui e pega no telemóvel com um sorriso. Entretanto, o Xavier continua a olhar para nós, confuso.

O Luca sai porta fora e o Xavier vira-se para nós.

– Pensei que todos os vossos casamentos eram decididos pela vossa avó? É boa ideia apoiá-lo nisto?

Cruzo os braços e abano a cabeça.

– A avó está errada em relação ao Luca – digo-lhe. – Pode ter acertado com a Raven, mas esteve quase a cometer um erro. O Luca e a Valentina foram feitos um para o outro. Toda a gente o vê menos eles.

Ele parece preocupado e, sinceramente, eu também. Mas é um risco que vale a pena correr. Se ele não age agora, pode perdê-la para sempre. Se agir? Pode acabar por ter tudo o que deseja.

Eu sei do que falo.

Sinto o mesmo em relação à Raven.

Cinquenta e Oito

Raven

Encosto a cabeça no ombro do Ares e aninho-me no sofá. Estou a desenhar no meu *tablet* e ele está a ler documentos no portátil, sinto-me tão plena de alegria esta noite. Gosto de partilhar as coisas simples com ele.

– Senhor e Senhora Windsor?

Sentamo-nos os dois surpresos quando um dos nossos guarda-costas entra na sala. A nossa equipa é sempre tão invisível que facilmente nos esquecemos da sua existência. Nunca entram em casa quando cá estamos.

– Que se passa? – pergunta o Ares.

Ele hesita por um momento.

– A Hannah Du Pont está ao portão. Negámos-lhe a entrada, mas não nos parece que esteja bem. Aconselho-os a deixarem-na entrar antes que faça uma cena e atraia os média.

O Ares olha para mim e eu anuo. Se o que ele diz é verdade, algo de errado se passa. A Hannah nunca arriscaria fazer uma cena. Preocupa-se mais com a sua reputação do que com qualquer um de nós.

– Deixem-na entrar – digo.

Pego no telemóvel e vejo as câmaras de vigilância. Os portões da mansão abrem-se e ela entra com o carro. Levará apenas alguns minutos a entrar em casa e quanto mais se aproxima, mais me sinto apreensiva. Tenho um mau pressentimento em relação a isto.

Nunca mais falei com ela desde que lhe perguntei se me queria na sua vida e não pensei que o voltasse a fazer. Antecipei vê-la em ocasiões sociais, mas aqui? Nunca imaginei que viesse novamente à nossa casa.

A Hannah parece perturbada ao entrar, com o Ben a seu lado. Ela para e olha ao redor, o rosto traindo-lhe o choque que sente.

– Vejo que redecoraram a casa – observa, o tom dela calmo e convicto. Não deteto o veneno que esperava e sinto-me desconfortável com isso. Tendo em conta como as coisas ficaram entre nós, nunca estaria à minha frente sem segundas intenções.

Aproxima-se de nós e senta-se num sofá próximo do nosso, o olhar dela circulando entre mim e o Ares. Sinto uma trepidação na espinha quando aperta as mãos nervosamente.

Normalmente, nunca tira os olhos do Ares. Desta vez, encara-me com um olhar que se assemelha a remorso.

– Desculpem aparecer assim – diz, a cabeça baixa. Os olhos estão lacrimejantes e respira tremulamente. A forma como tem os braços à sua volta torna-a tão vulnerável, mas acho que não passa de uma encenação. Devia ter adivinhado que nunca me iria deixar ganhar – não quando fico com tudo, o Ares e a empresa dos nossos pais.

– Eu... não há uma forma fácil de dizer isto... – Levanta a cabeça e olha-me nos olhos. – Estou grávida.

Ela o quê? O meu coração dispara e sinto-me nauseada, as palavras dela a repetirem-se na minha mente. Invade-me um medo como nunca senti e olho para a minha irmã. Ela parece tão incomodada, mas reconheço o brilho no seu olhar. É como sempre me olhou quando fingia que não gostava que a mãe a favorecesse em relação a mim.

Envolvo-me com os braços e respiro fundo para me acalmar. Isto não está a acontecer!

O olhar dela direciona-se para o Ares.

– Estou de cinco meses. Obviamente, é teu.

O Ares fica tenso e procura a minha mão, entrelaçando os nossos dedos antes de pôr as nossas mãos no seu colo. Está tão incrédulo como eu.

– Não percebi durante bastante tempo. Sabes como sou irregular, Ares. Só quando comecei a engordar sem motivo me lembrei de fazer um teste. Não tive sintomas nenhuns. Nada de enjoos, nada de nada. Nem se notava até há duas semanas. Eu... é uma gravidez de alto risco, Ares, e... preciso de ti. Não consigo fazer isto sozinha e estou assustada.

O Ares põe o braço livre sobre o meu ombro e aperta-me com força, as nossas mãos ainda no seu colo. Tenho medo de olhar para ele porque receio ler felicidade na sua expressão. Cinco meses... significa que dormiu com ela dias antes do nosso casamento. Ou logo *depois*. Mordo o lábio com força tentando controlar a respiração. Sinto o pânico encher-me o peito, ameaçando tomar conta de mim. Será que me traiu?

O Ares larga a minha mão e pega no telemóvel. Começa a escrever antes de fazer uma chamada.

– Preciso de um médico – exige. – Mandem um médico a minha casa e quero que chegue em dez minutos.

A Hannah arregala os olhos.

– Não acreditas em mim? – pergunta, chocada.

O Ares sorri timidamente.

– Só quero ter a certeza – explica. – Se estás grávida de mim, é importante que tudo esteja bem contigo. Especialmente se é uma gravidez de alto risco.

Desenha círculos com os dedos no meu ombro, por certo tentando confortar-me, mas nada conseguirá acalmar o meu coração palpitante. Como pode ela estar grávida? Que significa isto para nós? Tenho a cabeça à roda e tento ao máximo controlar-me. Não me posso dar ao luxo de entrar em pânico. Já consigo ver a minha vida com o Ares a ruir, a presença da Hannah a sufocar-me.

O médico chega e eu levanto-me, impaciente para chegar ao fundo disto. Rogar para que ela não esteja grávida faz de mim uma pessoa horrível? Eu e o

Ares encontrámos finalmente a nossa felicidade e isto... vai acabar com tudo. Foi praticamente impossível focar-me no meu casamento e alcançar a felicidade nos últimos meses. Quão mais difícil ela o tornará se houver uma criança?

– Raven – chama o Ares, alcançando-me. Põe as mãos nos meus ombros e aperta-os com força. – Sou teu, aconteça o que acontecer. Não há nada que não possamos ultrapassar, isto não será diferente.

– Como é que isto não é diferente, Ares? – pergunto, desesperada. – É uma criança. Uma vida *inocente*.

Ele pega-me no rosto e anui.

– Sim, é verdade. Vamos lidar com uma coisa de cada vez.

Ele acha que ela está a mentir, mas eu sei que não está. A Hannah é demasiado inteligente para cair nesse erro. Sento-me, derrotada, quando o médico regressa com uma expressão sombria. Olha para o Ares e acena com a cabeça.

– Está grávida de cinco meses. O bebé é saudável, mas a mãe está sob demasiado *stress*. Referiu ansiedade e insónias. A pressão arterial está mais alta do que devia. É preciso tomar conta dela.

Olho resignada para a minha aliança. Ela disse que ele acabaria por voltar para ela e tinha razão. Como mãe de uma criança dele, não há como escapar-lhe.

Que impacto tem isto em nós? Esta criança é minha sobrinha ou enteada? Terá duas famílias? Ou ele vai querer voltar para ela, para bem da criança? Sei a importância que a família tem para o Ares. Não vai querer que esta criança cresça com pais separados. Não vai aceitar vê-la só aos fins de semana.

– Raven?

Olho para cima e percebo que o médico já se foi embora. Há quanto tempo estou aqui sentada, perdida nos meus pensamentos?

– Onde está a Hannah?

– Está deitada no quarto de hóspedes. – O Ares ajoelha-se à minha frente e pega-me nas mãos, apertando-as com força. – Estás bem?

Olho-o nos olhos e forço-me a esboçar um sorriso.

– Parabéns – digo, quase sem voz. – Vais ser pai. – Engulo a mágoa e respiro tremulamente. Sonhei dizer-lhe estas palavras um dia, mas seriam sobre uma gravidez minha. Ter uma família com o Ares é um sonho recente, mais um que ela conseguiu roubar.

Liberto as minhas mãos e cruzo os braços olhando pela janela atrás dele, o meu coração destroçado.

– Traíste-me, Ares?

Ele agarra-me o queixo e vira-me para ele.

– Não – afirma, olhando-me nos olhos. Parece tão atormentado como eu. – Nunca o fiz, nunca o farei. Isto não mudará nada entre nós a não ser que o queiras.

Olho para ele, admirando o seu queixo definido e aqueles lindos olhos verdes. Terá a criança os olhos dele? O sorriso dele?

– Dá-me um momento de honestidade, Ares. *Queres* que isto mude as coisas entre nós? Estás a dizê-lo assim para que eu sinta que tenho de tomar a decisão de me afastar? Estás a pedir-me que faça o que tu não consegues fazer, para que não te sintas culpado por escolheres o teu bebé e a mãe dele?

Os olhos dele abrem-se e pega-me nas mãos.

– Momento de honestidade – repete. – Por dentro, estou a rezar para que me digas que isto não tem impacto em nós e que vamos encontrar forma de ultrapassar isto juntos. Estava tão orgulhoso por teres conseguido cortar tudo com a Hannah e agora somos obrigados a aceitá-la nas nossas vidas de uma maneira que parece inimaginável. Tenho medo de te magoar, de te estar a pedir demais. Não sei o que devemos fazer, preciso que sejas tu a dizer-me.

Anuo e desvio o olhar.

– Quem me dera saber – suspiro. – Quem me dera ter as palavras certas para ti neste momento, mas não tenho. Só sei que a criança não merece sofrer. Estarei aqui para ti, Ares, para o que precisares. Vou cuidar desta criança contigo, se é o que queres que faça. Não tenho dúvidas sobre o amor que tenho por ti e, mesmo que seja difícil, sei que vou amar esta criança. Só não sei se sobrevivo a termos a Hannah nas nossas vidas.

Ele deita a cabeça no meu colo, os braços enrolados na minha cintura. Devia saber que não podia ter o meu *felizes para sempre* tão facilmente. A felicidade nunca esteve ao meu alcance. O *Ares* também não.

Cinquenta e Nove

Ares

Olho para cima quando a Hannah entra na cozinha, as olheiras dela notórias. Examino-a por momentos, incrédulo. Estará mesmo grávida de mim? Sempre foi tão inflexível sobre termos um filho nos próximos anos, como pôde deixar que isto acontecesse? *Quando é que isto aconteceu?* Nas semanas antes do casamento, estávamos sempre a discutir. Nem me lembro da última vez que dormimos juntos. Só pode ter sido na noite em que bebi demais, pouco depois de a Raven se ter sentado ao meu colo. Acordei com a Hannah na minha cama quando era a Raven que queria lá.

A Hannah senta-se à mesa do pequeno-almoço e o sorriso dela corrói-me por dentro. A expressão dela é tão presunçosa, como se tivesse ganhado um jogo qualquer. Não me surpreenderia se sentisse isso mesmo. Passa a vida a brincar com as vidas das pessoas.

– Onde está a Raven?

Cerro os dentes. Não gosto de a ouvir dizer o nome da minha esposa. Acende em mim o instinto protetor e sinto-me impotente. Destruí-la-ia se me fosse possível, mas tornou-se agora ainda mais intocável. Não só é a irmã da minha esposa, como também a mãe do meu bebé – supostamente.

– Está a trabalhar. Mal dormiu e saiu cedo.

A Hannah anui.

– Não deve ser fácil para ela, saber que vamos ter um filho juntos. Imagino que mais do que nunca se arrependa de ter casado contigo.

O meu coração contrai-se de dor e medo. Quando falámos, pareceu-me que estávamos em sintonia, mas quanto tempo irá durar? Custou-lhe tanto cortar relações com a Hannah e agora acontece isto. Só o facto de estar perto dela parte o coração da Raven. Que lhe fará esta gravidez? Nunca senti tanto ódio e impotência. Não há poder ou dinheiro que nos livre da dor que vamos enfrentar. Como posso suportar ver a minha esposa chorar até adormecer de cada vez que a Hannah a magoa? E se vira esta criança contra a Raven também? Partir-lhe-ia o coração, continuamente, durante anos.

– Vamos? – pergunto. – Vamos mesmo ter um bebé juntos? É mesmo

meu?

Reconheço mágoa no olhar dela e suspiro. Nunca sei o que é real nela. Não sei se está a representar e não me surpreenderia se estivesse.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas e põe uma mão sobre a barriga.

– Claro que sim, Ares. Que... como podes... – Desvia o olhar, uma lágrima correndo-lhe pela cara. – A Raven pôs-te mesmo a odiar-me. Como? Como conseguiu em apenas alguns meses apagar um amor que durou anos?

Cerro a mão num punho, suprimindo a vontade que tenho de berrar com ela.

– Não pôs – corrijo, a minha voz calma. – Ninguém tem o poder de fazer com que uma pessoa deixe de amar outra, Hannah. Ela não me roubou. A nossa relação já tinha terminado muito antes de te teres afastado. O que nós tivemos... nasceu de uma obrigação.

– E o que tens com ela não?

Desvio o olhar e abano a cabeça.

– Não. É diferente. Eu não tinha intenções de fazer com que as coisas resultassem com ela. No máximo, queria dar-lhe toda a liberdade que desejasse. Não tinha quaisquer expectativas em relação à Raven, mas, com o tempo, dei por mim a desejá-la mais e mais. – Olho-a nos olhos e respiro fundo. – Acho que sabes tão bem quanto eu que isto estava a acontecer há anos. Eu apenas não o tinha percebido.

Uma dor genuína percorre-lhe os olhos e encolhe-se.

– É isto que vai acontecer, Ares? O nosso bebé vai crescer com uns pais que não conseguem ter uma conversa que não seja inundada de ressentimento?

Desvio o olhar, incapaz de imaginar um futuro para nós os quatro. Respiro fundo e passo-lhe uma pilha de papéis.

– Se vamos ter um bebé juntos, temos de chegar a um acordo sobre como o vamos criar.

Ela pega nos documentos, abrindo os olhos.

– Queres *adotar* o bebé?

Anuo.

– Vamos ser sinceros, Hannah. Tu não podes criar uma criança e eu posso. Eu e a Raven podemos. Quero ficar com a guarda da criança e terás sempre direito de visita. Poderás continuar a filmar e a trabalhar. A tua vida não sofrerá qualquer impacto e o nosso filho será criado numa casa com amor. Não lhe faltará nada.

A Hannah espalha os papéis sobre a bancada, que voam para o chão.

– *Nunca* irei abandonar um filho meu – diz, com a voz a falhar-lhe. – Como me podes pedir algo assim?

– Não te estou a pedir que o abandones, Hannah. Poderás vê-lo quando

quiseres. É no teu melhor interesse também, ou não? Sempre puseste a tua carreira em primeiro lugar. Isto vai permitir-te ver o bebé sem que tenhas obrigações.

Ela abana a cabeça.

– Achas que sou estúpida, Ares? Achas mesmo que te vou deixar roubar o nosso bebé? Assino isto e, quando der por mim, estou totalmente fora das vossas vidas. Não o vou permitir. Foi ideia da Raven? Não lhe basta ser uma destruidora de lares? Não lhe basta estar a sujeitar esta criança a crescer num lar destroçado?

– Cuidado com o que dizes – atiro-lhe. – Estou farto de que ponhas palavras na boca dela e a culpes por coisas que não fez. Tu afastaste-te, Hannah. Fim da história. A Raven é a minha esposa e vais respeitá-la! Nem sequer tentes fazer este jogo comigo. Ela pode não te responder à letra, mas eu não me vou acanhar. Se vais fazer parte das nossas vidas, é bom que aprendas qual é o teu lugar.

Ela levanta as mãos e aplaude devagar, as lágrimas caindo-lhe rosto abaixo.

– Que bonito – ironiza. – Estás um ótimo cãozinho amestrado. Que raio te fez ela? Achas que não percebo que isto não és tu, que não são palavras tuas? Estive contigo durante anos, Ares, e, em todo esse tempo, nunca me falaste assim, mesmo nas nossas piores discussões. Mas desde que estás com a Raven, estás diferente, e não é suposto ser influência dela? É assim que o nosso filho vai crescer, Ares? Com um pai que desrespeita a mãe porque a cabra da madrastra o pediu? Que mais me vais fazer e ao nosso bebé só porque ela te pede?

Sorrio-lhe sem vontade.

– Nunca me conheceste verdadeiramente, Hannah. Sabes porque me apaixonei tanto por ela e tão rápido? Porque nunca te amei. Eras uma obrigação, algo que eu tolerava e apaziguava porque não tinha escolha. Nunca perdi a paciência contigo porque nunca me preocupei contigo.

Ela salta do lugar e aproxima-se de mim.

– É isso que dizes a ti mesmo para conseguires dormir? – pergunta-me com um dedo espetado no meu peito. – Vais mesmo reduzir tudo o que tivemos a uma *obrigação*? É isso que o nosso filho é para ti? – Põe uma mão sobre a barriga e funga. – Não há uma parte de ti que queira criar este bebé comigo?

Não queres o melhor para ele? Estás mesmo tão cego pela Raven que não vês como me magoas? E o quanto as tuas ações vão acabar por magoar o bebé também? Ela nunca o vai amar como eu. Como poderá aceitar e amar uma criança que não é dela, que lhe lembra o nosso passado?

Passo uma mão pelo cabelo, sem saber o que fazer. Não imaginei que esta conversa fosse dar aqui. Não devia ter perdido a paciência com ela. Se

tivesse agido com ela como sempre o fiz, podia ter conseguido que assinasse o acordo.

– Ares – apela, pestanejando –, não... não me sinto bem.

Franze as sobrancelhas e vejo-a balançar o corpo. Agarro-a enquanto desmaia, o corpo dela caindo pesado nos meus braços.

– Foda-se! Precisamos de um médico.

Sessenta

Raven

Estaciono o carro e olho para a porta, ganhando coragem para entrar. Passei o dia a pensar na gravidez da Hannah e no que isso significa para todos nós. Mais do que nunca, sinto-me consumida pela culpa, a ponto de duvidar de todas as decisões que tomei. Nunca me senti tão egoísta, tão má pessoa.

Quando casei com o Ares, questioneei-me se algum dia me iria arrepender. Nessa altura, convenci-me de que me iria arrepender mais das coisas que não fizesse. Não podia estar mais errada.

O Ares e a Hannah vão construir uma família, quer queira, quer não. Vão ter uma ligação inquebrável e eu serei sempre um terceiro elemento. Por causa da decisão que tomei, estou a privar uma criança inocente de crescer com os pais juntos numa frente unida. Se não me tivesse casado com o Ares, teriam descoberto a gravidez ainda juntos, com o casamento adiado. Tê-los-ia unido, reduzindo a distância que a carreira da Hannah provocou ao longo dos anos. Talvez ainda o faça.

Expiro e abro a porta do carro. Nunca receei tanto entrar em casa. Independentemente do que se estivesse a passar, ficava sempre entusiasmada por ver o Ares, mas hoje nem o consigo encarar.

Como posso olhar para o homem que amo sabendo o que fiz? Escolhi casar com ele consciente de que se não o fizesse, a avó Anne teria perdoado a Hannah e, a seu tempo, tê-la-ia aceitado na família. Meti-me entre eles porque fui egoísta e agora estou a pagar o preço disso.

Entro na casa que hoje tanto estimo, a casa que eu e o Ares construímos juntos, e tudo me parece tão instável. Quando me convenci a escolher a felicidade, a pôr-me em primeiro lugar... a vida mostrou-me que não o mereço.

Fico tensa quando ouço a voz da avó, o meu coração dispara. Devia ter imaginado que ela não demoraria a descobrir o que se passa. Sem dúvida estará ansiosa por ter o primeiro bisneto e vou ficar destruída ao vê-la com a Hannah. É como se tudo o que quero da vida não pudesse ser meu antes de ser da Hannah primeiro.

Sigo a voz dela até ao quarto de hóspedes e paro à porta. A Hannah está deitada na cama e o Ares está sentado à cabeceira, a ampará-la enquanto lhe dá de beber com um copo. A forma como olha para ela, tão preocupado... sinto o estômago às voltas. A paciência que tem com ela, o cuidado dele. É como se voltasse ao passado, como quando os observava de fora.

A avó senta-se perto da cama, de braços cruzados.

– Estás grávida do meu primeiro bisneto – diz, o seu tom calmo e terno. – Precisas de cuidar de ti, Hannah. – Vira-se para o Ares. – E o mesmo se aplica a ti. Ela está grávida de ti, Ares. Sei que a situação não é a ideal, mas vamos tirar o melhor partido dela, como uma *família*.

A Hannah olha para ela com lágrimas nos olhos.

– Eu vim cá porque concordo, avó. Pensei que a minha irmã e o Ares seriam as duas pessoas que mais me apoiariam. Pensei que aqui ia estar longe da imprensa até decidirmos como as nossas vidas vão mudar, mas eles não me querem aqui. O Ares pediu-me que me fosse embora... e acho que o devo fazer. Nunca devia ter vindo aqui.

A avó fica em silêncio por um instante.

– O médico mandou-te ficar de cama, Hannah. Quero que fiques aqui até te sentires melhor. Será bom tu, o Ares e a Raven passarem algum tempo juntos. Afinal, esta gravidez entrelaça o vosso futuro. Quanto mais se evitarem, maior será o rancor quando tiverem de se enfrentar. Pelo bem do meu bisneto, têm de ultrapassar as vossas diferenças.

– Não – contraria o Ares, libertando o braço. Pousa o copo e levanta-se. – Ela não pode ficar aqui. Percebo as tuas intenções, avó, e concordo que temos de aprender a conviver, mas este não é o momento.

A avó levanta-lhe uma mão.

– Não há melhor altura do que o presente, Ares. Daqui a apenas quatro meses, vais ser pai. Isto não é algo que possas evitar. É melhor que o encares já. Os três terão de aprender a criar esta criança porque ela vai precisar de vocês e não podem deixar que cresça num ambiente hostil. – Vira-se para mim e fico tensa. Não percebi que tinha reparado na minha presença. – Não concordas, Raven?

Anuo e disfarço o sentimento de traição que sinto. Ela está certa, é um facto, mas não o consigo aceitar. Não quero a Hannah na minha casa. Não suporto ter de testemunhar mais momentos como o que acabei de ver. Não quero ser testemunha do inevitável reacender da relação deles.

O Ares vira-se, o seu olhar surpreso.

– *Cupcake* – diz, encaminhando-se para mim.

Dou um passo atrás e forço um sorriso.

– Podes ficar neste quarto – digo à Hannah. Ela olha-me por um momento antes de acenar com a cabeça, os cantos da boca esboçando um pequeno sorriso. Há algo na forma como olha para mim que me deixa transtornada. Talvez seja o olhar jocoso, sabendo que não precisa da minha compreensão ou autorização quando tem a avó Anne do lado dela.

Afasto-me e dirijo-me ao quarto, o meu coração destroçado. Todos os meus piores pesadelos tornaram-se realidade. Vê-los juntos quando eu e o Ares éramos só amigos era suportável porque me podia esconder atrás da nossa amizade. Agora? Tenho de testemunhar o meu marido a apaixonar-se novamente pela mulher de quem o afastei.

– Raven!

Gelo ao ouvir a voz da avó e viro-me com um sorriso educado. O olhar dela

percorre-me o rosto, a sua expressão preocupada.

– Estás bem, minha querida?

Anuo.

– Claro.

A avó desvia o olhar.

– A culpa é minha. Sei que estás a sofrer, Raven. Não estarias nesta situação se não fosse eu. Fui eu que exigi que casasses com o Ares, mas devia ter percebido que era tarde demais para vocês. Ao longo dos anos, o destino sempre aproximou o Ares e a Hannah, uma e outra vez. Fui parva por pensar que os podia separar. As minhas tentativas magoaram-te e peço-te desculpa por isso.

Abano a cabeça.

– Não, avó. Não faz mal, prometo. O Ares e eu vamos ficar bem. Estava certa quanto a nós e nunca a culparei pela situação em que nos pôs. Até lhe estou grata por isso. Os últimos meses foram os mais felizes da minha vida.

O seu olhar examina-me com atenção.

– Mas essa felicidade não pode durar, não vai durar. Minha querida, achas que não reparei na dor nos teus lindos olhos sempre que vias o Ares com a Hannah?

Desvio o olhar e cruzo os braços sobre mim num instinto protetor. Fui assim tão transparente? A minha mente regressa involuntariamente ao momento em que a Hannah me disse que fazia piadas com o Ares sobre a minha paixoneta. Toda a gente sabia?

– Não te quero ver a desanimar nos próximos meses, Raven. Ele pode estar zangado e em choque neste momento, mas ambas sabemos que o seu instinto protetor vai acordar em breve. Não vai demorar até que entenda que ela está grávida dele. Fará tudo pelo seu bebé, sabes isso, não sabes? Serás capaz de suportar vê-lo preocupado com ela? O teu coração ficará intacto quando o vires pôr uma mão na barriga dela para sentir um pontapé do bebé? Eles partilharão todos esses momentos dos quais tu não fazes parte e isso irá magoar-te.

Respiro tremulamente e levanto a cabeça.

– E, então, o que me propõe que faça, avó?

– Minha querida, não sei o que é o mais correto, mas quero que penses na tua felicidade. Não era isto que queria para ti. Durante anos, vi-te murchar devido ao teu amor pelo Ares. Não quero que isso volte a acontecer. Deves viver um amor tão grande que ofusque tudo à volta. Nunca deves ser uma segunda escolha e nunca deves ter de lutar pela atenção de um homem. E esse é o futuro que te espera com o Ares. A Hannah não o deixará em paz e o que os une agora nunca poderá ser quebrado. – Ela desvia o olhar por um instante, visivelmente triste. – Amo-te tanto quanto amo a Sierra. Sempre te vi como minha, Raven. Muito antes de teres casado com o Ares, para mim, já eras uma Windsor. – Aproxima-se de mim e pega-me no rosto, o polegar dela a apagar uma lágrima que nem senti cair. – Minha querida, se te queres libertar, eu deixo-te ir. Dou-te metade da Windsor Media e todo o meu apoio. Nunca te devia ter pedido que casasses com o Ares. Deixa-me corrigir o meu erro, Raven.

Afasto-me dela, em choque.

– Está a pedir-me que me divorcie do Ares?

A avó abana a cabeça.

– Não, Raven. Nunca te pediria isso. Não podia querer mais ter-te nas nossas vidas. O que te estou a pedir é que tomes uma decisão. Escolhe a felicidade. Dá prioridade a ti mesma. Ninguém o fará por ti. Tenho esperança de que reflitas e escolhas o Ares, ainda assim, mas quero que saibas que tens o meu apoio se decidires o contrário.

Sorri-me e põe-se em bicos de pés para me beijar a testa antes de se ir embora, deixando-me assombrada por mil dúvidas.

Sessenta e Um

Raven

Sinto-me uma convidada na minha própria casa. Eu e o Ares empenhámo-nos tanto em redecorar a casa e, durante algum tempo, funcionou muito bem. Permitiu-nos sentir que estávamos a começar de fresco. Mas, para onde quer que olhe, vejo a Hannah.

Em apenas alguns dias, consegui invadir todos os aspetos da vida de onde a tentei eliminar, seja com a sua caneca favorita pousada na bancada, uma manta nova no nosso sofá ou as incontáveis revistas de maternidade espalhadas pela casa. É como se estivesse a tentar agarrar cada oportunidade que tem para me relembrar de que vai ter um filho com o meu marido.

Desde que se mudou que mal troquei uma palavra com ela e, para minha surpresa, também não me tentou provocar. Não se tem metido no meu caminho e, quando nos cruzamos, sorri-me com ternura.

Isto só me faz sentir ainda pior. Quem me dera que descarregasse em mim para poder justificar o ódio que sinto. A forma como se tem comportado lembra-me o passado, quando era tão cega que não via o seu veneno e como me deixava à beira do abismo.

– Rave?

Gelo ao ouvir a voz dela. Junta-se a mim na cozinha, entrando com a mão sobre a barriga.

– Meu Deus, estou sempre com fome – resmunga.

Observo-a a ir ao frigorífico e a vasculhar o interior. Irrita-me sem qualquer motivo. Ela não está a fazer nada de errado, mas tê-la em minha casa está a matar-me.

Pega numa caixa de morangos e encosta-se à bancada.

– Como estás? Tens andado tão calada.

Levo a chávena de café aos lábios e bebo um gole, forçando-me a ficar ali quando só quero esconder-me no meu quarto.

– Está tudo bem.

A Hannah olha para mim e anui vagarosamente.

– Eu percebo – reconhece. – É estranho pensar que eu e o Ares vamos ser pais. A situação é complicada. Mas vamos tirar o melhor partido disto, não vamos? Sempre o fizemos.

Assinto, sentindo-me em conflito. Nos últimos meses tem sido tão antagónica que mal sei como lidar com ela quando não o é.

– Eu e o Ares vamos fazer uma ecografia em breve para sabermos o sexo. Queres vir connosco? – Hesita por um momento. – Vais fazer parte da vida do nosso bebé. Quero que te sintas incluída. Nós os quatro vamos ser uma família.

Olho para ela, o meu coração em cacos.

– Parece-me bem – força-me a dizer.

– É estranho, não é? A forma como tudo se voltou a compor. É como se o destino estivesse a intervir, a mostrar-nos que eu e o Ares devemos continuar juntos. A única peça do *puzzle* que está fora do sítio és *tu*. – Abre os olhos e sorri.

– Desculpa, não era o que queria dizer, expressei-me mal.

Desvia o olhar e come um morango, mastigando devagar.

– Questiono-me como ele vai reagir quando o nosso bebé tiver idade para perguntar porque a mamã e o papá não vivem juntos. Tenho tantas perguntas, sabes? Como vai ser quando tivermos reuniões de pais na escola? Vamos os três? E no futuro próximo? Vão estar aqui os dois quando entrar em trabalho de parto? Vão acordar a meio da noite para me ajudar a amamentar? – Ajeita o cabelo. – Sei que não tenho estado em mim ultimamente, mas esta gravidez deu-me uma nova perspetiva sobre as coisas. Nada mais importa, a não ser o bem-estar do meu bebé, Raven. – Faz uma pausa. – Não podes compreender. – Olha para mim como que pedindo desculpa. – Imagino que nunca compreenderás. O Ares sempre disse que só queria um filho.

Olho para ela, a minha alma exausta.

– Hannah – digo, ternamente –, não tenho respostas para ti, mas também não é isso que queres, pois não? Porque não paramos com os jogos? Eu ouvi-te, Hannah. Sou o empecilho que não te deixa ter uma família feliz com o Ares porque casei com ele, não é? Talvez seja. Mas mesmo que me afaste, não voltarão a ter o que tinham. Não vês que ele me ama?

Ela sorri e deixa de representar, a crueldade tomando conta do seu olhar.

– Vejo que ele se sente atraído por ti. Vai passar. O amor que ele acha que sente por ti será sempre inferior ao que vai sentir por esta criança. O Ares é um homem de honra e vai fazer tudo para dar ao seu bebé a vida que merece. Que achas que isso vai significar para ti?

Abano a cabeça.

– Como é que isso poderá funcionar? Vais admitir perante o mundo que dormiste com o marido da tua irmã? Vais mesmo arriscar a tua reputação?

Ela sorri-me.

– Porque não? Afinal, tenho anos de provas de que era comigo que ele tinha uma relação. Se contar a história de como as regras da família Windsor nos afastaram sem piedade, os média vão pegar nela.

O meu coração dispara perante esta imagem.

– Vai ser um escândalo enorme, Hannah. Quem é que isso vai beneficiar?

Ela encolhe os ombros.

– Eu sei, mas o meu filho não vai crescer como um segredo sujo. É um Windsor, afinal de contas. Não vou deixar que o Ares esconda o nosso bebé. Se não fosses tu, podíamos educar o nosso bebé juntos. – Desvia o olhar. – Se te afastares sem causar alarido e nos permitires reatar a nossa relação, ficarei calada. Reformo-

me e ninguém querera saber se tive um filho, muito menos de quem é. O meu bebé vai crescer com os dois pais num lar cheio de amor. O Ares conhece gente suficiente para garantir que a tua carreira não sofrerá com isso. Manteremos os rumores no mínimo possível.

As palavras da avó ainda ressoam na minha mente. *A Hannah não o deixará em paz e o que os une agora nunca poderá ser quebrado.*

– Não – insisto. – Não vou a lado nenhum e quanto mais cedo aceites isso, mais cedo poderemos decidir como lidar com a tua gravidez. Hannah, não importa o que faças, não conseguirás convencer o Ares. Tenho muitas incertezas, mas estou certa do amor que sentimos um pelo outro. Quer queiras, quer não, vou estar sempre ao lado dele. Isso significa que vou estar presente na vida do teu bebé. Esses momentos que achas que vais partilhar com ele? Não vão acontecer porque eu também lá estarei. Não vais ser capaz de usar o bebé para o conquistar. Sugiro que te comeces a focar no que é realmente melhor para essa criança porque, garanto-te, alienar-me não é solução. Vou ter um papel na educação dela.

Ela olha além de mim e suspira, levando os dedos à testa por um momento, antes de desmaiar. Cai ao chão sem que eu tenha oportunidade de a agarrar.

– Hannah! – ouço o Ares gritar atrás de mim.

Empurra-me e ajoelha-se no chão, pegando-a cuidadosamente nos braços.

– Que aconteceu? – pergunta-me. – Deixaste-a chateada? A pressão arterial dela já está alta o suficiente.

Levanta-a nos braços antes mesmo de eu responder. Ao passar por mim, vejo-a olhar para mim e sorrir.

Acabei de lhe dizer que não terá momentos a sós com o Ares, que eu estarei lá, mas percebo agora... ela *quer* que eu esteja presente! É com isto que vou lidar o resto da vida e não há nada que possa fazer.

Sessenta e Dois

Raven

Não acredito que ela está grávida – diz a Sierra, o rosto dela marcado pela preocupação. – Diz-me que isto não está a acontecer!

Anuo e recosto-me no sofá dela. Nos últimos dias, cada vez mais evito estar em casa. O Ares está a dar o seu melhor para me tentar confortar, mas não há palavras que apaguem a forma como se dedica à Hannah constantemente.

A avó Anne tinha razão. Só precisou de uns dias para se preocupar com o bem-estar dela e não posso culpar a Hannah por isso – não quando sei que não é sobre ela, é pelo bebé. Mas isso não significa que seja mais fácil para mim.

– Pois – digo. – Vais ser tia. Parabéns.

A Sierra franze a testa e inclina a cabeça.

– Para ti... também?

Os meus olhos abrem-se e depois encolho-me. A Sierra desvia o olhar, sem palavras pela primeira vez na vida. Não tem um plano elaborado nem lhe ocorre uma piada. Nada. A situação não o permite.

– A avó disse que me deixa ir embora se eu quiser. Deixa-nos divorciar. Parece-me que a Operação Felizes para Sempre falhou.

A Sierra senta-se em choque.

– A sério?

Anuo e olho para as minhas unhas.

– Disse-me que quer que eu seja feliz, mas acho que foi uma forma de me dizer que devo fazer o que é mais correto e que isso é divorciar-me dele.

A Sierra abana a cabeça.

– Só tu e o Ares podem decidir isso.

– Sim, mas não deixa de ser verdade o que ela me disse. Passei a minha vida inteira apaixonada pelo teu irmão e para quê? Ela ainda se consegue meter entre nós.

A Sierra franze a testa ao pegar no telemóvel.

– Alguém desativou o meu sistema de segurança.

Momentos depois, o Ares entra, o passo confiante e a expressão inabalável enquanto se aproxima de mim.

– Ares! – resmunga a Sierra, mas ele ignora-a e lança-lhe um olhar de aviso.

Pega em mim, uma mão a apoiar-me as costas e outra debaixo dos meus joelhos. Deito a cabeça no ombro dele instintivamente e respiro fundo, o meu coração acalmando-se de imediato. Não importa o que se passa, ele é o meu porto

seguro.

– Basta – implora ao sair, o seu toque apertado. – Dei-te alguns dias para processares o que se está a passar, mas acabou o tempo. Chega de te esconderes, meu amor. Para de me evitar. Não é assim que resolvemos as coisas, lembra-te?

Olho para ele enquanto me leva ao colo para casa. A idade deixou-o mais bonito e, a cada ano que passava, só me apaixonava mais por ele. Mas será o meu amor suficiente para nos ajudar a enfrentar as provações que nos esperam? A atenção dos média, o ridículo, a parentalidade conjunta. Não sei se vou conseguir parar a Hannah durante anos e anos.

Fico tensa ao entrarmos em casa, com medo de que a Hannah nos veja. Sou a esposa dele, mas sinto que estou a fazer algo errado ao entrar em nossa casa nos braços dele. Vou sentir-me sempre assim?

O Ares põe-me no chão, no meio do nosso quarto, e eu afasto-me dele, sentindo-me em conflito.

– Raven – murmura –, podes falar, por favor? Tudo o que fazes é trabalhar ou fugir para casa da Sierra. No início, pediste-me honestidade e comunicação e eu peço-te agora o mesmo.

Olho para ele e anuo hesitantemente.

– Ares, eu não sei o que dizer. É só isso.

Diriço-me à casa de banho, esperando que ele esqueça o assunto, mas segue-me.

– Não te estou a pedir que me digas palavras bonitas e calculadas, Raven. Nunca quis isso de ti. Quero a tua verdade crua e sem filtros. Diz-me todos os teus medos para que os possa eliminar.

Dispo o vestido, o barulho que faz a cair no chão interrompe o silêncio que se formou entre nós. Ligo o duche enquanto tento articular os pensamentos que me assombram.

– Queres a verdade, Ares?

Ponho-me debaixo do chuveiro e respiro fundo ao sentir a água quente na pele. Quem me dera que não me tivesse seguido para agora poder ruir em privado. Não quero que veja a minha dor.

– Odeio quem sou quando estou ao pé de ti e da Hannah. Odeio os meus pensamentos, os meus sentimentos. Eu não sou má pessoa, Ares, mas, mais do que uma vez, desejei que o bebé que a Hannah carrega não existisse.

O Ares põe as mãos à volta da minha cintura e suspiro ao ver que se junta a mim no duche. Encosta-me à parede, ladeando-me com os braços.

– Também eu – admite, a testa dele encostada à minha. – Eu sei que o bebé não tem culpa, Rave. Mas também desejei que ela não estivesse grávida. Lutámos tanto pela nossa felicidade e não quero que nada a ameace. Será errado que me preocupe mais com a tua felicidade do que com a felicidade do meu filho que ainda não nasceu? Talvez seja, mas é a *minha* verdade. Eu também não sou má pessoa, Raven, e sei que vamos os dois amar esta criança incondicionalmente quando nascer, mas somos humanos, meu amor.

Abraço-me ao seu pescoço e ele aproxima-se de mim até os nossos corpos estarem colados um ao outro, a água a cair sobre nós.

– Tenho medo de te ver a apaixonar por ela outra vez. Não quero ver como te preocupas com ela e como celebram a evolução da gravidez. Não quero ouvir falar de ecografias e berços e da porcaria das *vitaminas* que ela tem de tomar. Não quero que ela tenha tudo o que quero ter contigo.

Ele beija-me a testa e suspira, a sua dor visível.

– Farei o que puder para minimizar essas coisas. Com a avó a obrigar-nos a tê-la em nossa casa, é mais complicado do que gostava que fosse, mas vamos fazer com que resulte, *Cupcake*.

Abraço-o com força.

– Mas não devias, Ares. É uma experiência tão bonita e, se não fosse eu, estarias a aproveitar cada segundo dela.

Ele enterra uma mão no meu cabelo e aperta-o.

– Não vale a pena ficar a pensar em «e ses», meu amor. Tu és a minha *esposa*, és tudo para mim. Sempre serás. Aconteça o que acontecer.

– Tenho medo de que isso não seja verdade. Tenho medo de te perder para ela outra vez. Como posso competir com a vossa história? Com o vosso bebé? As coisas que vos unem são incontáveis e não importa a perspetiva que escolha, sou eu quem se está a meter entre duas pessoas que sempre se amaram. Sempre fui só uma substituta, Ares, e ela está preparada para tomar o seu lugar ao teu lado. Isto é tudo o que sempre quiseste.

Respiro fundo e desvio o olhar, desejando não ter dito o que acabei de dizer. Odeio quando me deixo guiar pela insegurança. Eu *não* sou assim. Mal me reconheço quando tenho de encarar o Ares e a Hannah. Vou perder-me para sempre se me continuar a sujeitar a isto?

– Não, Raven – reafirma, apertando-me mais o cabelo. – *Tu* és o que sempre quis. Nunca fui tão feliz. Tu completas-me, *Cupcake*. És a metade que não sabia que me faltava. És o meu coração, a minha alma. Não importa quantos anos passei com a Hannah porque, em apenas alguns meses contigo, experienciei muito mais felicidade do que com ela. Se eu e ela estivéssemos destinados a ficar juntos, teríamos feito com que funcionasse, Rave. Se eu realmente a amasse, nunca me teria apaixonado por ti, e nunca tão rapidamente. Porra, se a amasse como achas que amo, nunca a deixaria ter ido embora. Eu estou a ouvir o que me dizes, eu *ouço-te* e percebo os teus medos, mas acredita em mim quando te digo que não há nada que ela possa fazer para que vacile. És a única que eu vou amar sempre, Raven. Nenhum homem te poderia ter e afastar-se de ti. Eu não conseguiria.

– Mas já o fizeste – exclamo, os meus olhos a arder com as lágrimas que não choro. – *Já o fizeste* e tenho muito medo de que o faças outra vez. Mal sobrevivi da primeira vez, desta vez vai destruir-me, Ares. Não posso passar por isto outra vez.

Ele pega-me no rosto com as duas mãos e franze a testa.

– Do que estás a falar?

– A festa dos 21 anos da Sierra – suspiro. – Eu... eu fui ao teu quarto durante a noite. Tínhamos os dois bebido demais, mas isso não interessa. Ajudou-me a ganhar coragem. Estávamos informalmente noivos. A tua avó e os meus pais tinham feito o acordo, mas nós nunca tínhamos falado sobre isso. Andávamos à volta do assunto e tu tratavas-me como tratavas a Sierra, como sempre me trataste,

amigavelmente e nada mais. Eu... Eu fui ao teu quarto nessa noite perguntar-te o que achavas de mim e do nosso noivado.

Ele olha para mim de olhos arregalados.

– O quê?

Respiro fundo e obrigo-me a encará-lo.

– Tentei beijar-te e tu disseste que eu não sabia no que me estava a meter...

– ...e tu disseste que não eras tão inocente como eu pensava que eras.

Anuo, o meu coração palpitante.

– Lembras-te?

Ele abana a cabeça.

– Não, mas já sonhei com essa noite. Há anos que sonho contigo, Raven. – Aperta-me o cabelo com mais força e vira-me a cara para ele. – Mesmo quando eras a última mulher que devia desejar, sonhava contigo.

Os meus olhos fecham-se ao sentir o coração encolher de tristeza.

– Dei-te a minha virgindade nessa noite, Ares. Disseste-me que não havia retorno depois disso e eu acreditei em ti. Pediste-me que me casasse contigo e, no dia seguinte, anunciaste que estavas a namorar com a minha irmã.

Ele deixa cair a testa na minha e respira fundo.

– Raven... – implora. – Na manhã seguinte, eu... eu acordei com a Hannah na minha cama.

Empurro-lhe o peito, o meu estômago revolto.

– O quê?

Ele recusa-se a deixar-me ir e anui, os olhos dele refletindo o tormento que sinto.

– Lembro-me de acordar com um sorriso, a querer mais de ti. Virei-me e a Hannah estava na minha cama, nua. Sorrii-me e disse-me que tinha adorado cada segundo da noite. Ela convenceu-me de que fora com ela que eu tinha dormido. Diz-me a verdade, Raven. Foste mesmo tu?

Fungo ao sentir as lágrimas caírem.

– Sim – confirmo, a voz falha-me. – Era eu, Ares. Saí do teu quarto de madrugada e fui para o quarto da Sierra para me arranjar e quando desci para tomar o pequeno-almoço, estavas sentado com o braço à volta dela, a dizer a toda a gente que namoravam. Partiu-me o coração.

As mãos dele percorrem-me o corpo e levanta-me contra a parede. Enrolo as pernas à volta dele, sentindo-me mais vulnerável do que nunca.

– Quando acordei com ela, sabia que te tinha perdido, Raven. Sabia que nunca te poderia ter depois de ter dormido com a tua irmã.

Estava tão magoado como tu, *Cupcake*. Eu nunca a quis. Sempre foi a ti. Só a ti.

Desato a chorar e ele demora-se a eliminar cada lágrima com um beijo.

– Ares, alguns dias depois dessa noite, tentei falar contigo sobre o assunto. Lembras-te? Estavas na sala da avó e perguntei-te há quanto tempo estavas com a Hannah e o que isso significava para o nosso noivado. Perguntei-te se alguma vez tinhas sentido algo por mim e se eu significava algo para ti. – Fungo, as lágrimas caem-me incontrolavelmente. – Ainda me lembro de como a minha voz tremeu, o medo que senti ao fazer-te estas perguntas. Olhaste para mim com tanta pena e

arrasaste-me. Disseste que para ti eu era *família* e que ias pedir à avó que cancelasse o nosso noivado porque só me vias como a irmã da Hannah. – O Ares aperta-me com mais força, mas sou incapaz de o encarar. – Partiste-me o coração e eu nunca recuperei. Ao longo dos anos, vocês apunhalaram-me o coração e não aguento mais. Não posso fazer isto, Ares. Peço-te, por favor, para de destruir o que resta de mim.

Ele agarra-me o rosto e obriga-me a encará-lo, os olhos dele repletos da mesma angústia que sinto.

– Eu amo-te – diz-me. – Amava-te nessa altura e amo-te agora. Para ser sincero, sempre amei. – Inclina-se, roçando os meus lábios nos seus para me beijar, o toque dele desesperado. – Pensei que te tinha perdido, Raven. Fiz o que podia para te manter na minha vida.

Deixa cair a testa na minha e respira tremulamente.

– Ao longo dos anos, aproveitei todas as oportunidades que me deste, sempre a inventar desculpas para passar tempo contigo. Ia a desfiles, supostamente para estabelecer contactos, só para te ver. Na maioria das vezes, até a mim me enganava, dizia que estava só a tomar conta de ti quando era muito mais do que isso. Estava errado e, lá no fundo, sabia-o, mas não conseguia afastar-me. Convenci-me de que o podia fazer desde que não ultrapassasse os limites, mas, *caraças*, estar contigo e não te ter... matava-me. Juro-te, vou passar o resto das nossas vidas a recuperar o tempo perdido. A Hannah não vai sair impune disto, prometo-te. Raven, nunca mais te magoarei.

Beija-me, o toque dele diferente desta vez. Parece mais carregado de emoção, mais desesperado.

– Meu amor – suspira, as mãos dele movendo-se para o meu rabo –, eu amo-te, Raven.

Agarro-me com força ao cabelo dele.

– Eu também te amo, Ares. Sempre amei.

– Nunca mais te vou deixar – promete-me, os lábios dele pressionados contra o meu pescoço.

Ponho a mão entre nós e envolvo-lhe o pénis, pondo-o exatamente onde quero. Ele olha-me nos olhos e penetra-me, com calma.

– Nunca me vou afastar de ti. És tu, só tu. Aconteça o que acontecer – promete.

Entra totalmente em mim e desato a chorar. Fazemos amor contra a parede do nosso duche, os olhos nos meus e, por alguns momentos, é como se mais nada importasse. O mundo inteiro desaparece e só existimos nós os dois. Faço-me acreditar que superaremos qualquer coisa, que nada nos separará.

Devia ser mais inteligente do que isso.

Sessenta e Três

Raven

Entro na cozinha e vejo a Hannah sentada à mesa do pequeno-almoço, as olheiras marcadas no seu lindo rosto. Olha para mim com uma expressão de derrota. Ela sabe. Não tenho dúvidas de que o Ares a confrontou com o que fez há cinco anos.

Ela suspira e desvia o olhar ao pegar na chávena de chá, as mãos trémulas. Gostava de ter energia para manter a farsa, mas não tenho. Depois do que o Ares me contou ontem à noite, mal consigo olhar para ela. Como posso tê-la na minha vida sabendo o que me roubou?

– Porque o fizeste? – pergunto-lhe, incapaz de me conter.

Ela olha para mim e cerra os dentes.

– Fiz o quê?

– Naquela noite... porque é que te meteste no quarto do Ares? Porque fingiste que ele tinha dormido contigo?

Ela desvia o olhar e abana a cabeça, evitando encarar-me. Nunca a vi ficar sem palavras, mas está a acontecer. É óbvio que pensava que nunca seria apanhada. Há quanto tempo me manipula?

– Por *uma vez* na tua vida, sê honesta comigo. Porque me fizeste isto? E ao Ares?

Ela levanta a cabeça e suspira, a sua expressão repleta de resignação.

– Porque o queria – confessa, um esgar de raiva presente no seu olhar. – Queria que ele olhasse para mim como olhava para *ti*. Queria o prestígio de ser uma Windsor. – Cruza os braços. – Quando descobriste?

Ela está tão descontrainda que me é quase impossível não ficar furiosa. Se não estivesse grávida, deitava-lhe o chá à cara e pedia aos guarda-costas que a pusessem na rua.

– Ontem à noite – admito.

Ela anui, os maxilares cerrados.

– Isso explica porque é que o Ares me pediu para sair esta manhã. Mal conseguia olhar para mim, por *tua* causa. Se a avó não tivesse intervindo, ele mesmo me tinha posto na rua. – Sorri para mim. – Quase tiveste aquilo que querias. *Quase*.

Devia ter adivinhado que o Ares não a deixaria escapar impune. Também não o quero, mas que posso fazer? Não posso arriscar magoar o bebé, e o Ares também

não.

Olho para a minha irmã, a distância entre nós nunca foi tão grande. Será que a conheço minimamente?

– Sujeitaste-me a anos de tormentos e mágoa, mas sentas-te aqui sem uma pinga de remorso. Eu sou tua *irmã*, Hannah. Como pudeste fazer-me isto?

Ela ri-se, o som ecoando.

– Tu nem sequer existirias se não fosse eu. A mãe e o pai só te tiveram porque precisávamos da tua medula óssea para o transplante. Literalmente, existes para me dares vida. Nem os nossos pais te queriam, Rave. Não percebes isso? – Franze a testa, sentindo que as suas palavras fazem todo o sentido. – Sou a filha que eles amam mais, o melhor par para o Ares, a melhor pessoa para ser uma Windsor. Simplesmente, faz sentido. Não foi nada pessoal.

Mordo o lábio por um momento num esforço para controlar a náusea que as palavras dela me provocam.

– És a maior narcisista que conheço e enoja-me que sejamos irmãs. Não consigo fazer isto, Hannah. Estou farta de te tolerar. Não te quero na minha vida. Assim que o bebé nascer, acabou-se. Vou amar essa criança como se fosse minha, mas tu estarás morta para mim. Gostava de ter tido coragem para fazer isto antes. Gostava de ter percebido no teu egoísmo a narcisista que és. Durante anos, desculpei-te tudo, dizia a mim mesma e aos outros que eras assim porque, compreensivelmente, querias viver a vida ao máximo. Acabou-se, Hannah!

Ela sorri-me.

– Esta é a parte em que tenho de me importar com isso? Queres que desate a chorar e implore o teu perdão? Não o vou fazer, Raven. Não me arrependo de nada do que fiz. Só me arrependo de não me ter casado com o Ares e de te subestimar. Nunca pensei que tivesses coragem para o agarrares, mas tudo bem. A situação ainda pode mudar. Por isso, minha querida irmã, força. Sai do meu caminho por tua livre vontade.

Cerro os dentes e desvio o olhar, o meu coração destroçado apesar da raiva que sinto. Já devia estar habituada a isto, mas as palavras dela ainda me magoam.

– Tu... – Um som estrondoso vindo de fora capta a minha atenção e olho pela janela, vendo um helicóptero com o logótipo *The Herald* a sobrevoar a propriedade.

Começam a tocar alarmes pela casa e as cortinas fecham-se automaticamente enquanto dois guarda-costas entram na cozinha.

– Senhora Windsor, estamos perante uma quebra de segurança. O Senhor Windsor está a caminho de casa.

Um dos guardas, o Ben, passa-me um *tablet*. O meu coração fica apertado quando vejo a fotografia que acompanha o título. É uma fotografia do Ares e da Hannah, de quando eram mais novos. Ele está atrás dela com os braços à sua volta e a beijá-la no pescoço.

Separados pelas tradições obsoletas da família e pela víbora da irmã, diz o título. Sinto o meu coração parar ao ler o relato da relação deles, acompanhado de fotografias ao longo dos anos. Uma em particular faz-me sentir doente. Tiraram uma fotografia aos três na estreia a que fomos recentemente. O Ares tem o braço à

volta da minha cintura, mas está a olhar para a Hannah. O ângulo da fotografia faz parecer que ele a deseja, e olhar para ela magoa-me.

– Eu disse que a situação ainda podia mudar.

Levanto os olhos do *tablet* em choque.

– Tu fizeste isto?

Ela ri-se.

– Não me deixaste alternativa. Eu disse-te para te afastares enquanto era tempo. O mundo inteiro vai saber que não passas de uma substituição barata de mim. Onde quer que vás, as pessoas vão cochichar sobre como é triste que ele não possa ficar comigo. Quando o nosso bebé nascer, as pessoas vão odiar-te. Quanto tempo achas que vais aguentar debaixo desse escrutínio todo? O mundo inteiro vai apelidar-te de destruidora de lares. Vão dizer-te que és uma cabra nojenta por roubares o noivo da tua irmã. Já viste os comentários?

Volto a olhar para o artigo e descubro que as palavras dela são verdadeiras. O artigo insinua que eu seduzi o Ares quando a Hannah estava preocupada com a sua carreira. Pego no meu telemóvel a tremer e vejo que estou a ser bombardeada por comentários nas minhas redes sociais.

Pouso o *tablet* e respiro fundo. Nunca, por mais esforço que fizesse, imaginaria que ela fosse capaz disto. Uma coisa é lutar pelo Ares, mas tentar ativamente destruir a minha reputação quando sabe quantos contratos dependem da minha imagem pública?

– Quando é que isto para, Hannah? Sabes o quanto isto vai prejudicar a minha carreira? A minha empresa?

Ela sorri-me.

– Não acaba enquanto não devolveres tudo o que me roubaste. Mesmo que o Ares não volte para mim, não vou deixar que fiques com o que é meu.

Levo as mãos à cabeça, não paro de tremer.

– Ele sempre foi meu, desde o início. Mesmo que não fosse, é a *mim* que ele ama. Amava na altura e ama agora.

Ela abana a cabeça.

– Eu posso mudar isso. Já o fiz uma vez, ou não?

Sento-me no chão, invadida pela ansiedade. Sim, já o fez uma vez. Os enganos, as mentiras. É isto que me espera? Ela vai continuar a destruir tudo o que tenho, tudo o que *sou*.

Tento ao máximo respirar, mas ardem-me os pulmões. Sinto-me a ser tomada pelo pânico a pouco e pouco e não o detenho.

– *Cupcake!* – grita o Ares. Ajoelha-se ao meu lado e abraça-me enquanto liberto o meu primeiro soluço.

Abraço-lhe o pescoço e desfaço-me.

– Eu... eu não consigo fazer isto, Ares. Não posso... viver assim. Não... não consigo continuar.

Ele põe uma mão na minha nuca e afaga-me as costas.

– Não tens de o fazer. Eu vou corrigir isto, prometo-te. Eu vou corrigir isto, meu amor.

– Não *podes* – respondo, a voz falha-me. Com esta criança, não será possível

escapar-lhe. Ela não vai parar até conseguir o que quer e eu não aguento mais.

Sessenta e Quatro

Raven

Mal consigo pensar quando entro no nosso quarto, as lágrimas a caírem-me pelo rosto e o Ares atrás de mim.

– Raven – implora –, por favor. Por favor, acredita que eu vou encontrar uma solução.

Viro-me para o encarar.

– Como? – grito-lhe. – Que solução há para isto, Ares? Há artigos sobre nós na internet. Não é tão simples como processar uma revista e é tarde demais.

Entro no nosso quarto de vestir e tiro as minhas roupas dos cabides, os meus movimentos erráticos.

– Raven – apela, quase sem voz –, que estás a fazer, *Cupcake*? Não podes... fazer isto. Imploro-te, por favor, não faças isto.

Abano a cabeça e pego na minha mala.

– Não vou passar nem mais um segundo na mesma casa que ela. Eu tentei, Ares. Tentei durante anos sacrificar a minha alma para a fazer feliz. Não aguento mais.

Ele agarra-me os ombros e segura-me com força, o seu olhar em pânico.

– És louca se achas que te vou deixar ir.

Abano a cabeça.

– Não tens escolha, Ares. Eu não consigo fazer isto. Não vou passar o resto da minha vida a ser atormentada pela minha *irmã*. Não consigo lidar com os insultos, os acessos de culpa, a manipulação, as *mentiras*.

– Então ela tem de ir, Raven. Não há nada que eu não faça pela tua felicidade.

Abraço-lhe o pescoço e olho-o nos olhos, o meu coração despedaçado.

– Sabes que a avó nunca a deixará ir. Ela quer a Hannah na segurança da casa Windsor. Quer que encontrem uma solução para o bebé e não vai desistir enquanto vocês não resolverem a situação. A Hannah está grávida com um bebé Windsor, Ares. Está grávida de *ti*. Não... não consigo fazer isto.

– Que quer isso dizer, meu amor?

Afasto-me.

– Ainda não sei, Ares. Eu... tudo o que peço é algum tempo para pensar, mais nada. Não posso estar onde ela está neste momento. Não posso ficar quieta a vê-la tentar destruir a minha vida. Não outra vez. Se ficar, tenho medo de dizer ou fazer algo de que me arrependa. Não me vou conseguir conter e a última coisa que quero é piorar a saúde dela. Que vai acontecer se eu a chatear e ela desmaiar outra

vez? É o teu bebé que estará em risco, Ares. Não posso ter esse peso na consciência. – Começo a fazer a mala, enchendo-a sem pensar. Só a ideia de estar perto dela me deixa arrepiada. – Além disso, preciso de pensar se quero mesmo isto. Não tenho dúvidas de que te amo, Ares. – Faço uma pausa para o encarar. – Mas deixa-me dar-te um momento de honestidade, não sei se o nosso amor lhe vai sobreviver. Ela já nos separou uma vez e ambos sabemos que não vai descansar até o conseguir novamente. Que vida é essa? A tua mulher e a mãe do teu filho sempre a lutar? Que ambiente é esse para a criança? E eu? Estar em luta constante com a minha irmã? Vê-la sabotar o nosso casamento?

O Ares põe-se de joelhos à minha frente e pega-me nas mãos.

– Eu sei que é difícil. Sei que nem sequer te devia pedir isto, tendo em conta tudo pelo que já passaste, tudo o que tiveste de aguentar, mas tenho de te implorar. Eu não imagino a vida sem ti, Raven. Por favor. Vamos encontrar uma forma de ultrapassar isto juntos.

Abano a cabeça e liberto as minhas mãos.

– Eu preciso de espaço, Ares. Só te peço um pouco de espaço para pensar no que quero. Toda a minha vida tomei conta das pessoas que amo, mas nunca ninguém me perguntou o que *eu* queria da minha vida. Até casar contigo foi algo que me disseram para fazer. Estou farta de viver a minha vida pelas regras das outras pessoas. Não posso continuar assim. Fui manipulada a vida inteira, forçada a conformar-me e a corresponder aos rótulos que os outros criaram para mim. E fi-lo com um sorriso nos lábios. Para quê? Para quê, Ares? Este casamento custou-me a minha sanidade e a minha carreira e valeria a pena se te tivesse, mas não tenho. Mesmo agora, depois de ser forçada a pagar este preço, somos três neste casamento. Sempre seremos. Como mãe do teu filho, estará para sempre nas nossas vidas. E eu... não sei se consigo viver com isso.

O Ares olha para o chão, ainda de joelhos à minha frente.

– Uma semana – diz-me, a voz dele calma. – Dou-te uma semana para pensares enquanto eu corrijo o que a Hannah fez. – Olha para mim. – Mas deves saber que, independentemente do que decidas, nunca ficarei com ela, nunca lhe darei outra oportunidade. Até ao fim da minha vida, serás a única mulher que vou amar. Sei que te magoei, Raven. Sei que te prometi coisas de que me esqueci, mas isso não vai voltar a acontecer. És o meu mundo e farei tudo ao meu alcance para te merecer, para que voltes para mim.

Sorrio-lhe com um sentimento agridoce.

– Sempre me mereceste – murmuro. – E vou amar-te *para sempre*. Só quero ter a certeza de que a vida que escolho viver também me permite *amar-me* a mim mesma. Estar perto da Hannah faz-me esquecer quem sou, Ares. Não vês isso?

Pega-me numa mão e leva-a aos lábios, beijando-a com tanta ternura que os meus olhos se enchem de lágrimas. Vejo o seu olhar implorante, as promessas que faz em silêncio.

– Vou corrigir isto – diz-me. – Voltas daqui a uma semana, está bem?

Sessenta e Cinco

Raven

Sinto o coração pesado quando o motorista que me foi buscar entra num elevador enorme. Começa a subir, até parar e o carro estar estacionado num canto da sala de estar da minha amiga. A minha porta abre-se, e a Alanna estende-me a mão. Abraça-me de imediato, envolvendo-me num casulo apertado, e este pequeno gesto de humanidade é o suficiente para me fazer ruir. Desato num pranto, soluços de partir o coração a escaparem-me da garganta enquanto me leva para o sofá.

– Eu... não sabia para onde ir – explico.

Eu e a Alanna tornámo-nos amigas desde que entrou na minha loja à procura de um vestido de noiva. Ninguém percebe a nossa amizade, mas é uma das mais genuínas e próximas que tenho. A Alanna é uma pessoa única e, neste momento, é a única que me pode dar o consolo de que preciso, sem me julgar.

– Vou matá-lo – murmura.

– Calma, minha psicopata – diz o marido dela, o Silas.

O Silas estende-me um lenço com um pequeno Ψ gravado, sorrindo-me.

– A Alanna preparou isto para ti assim que nos ligaste. Até o engomou.

Pego-lhe com as mãos trémulas e aninho-me na Alanna, deitando a cabeça no seu peito, enquanto ela me afaga as costas.

– Diz-me o que aconteceu, Rave – pede, o tom dela suave.

Tento respirar fundo, mas começo a soluçar ainda mais profundamente. A Alanna abraça-me com força, passando carinhosamente os dedos pelo meu cabelo, tentando acalmar-me.

– Vai buscá-lo – diz ao marido, o seu tom duro contrastando com a gentileza com que me consola. – Traz-me o Ares Windsor. Se a Raven não me conta o que se passou, fá-lo-ei falar.

O Silas ri-se.

– Não é assim tão simples. Ele é um Windsor. Não posso tocar-lhe sem consequências.

– Não... não foi ele – soluço.

A Alanna afasta-se e limpa-me as lágrimas com o lenço que me deu.

– Então quem foi?

Fungo, os meus olhos fecham-se à procura de coragem para lhe contar o que se passou, sem deixar de fora qualquer pormenor. Conto-lhes o que se passou na festa dos 21 anos da Sierra, o casamento, a gravidez. No fim, fico exausta e de coração

partido.

– Não vejo fim a isto – lamento. – A minha vida agora é isto? Casar com ele era suposto ser a minha felicidade eterna, mas, de alguma forma, parece que foi o princípio do fim. Desta vez, para sempre. Se eu ficar, ela vai continuar a destruir a minha alma até me deixar tão apagada que já nem me reconheço.

A Alanna esfrega-me os ombros, o olhar dela refletindo a mágoa que sinto.

– Eu e o Silas podemos dizer-te uma ou duas coisas sobre irmãos metediços e família – diz-me, os olhos dela encontrando os do marido. Gelo por um momento, lembrando-me de que a Alanna namorou com o irmão mais novo do Silas. – Acredita quando te digo que o amor vence. Sei que parece difícil agora e fizeste bem em te afastares um pouco. Apesar de tudo, estares presa naquele ambiente faz com que seja difícil lembrares-te porque decidiste casar com ele. Acho que vais encontrar alguma clareza nos próximos dias, Raven.

Ela olha para o Silas.

– Podemos mandar apagar os artigos que a estão a difamar?

– Ia pedi-lo, mas já alguém o fez. Há servidores em baixo no mundo inteiro. Dizem nas notícias que, pelo menos, duas redes sociais estão em baixo. Suspeito que o Windsor está por detrás disto. Não sei como o está a fazer, mas é óbvio que pela sua mulher consegue mover o céu e a terra.

A Alanna sorri e lança-me um olhar encorajador.

– Vês? Eu sei que parece tudo impossível, mas ele ama-te acima de tudo. Não te posso dizer que isso será suficiente para lidar com a Hannah. Sempre a odiei. Se soubesse que não era apanhada, matava-a!

Sorrio através das lágrimas e abano a cabeça.

– És louca, sabias?

– Uma psicopata! – murmura o Silas.

A campainha toca e eu fico tensa. Vim para aqui para me isolar, não só dos média, mas também da minha família. Achei que era o último lugar onde me procurariam. A casa da Alanna e do Silas é uma fortaleza.

O Silas franze a testa e dirige-se para a porta. Ouço-o resmungar de aborrecimento e depois a voz da Sierra. Ela entra na sala de estar e a Alanna sorri, abrindo espaço para ela no sofá.

– Imaginei que estivesse aqui. Estás bem? – pergunta. – Vi as notícias e depois o Ares disse-me que te tinhas ido embora. Ele está *devastado*.

– A falar no diabo – comenta o Silas, mostrando-me o ecrã do seu telemóvel. Está a tocar com uma chamada do «*Ares Windsor*».

– Windsor?

Põe o telemóvel em alta voz.

– Onde está a minha mulher? Os guarda-costas dizem-me que lhe perderam o rasto. Era suposto serem os teus melhores homens, onde é que ela está? O mundo inteiro anda à procura dela e os teus homens perdem-na de vista. Se alguém lhe tocar num fio de cabelo que seja, mato-te.

Os meus olhos abrem-se pasmados. Guarda-costas? Devia saber que o Ares não ia correr riscos quanto à minha segurança, mas nem acredito que nunca reparei nos guarda-costas.

O Silas sorri.

– Ela está sã e salva.

O Ares fica em silêncio por um instante.

– Ela está contigo?

– Não.

– Está onde?

O Silas desliga a chamada, recusando-se a responder. Sorrio-lhe em agradecimento. Preciso de espaço para pensar e não o consigo fazer com o Ares por perto.

– Sim – conclui o Silas –, ama-te sem qualquer sombra de dúvida. *Nunca* o vi perder a calma, em nenhuma situação. Já o vi a lidar com uma tentativa de rapto da Sierra sem qualquer pânico na sua expressão, mas tu desapareces por dez minutos e o mundo dele colapsa?

Envolvo-me com os braços e respiro fundo.

– Nunca quis mais nada além do amor dele, porque não é isso suficiente? Estou a ser egoísta?

– *Não!* – exclama a Sierra. – Gostava que fosse mais fácil, Rave, mas não é só no Ares que deves pensar. Gostemos ou não, a Hannah será sempre parte da tua vida, do vosso casamento. Pedires um tempo para pensar se o consegues aceitar é a coisa mais justa que podes fazer. Não é melhor do que destroçar o coração do Ares depois? Principalmente com uma criança. E se ela se afeiçoa a ti e decides então que não consegues estar lá?

Anuo e recosto-me, os meus pensamentos num turbilhão. Nos próximos meses, pelo menos, vou ter de aguentar fofocas intermináveis e cochichos no trabalho e isso é só o começo. Que mais terei de suportar se escolher ficar com o Ares? Que ambiente estamos a criar para a criança? Não importa a perspetiva que tome, vejo que a minha presença resulta em infelicidade para todos. A seu tempo, fará murchar o amor entre mim e o Ares.

Sessenta e Seis

Raven

Como o pequeno-almoço que a Alanna me fez, distraída. Tentei evitá-lo, mas acabei por passar a noite a consultar as minhas redes sociais, e a única coisa que encontro é ódio dirigido a mim. Apesar das melhores tentativas do Ares, há imagens do conteúdo apagado a circular por todo o lado. Estamos em todas as revistas de fofocas e todos relatam a relação do Ares com a Hannah.

Não me surpreendeu quando o *The Herald* noticiou a gravidez da Hannah, o que me tornou ainda mais a vilã. Já não sou apenas a mulher que se pôs no meio de um casal apaixonado há anos, sou também a madrastra má.

Ver o meu amor pelo Ares ser transformado num espetáculo de massas é uma das coisas mais difíceis que me aconteceram. Fotografias que nem me lembro de ter tirado estão a ser partilhadas *online*, a mostrar como olhávamos um para o outro quando ele ainda namorava com a Hannah. Os média convenceram toda a gente de que eu o seduzi durante anos, tentando separá-los. Tudo isto tem o dedo dela. Sempre me fez isto. Em tudo o que fez, conseguiu que eu assumisse a culpa, deturpando a história e fazendo de mim a vilã. É isto que me fará durante o resto das nossas vidas.

Como será quando o bebé nascer? Vai conseguir usá-lo contra nós? Não faço ideia de quanto tempo lhe levará a fazer com que o Ares se vire contra mim, mas suspeito que o conseguirá.

Dou um gole no meu café, tentando abstrair-me dos vídeos de pessoas a destruírem roupa desenhada por mim, algumas das peças costuradas à mão, dizendo que não apoiam uma destruidora de lares. Depois, há as ameaças de morte vindas dos fãs da Hannah e a perda dos meus seguidores. Os meus contratos foram rescindidos sem sequer alguém me pedir uma explicação. Ela está a destruir-me, passo a passo, e não parará até conseguir o que quer.

O Silas ri-se e olha para mim.

– O Windsor comprou o *The Herald* e outras revistas de fofocas. Proibiu-os de falar de ti.

O meu coração acelera ao pensar no Ares. Pensei mesmo que ultrapassaríamos qualquer coisa juntos, mas, com o tempo, irá cansar-se desta batalha. Não me poderá salvar quando o meu carrasco é a minha própria irmã.

O Silas resmunga ao ouvir a campainha, o olhar dele encontrando o da Alanna.

– Quanto apostas que temos mais Windsors à porta?

Ela sorri e encolhe os ombros.

– Ficaria desapontada se não aparecessem, Si. A Raven merece fazer parte de uma família que a ama como a sua não o fez. Veremos se os Windsors a merecem ou não.

O Silas suspira e sorri-lhe indulgentemente.

– Dez *origamis* – diz-lhe. – É o que me debes se me fizeres receber mais Windsors.

A Alanna põe um braço sobre os meus ombros e anui.

– Faço quinze!

A Sierra descansa a cabeça sobre o meu ombro, a expressão dela tão desanimada quanto a minha. Pela primeira vez, não tentou dar-me esperança nem se perdeu nos seus contos de fada. Tem estado tão quieta como eu, as duas incertas sobre o que o futuro trará. Sei que está a ler tudo o que é publicado sobre mim também, e magoa-a tanto quanto a mim.

O Silas tem uma expressão pesada ao acompanhar o Lex, o Luca e o Zane até à sala de estar, a Valentina a segui-los alguns passos atrás. O Silas olha para a mulher e ela sorri-lhe, reconfortando-o.

A Alanna afaga-me o cabelo e sorri.

– Eles estavam mesmo preocupados contigo. Ligaram-me todos. Como somos responsáveis pela segurança da família Windsor, não me pareceu correto não lhes dizer. Não disse ao Ares onde estás, mas não lhes podia mentir. A Valentina ligou-me, *a chorar*, e acho que nunca a tinha visto chorar antes disto.

O Lex abraça-me com força e o Luca faz o mesmo. O Zane remexe-me o cabelo, os olhos dele carregados de mágoa.

– Estás bem? – pergunta o Zane ao sentarem-se todos à mesa de jantar.

A Valentina agarra-me numa mão com as suas, os olhos dela vermelhos. Não esperava vê-la aqui, mas devia saber que estaria aqui para mim, mesmo que isso significasse enfrentar o Luca.

– Vi os artigos. Oh, Rave, que podemos fazer? Uma declaração? A avó Anne instruiu-nos para nos mantermos em silêncio porque está preocupada com o bebé e a saúde da Hannah. Mas... não sei. Não me parece correto.

Abano a cabeça.

– Foi por isso que me vim embora, Val. Eu sabia que não conseguia não discutir com ela e sei que isso teria impacto na saúde dela e do bebé. Não posso voltar enquanto não estiver mais calma. E... quando voltar, quanto tempo demorará até ela me deixar fora de mim outra vez? Mesmo que não o faça, por quanto tempo aguentarei o assédio dos média?

Passo uma mão pelo cabelo, angustiada. Estava tão perto de ter tudo o que sempre quis, mas devia ter tido mais noção. Sempre que encontro um rasto de felicidade, é-me arrancado das mãos.

O Lexington levanta uma mão.

– Chiu – murmura –, o Ares está a ligar-me.

Atende a chamada e sorri.

– Sim, falei com ela e disse-me que está bem. Está em segurança. Não, não sei onde está. Não deste instruções à equipa de segurança para a encontrar? – Anui para si mesmo. – E como não conseguiram ainda encontrá-la? – pergunta,

fingindo preocupação. – Tudo bem, vou ficar atento.

O Lex desliga a chamada e pousa o telemóvel com um suspiro.

– Eu sei que ele te prometeu uma semana, mas não sei se aguenta tanto tempo.

Que vais fazer?

Olho para as pessoas que se transformaram na família que nunca tive.

– Não sei – admito, sendo honesta. – Sinto-me uma cobarde por me ter afastado, por ter desistido.

– Não – contraria o Luca, levantando a mão. – É normal que uma pessoa se afaste de uma situação tóxica. Não aguentavas mais e precisavas de descanso, não importa o que as pessoas pensam. É normal parar para pensar se ainda queres estar em determinada situação. Nunca te foi dada uma hipótese de escolha quanto ao Ares e mereces uma. Leva o teu tempo, Raven. Estamos aqui para ti e decides o que decidires, nunca nos perderás. Serás sempre a nossa maninha, tal como a Sierra.

O Lex anui e abraça-me enquanto luto contra as lágrimas.

– Seja qual for a tua decisão, vamos apoiar-te.

A Sierra e a Valentina anuem em concordância.

– Amamos-te, Rave – assegura a Sierra. – Queremos o melhor para ti, mesmo que isso não seja o Ares. Sei que amas o meu irmão, mas se tivesse sido comigo, não sei se me conseguiria sujeitar à loucura que terás de enfrentar para ficar com ele.

A Valentina assente.

– Às vezes, não basta o amor. Especialmente quando é a única coisa que vos une enquanto o mundo vos quer separar.

– Windsors – chama o Silas –, vão querer ver isto.

Franzo a testa ao segui-lo até à sala de estar e arregalo os olhos quando vejo o Ares na televisão.

– Está em direto em todos os canais que os Windsors têm, ou seja, em quase todos.

Levo uma mão ao coração ao vê-lo sorrir no ecrã, o olhar dele tão perdido como o meu deve estar.

– Tomei conhecimento de que há informação falsa sobre a minha esposa a ser difundida pelos média e quero esclarecer esses rumores. Embora considere que a nossa vida privada não diz respeito a ninguém, sei que esta caça às bruxas que criaram não parará enquanto não tiverem a história toda e eu preciso que isto acabe. Preciso que parem de assediar e de magoar a minha esposa.

» Para começar, quero que saibam que é verdade que eu e a Hannah Du Pont tivemos uma relação. O que não sabem é que essa relação aconteceu apenas por obrigações familiares. Os Du Ponts e os Windsors acordaram um casamento de conveniência há anos que levaria à fusão da Windsor Media e da Dreamessence, deixando a companhia como um todo de herança aos filhos desse casamento.

» Como eu e a Hannah tínhamos idades próximas, pareceu ser a melhor opção, e fizemos tudo ao nosso alcance para que resultasse. Dei o meu melhor para a amar, mas nunca consegui apagar o que sentia pela minha mulher. Durante esses anos, nunca ultrapassei qualquer limite com a Raven. Ao contrário do que está a

ser noticiado, não houve qualquer traição. Durante anos, eu e a Raven não fomos mais do que amigos. Até que a Hannah escolheu desistir do noivado acordado pelas nossas famílias.

Faz uma pausa e passa a mão pelo cabelo.

– A Raven é o amor da minha vida e a Hannah ter-se afastado da nossa relação foi o melhor que podia ter feito por mim. A Hannah nunca foi traída, escolheu ir-se embora. A minha esposa *não* é uma destruidora de lares nem a vilã sedutora que dizem que é. É apenas uma mulher que ama a sua família mais do que eles merecem. Ela *ama-me* mais do que eu mereço e enquanto eu viver, amá-la-ei também. Aqui estou, apenas como um homem que ama a sua esposa mais do que qualquer outra coisa, a pedir-vos que acabem com esta caça às bruxas. Por favor, parem de a assediar, parem de destruir as peças que desenhou tão arduamente, parem de espalhar boatos. O único erro que ela cometeu foi amar um homem que não a merece e espero que nunca se arrependa disso.

O Ares desvia o olhar por um momento.

– Agora que sabem a verdade, qualquer mentira que espalhem sobre a minha esposa terá consequências. Quem não respeitar este aviso, enfrentará medidas legais. Qualquer artigo difamatório que ainda exista dentro de vinte e quatro horas será denunciado e a nossa equipa jurídica tratará do resto. Peço que pensem bem no que escrevem. As celebridades como a minha esposa são seres humanos. A minha mulher, em particular, é a pessoa com o maior coração que conheço. As vossas palavras estão a destroçar esse coração. Querem ser responsáveis pelas lágrimas que derrama antes de conseguir adormecer, enquanto vocês espalham mentiras? Por favor, peço que façam o que é correto. – Sorri. – Raven? Amo-te, *Cupcake*. Aconteça o que acontecer.

O ecrã da televisão fica preto durante alguns momentos e depois a mensagem é repetida, mas mal consigo olhar para o ecrã através das lágrimas.

Sessenta e Sete

Raven

O bservo a Alanna a rir-se com a Sierra e a Valentina e fico de coração cheio.

O Luca, o Zane, o Lex, a Sierra e a Valentina ficaram aqui comigo, para deleite da Alana e desespero do Silas.

A Valentina e a Sierra têm-se revezado a dormir ao meu lado, assegurando-se de que não caio no buraco negro das redes sociais. Mas, verdade seja dita, já pouco se fala do assunto. O apelo do Ares funcionou e a maioria das pessoas eliminou as suas publicações. Formaram-se discussões sobre o *bullying online* e a saúde mental das celebridades e, enquanto estes temas estiverem na ordem do dia, nós também estaremos.

– Raven – chama a Alana.

Aproximo-me e ela franze a testa ao pôr as câmaras de vigilância da casa na televisão. Mostram o Ares a encaminhar-se para a porta e fico de olhos esbugalhados.

O Silas resmunga e cerra os dentes.

– Olha quem é ele! O Windsor de quem menos gosto.

A Alana e eu olhamos para ele boquiabertas enquanto liga para a polícia e pede que levem o Ares. Vira-se para mim, os maxilares cerrados.

– Não saís desta casa a não ser que queiras. Não vou deixar que ele te pressione. Ficas aqui o tempo de que precisares.

O Luca aproxima-se de mim e abraça-me.

– Completamente de acordo – reforça. Inclino-me sobre ele, o meu coração cheio. Uma das coisas que mais temia era perder a família que ganhei quando casei com o Ares, mas já deixaram bem claro que me apoiam, aconteça o que acontecer.

– Não sei se era necessário chamar a polícia – digo com cuidado.

O Lex semicerra-me os olhos.

– Claro que era! O Ares não te vai deixar em paz e acabarias por ceder.

Ficamos a observar a polícia a pedir-lhe que se vá embora. O Ares obedece e eu fico ansiosa, sentindo-me tentada a segui-lo. Procuo fazer uma escolha, ficar ou ir, mas continuo tão confusa como antes. Podemos ter conseguido afastar os média de mim, mas isso só resolveu um dos nossos problemas. Ainda temos a Hannah e o bebé que vão ter juntos.

– Foda-se! – exclama o Zane, apontando para o ecrã.

Olho e vejo o Ares a voltar, com o Presidente da Câmara ao seu lado, e algo

que me parece ser uma tenda nos braços. Parece estar a conversar amigavelmente com o presidente, que o ajuda a montar a tenda na entrada da casa do Silas.

– Ele só pode estar a brincar! – exclama o Silas.

A Alanna desata a rir.

– Vá lá, Si – apela. – Tu farias exatamente a mesma coisa. Eu acho que é tão fofo!

Começo a andar de um lado para o outro, o meu coração a vacilar. Mais do que tudo, quero correr até ele e lançar-me nos seus braços, mas, se o fizer, também tenho de ter coragem para lidar com tudo o que se seguirá.

– Rave? – diz o Lex, apontando para a janela.

Dirijo-me à varanda e fico espedada a olhar para o helicóptero que se aproxima com uma faixa pendurada. «*7 dias. 168 horas. Diz-me que ainda és minha.*», leio.

A Valentina sorri.

– Pediste uma semana e ele deu-ta. Não o podes culpar por aparecer assim que termina o prazo.

O Luca junta-se a mim na varanda e abraça-me.

– Como te sentes, Rave?

Sorrio-lhe.

– Sabes que mais? Acho que estou pronta para voltar para casa, para o meu marido. Estar no meio disto tudo fez com que fosse difícil percebê-lo com clareza, mas o bem supera o mal. Sempre superará. Os primeiros anos poderão ser complicados, mas acho que os consigo suportar se isso significa passar o resto da minha vida com o homem dos meus sonhos. Estou aterrorizada e estou consciente de que não será fácil, mas valerá a pena. Ele vale a pena.

O Luca suspira de alívio e deixa cair a cabeça no meu ombro.

– Ainda bem – murmura. – Não sei se ele sobreviveria a perder-te.

O helicóptero volta a voar na nossa direção, até estar a sobrevoar a varanda. É lançada uma escada e sou tomada de surpresa ao ver o Ares descê-la.

– Foda-se! – exclama o Silas. – Ele usou a faixa para nos atrair para aqui. Queria ter a certeza de que cá estavas. O sacana é esperto!

Sorrio para o helicóptero e abano a cabeça. Ele prometeu que nunca me deixaria e não deixou. Parte de mim pensava que ficaria aliviado se eu desistisse e que aproveitaria a oportunidade para fazer com que as coisas funcionassem com a Hannah. Não podia estar mais errada.

O Silas sorri-me e abana a cabeça.

– Estás decidida?

Anuo.

– Estou!

– Vou ser sincero contigo, Raven. Gostava que reconsiderasses. Eu e o meu irmão damo-nos bem agora, mas durante bastante tempo tive de o retirar das nossas vidas. Se não o tivesse feito, ele nunca teria aprendido a lição. Será o mesmo com a tua irmã.

– Eu sei – reconheço. – Mas é diferente porque sou eu que *escolho* enfrentá-la. Talvez seja uma loucura, mas acho que vai correr bem porque volto para esta loucura de livre vontade.

O Ares salta da escada para a varanda, parando por um instante quando vê quatro dos seus irmãos ao meu lado.

– Merda! – dizem o Luca e o Lex ao mesmo tempo, mas a Sierra e o Zane limitam-se a olhar para ele, ladeando-me.

– Falamos mais tarde – avisa o Ares aos irmãos enquanto se encaminha para mim. Observo-o, tem olheiras profundas, o olhar repleto de saudades. Enfrentarei um inferno para estar com ele, mas fá-lo-ei com um sorriso nos lábios.

– Raven – murmura, como se não acreditasse que me tem à sua frente –, uma semana foi o suficiente para perceber que não posso viver sem ti ao meu lado. A minha vida não vale a pena sem ti. Fiz asneira. Consigo ver isso agora. Nunca devia ter deixado que a Hannah chegasse perto de ti e, em vez de obedecer às ordens da avó, devia ter-te tirado daquela casa. Juro-te, quebrei todos os laços com a Hannah. Todas as comunicações têm de ser feitas através da avó, seja sobre o que for. Dei-lhe uma equipa para a ajudar em tudo e um médico a tempo inteiro, por isso, não tens de te preocupar com a saúde dela. Disse-lhe que era pegar ou largar e que a minha presença na vida da criança depende inteiramente dela. Tudo o que estiver relacionado com ela e com o bebé será tratado pela equipa. Somos nós quem controlamos a logística e só a vamos ver se *tu* a quiseres ver. Não é o suficiente, mas é um princípio. Sei que encontraremos uma solução para tudo o resto. – Hesita e passa uma mão pelo cabelo. – Sei que sou egoísta, mas não o consigo evitar. Amo-te desde que tenho memória, Raven, e vou amar sempre. Gostava de te poder prometer a vida livre de preocupações que te quero dar, mas estar comigo não será fácil. O que te posso prometer é que sempre te colocarei em primeiro lugar e farei tudo ao meu alcance para que nunca te arrependas de me ter escolhido. Por isso, escolhe-me, Raven. Por favor, volta para casa comigo.

Sorrio-lhe e passo os meus dedos pelo rosto dele, observando a pura exaustão que emana.

– Ares, eu voltava contigo para casa sem ser preciso isto tudo. Amo-te. *Aconteça o que acontecer*. Desculpa se perdi isso de vista. Deixei que as minhas inseguranças e dúvidas me engolissem e não conseguia ver com toda esta escuridão. Não voltará a acontecer. Eu escolho-te, Ares. Sempre te escolherei, mesmo que não seja uma decisão fácil. Uns dias na tua ausência mostraram-me que prefiro sofrer ao teu lado a viver sem ti.

Ele pega-me no rosto e encosta a testa à minha.

– Não te deixarei sofrer – diz-me. – Não pagarás um preço por estares comigo, prometo. Pode ser difícil acreditar nisto agora, mas confia em mim quando te digo que vai correr tudo bem.

– Acredito – digo-lhe. – Eu confio em ti.

– Vamos para casa, então.

Sorri-me com um alívio tão grande nos olhos que o meu coração bate descompassado. Sempre quis viver o meu conto de fadas, mas talvez sejam só mesmo ficção. Talvez o verdadeiro amor seja apenas duas pessoas imperfeitas que escolhem ficar juntas apesar dos obstáculos que enfrentarão em conjunto, mas que decidem que isso vale a pena.

Porque vale.

Sessenta e Oito

Ares

Sinto o coração pesado ao entrar na casa que providenciei para a Hannah. Gostava que não tivesse chegado a isto, porque sei que, apesar da distância entre elas, a Raven ainda ama a irmã. Gostava de não estar no centro da sua disputa. A única coisa que quero que a minha esposa sinta é felicidade, nunca tormento. Eu conheço a Raven. Sei que ainda tem esperança de que a Hannah mude, mas não vai mudar.

– Ares – anuncia a Hannah, sorridente.

Aquele sorriso íntimo e presunçoso irrita-me. Posso ter dispersado a maioria dos rumores que espalhou, mas não os eliminei totalmente.

– Parabéns – digo-lhe. – O médico disse-me que está tudo bem contigo e com a bebé. Parece que uma mudança de cenário era exatamente do que precisavas.

Ela anui.

– Sim, adoro esta casa. É muito melhor do que a tua. Tens de a renovar, não é segura para o bebé e odeio a decoração.

Sento-me no sofá em frente a ela.

– Não, não tenho. A Raven dedicou muito amor à nossa casa e ficará como está.

Ela levanta as sobrancelhas.

– Não te deixarei ver a nossa filha se o ambiente para onde a levas não é seguro. Já tenho reservas sobre ela estar com a Raven. E se ela provoca um acidente e magoa a nossa bebé?

Olho para a barriga dela. Nota-se melhor agora, mas apesar de estar de seis meses, mal se percebe que está grávida.

– Nossa? É mesmo nossa? Sei que já te perguntei isto, mas preciso mesmo de saber a verdade, Hannah.

Ela hesita por um momento antes de me lançar um enorme sorriso.

– Claro que é. Isso são ideias da Raven, não são? Falaste com ela recentemente?

Recosto-me e olho para ela.

– Não quero o nome da minha mulher na tua boca impura – afirmo,

sorridente. – Explica-me isto, então. – Passo-lhe uma pasta e observo-a enquanto lê os documentos. – É um teste de paternidade. As análises de sangue que o médico te fez? Não eram só pela tua saúde. Foi feita uma análise celular que compara o perfil genético das células fetais no teu sangue com as minhas. Não eram coincidentes. Eu não sou o pai. – Passo uma mão pelo cabelo. – Mas tu já sabias isso, não já?

Desvio o olhar, o meu coração partido pela Raven. Fi-la passar por tanto e para quê? Sei que sempre fechou os olhos às falhas da Hannah, mas eu não. Falhei como marido.

– Pede desculpas sinceras à Raven e deixo-te escapar impune pelo que lhe fizeste se ela mo pedir, e ela fá-lo-á porque, apesar de tudo, ama-te.

A Hannah ri-se.

– E porque farei isso? Não lhe fiz nada. Ela é que se foi embora porque não aguentava a pressão dos média. Eu nunca te faria isso. Eu aguentaria qualquer coisa ao teu lado.

Abano a cabeça.

– Ela estava disposta a criar comigo uma criança que não é dela, Hannah. Ter-se ido embora não tem nada que ver comigo, teve que ver *contigo*. Nunca pediria à minha esposa que se resignasse a menos do que merece, mas isto não tem nada que ver com ela aguentar qualquer coisa ao meu lado. Recusou-se simplesmente a ser deitada abaixo pela irmã o resto da vida. Ela tirou-te o poder que achavas que tinhas sobre ela e teve tempo para pensar sobre os seus limites. Respeito-a muito por ter tido a coragem de o fazer, muitos de nós não teríamos. Também eu já me deixei ficar demasiado tempo numa situação porque achava que era o mais correto, tu não?

Ela desvia o olhar e abana a cabeça.

– Eu amo-te, Ares.

Rio-me, não consigo evitar.

– Hannah, tu só te amas a ti. E eu? Acho que nunca te amei.

Paro para a observar durante um instante, desejando que as coisas fossem diferentes, nem que fosse pela Raven.

– Se não pedires desculpas à Raven, não me culpes pelas consequências.

Cruza os braços e sorri-me.

– Não o farei – insiste, uma sobranceira levantada. Ela pensa mesmo que tem controlo total sobre a situação. Acho que, ao longo dos anos, se esqueceu de quem eu sou. Deixei que isto acontecesse, porque a versão de mim que ela conhece não era eu mesmo.

– Muito bem – digo-lhe, pegando no telemóvel e dando à minha equipa luz verde para avançar com os conteúdos que preparámos. Sorrio quando o telemóvel dela começa a vibrar. Em segundos, os média começam a publicar artigos sobre a carreira dela e todas as pessoas com quem dormiu

para chegar onde chegou. Levou-me dias a preparar isto tudo, mas valeu a pena.

– Achaste mesmo que eu não sabia dos teus casos? Os homens com quem me traíste nas filmagens? – rio-me. – Eu sabia de tudo, só não me importei com isso.

Espreito o telemóvel dela.

– Espero que aprecies a experiência a que submeteste a tua irmã. Talvez, agora, por uma vez, percebas o que ela sofreu.

Viro-me para me ir embora.

– Ah! E, Hannah, nunca mais trabalharás na indústria do entretenimento. Qualquer pessoa que tente sequer contratar-te pagará um preço. Quero-te fora da vista da minha mulher, não quero que ela te veja num único anúncio, num único vídeo, nada. Vou tirar todos os filmes em que entras e que eu financiei de todas as plataformas. Não quero que nada a lembre do que a fizeste passar. Podes desaparecer por ti mesma ou eu terei de o fazer à força. Pelo bem da criança que carregas, sugiro que penses bem antes de agir.

– Ares! – grita, mas ignoro o seu apelo e afasto-me dela, pela última vez.

Sessenta e Nove

Raven

Caminho pela casa que eu e o Ares construímos, o meu coração pesado. Não há qualquer vestígio da Hannah – a nossa equipa de limpeza foi implacável. Mas ainda a sinto aqui. Questiono-me se algum dia sararão as feridas que me deixou.

Tremo ao sentar-me no sofá, ainda a digerir as notícias que saíram sobre ela. Casos sem fim e provas irrefutáveis de que não está grávida do Ares. Construir a carreira desta forma... não o esperava. Não me consigo convencer de que é verdade. É como se nunca a tivesse conhecido verdadeiramente e faz-me sentir ainda pior por ter sacrificado tanto por ela.

Sinto-me uma idiota e envergonha-me a minha subserviência. Fiz-lhe todas as vontades, sentindo-me culpada por ter tido a infância que ela sempre quis, quando era óbvio que nada lhe faltava.

Sempre me conseguiu fazer sentir inferior e, se não fosse o Ares, nunca me teria libertado desta teia de enganos. Nem me atrevo a pensar no que teria acontecido se ela não tivesse terminado o noivado. Eu e o Ares continuaríamos infelizes, apaixonados um pelo outro em segredo. Sentia-me tão culpada por desejá-lo, quando era ela quem devia sentir remorsos pela forma como nos manipulou.

– Senhora Windsor.

Olho para o guarda-costas à minha frente e faço-lhe sinal com a cabeça para que fale.

– A sua mãe está aqui para a ver. O Senhor Windsor instruiu-nos para não deixar entrar ninguém da sua família sem a sua permissão. Que quer que faça?

Hesito um momento antes de assentir.

– Deixe-a entrar.

Recosto-me enquanto espero pela minha mãe, uma dor surda a encher-me o coração. Na semana que passei com o Silas e a Alanna, pensei muito nela. Não foi só para a Hannah que passei a vida a inventar desculpas.

– Raven – diz a minha mãe, com algum pânico na voz. Franzo a testa ao fazer-lhe sinal que entre. As roupas dela estão amarrotadas e o cabelo despenteado. Acho que nunca vi a minha mãe sem estar perfeita. Apesar da idade, ainda se comporta como a famosa atriz que um dia foi.

– Que posso fazer por ti, mãe?

Aproxima-se de mim com os olhos carregados de raiva.

– Como podes estar aqui sentada sem fazer nada com todos estes rumores sobre a tua irmã a circularem por aí? Não te posso deixar a Dreamessence se és incapaz

de lidar com uma crise de relações públicas.

Cruzo os braços e sorrio-lhe.

– E que foi que fizeste para lidar com a crise de relações públicas pela qual passei há duas semanas? Nem me ligaste para saber se estava bem. Sabias que o pai tentou contratar o Silas Sinclair para me encontrar e proteger quando não me conseguiu contactar? E tu, que fizeste?

A minha mãe hesita, surpreendida.

– Bem, não foi exatamente uma crise. Eu sabia que o Ares te ia ajudar.

Rio-me, o som da minha gargalhada oco.

– Eu recebi ameaças de morte! As pessoas estavam a queimar as minhas roupas na rua, chamavam-me destruidora de lares, diziam que não iam apoiar uma pessoa assim. Isto tudo a acontecer, e nem sequer te ocorreu perguntares como eu estava?

A minha mãe anui vagarosamente.

– Correu tudo bem, não correu? E como conseguiste lidar com esse drama, também podes fazer o mesmo pela tua irmã.

Sorrio-lhe.

– E faria isso porquê se foi o meu marido que criou este escândalo?

– *O quê?*

– Se só estás aqui pela Hannah, tenho de te pedir que te vás embora. Não a vou ajudar. – Faço uma pausa. – E se queres permanecer na minha vida, terás de respeitar isso. Tiveste os teus momentos, mãe, mas, na maior parte do tempo, nunca foste realmente uma mãe para mim. Sempre te preocupaste apenas com a Hannah e fartei-me disso. Não preciso de ser a tua prioridade, mãe. Mas preciso que pares de me deitar abaixo em função dela.

Estou farta das constantes comparações, dos comentários sarcásticos. Se vamos ter uma relação, será nos meus termos.

Ela olha para mim de olhos abertos.

– Que se passa contigo, Raven? Eu sei que sempre tiveste inveja da tua irmã, mas estás a ser pouco razoável.

Resmungo e abano a cabeça.

– Ouves-me a falar, mas não me estás a ouvir realmente. Talvez um dia o faças, mas não vou continuar à espera disso.

Levanto-me e aceno ao Ben que está num canto da sala.

– Por favor, acompanha a minha mãe até à saída. A partir de hoje, perdeu o acesso a esta casa.

– Raven! – exclama. – Perdeste a cabeça? Se vais continuar a agir assim, não te dou as minhas ações da Dreamessence.

Sorrio e volto a sentar-me no sofá.

– Não preciso delas. Nunca tive qualquer interesse na tua empresa, mãe. E sejamos honestas, nunca quiseste que eu a herdasse. Isto é só mais uma desculpa para dares a empresa à Hannah. Estás à vontade. – Olho-a de alto a baixo. – Creio que isso significa que o Ares vai desistir da fusão, mas que seja. Tudo pela tua preciosa filha, não é? Boa sorte às duas.

Aceno ao Ben e ele aproxima-se dela. O desconforto cintila nos olhos da minha mãe, mas eu já não tenho forças para me importar. Já não tenho nada para lhe

oferecer.

Sinto o meu coração partir-se quando a vejo ir-se embora. Parte de mim tem esperança de que ela venha a perceber como me afastou, mas, lá no fundo, sei que isso não vai acontecer.

– Estou orgulhoso de ti, *Cupcake*.

Arregalo os olhos e viro-me para encontrar o Ares encostado à parede. Aproxima-se de mim com um sorriso doce.

Os olhos dele nunca deixam os meus enquanto se ajoelha à minha frente, pegando-me nas mãos.

– Quero levar-te a um sítio hoje. Posso?

Sorrio-lhe.

– Acho que já devias saber que vou contigo até ao fim do mundo, não?

Sorri-me de volta e agarra-me o queixo, inclinando-se.

– Conto com isso – suspira, os lábios dele encostando-se aos meus.

Setenta

Ares

O meu coração está acelerado enquanto encaminho a Raven para o helicóptero que nos espera. Já negocieei tantos contratos multimilionários, mas nunca me senti como me sinto hoje.

– Estás bem? – ela pergunta enquanto lhe aperto o cinto de segurança. – Estás tão calado.

Anuo, incapaz de acalmar os nervos ao sentar-me ao seu lado.

– Onde vamos? – pergunta pelos auscultadores.

Sorrio-lhe.

– Logo verás.

Seguro-lhe a mão com força enquanto voamos em direção ao local onde a nossa história começou. Sei que não vale a pena pensar em «e ses», mas ultimamente dou por mim a desejar que as coisas tivessem sido diferentes. E se eu tivesse bebido menos e me lembrasse da minha noite com a Raven? Estaríamos há anos casados e felizes? Teríamos tantas memórias juntos e ter-nos-íamos poupado mutuamente a tanta dor.

– Uau! – A Raven aponta pela janela com um enorme sorriso quando vê os milhares de flores espalhados pelo terreno. É tão ridículamente bela. Ainda não acredito que é finalmente minha.

– Vamos – digo-lhe assim que aterramos, oferecendo-lhe a minha mão. A forma como olha para mim... nunca me vou cansar disto.

O meu coração acelera quando a encaminho para a plataforma que construí, rodeada de centenas de flores. Tentei que o cenário fosse o mais romântico possível, mas tenho medo de que não seja o suficiente.

A Raven ri-se quando me viro para ela.

– Que é isto, Ares?

Mordo o lábio por um momento, ganhando coragem. Tenho as palmas das mãos a suar, estou tão nervoso. Nunca me senti assim. O que faz sentido, só ela me faz perder o controlo.

– Raven – começo –, queria trazer-te ao sítio onde tudo começou porque tenho de te perguntar uma coisa.

Tiro do bolso a caixa com um anel que tenho há mais tempo do que gosto de admitir e abro-a. Os olhos da Raven arregalam-se e ajoelho-me em frente a ela.

– Raven Windsor, és o amor da minha vida. Se me perguntares quando me apaixonei por ti, não sei se consigo responder... porque não me lembro de um momento em que não te amasse. Só te posso dizer que a cada dia que passa te amo *mais*. És o melhor que me aconteceu, a luz da minha vida, a minha parte favorita de qualquer dia. És a mulher dos meus sonhos, a que pensei que tinha perdido. Gostava de viajar no tempo e corrigir todas as coisas más que aconteceram, mas isso não é possível, meu amor. A única coisa que posso fazer é prometer-te que te vou compensar, todos os dias que passarmos juntos, pelo tempo perdido. Se me deixares, farei tudo ao meu alcance para proteger o teu sorriso, para te trazer felicidade. Não há nada que não faça por ti, Raven.

Respiro fundo, as minhas mãos trémulas.

– Quando nos casámos, não tivemos a experiência completa. Há muitas coisas que não viveste e, por isso, vamos começar de novo, meu amor. Quero que tenhas tudo o que mereces, tudo o que devíamos ter tido. Por isso, aqui, no lugar onde demos o nosso primeiro beijo, quero perguntar-te outra vez... Raven, queres casar comigo e fazer de mim o homem mais feliz do mundo?

Olho para ela com uma estranha sensação de medo.

A Raven sorri, os olhos marejados, e anui.

– Sim, Ares. Caso contigo. Se pudesse viver tudo de novo, continuava a escolher-te. Vou sempre escolher-te.

Sorrio de alívio e ponho-lhe o anel de noivado no dedo, ao lado da aliança. Encaixam perfeitamente.

Levanto-me e abraço a minha esposa.

– Amo-te, Raven. Vamos fazer tudo outra vez, do princípio. Quero que escolhas o teu vestido de noiva, quero um sítio de que os dois gostemos e vamos estar rodeados das pessoas que realmente importam. Quero um casamento nosso, que não é uma obrigação, que não é ditado pelas nossas famílias. Quero-te a *ti*.

Ela olha para mim com lágrimas nos olhos e acena com a cabeça.

– És a concretização de todos os meus sonhos, sabias? – Olha de forma indagadora para o anel e volta a encarar-me. – Como sabias? – pergunta-me. – É exatamente como eu queria.

Hesito e afasto-lhe o cabelo do rosto.

– Lembras-te do dia em que te pedi que me acompanhasses às compras e fomos a uma joalharia? Ficaste a olhar para os anéis por um momento e paraste num deste estilo. – Ela anui, lembrando-se, com certeza, de que nesse dia estávamos a comprar uma prenda para a Hannah. – No dia seguinte, liguei ao Laurier e pedi-lhe que fizesse este anel. Queria algo parecido com o anel de que tinhas gostado, mas que mais ninguém no mundo tivesse. Foi uma coisa estúpida, porque, nessa altura, nunca to

poderia dar, mas tinha de o ter. Não sei... talvez uma parte de mim soubesse que um dia íamos estar juntos.

– Nesse dia – murmura –, quando vi esse anel, lembro-me de pensar que não me imaginava a casar com mais ninguém a não ser contigo.

Encosto a minha testa à dela, o meu coração encolhido.

– Perdemos tanto tempo – sussurro. Dava tudo para voltar atrás no tempo e ter outra oportunidade. Se o pudesse viver outra vez, não deixaria que nada nem ninguém se metesse entre nós.

– Talvez – diz ela –, mas talvez tenha sido melhor assim. Tivemos tempo para crescer, para nos transformarmos em melhores versões de nós mesmos. As nossas vidas moldaram-nos, Ares, e embora fizesse qualquer coisa para ter esses momentos contigo, para apagar algumas das nossas memórias... parte de mim também está grata por estarmos aqui, juntos, como estamos hoje, as pessoas que somos hoje. Agradeço cada lição, todas as voltas e reviravoltas que vivemos, porque, no fim, tudo contribuiu para que ficássemos juntos.

Pego-lhe no rosto gentilmente e anuo.

– Sim – sussurro, aproximando-me, os meus lábios encostados aos dela.

– E nunca mais te vou deixar.

Epílogo

Ares

Entro no quarto de vestir da minha esposa e encosto-me à parede, ficando apenas a observá-la. A maquilhadora está a terminar e ela está magnífica. O longo cabelo da Raven está solto e selvagem, caindo-lhe sobre o corpo, acentuando o vestido bege que está a usar.

É o vestido que a vi desenhar no aniversário da Hannah. É surreal vê-la usá-lo. A criatividade dela não tem limites e não podia estar mais orgulhoso.

Os olhos dela iluminam-se quando me vê e aproximo-me. Sorrio quando pede que saia toda a gente, sem dúvida, lendo os meus pensamentos.

– Ares – diz, sorrindo. Nunca me vou cansar da forma como diz o meu nome. Nos lábios dela, é simultaneamente uma bênção e um pecado.

– Meu amor – suspiro –, estás mais do que linda neste vestido. Não aguento! Já estou a imaginar o que os teus tarados vão comentar nas fotografias.

Ela ri-se.

– É o último desfile, meu amor – promete. – É o último desfile que farei como modelo. Depois deste, só posarei para a minha marca, se assim me apetecer.

– Faz sentido que o teu último desfile seja o primeiro da tua marca. Fecha-se uma porta, abre-se outra para ti.

– Acho um simbolismo bonito, não achas? – Agarra na minha gravata e enrola-a nos dedos. – Ainda assim, devo dizer... vou sentir a falta dos comentários do QueroLamberOJoelhoDaRaven. Que será que vai pensar deste último desfile?

Rio-me e abano a cabeça.

– Sei de fonte segura que é obcecado por ti e que te vai enviar mensagens taradas.

– A sério? – ri-se. – Talvez tenha de fazer desfiles só para ele.

– Acho que isso o ia deixar feliz. – Abraço-a pela cintura e aproximo-a de mim. – Momento de honestidade... Sempre odiei como as pessoas

olham para ti na passarela. – Baixo os meus lábios na direção dos dela, esborratando-lhe um pouco o batom. – Nunca interferi porque te respeito muito, meu amor, mas sempre quis que toda a gente soubesse que és minha.

Ela agarra-me no rosto.

– Tenho a certeza de que a minha aliança é visível até à última fila.

Sorrio e puxo-lhe o vestido para cima, até às ancas.

– Não chega, *Cupcake*. – Sento-a no toucador e abro-lhe as pernas. – Quando um homem olha para ti, quero que só tenhas espaço no teu pensamento para *mim*. – Ela sorri e percorro-lhe uma coxa com o dedo. – Sem cuecas? – sussurro.

A Raven ri-se e enterra uma mão no meu cabelo.

– Ares – diz, a voz rouca –, na tua presença, todos se tornam invisíveis. Sempre foste o único homem para mim.

Sorrio quando percebo que está a ficar molhada. Só um toque e fica desesperada de desejo. Penetro-a com dois dedos, adorando como geme para mim.

– Amo-te – murmuro ao desapertar o meu cinto.

Liberto a minha pila e ela geme.

– Ares – avisa-me –, preciso de estar na passarela daqui a vinte minutos.

– Eu sei – asseguro-a, posicionando-me. – Vou comer-te tão à bruta que ainda vais sentir o meu pau quando estiveres a desfilar. Todos te vão querer, mas, a cada passo, vais lembrar-te de mim.

Penetro-a, e ela fecha os olhos, deleitada.

– Olha para ti. És uma tarada, meu amor. A sorrir enquanto te fodo no camarim. Pode entrar alguém a qualquer momento, mas não queres saber, pois não?

Ela abana a cabeça, os olhos brilhantes enquanto vou mais fundo.

– Não pares – implora.

Sorrio ao levantar-lhe ligeiramente as ancas para garantir que lhe toco no ponto G como ela gosta.

– Ares – geme –, foda-se, *Ares*!

Nunca me vou cansar dela. Podia ouvi-la gemer o meu nome o dia todo e, em breve, é o que vai acontecer. Depois deste desfile, vou levá-la para casa e, durante uma semana, só a deixo sair da cama uns dez minutos de cada vez.

– Oh, Deus – geme –, *mais*!

Sorrio ao penetrá-la com mais força, dando-lhe o que me pede.

– Depois, não te quero ouvir dizer que estás dorida. Lembra-te de que tu é que pediste.

Olha para mim, os olhos entreabertos, o olhar carregado de luxúria.

– Dá-me! – ordena-me e eu obedeço.

Possuo a minha esposa com todas as forças que tenho, derrubando garrafas e frascos e pincéis. Ela geme mais rapidamente, até que diz o meu nome como se fosse uma oração.

– Estou quase... – diz e os músculos dela contraem-se apertando a minha pila, levando-me também ao limite. Venho-me dentro dela, deixando-a ainda mais molhada e sorrio.

– Sim! – gemo, saindo de dentro dela. Sorrio ao voltar a entrar, enchendo-a mais. – Vais desfilar com o meu esperma a pingar-te pelas coxas – digo-lhe. – Para que não te esqueças de mim sequer por um segundo.

Ela anui, os olhos tão repletos de amor como de luxúria. Não acredito que esta mulher deslumbrante é a minha esposa. Faz-me sentir um rei e não consigo deixar de sorrir quando a beijo.

– Vou deixar-te para te preparares, *Cupcake* – suspiro contra os seus lábios. – Vou estar na fila da frente, a torcer por ti.

Afasto-me dela, mas agarra-me a mão e puxa-me de volta. Sorrio quando me beija mais uma vez antes de me empurrar o peito, mandando-me embora. Sim, é uma obsessão. Dói-me deixá-la, mesmo que só por alguns instantes.

– Porque estás a sorrir assim? – pergunta a Sierra quando me junto a ela nos lugares reservados para nós. Pisco-lhe o olho e ela finge que vomita. – Vocês são *nojentos*.

Dou-lhe um encontrão com o cotovelo, indicando-lhe que se cale. Aproximam-se de nós a nossa avó e o pai da Raven. Sorrio-lhe e ele aperta-me a mão. A Raven deixou de falar com a mãe e a irmã, mas o pai continua a apoiá-la de todas as formas que pode.

– Ainda bem que veio – digo-lhe com sinceridade. Ele anui, um rasgo de arrependimento na sua expressão. Gostava, com certeza, de não ter vindo sozinho, mas eu prefiro assim. A Hannah e a mãe são farinha do mesmo saco e a Raven passa bem sem elas.

Olho para quem marcou presença neste seu último desfile. A minha avó, o Zane, o Lex, a Sierra, até o Silas e a Alanna estão cá. O Dion voou de propósito para isto e deve estar a chegar. É amada e não precisa de mais ninguém. Somos a família dela agora.

O Luca dirige-se a nós e gelamos quando vemos que vem de mãos dadas com a Valentina. Ele sorri-nos enquanto a Val mantém o olhar no chão.

– Avó – anuncia ele, sentando-se ao lado dela. A Valentina senta-se a seguir, no lugar reservado para o Dion. Depois, vira-se para a avó e sorri. – A Valentina e eu casámo-nos. Preciso que cancele o meu noivado.

Os olhos da avó circulam entre os dois, aparentemente incrédula.

– Veremos – desafia, virando-se para olhar para a passarela.

O quê? Estava certo de que a avó aceitaria a Valentina de imediato, que

raio se passa? O Luca lança-me um olhar desesperado e eu abano a cabeça, sem saber que fazer. Quando o incentivámos, não esperávamos que se casasse logo com a Val, mas, ainda assim, esse era o objetivo final e o Luca é muito eficiente.

As luzes diminuem e o desfile começa. Tudo se dissipa quando a minha mulher entra na passarela. Está linda, como sempre, e não acredito que é minha.

Não a mereço, mas enquanto viver, farei tudo ao meu alcance para que não o perceba. Vou fazê-la tão feliz que o futuro que nos espera vai sempre superar o passado que nos assombra. Até ao fim das nossas vidas, vou mostrar-lhe o que é ser a prioridade de alguém, porque é a minha. Ela é tudo para mim.

Table of Contents

1. Um
2. Dois
3. Três
4. Quatro
5. Cinco
6. Seis
7. Sete
8. Oito
9. Nove
10. Dez
11. Onze
12. Doze
13. Treze
14. Catorze
15. Quinze
16. Dezassex
17. Dezassete
18. Dezoito
19. Dezanove
20. Vinte
21. Vinte e um
22. Vinte e Dois
23. Vinte e Três
24. Vinte e Quatro
25. Vinte e Cinco
26. Vinte e Seis
27. Vinte e Sete
28. Vinte e Oito
29. Vinte e Nove
30. Trinta
31. Trinta e Um
32. Trinta e Dois
33. Trinta e Três
34. Trinta e Quatro
35. Trinta e Cinco
36. Trinta e Seis
37. Trinta e Sete
38. Trinta e Oito
39. Trinta e Nove

40. [Quarenta](#)
41. [Quarenta e Um](#)
42. [Quarenta e Dois](#)
43. [Quarenta e Três](#)
44. [Quarenta e Quatro](#)
45. [Quarenta e Cinco](#)
46. [Quarenta e Seis](#)
47. [Quarenta e Sete](#)
48. [Quarenta e Oito](#)
49. [Quarenta e Nove](#)
50. [Cinquenta](#)
51. [Cinquenta e Um](#)
52. [Cinquenta e Dois](#)
53. [Cinquenta e Três](#)
54. [Cinquenta e Quatro](#)
55. [Cinquenta e Cinco](#)
56. [Cinquenta e Seis](#)
57. [Cinquenta e Sete](#)
58. [Cinquenta e Oito](#)
59. [Cinquenta e Nove](#)
60. [Sessenta](#)
61. [Sessenta e Um](#)
62. [Sessenta e Dois](#)
63. [Sessenta e Três](#)
64. [Sessenta e Quatro](#)
65. [Sessenta e Cinco](#)
66. [Sessenta e Seis](#)
67. [Sessenta e Sete](#)
68. [Sessenta e Oito](#)
69. [Sessenta e Nove](#)
70. [Setenta](#)
71. [Epílogo](#)

Page List

1. [3](#)
2. [4](#)
3. [5](#)
4. [7](#)
5. [9](#)
6. [10](#)
7. [11](#)

8. [12](#)
9. [13](#)
10. [14](#)
11. [15](#)
12. [16](#)
13. [17](#)
14. [18](#)
15. [19](#)
16. [20](#)
17. [21](#)
18. [22](#)
19. [23](#)
20. [24](#)
21. [25](#)
22. [26](#)
23. [27](#)
24. [28](#)
25. [29](#)
26. [30](#)
27. [31](#)
28. [32](#)
29. [33](#)
30. [34](#)
31. [35](#)
32. [36](#)
33. [37](#)
34. [38](#)
35. [39](#)
36. [40](#)
37. [41](#)
38. [42](#)
39. [43](#)
40. [44](#)
41. [45](#)
42. [46](#)
43. [47](#)
44. [48](#)
45. [49](#)
46. [50](#)
47. [51](#)
48. [52](#)
49. [53](#)
50. [54](#)
51. [55](#)

52. [56](#)
53. [57](#)
54. [58](#)
55. [59](#)
56. [60](#)
57. [61](#)
58. [62](#)
59. [63](#)
60. [64](#)
61. [65](#)
62. [66](#)
63. [67](#)
64. [68](#)
65. [69](#)
66. [70](#)
67. [71](#)
68. [72](#)
69. [73](#)
70. [74](#)
71. [75](#)
72. [76](#)
73. [77](#)
74. [78](#)
75. [79](#)
76. [80](#)
77. [81](#)
78. [82](#)
79. [83](#)
80. [84](#)
81. [85](#)
82. [86](#)
83. [87](#)
84. [88](#)
85. [89](#)
86. [90](#)
87. [91](#)
88. [92](#)
89. [93](#)
90. [94](#)
91. [95](#)
92. [96](#)
93. [97](#)
94. [98](#)
95. [99](#)

96.	100
97.	101
98.	102
99.	103
100.	104
101.	105
102.	106
103.	107
104.	108
105.	109
106.	110
107.	111
108.	112
109.	113
110.	114
111.	115
112.	116
113.	117
114.	118
115.	119
116.	120
117.	121
118.	122
119.	123
120.	124
121.	125
122.	126
123.	127
124.	128
125.	129
126.	130
127.	131
128.	132
129.	133
130.	134
131.	135
132.	136
133.	137
134.	138
135.	139
136.	140
137.	141
138.	142
139.	143

140. [144](#)
141. [145](#)
142. [146](#)
143. [147](#)
144. [148](#)
145. [149](#)
146. [150](#)
147. [151](#)
148. [152](#)
149. [153](#)
150. [154](#)
151. [155](#)
152. [156](#)
153. [157](#)
154. [158](#)
155. [159](#)
156. [160](#)
157. [161](#)
158. [162](#)
159. [163](#)
160. [164](#)
161. [165](#)
162. [166](#)
163. [167](#)
164. [168](#)
165. [169](#)
166. [170](#)
167. [171](#)
168. [172](#)
169. [173](#)
170. [174](#)
171. [175](#)
172. [176](#)
173. [177](#)
174. [178](#)
175. [179](#)
176. [180](#)
177. [181](#)
178. [182](#)
179. [183](#)
180. [184](#)
181. [185](#)
182. [186](#)
183. [188](#)

184.	189
185.	190
186.	191
187.	192
188.	193
189.	194
190.	195
191.	196
192.	197
193.	198
194.	199
195.	200
196.	201
197.	202
198.	203
199.	204
200.	205
201.	206
202.	207
203.	208
204.	209
205.	210
206.	211
207.	212
208.	213
209.	214
210.	215
211.	216
212.	217
213.	218
214.	219
215.	220
216.	221
217.	222
218.	223
219.	224
220.	225
221.	226
222.	227
223.	228
224.	229
225.	230
226.	231
227.	232

228. [233](#)
229. [234](#)
230. [235](#)
231. [236](#)
232. [237](#)
233. [238](#)
234. [239](#)
235. [240](#)
236. [241](#)
237. [242](#)
238. [243](#)
239. [244](#)
240. [245](#)
241. [246](#)
242. [247](#)
243. [248](#)
244. [249](#)
245. [250](#)
246. [251](#)
247. [252](#)
248. [253](#)
249. [254](#)
250. [255](#)
251. [256](#)
252. [257](#)
253. [258](#)
254. [259](#)
255. [260](#)
256. [261](#)
257. [262](#)
258. [263](#)
259. [264](#)
260. [265](#)
261. [266](#)
262. [267](#)
263. [268](#)
264. [269](#)
265. [270](#)
266. [271](#)
267. [272](#)
268. [273](#)
269. [274](#)
270. [275](#)
271. [276](#)

272. [277](#)
273. [278](#)
274. [279](#)
275. [280](#)
276. [281](#)
277. [282](#)
278. [283](#)
279. [284](#)
280. [285](#)
281. [286](#)
282. [287](#)
283. [288](#)
284. [289](#)
285. [290](#)
286. [291](#)
287. [292](#)
288. [293](#)
289. [294](#)
290. [295](#)
291. [296](#)
292. [297](#)
293. [298](#)
294. [299](#)
295. [300](#)
296. [301](#)
297. [302](#)
298. [303](#)
299. [304](#)
300. [305](#)
301. [306](#)
302. [307](#)
303. [308](#)
304. [309](#)
305. [310](#)
306. [311](#)
307. [312](#)
308. [313](#)
309. [314](#)
310. [315](#)
311. [316](#)
312. [317](#)
313. [319](#)
314. [320](#)
315. [321](#)

- 316. [322](#)
- 317. [323](#)
- 318. [324](#)
- 319. [325](#)
- 320. [326](#)
- 321. [327](#)

Landmarks

- 1. [Cover](#)
- 2. [Table of Contents](#)